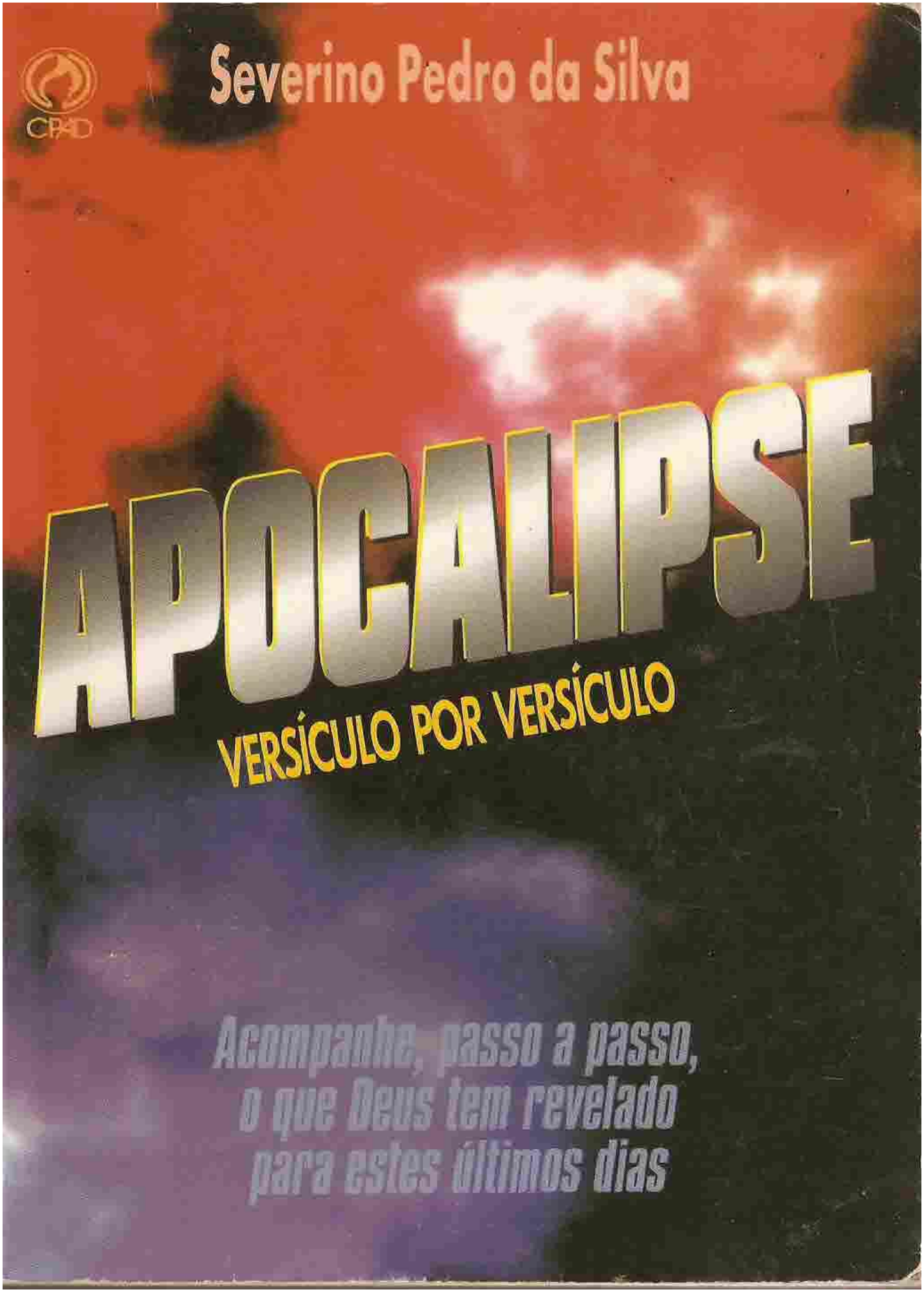

Severino Pedro da Silva
CPAD
APOCALIPSE
VERSÍCULO POR VERSÍCULO
Acompanhe, passo a passo,
o que Deus tem revelado
para estes últimos dias

Apocalipse

Versículo por Versículo

Severino Pedro da Silva

Digitalizado por Paulo André

LANÇAMENTO
SEMEADORES DA PALAVRA

www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Sumário

(Control + clique para ir ao capítulo)

Capítulo I III
Capítulo II.....XVIII
Capítulo III XXXVI
CapítuloIV XLIX
Capítulo V..... LV
Capítulo VI LXIV
Capítulo VII.....LXXV
Capítulo VIII ... LXXXVI
Capítulo IX..... XCIII
Capítulo X CVI
Capítulo XI.....CXII
Capítulo XII..... CXXIV
Capítulo XIII ... CXXXVI
Capítulo XIV CXLVII
Capítulo XV CLVII
Capítulo XVI.....CLXI
Capítulo XVII CLXXII
Capítulo XVIII .. CLXXX
Capítulo XIX.....CXC
Capítulo XX CXCIX
Capítulo XXI.....CCVIII
Capítulo XXII CCXXI

Capítulo I

1. "REVELAÇÃO de Jesus Cristo, qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo".

I. "...Revelação de Jesus Cristo". O vocábulo português "revelar", derivado do latim "revelare", é geralmente a tradução do termo hebraico "gãlô" e do termo grego "apokalyptõ" (substantivo, apokalypsis), que corresponde a "gãlô" na Septuaginta e no Novo Testamento. Os escritores clássicos traduziram a palavra "apocalipse" por "revelação", e esta foi vertida para o latim com tal sentido, em razão de o verbo "revelar", que freqüentemente é empregado nas Escrituras ter este sentido (Pv 11.13 e Dn 2.22, 28).

1. A revelação tem dois pontos focais: (a) os propósitos de Deus; (b) a pessoa de Deus:

(Ad. a) Por um lado, Deus informa os homens a respeito de Si mesmo: quem é Ele, o que tem feito, o que está fazendo, o que fará, e o que requer os homens façam. Assim é que o Senhor tomou Noé, Abraão e Moisés, aceitando-se em relação de confiança; informando-os sobre o que havia planejado e qual era a participação dos mesmos nesse plano (cf. Gn 6.13-21; 12.1 e ss; 15.13-21; Êx 3. 7-22). Semelhantemente, o Deus Todo-poderoso declarou a Israel as leis e promessas de Sua Aliança (Êx capítulo 20 a 23; Dt 4.13 e ss; Sl 78.5; 147.19). Ele desvendou Seus propósitos aos profetas, seus servos (Am 3.7). Cristo disse aos discípulos durante seu ministério terreno: "...tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer" (Jo 15.15b). Deus revelou a Paulo, o grande "...Mistério da Sua vontade, segundo o seu beneplácito" (cf. Ef 1.9a e 3.3). No Apocalipse, Cristo revelou a João seu servo "...as coisas que brevemente devem acontecer".

(Ad. b) Por um lado, quando Deus envia a Sua Palavra aos homens, Ele também os confronta consigo mesmo. "A Bíblia não concebe a revelação como uma simples transmissão divinamente garantida, mas antes, como a vinda pessoal de Deus aos homens, para tornar-se conhecido deles (cf. Gn 35.7; Êx 6.3; Nm 12.6-8; Gl 1.15 e ss). Esta é a lição que devemos aprender das teofanias do Antigo Testamento (cf. Êx 3.2 e ss; 19.11-20; Ez 1; etc), bem como do papel desempenhado pelo enigmático "anjo (mensageiro) do Senhor", que evidentemente é uma manifestação do próprio Deus". O Apocalipse não revela apenas o princípio de formação do grande plano de Deus na obra da redenção, mas de um modo particular, seu desenvolvimento e consumação.

2. Seu conteúdo se compõe de: 22 capítulos, 404 versículos, 12000 palavras e 9 perguntas: (5.2; 6.10,17; 7.13; 13.4 (duas vezes); 15.4; 17.7; 18.18). "A Bíblia divide a raça humana em três partes: quer dizer, os judeus, os gentios, e a Igreja (1 Co 10.32), e contém, uma mensagem para cada uma das três. O Antigo Testamento trata das duas primeiras divisões. Por exemplo, o livro de Daniel trata dos judeus e dos domínios gentílicos, sem mencionar a Igreja graficamente. O Novo, dá a mensagem para a Igreja, e Paulo, especialmente, em todas as suas epístolas trata dela, enquanto que temos a palavra

final de Deus para judeus, gentios e, a Igreja, no Apocalipse. Encontramos a Igreja no princípio do livro; Israel no meio; e as nações gentílicas no fim.

3. O livro é composto ao redor do simbolismo do número sete. Há sete cartas para sete igrejas da Ásia Menor (hoje, atual porção da Turquia Asiática), capítulos 1 a 3. Sete selos num livro que se encontra na mão direita de Deus, capítulo 5. Sete trombetas que anunciarão estranhos castigos, capítulos 8 a 11. Sete castiças de ouro nas mãos de Jesus, capítulo 1. Sete anjos (agentes humanos), capítulo 1.20 e ss. Sete anjos (agentes divinos), capítulos 8 a 16. Um Cordeiro com sete pontas e sete olhos, capítulos 1.4 e 4.5. Sete trovões, capítulo 10.3. Há também referência de um grande dragão vermelho com "sete cabeças"e "sete diademas", capítulo 12.3. A Besta semelhante ao leopardo tinha "sete cabeças", capítulo 13. No capítulo 17 do livro em foco, é-nos dito que, ela tem "sete cabeças". Há também "sete montes" e "sete reis", capítulo 17.9-10. Para os remidos do Senhor, há também "sete bem-aventuranças" (1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 20.6; 22.7,14). Na metade final da septuagésima semana profética de Daniel (9.27), entra em ação sete personagens principais: (a) A mulher. Ap 12.1 e ss; (b) O dragão. Ap 12.3 e ss; (c) O menino. Ap 12.5 e ss; (d) Miguel, o Arcanjo. Ap 12.7; (e) A descendência da mulher. Ap 12.17; (f) A Besta saindo do mar. Ap 13.1 e ss; (g) A Besta saída da terra. Ap 13.11 e ss. No capítulo 14, encontramos "sete visões"; visões separadas em si e, sem conexão, cada uma completa em si mesma: (vs. 1-5; vs. 6-7; vs. 9-12; v. 13; vs. 14-16; vs. 17-20). Há também sete promessas para "aquele que vencer" (2.7, 11,17,26; 3.5,12,21). Há sete cores no "arco celeste", capítulos 4 e 10. Sete, declara o Dr. H. Lockyer, Sr., provém de uma raiz hebraica que significa "ser completo, satisfeito, ter suficiente", e transmite a idéia de perfeição ou totalidade. O papel importante que este número tem no Apocalipse é provado pelo fato de João usá-lo não menos que 50 vezes.

4. O AUTOR. O autor desta grande obra é o próprio Deus. É esta (diz H. H. Halley) a primeira declaração do livro. Do ponto de vista humano, é atribuído a João, "o filho de Zebedeu" (Lc 5.10; Ap 1.1,4,9; 22.8). A autoria do Apocalipse a pessoa de João, é comprovada tanto pelas provas externas como internas:

(a) Provas externas. Segundo tradição bem estabelecida, desde a época dos País Apostólicos, e no julgamento da grande maioria dos primitivos cristãos, o Apóstolo João, aquele que esteve reclinado "sobre o peito" do Senhor (Jo 21.20), foi o escritor do Apocalipse. "Outro testemunho direto a favor do Apóstolo João como autor do Apocalipse nos vem de Irineu, que morreu em Lion, na França, perto do ano 190 de nossa era. Ele nasceu e se criou na Ásia Menor, na esfera das sete igrejas. Foi discípulo de Policarpo, que foi bispo duma das sete igrejas, a de Esmirna. Dentre outros do passado, Clemente, de Alexandria, Tertuliano, de Cartago, Orígenes, de Alexandria (223 d.C.). Hipólito, de Roma (140 d.C.). Outros que vieram depois, conclamaram a mesma coisa: Basílio, o Grande, Atanásio, Ambrósio, Cipriano, Agostinho e Jerônimo". Teófilo, bispo de Antioquia (Síria ocidental), na última metade do século II d.C., cita o Apocalipse como sendo obra do Apóstolo João, o último sobrevivente dos companheiros de Jesus.

(b) provas internas. O próprio autor diz que seu nome é JOÃO, descreve-se como "servo" de Deus (1.1), e como um dos "profetas" (22.9). Com exceção de 1 Coríntios,

Apocalipse é citado com o nome do autor antes de qualquer outro livro do Novo Testamento. Em seu Evangelho e Epístolas, João escreve na terceira pessoa, mas no Apocalipse, menciona seu nome cinco vezes na primeira pessoa (1.1,4,9; 21.2; 22.8). A nossa solene convicção é de que João o escreveu! Houve trovão quando Deus escreveu as primeiras palavras da Bíblia (cf. Êx 19.16 e 30.18). Assim, suas últimas palavras só podiam ser escritas por João, "o filho do trovão" (Mc 3.17 e Ap 22.18).

5. **DATA EM QUE FOI ESCRITO**. Irineu e Eusébio afirmam categoricamente que o Apocalipse foi escrito no tempo de Domiciano. (Ver Eusébio, História Eclesiástica III, 18,3 e Irineu, adv. Haer. V. 30.3). Esse testemunho foi aceito sem hesitação por Clemente de Alexandria, Orígenes e Jerônimo. A data fixada por esta escola de interpretação, é o ano 96 d.C. Nesta possível data, Domiciano decretou o "culto ao imperador", fazendo disso uma prova de lealdade ao império. Os cristãos, provavelmente, se recusaram a adorar o imperador como se fosse um "deus". E as conseqüências foram desastrosas para os santos naqueles dias. Este imperador desalmado deportara também a João para a ilha de Patmos "por causa da Palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo" (1.1).

6. **CONCEITOS E MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO**. O Apocalipse tem sofrido vários pontos de vista de interpretações, tanto no passado como no presente, sendo, porém, cinco defendidos com mais veemência:

(a) O ponto de vista preterista. (Do passado). Este método é praticamente oposto ao método futurístico. Os futuristas afirmam que nada do livro (com exceção dos capítulos 1,2, e 3) se cumpriu ainda. Os preteristas, no sentido restrito do termo, afirmam que todo o livro foi já cumprido nos dias do império romano, no primeiro século da nossa era, embora, talvez haja acontecimentos relacionados ao segundo século. "A palavra "preter" é um prefixo do latim "praeter", que significa passado ou além de. O derivado "preterista" aqui empregado significa aquele que encara o passado o cumprimento do Apocalipse. Pieters acha que há dois grupos de preteristas: os da direita e os da esquerda.

(b) O ponto de vista histórico. Os intérpretes que assumem essa posição procuram encaixar todos os acontecimentos previstos no Apocalipse em várias épocas da história humana.

(c) O ponto de vista futurista. (O que nós aceitamos em razão de se coadunar com o conteúdo e argumento principal do livro). Esse ponto de vista aceita que os acontecimentos narrados nos capítulos 1,2 e 3, são de fato históricos, e tiveram seu cumprimento nas igrejas existentes naqueles dias, no pequeno Continente da Ásia Menor (hoje, atual porção da Turquia Asiática). Porém, no que diz respeito aos seus métodos de aplicação, têm servido para as igrejas de todos os tempos. A partir do capítulo 4 o livro é completamente futurista, e terá o devido cumprimento durante o período sombrio da Grande Tribulação, seguido pelo Milênio; depois virá a Eternidade.

(d) O ponto de vista simbólico. (Ou místico). Os eruditos dessa escola crêem que o livro do Apocalipse não é essencialmente profético e nem histórico, mas é uma vívida coletânea de símbolos místicos, que visam a ensinar lições espirituais e morais. São os idealistas que, somente vêem no livro apresentações simbólicas do conflito entre o bem e o mal, e da vitória final do bem. Esse método de interpretação é, sem dúvida rejeitado na declaração: "As coisas que brevemente devem acontecer" (1.1).

(e) O ponto de vista eclético. (Citado pelo Dr. Russell Norman Champrin, Ph. D.). Alguns intérpretes do Apocalipse "misturam" todas as idéias expostas acima, de modo que nenhuma domina: as demais. Não há dúvida de que devemos preservar "alguns elementos" (mas não todos) de cada um desses métodos apresentados sobre o livro, em um grau ou outro. O livro ensina-nos lições morais e místicas, aplicáveis a qualquer época. Contudo, certamente erraremos, se não contemplarmos o livro do Apocalipse como obra "essencialmente profética", e da primeira ordem.

2. ***"O qual testificou da Palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto".***

I. **"...A Palavra de Deus".** A Palavra de Deus à qual João se refere no presente texto, é a palavra falada e escrita como no Monte Sinai: primeiro Deus fala (Êx 20), depois escreve (Êx 31.18). Em uma linguagem mais acessível esta palavra "é o Evangelho de Cristo" (cf. Ap 1.9; 6.9; 20.4). Enquanto que o "testemunho de Cristo" é um genitivo subjetivo, ou seja, o testemunho dado por Jesus Cristo em sua pureza e santidade. A revelação é a Palavra de Deus transmitida e testemunhada pelo próprio Cristo (Ap 22.16,20). Ele disse ao governador romano (Pilatos): "Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Tudo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (Jo 18.37). O verbo "testificar"está no tempo aoristo – "testificou". Isto indica que João já havia dado testemunho acerca do verbo de Deus. Esse sublime testemunho da pessoa de Cristo, inclui também, o testemunho de sua pessoa física durante os 33 anos de sua existência terrena.

3. ***"Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia*, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo* está próximo".***

I. **"...Bem-aventurado"**. Esta é a primeira "Bem-aventurança" das sete que este livro encerra (1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 20.6; 22.7,14). A escritora M. S. Novah, observa que nesta primeira "Bem-aventurança" existe uma tríplice promessa do Senhor: "Bem-aventurado aquele que lê (verbo no singular), e os que ouvem (plural) as palavras desta profecia, e guardam (plural novamente) as coisas que nela (singular) estão (plural) escritas; porque o tempo (do seu cumprimento) está próximo". Porque guardar o que está escrito? "Porque o tempo está próximo". Guardar não é só memorizar que se leu, é muito mais: é obedecer, é praticar. Provavelmente, esta "Bem-aventurança", se reserva aqueles (a Igreja toda) que durante a Grande Tribulação, serão guardados por Deus do sofrimento sem precedente na história humana. (Cf. Ap 3.10), diz o que segue: "Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre o mundo, para tentar os que habitam na terra".

4. ***"JOÃO, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono".***

I. **"...João, às sete igrejas"**. Três pontos importantes deve ser aqui analisado:

1. (a) A saudação; (b) A eternidade de Deus; (c) Os sete espíritos que estão diante do seu trono: o trono de Deus e do Cordeiro:

(aa) É importante observarmos a saudação de João neste versículo. As sete igrejas que naqueles dias se encontravam dentro dos limites da Ásia Menor , eram compostas de judeus e gentios. Ele diz "graça" (para os crentes gentios – incluindo também gregos), e "paz" (para os crentes judeus). O autor dirige-se às igrejas da Ásia, que a seguir serão especificadas também geograficamente (1.11), mas por trás delas, dado o simbolismo do número, que indica "totalidade", está toda a Igreja, estamos nós também.

(bb) O autor sagrado continua e explica: "...da parte daquele que é, e que era, e que há de vir". (Trata-se de Deus que segue continuamente seu povo, faz com que exista ("é") no presente, como já fez na história da salvação que pertence ao passado ("era"). Continuará esta ação criadora a volta ("vem") que Deus efetuará por meio de Cristo. Podemos contemplar nesta passagem no que diz respeito a Deus, o presente do passado e ainda o passado do presente. O tempo não pode desgastar a eternidade de Deus. Ele disse a Moisés: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3.14). Ele nunca nasceu também nunca morrerá (1 Tm 6.16).

(cc) E da dos sete espíritos. Esta expressão é repetida nos capítulos 3.1 e 4.5. Ela está associada aos "sete olhos do Senhor, que discorrem por toda a terra" (Zc 4.10). Significa: "...da parte do Espírito Santo em sua plenitude Septiforme" (cf. 3.1; 4.5 e 5.6). São pela ordem: "(aaa) o espírito do Senhor; (bbb) o espírito de sabedoria; (ccc) e de inteligência; (ddd) o espírito de conselho; (eee) e de fortaleza; (fff) o espírito de conhecimento; (ggg) e de temor do Senhor". Is 11.1. Podemos observar no presente texto, a multiforme operação do Espírito Santo, pois os "sete espíritos de Deus" são: "as diferentes operações do Espírito Santo nessa perfeição, que necessariamente, lhes pertence" (7). O Novo Testamento fala em outras passagens, da pluralidade de funções do Espírito Santos (cf. 1 Co 12.11; 14.32; Hb 2.4).

Em resumo, esta saudação vem do Deus Trino: o Pai saúda no v. 4 (aquele que era, e que há de vir). O Espírito Santo saúda também (com suas sete manifestações de poder). Jesus, o Filho Eterno, completa esta saudação no v. 5. A bênção de Deus no Decálogo, tinha uma forma tríplice: "O Senhor (Deus) te abençoe e te guarde. O Senhor (Jesus) faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti. O Senhor (o Espírito Santo) sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz" (Nm 3.24-26).

5. **"E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra".**

I. **"...a fiel testemunha"**. João, o grande servo de Deus, apresenta Jesus nesta passagem, como "a fiel testemunha". Este título pertence a Cristo por direito e por resgate, que, não só é verdadeiro, mas a própria verdade (Jo 14.6 e Ap 19.11).

1. A "frase" no presente texto: "...Jesus Cristo; que é a fiel testemunha" descreve o relacionamento de Cristo com Deus enquanto Jesus esteve na terra. Como fiel profeta Ele jamais falhou em declarar todo o conselho de Deus. A palavra "testemunho significa alguém que vê, sabe e então fala; é uma palavra característica de João (ele a usa mais de 70 vezes em seus escritos)".

2. Cristo é o Fiel em tudo aquilo que Ele o deve ser: (a) Ele é genuíno e veraz em seu caráter; (b) Ele é fiel e digno de confiança na concretização de sua missão; (c) Esse adjetivo pode significar para nós confiança na pessoa de Jesus Cristo, em sua missão, e que Deus Pai, depositou em seu Filho toda sua confiança; (d) Ele transmitiu fielmente a sua mensagem, falando a verdade: Ele trilhou um caminho reto; não tinha curva, revelando a verdade, sem jamais desviar-se de seu propósito.

3. O primogênito dos mortos. A presente expressão reúne dois elementos fundamentais: (a) Ela revela o cumprimento à risca das palavras dos profetas e do próprio Jesus, que predisseram com antecedência de séculos, no primeiro caso, e de alguns meses, no segundo, o episódio, e até com minúcias, em vários de seus elementos importantes. (Cf. Sl 16.10; At 13.34, etc). A veracidade das Escrituras foi justificada, pois dependia do fato dessa ressurreição (Lc 24.44-46; At 17.3). Foi também a evidência central da divindade de Cristo, da sua exaltação e glorificação, do seu supremo poder pessoal, o emblema expressivo da ressurreição da imortalidade, tanto no presente se for necessário, como no futuro.

(b) Ela deu a certeza, e assegurou o testemunho apostólico, a certeza do Juízo Final, o fundamento da esperança dos justos, agora, no presente, no futuro, e por toda a eternidade. Foi, e é, o fortalecimento da pregação evangélica, em qualquer época, tempo ou lugar (1 Co 15.14). A ressurreição de Cristo foi e é, realmente, a suprema e majestosa história dos evangelhos e da humanidade.

6. **"E nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai: a ele glória e poder para todo o sempre. Amém".**

I. **"...reis e sacerdotes"**. O objetivo de Deus era fazer, de cada filho de Israel um "sacerdote" (cf. Êx 19.6), e evidentemente isso não pode ser cumprido, devido à desobediência e carnalidade deles. (Assim o direito sacerdotal foi conferido a Arão e seus filhos e descendentes). Hb 5.4.

1. Esse direito foi conferido à tribo de Levi, em razão dessa tribo ter permanecido fiel ao Senhor quanto ao culto idólatra diante do bezerro de ouro (Êx 32.1-29). O texto em foco ali, diz que Moisés se pôs em pé na porta do arraial, e disse: "Quem é do Senhor, venha a mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi" (Êx 32.26) Dentro da dispensação neotestamentária cumpre-se o ideal de Deus quanto a esta promessa, não

adiantam obras e méritos humanos, e, sim, a livre graça divina, que torna cada remido um sacerdote (1 Pd 2.6 e Ap 1.6; 20.6).

2. "No tocante ao "sacerdócio do crente", devemos considerar os pontos seguintes: (a) Esse sacerdócio se verifica por direito de primogenitura; quando nos tornamos "filhos de Deus", naturalmente temos acesso a Deus Pai; (b) Esse sacerdócio indica um acesso superior a Deus. Hb 9.7; (c) O crente, na qualidade de sacerdote, oferece um sacrifício superior: (aa) Seu próprio corpo, como um santuário para Deus. Rm 12.1; Fl 2.17; 2 Tm 4.6; (bb) O louvor de sua vida e de seus lábios, ele oferece a Deus. Hb 13.15; (cc) Suas riquezas financeiras devem ser usadas para benefício do próximo. Hb 13.16; (dd) Na qualidade de sacerdote, o crente, tal como Cristo e o Espírito Santo, é um intercessor em favor de outros, 1 Tm 2.1-3; (ee) O sacerdócio leva-nos à comunhão com Deus, o qual é nosso Pai, segundo se aprende em Ap 1.6. Portanto, o sacerdócio é um meio de comunhão, e, nessa capacidade, é conservador da nova natureza, segundo a imagem do Espírito do Senhor. 2 Co 3.18; (ff) O alvo, pois, é que tenhamos, perfeito acesso a Deus, e isso terá de ser conseguido somente através da participação na própria natureza do Pai. 2 Pd 1.4. É nisso que consiste a "perfeição", o que define, para nós, "como"seremos aperfeiçoados. (Mt 5.48). O crente ao aceitar Jesus como Salvador, torna participante de um "sacerdócio real", isto é, "sacerdócio e realeza". 1 Pd 2.5-9".

7. **"Eis que vem com as nuvens e todo o olho o verá, até os mesmos que o transpassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém".**

I. **"...vem com as nuvens"**. O presente versículo fala da "Parousia" (ou segunda vinda) de Cristo, com poder e grande glória, e isso se dará sete anos após o arrebatamento de sua Igreja da terra (1 Ts 4.13-17).

1. Eis que vem. O Dr. Herbert Lockyer, Sr. declara que a exclamação bíblica "Eis", que significa "olhe atentamente e considere", aparece mais de 400 vezes na Bíblia e é usada nos tempos passados, presentes e futuros. Eis também ocorre como um arauto de esperança ou de horror. Esta palavra aparece cerca de 28 vezes no Apocalipse (ver. 1.18; 2.10,22; 3.8,9,11,20; 4.1,2; 5.6,11; 6.2,5,8,12; 7.9; 8.13; 9.12; 11.14; 12.3; 13.1,11; 14.14; 16.15; 19.11; 21.5).

2. E todo o olho o verá. O leitor deve observar bem a frase inserida no contexto: "até os mesmos que o transpassaram", e verificar que estas palavras apontam diretamente para o povo de Israel, na presente era, pois, os que crucificaram a Jesus no sentido literal, estão mortos a quase dois mil anos (Mt 26.64). Predições contemporâneas feitas pelos Apóstolos e pelo próprio Cristo (Mt 24.30), indicam que no retorno de Cristo a terra com poder e grande glória, Jesus será visto fisicamente na Palestina, quando forças confederadas do Anticristo tiverem conquistado a Terra Santa, ameaçando aniquilar o povo judeu. A passagem de Zacarias 12.10 é a base da predição de que todos verão a quem transpassaram: "...e olharão para mim, a quem transpassaram; e o prantearão como quem prateia por um unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora pelo primogênito". Na passagem de Mateus 26.64 fala desse acontecimento: "Disse-lhes Jesus: Tu o disseste; digovos, porém, que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita

do poder (vírgula), e vindo sobre as nuvens do céu". Será esse o momento da intervenção divina, e aparecerá "no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão...". Durante sua vida terrena, o Senhor Jesus era o próprio "sinal" para aquela geração (Lc 11.30). Na sua vinda em glória (o presente texto), os judeus olharão para os céus, e esses se abrirão; eles verão a Jesus "assentado" à direita do poder de Deus (Mc 14.62). Jesus, nesse exato momento, levantará suas mãos, e eles contemplarão "o sinal dos cravos em suas mãos" (cf. Zc 12.10; Jo 20.25; Ap 1.7): Os judeus, pois, rejeitaram "a voz do primeiro sinal (durante a vida terrena de Jesus), crerão à voz do derradeiro sinal (em seu retorno)". Êx 4.8. Para alguns comentaristas, Deus fará intervenção, tal como fez no mar Vermelho. O sinal da cruz aparecerá no firmamento, e o Senhor Jesus será literalmente contemplado pelo povo. Isso será reconhecido como uma intervenção divina, por parte de Israel, o qual, oficialmente, se declarará "cristão".

8. **"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso".**

I. **"...O Alfa e o Ômega".** O Alfa é a primeira letra do alfabeto grego, significa: "O primeiro" (Ap 22.13) ou "O princípio" (Ap 21.6). O Ômega é a última letra do alfabeto grego, e significa: "O derradeiro" (Ap 21.13), ou "O último" (Ap 1.17; 2.8; 21.6). Estes títulos são aplicados à pessoa de Cristo Jesus, e apresentam ao mesmo tempo a sua eternidade.

1. Na língua portuguesa a pessoa de Cristo é representada em cada letra, da seguinte forma:

(A) Advogado, 1 Jo 2.1. (B) Bispo das vossas almas. 1 Pd 2.25. (C) Cristo. Lc 2.11. (D) Deus Forte. Is 9.6. (E) Emanuel (Deus conosco). Mt 1.23. (F) Filho de Deus. Jo 1.34. (G) Governador. Is 55.4. (H) Homem. 1 Tm 2.5. (I) Imagem de Deus. Cl 1.15. (J) Jesus. Mt 1.21. (L) Leão da tribo de Judá. Ap 5.5. (M) Maravilhoso. Jz 13.18; Is 9.6. (N) Nazareno. Mt 2.23. (O) Ômega. Ap 1.8. (P) Príncipe da Paz. Is 9.6. (Q) Querido do Pai. Sl 4.3. (R) Rei. Mt 2.2; Jo 18.37. (S) Salvador. Lc 2.11. (T) Tudo: no sentido de bondade. Cl 3.11. (U) Ungido. Sl 2.2. (V) Verbo de Deus. Jo 1.1. (Z) Zelador da casa de Deus. Jo 2.17. O (X) é substituído pelo "AMÉM". Ap 3.14.

9. **"Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo".**

I. **"...na ilha chamada Patmos".** A palavra "ilha" ou "ilhas" encontram-se cerca de 38 vezes nas Escrituras e, alguns dos lugares onde aparece a palavra "ilha" pode ser traduzida para seu original hebraico "AI". Os antigos usavam esta palavra do texto em foco: "ai" como "terra costeira" ou no sentido hodierno de Continentes. Era termo de designativo das grandes civilizações gentílicas do outro lado do mar. João, porém, como

sabemos não deixa nenhuma dúvida a seus leitores quanto a "ilha" de seu exílio, esclarece ele: a "ilha" é "chamada Patmos".

1. O termo "patmos" significa "mortal". O sentido original é, em razão de seu aspecto tristonho representado pela mesma ilha que leva esse nome. No tempo do império romano, a "ilha de Patmos" serviu de lugar de detenção para criminosos de alta periculosidade. Atualmente, a "ilha" que leva esse nome, é chamada "Palmosa", encrava-se no Mar Egeu no pequeno Continente da Ásia Menor, tem cerca de vinte milhas de circunstância. A "ilha de Patmos" antes do exílio de João, não tinha conotação nenhuma com o mundo religioso; depois porém, como sabemos, se tornou célebre pela prisão e visão ali vivida e presenciada. Lá existe uma "caverna" chamada "Apocalipse", onde milhares de pessoas religiosas realizam uma peregrinação anualmente em rememoração ao sofrimento do Apóstolo quando ali esteve. Alguns metros dessa caverna, encontra-se a escola grega, onde existe um salão com uma inscrição posterior ao reinado de Alexandre Magno. Esta inscrição, fez referência aos jogos olímpicos realizados durante o período grego. "Na ilha há também o mosteiro de São João, com uma biblioteca fundada em 1088 d.C. construída no formato de uma fortaleza com seus muros ameaçados, onde há curiosas obras. Em volta do mosteiro, agrupam-se as ruas tortuosas da Capital da Ilha".

10. **"Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz como de trombeta".**

I "no dia do Senhor". Existem quatro expressões técnicas no que diz respeito ao "dia do Senhor" no Novo Testamento: (ver notas expositivas em Ap 16.14) sendo que, cada uma delas, aponta para uma época diferente; por exemplo:

1. Analisemos os quatro pontos seguintes no que diz respeito ao: (a) Dia do Senhor Jesus Cristo; (b) Dia do Senhor, Cristo ou Filho do homem; (c) Dia de Deus ou do Senhor: no sentido próprio; (d) Dia do Senhor, do texto em foco:

(aa) O Dia do Senhor Jesus Cristo. O dia do Senhor Jesus se relaciona exclusivamente com o arrebatamento da Igreja; (bb) O dia de Cristo, do Senhor ou do Filho do homem, está relacionado com seu retorno à terra com poder e grande glória; (cc) O dia de Deus ou do Senhor, no sentido próprio, está relacionado com o Juízo Final; (dd) dia do Senhor do texto em foco, está relacionado com o dia da ressurreição de Cristo. A presente expressão "dia do Senhor", significa; "O dia da Ressurreição" do Senhor Jesus Cristo, visto que, a expressão "Senhor Jesus" só ocorre no Novo Testamento depois da sua ressurreição (Lc 24.3), sendo identificado entre os cristãos como "o primeiro dia da semana" (Mc 18.9). Para o cristianismo o primeiro dia da semana, contrasta bastante com o sétimo (o sábado): O sábado recorda o descanso de Deus na criação (Êx 20.11; 31.17); o domingo a ressurreição de Cristo (Mc 16.1,9). No sétimo dia Deus descansou; no primeiro dia da semana Cristo esteve em atividade incessante. O sábado comemora uma criação acabada; o domingo rememora uma redenção consumada. O Dr. C. I. Scofield declara que "o sábado era um dia de obrigação legal para Israel; o domingo, o culto espontâneo para o cristão. O sábado é mencionado nos Atos dos Apóstolos somente com referências aos judeus, e no resto do Novo Testamento, só duas vezes (Cl 2.16 e Hb 4.4). O sábado era um

dia de repouso total para Israel; para o crente em Cristo, esse repouso teve lugar no momento que ele aceitou Cristo como Salvador. Hb 4.3".

2. Voz como de trombeta. João, focaliza aqui: "grande voz, como...". A palavrinha: "como" significa que João tenta descrever o indescritível. Por isso a palavrinha "como" aparece aproximadamente setenta vezes no Apocalipse. (Cf 1.10, 14, 15, 16; 2.27; 3.3, 10, 17, 21; 4.1; 5.6; 6.1, 12, 13, 14; 7. (ausente); 8.8; 9.2, 3, 7, 8, 9, 17; 10.1, 3, 7, 9; 11. (ausente); 12.15; 13.2, 3, 11; 14.2, 3, 4; 15. (ausente); 16.3, 6.15, 18; 17.12; 18.6, 21; 20.2, 11, 16, 21; 22.1). Além disso ele utiliza-se também da expressão como "semelhante". Aqui trata-se, portanto, de um som sobrenatural e assustador, que contém tudo.

11. **"Que dizia: O que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete igreja que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmina, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardo, e a Filadélfia, e a Laodicéia"**.

I. **"...O que vês, escreve-o num livro"**. A ordem de escrever ocorre por treze vezes neste livro. (Cf 1.11, 19; 2.1, 8, 12, 18; 3.1, 7, 14; 10.4; 14.13; 19.9; 21.5). A ordem ocorre uma vez em cada uma das sete cartas. O intuito do Senhor Jesus Cristo era que a revelação fosse preservada para as gerações seguintes; e até hoje a forma escrita é a melhor maneira de preservar uma comunicação.

1. O leitor deve observar bem a frase "escreve-o num livro, e envia-o". Isso nos dá entender que não só a carta endereçada a igreja devia ser lida, mas também todo o conteúdo do livro que encerrava a visão (.13). O Dr. Russell Norman Champrin, observa que a posição geográfica onde se encontravam essas igrejas, formavam um CÍRCULO. As cidades foram numeradas partindo de Éfeso, na direção Norte, para Esmirna (64 quilômetros); daí para Pérgamo, 80 quilômetros ao norte de Esmirna; então, atravessando 64 quilômetros para sueste, até Tiatira, descendo, então, 80 quilômetros para Sardo; daí para Filadélfia a 48 quilômetros a sueste de Sardo; então Laodicéia a 64 quilômetros a sueste de Filadélfia.

12. **"E virei-me para ver quem falava comigo. E virando-me, vi sete castiçais de ouro".**

I. **"...E virei-me para ver quem falava"**. A poderosa voz "como de trombeta" que ouvira no verso anterior, à semelhança do Monte Sinai, ai cada vez mais aumentando (Êx 19.19), João se volta para ver de onde partia a voz, e teve a sua primeira visão: "sete castiçais de ouro". No santo lugar do templo dos judeus havia um único castiçal com sete braços, recebeu destaque, aparentemente representando Israel (Zc 4.2). Na visão de João os castiçais representavam as igrejas, que agora era a luz do mundo (Mt 5.13). Apesar de ter o Castiçal da antiga aliança sete braços, mesmo assim eram ligados por uma só peça (o pedestal). Israel, mesmo dividido geograficamente em doze tribos, contudo, eram ao mesmo tempo unidos por um só pedestal: A Lei do Senhor (Nm 9.14). Na Nova Aliança o Senhor Jesus interpretou para João que os sete castiçais representam as "sete Igrejas" (v. 20).

13. **“E no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro”.**

I. **“...no meio”.** Em cada cena do Apocalipse, Cristo sempre aparece como a “Figura Central”: no “meio”. Ele é visto no “meio” dos sete castiçais de ouro (1.13); no “meio” da igreja de Éfeso, em uma nova visão (2.1); no “meio” do trono (5.6); no “meio” do trono novamente numa visão posterior (7.17). Isto demonstra que, o grande livro de Deus a ser focalizado tem como central nosso Senhor Jesus. Isto é, aquele que viveu e andou entre os homens, contudo, sempre no “meio” (Mt 18.20; Jo 19.18; 20.19; 1 Tm 2.5). Agora, porém, no Apocalipse é um quadro do Cristo da atualidade. É um quadro de Cristo, o Filho Eterno, que está assentado no “meio do trono” à direita de Deus.

1. Filho do homem. Este título, que freqüentemente é aplicado à pessoa de Cristo, lembra sua humanidade (Jo 1.14). Cerca de 79 vezes esta expressão ocorre somente no Novo Testamento e com exclusividade, nos Evangelhos, e vinte e duas vezes no livro do Apocalipse. Em Ezequiel (por toda a extensão do livro), a frase é empregada por Deus 91 vezes. Este título: O Filho do Homem (Jo 3.13) havia se tornado uma figura messiânica mais corrente. Motivo porque um exame dos textos evangélicos permitem, quase sem possibilidade de erro, preferir que, ao designar-se “Filho do Homem” o Senhor Jesus escolheu esse título, evidentemente, menos comprometido pelo nacionalismo judaico e pelas esperanças bélicas. Havia também uma esperança judaica do “Homem dos últimos tempos” (Cf. Rm 5.12-21; 1 Co 15.22, 45, 47; 2.5-11).

2. Vestido até os pés. Esta visão inicial que João recebeu não referia-se à graça pastoral de Cristo, mas à sua autoridade judiciária. “É por isso que o Apocalipse deve ser visto como o livro do juízo. “Juiz” e “Juízes” aparecem 15 vezes no livro”.

A veste comprida de Cristo era uma vestimenta talar, usada exclusivamente pelos sacerdotes e juízes no desempenho de duas funções. É isso realmente, a dupla função do Filho de Deus atualmente (2 Tm 2.8 e Hb 3.1). “O cinto de ouro cingido a altura do peito era também usado elo sacerdote quando este ministrava no santuário, estava à altura do peio e não nos rins, para ajustar as vestes de modo a facilitar os movimentos; assim, quando o cinto está em volta de seus lombos, o serviço é proeminente. (Cf. Jó 38.3; Jo 13.4, 5), mas quando o cinto está em volta do peito implica juízo sacerdotal dignificado, coisas que são inerentes ao Filho de Deus tanto no passado como no presente. Na simbologia profética das Escrituras Sagradas aponta também: a pureza, a inocência de Cristo (Sl 123.9).

14. **“E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo”.**

I. **“...sua cabeça e cabelos eram brancos”.** O leitor deve observar como as Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe: O Senhor Jesus é o Filho

do “Ancião de dias”, e por cuja razão deve ter a mesma natureza do Pai. Assim, o texto em foco, é similar a passagem de Daniel 7.9: “Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou: o seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a limpa lã...”. Ele (Jesus) é aquele que morreu com 33 anos de idade, depois de levar os nossos pecados na cruz e suportar uma eternidade de dores. Tem cabelos brancos como a neve. Entre o povo de Deus, a “Coroa de honra são as cãs...” (pv 16.31a). Certamente a alvura da cabeça e cabelos de Cristo provém, em parte, da intensidade da glória celestial e em parte da sabedoria e, idoneidade moral. Assim, a brancura de seus cabelos, aqui, não significa velhice, antes, sugere a eternidade, indicando também Pureza e Divindade.

15. **“E os seus pés, semelhante a latão reluzente, como se tivesse sido refinados numa fornalha, e a voz como a voz de muitas águas”.**

I. **“...os seus pés, semelhante a latão”.** No verso 11 do presente capítulo, encontramos Jesus vestido de uma vestimenta talar. A sua veste “ai até aos pés”, mas não os cobria. Doutra forma não teria visto as marcas dos cravos e adorado a seu Senhor, cuja forma glorificada estava adequadamente vestida. Ele estava vestido com a linda roupa do Grande Sumo Sacerdote. “...Os seus vestidos se tornaram brancos como a luz” (Mt 17.2). João enfatiza que estes pés reluziam como se “tivessem sido refinados numa fornalha”.

1. No campo espiritual realmente isso aconteceu com o Filho do homem durante a sua vida terrena. Ele passou pela fornalha do sofrimento, e foi provado no fogo do juízo de Deus. (Cf. Lc 22.44; Hb 5.7). Além de outros sacrifícios apresentados na antiga aliança que tipificava a Cristo sofrendo até a morte, em lugar do pecador. Tomamos aqui como exemplo a oferta de manjares: “Em Lv 2. a oferta de manjares tipifica Cristo nas Suas próprias perfeições, e na Sua dedicação a vontade do Pai. A flor da farinha fala de igualdade e equilíbrio no caráter de Cristo; o fogo, de Ele ser provado pelo sofrimento até a morte de cruz. O incenso, representa a fragrância de Sua vida perante Deus; a ausência de fermento, representa o caráter de Cristo, como a verdade; a ausência de mel; que Nele não havia a mera doçura natural que pode existir sem a graça de Deus na vida de alguém. Azeite misturado, Cristo nascido do Espírito Santo; azeite untado, Cristo batizado pelo Espírito, a frigideira, os sofrimentos mais evidentes de Sua vida; o sal, o sabor da graça de Deus na vida de Cristo: o que faz parar a ação do fermento; o forno, os sofrimentos ocultos de Cristo – consolidados no túmulo: a fornalha final”.

2. A sua voz como a voz de muitas águas. Em sentido geral, o Apocalipse é o livro de grandes vozes e são elas que trazem as mensagens: (Cf.1.10, 12, 15; 3.20; 4.1; 5.2, 11, 12; 6.6, 7, 10; 8.13; 9.13; 10.3, 4, 7, 8; 12.10; 14.2, 7, 13 e 15; 16.1, 17; 18.2, 4, 17; 18.2, 4, 22; 19.1, 5, 6, 17; 19.1, 5, 6, 17; 21.3). Em sentido similar, a sua voz do anjo, em Dn 10.6, se assemelhava à de “uma multidão”. Tal como aqui, a voz de Deus, em Ez 43.2, é como a de “muitas águas”. O autor continua atribuindo, o sentido da voz, a pessoa de Cristo, como aquilo que o Antigo Testamento, diz acerca de Deus Pai. Em Ap 14.2 repete-se o simbolismo da figura da voz como de “muitas águas”. Ao que é adicionado “um grande trovão”. Em Ap 19.6 a voz é a de uma “multidão” e também de “muitas águas” e de

"grandes trovões". Seja como for, tudo na esfera celestial, se reveste de primeira grande e é elevado a terceira potência!

16. **"E ele tinha na sua desta sete estrelas; e da sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece".**

I. "...na sua desta sete estrelas". Dois pontos importantes devem serem analisado no presente versículo: as sete estrelas; o rosto do Filho do homem:

1. As sete estrelas. Sobre a presente expressão: "as estrelas", existem várias interpretações, sendo que, duas delas, são aceitas no campo teológico e a segunda, sem exitação:

(a) As sete estrelas (anjos), são instrumentos nas mãos de Cristo, seres angelicais literais, que ministram à Igreja, controlando seus ministros, e, pelo menos em alguns casos, servindo de mediadores dos dons espirituais. Por extensão dessa idéia, podemos supor que todas as comunidades locais dos crentes contam com os seus próprios anjos guardiões...". (Cf. Sl 34.7; 1Co 11.10).

(b) As sete estrelas na mão direita do Senhor, são interpretadas por Jesus como sendo os "sete anjos (pastores) das sete igrejas" da Ásia Menor. Cf. v. 20. Este sete "mensageiros", foram homens enviados pelas igrejas da Ásia para saberem do estado do velho Apóstolo, então um exilado em Patmos (compare-se Fl 4.18); mas (sendo na sua volta portadores das "sete cartas") pode figurar também em nossos dias um ministro de Deus portando uma mensagem especial para uma igreja. A palavra "anjo" é apenas transliteração do grego para o português e significa "mensageiro". É portanto, o pastor ou pastores que aqui estão em foco.

2. Seu rosto era como o sol. As igrejas são castiçais; seus ministros são estrelas; mas Cristo é o sol (Ml 4.2). Ele é para o mundo moral, o que o sol é para o mundo físico. A luz do rosto de Jesus Cristo é tal que na nova Jerusalém "não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol..." porque "...o cordeiro é a sua lâmpada" (Ap 21.23; 22.5). Num contexto geral do significado do pensamento, o rosto dos justos resplandece como o sol (Mt 13.43), o que também sucede no caso dos anjos (Ap 10.1).

17. **"E eu, quando o vi, caía a seus pés como morto; e ele pôs sobre a sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu sou o primeiro e o último".**

I. "...não temas". O presente versículo, mostra João caindo aos pés do Filho de Deus, como Paulo no caminho de Damasco (Ap 9.4), porém às vozes nos dois episódios são completamente diferentes: a primeira diz "porque me persegues?", a segunda diz "não temas". Estas palavras, observa o Dr. R. N. Champrim, podem ser comparadas a Dn 10.10,12; e confrontadas com (Is 44.2; Mt 14.2; 27.7; Lc 1.13 e 30). Para a igreja de Esmirna, há também uma expressão encorajadora da parte de Cristo para aquela igreja sofredora: "nada temas". Esta expressão equivale no grego do Novo Testamento, "não

temas", ocorre cerca de 365 vezes nas Escrituras (uma para cada dia). Essa ordem é dada a fim de consolar (Mt 14.27; Jo 6.20; At 27.24); ela servia também para relembrar a João, que seu Senhor o conhecia e se interessava profundamente por ele em meio ao sofrimento. Para nós, o Senhor tem a mesma mensagem de amor e firmeza: "Tende bom ânimo! Sou eu. Não temas" (Mt 14.27). Agora, o apóstolo declara: "porém ele pôs sobre mim a sua destra (mão direita), dizendo-me: "não temas". Faz, então, uma declaração de amor, tranqüilidade e poder. (Is 44.2).

18. **"E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno".**

I. "...E tenho as chaves da morte e do inferno". Isso significa autoridade suprema sobre qualquer força do mal (Mt 16.18; 28.18; Cl 2.15). Neste livro, Cristo não só tem as chaves da morte e do inferno, mas também "a chave de Davi" (Ap 3.7), e por conseguinte, no Novo Testamento: "...as chaves do reino dos céus" (Mt 16.19). É evidente que, enquanto o Senhor estava aqui na terra, Ele tinha em suas mãos "as chaves do reino dos céus"; isso pode bem ser entendido na expressão do próprio Jesus ao dizer a Pedro: "Eu te darei (no futuro) as chaves...".

1. "A interpretação comum é que as chaves dadas a Pedro representam a essencial honra que lhe foi concedida: a de ser o primeiro a anunciar o Evangelho aos judeus: (no dia de Pentecostes) e aos gentios: (na casa de Cornélio), tendo sido o Espírito Santo dado do céu em cada uma dessas ocasiões (At capítulo 2 e 10). Pedro mesmo descreveu seu privilégio assim: "Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do Evangelho, e cressem" (At 15.7). Assim ele anunciou o perdão dos pecados a todos os que crêem, e semelhantemente tal autoridade de Deus foi conferida não só a Pedro mais aos demais discípulos do Senhor (cf. Jo 10.23)". O Dr. Geo Goodman declara: "É comum salientar o lugar de Pedro no dia de Pentecostes, abrindo o reino aos judeus, e depois, na pessoa de Cornélio, aos gentios. Podemos admitir que ele ocupava um lugar eminente entre seus colegas, enquanto que negamos que lhe fosse um lugar exclusivo".

2. O Dr. Graham Scroggie observa: "E de fato não podemos excluir os outros Apóstolos no dia de Pentecostes; nem caso de Cornélio podemos concordar que esse fosse o único uso das chaves com relação aos gentios, nem admitir que fosse necessário outra chave diferente daquela que abrira o Reino aos judeus. Um só ato não havia de esgotar o uso da chave, nem seriam duas chaves para abrir a porta duas vezes. Podemos entender que a porta, uma vez aberta, assim permaneceu para nunca mais precisar da chave? Pelo contrário, creio que se pode demonstrar concludente que a administração do Reino, simbolizada por estas chaves, ainda não terminou: não findou num só ato inicial de autoridade. Os homens ainda recebem o Reino e são recebidos no Reino, e o Reino é a esfera do discipulado, então a chave é, de fato, somente autoridade".

3. Podemos entender que depois da porta do Evangelho está aberta para os gentios, Deus através de sues discípulos abriu uma nova porta para eles, os gentios: a porta da FÉ (At 14.27). "Ora, as chaves, e não simplesmente uma chave; e se o nosso pensamento é

acertado nesta forma de interpretação, isto significa uma dupla maneira de admitir. A primeira é que o Senhor chama "a chave da ciência" a qual Ele diz que os doutores da lei tiram do povo (Lc 11.52). Semelhantemente Ele denuncia os fariseus por fecharem o Reino dos céus contra os homens: "Nem vós entrais nem deixais entrar os que estão entrando" (Mt 23.13). Pedro não recebeu as chaves da Igreja, mas do reino. Uma chave é sinal de autoridade (Is 22.22), e que o poder de "ligar e desligar" significava para Pedro, significava também para os outros discípulos (Mt 18.18; Jo 20.23). Ligar e desligar, na linguagem rabínica, queria dizer: permitir ou proibir, e é isto que a Igreja tem feito desde os dias dos Apóstolos até a presente era (Jo 20.23; 1Co 5.4-5; 2Cor 5.18-19).

19. **"Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer".**

I. "...as coisas que tens..., etc". Os teólogos costumam dividir o livro do Apocalipse em sete partes, mas a sabedoria divina o dividiu apenas em três, a saber:

1. As coisas que tens vis to. É a primeira das três divisões deste livro. É, sem dúvida, a menor das três partes deste compêndio divino: um capítulo, apenas! Também pela pequena duração dos acontecimentos a que se refere.

2. E as que são. Esta se refere à segunda parte do livro. De exposição, pouco mais extensa em conteúdo (capítulo 2 e 3). No que diz respeito ao tempo, é o mais longo período: abrange ensinos para a vida inteira da Igreja desde os primitivos tempos, e como te servido durante toda a dispensação da Graça, até o momento do arrebatamento.

3. E as que depois destas (das duas primeiras) hão de acontecer. A terceira parte, é essencialmente futurísticas, vai do capítulo 4 a 22. Porém os fatos decorrerão com rapidez e as profecias que terão lugar neste tempo, sofrerão uma reação em cadeia, e comprir-se-ão sucessivamente. Porém, mesmo assim, devemos observar que, esta parte do livro, inclui o Milênio de Cristo e o estado Eterno ao dia da Eternidade (2Pd 3.18). O livro do Apocalipse é o único livro profético do Novo Testamento, é a única iluminação certa que dos acontecimentos atuais e futuros. Enquanto que o livro de Gênesis é o início da Bíblia, dando começo de todas as coisas na terra, o livro de Apocalipse encerra o livro divino, descrevendo a consumação de todas as coisas.

20. **"O mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que vistes, são as sete igrejas".**

I. "...O mistério das sete estrelas". O presente vocábulo "mistério" é usado no Novo Testamento cerca de 27 vezes, João emprega a palavra quatro vezes no seu livro, e sempre com sentido especial:

1. Vejamos! (a) O mistério das sete estrelas e do sete castiçais. 1. 20; (b) O mistério de Deus. 10.7 e 11.15; (c) O mistério da grande Babilônia. 17.5; (d) O mistério da mulher. 17.7.

2. No texto em foco, a interpretação da misteriosa visão, é dada pelo próprio Cristo; isso é muito freqüente nas Escrituras quando trata-se de um "mistério" (cf. Mt 13.19-23, 37-43). O Senhor Jesus Cristo aqui segue o mesmo exemplo, e explica a visão para João seu servo. Ele diz: "As sete estrelas" (são os sete anjos das sete igrejas). E "...os sete castiçais" (são as sete igrejas). Este versículo se divide em duas partes: texto e contexto (metolinguagem); a primeira sendo uma visão; a segunda: uma interpretação do próprio Senhor. O primeiro capítulo deste livro, a começar pelo quarto versículo, é uma espécie de apresentação em favor do livro inteiro, introduzindo o autor sagrado a sua mensagem à Igreja, além de aludir, em termos breves, àquilo que está contido no livro. Portanto, o livro inteiro do Apocalipse, apesar de ser um livro profético, é moldado na forma de uma "carta", endereçada as sete igrejas da Ásia Menor, e, através dessas igrejas, à Igreja Universal do Filho de Deus. Amém.

Capítulo II

PRIMEIRA CARTA: À IGREJA DE ÉFESO

1. **"ESCREVE ao anjo da igreja que está em Éfeso: Isto diz aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro".**

I. "...Ao anjo da igreja". Nada se sabe de certo quem era esse "anjo" nos dias em que esta carta estava sendo enviada, a não ser aquilo que depreende do texto em foco. Segundo o relato de Lucas em Atos 20, quando Paulo visitou a Ásia Menor, "...de Mileto mandou a *Éfeso*, chamar os anciãos da igreja. E, logo que chegaram juntos dele, disse-lhes...Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue" (At 20.17, 18, 28). Quando Paulo falou essas palavras, Timóteo era o pastor (anjo) da igreja de Éfeso (1Tm 1.3) e provavelmente Tíquico tenha sido seu substituto (At 20.4; Ef 6.21; 2Tm 4.12). O "anjo" a que Jesus se refere bem pode ser este último.

1. ÉFESO. O nome significa "desejado". Situação Geográfica: a cidade de Éfeso se encravava no pequeno Continente da Ásia Menor. "Esta era a capital da província romana da Ásia. Com Antioquia da Síria e Alexandria no Egito, formavam o grupo das três maiores cidades do litoral leste do Mar Mediterrâneo. O seu tempo da "Diana dos efésios" (At 19.28) foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo". Pelo menos duas vezes, Paulo esteve nessa cidade (At 18.19 e 19.1). Em sua terceira viagem por aquela região, ele não chegou até lá, mas estando em Mileto "mandou a Éfeso, a chamar os anciãos da Igreja". Essa igreja recebeu duas cartas: uma de Paulo (epístola aos efésios), e outra de Cristo (à que está em foco). A primeira em 64 d. C., a segunda em 96 d. C.

2. Notem-se as sete coisas comuns a todas as sete mensagens: (a) Todas são dirigidas "ao anjo da igreja". 2.1, 8, 12, 18; 3.1, 7, 14. (b) Cada mensagem tem uma descrição abreviada daquele que a envia, tirada da visão de Cristo glorificado, no primeiro capítulo. (c) Cristo afirma a cada igreja: "Sei". 2.2, 9, 13, 19; 3.1, 8, 15. (d) Todas as mensagens têm ou uma palavra de louvor ou censura. 2.4, 9, 14, 20; 3.2, 8-10, 16. (e) Cristo lembra Sua Vinda e o que há de acontecer conforme a conduta da própria pessoa, a todas as sete igrejas. (f) A cada igreja é repetido a frase: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas". 2.7, 11, 17, 29; 3.6, 13, 22. (g) Cada vez, há promessa explícita, para os vencedores do bom combate da fé: "Jesus diz: O que vencer!". (Cf. 2.7, 11, 17, 26; 3.5, 12, 21).

2. **"Eu sei as tuas obra, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são, e tu os achaste mentirosos".**

I. "...os que dizem ser apóstolos". Está em foco neste versículo, os chefes Gnósticos, que tinham arrogado para si o título de apóstolos de Cristo. Paulo diz que tais "...falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo" (2Co 11.13b). Diante dos "anciãos de Éfeso", Paulo os chamou de "...lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho" (Al 20.29a). Oito livros do Novo Testamento foram escritos contra formas diversas dessa heresia, a saber: (Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e Judas). A Epístolas aos Efésios, o evangelho de João e o livro do Apocalipse, em alguns trechos esparsos, também refletem oposição a essa heresia. A igreja de Éfeso não suportava os tais gnósticos e por isso foi louvada pelo Senhor: "puseste à prova". Esta expressão é o equivale dizer no grego: "Reprovaste-Os".

1. A igreja de Éfeso, talvez tenha sido a de maior cuidado do ministério de Paulo; O Novo Testamento diz que, Paulo esteve em Éfeso, levando consigo Priscila e Áquila; e deixou-os ali (At 18.19); retornou mais tarde (19.1) e desta vez permaneceu dois anos, dedicado à pregação do Evangelho. Dessa maneira, todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra sobre o Senhor Jesus, assim judeus como gregos (At 19.10). Éfeso chegou mesmo a tornar-se o centro do mundo cristão. "As profecias de Paulo realizaram-se: poderá hoje, quem visita Éfeso saber onde era o lugar da casa ou templo em que a igreja se reunia? Tudo ruína! "Como homem, combati em Éfeso contra as bestas" disse Paulo: Feras humanas! (cf. 1Co 15.32)".

3. **"E sofreste, e tens paciência; e trabalhaste pelo meu nome, e não te cansaste".**

I. "...tens paciência; e trabalhaste pelo meu nome". É evidente que os que tem esperança, esperam. E, "os que esperam no Senhor renovarão as suas forças..." (Is 40.29, 31). No Salmo 89.19, há uma promessa de Deus para aquele que trabalha: "Socorri um que é esforçado: exaltei a um eleito do povo". A inatividade na vida espiritual é condenada por Deus. No livro de Provérbios fala-se do "preguiçoso" cerca de 17 vezes, por isso é

evidente que o Espírito Santo considera muito este perigo da mocidade, e de pessoas mais idosas. O preguiçoso é reprovado por covardia (Pv 21.25; 26.13), por negligenciar as oportunidade (Pv 12.27), os deveres (Pv 20.4), por desperdiçamento (Pv 18.9), por indolência (Pv 6.6, 9), por imaginar-se sábio (Pv 26.16). Ele é ainda comparado ao caçador que não assa sua caça, e portanto a come crua (Pv 12.27); concomitantemente, ele não leva sua mão à boca para não cansar o braço (Pv 26.15). A igreja de Éfeso era conhecida pelas obras: perseverava no trabalho; não cansava no serviço de Cristo. Note como se repete a palavra "paciência"; eram perseverantes no lidar (v. 2), e perseverantes no sofrer (v. 3).

4. **"Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade".**

I. **"...A primeira caridade".** (O primeiro amor). A presente expressão, não significa "declínio da fé" como alguns, mas, antes, sugere um esfriamento no amor (Mt 24.12). Cerca de 30 anos antes desta carta, a igreja de Éfeso, tinha ardente caridade para com "todos os santos" (cf. Ef 3.18). Paulo chegou até a convidá-los a participarem da "...largura, e a altura e a profundidade" do amor de Deus, "...que excede todo o entendimento" (Ef 3.18-19). O desaparecimento gradual do amor fraternal no coração do salvo (Mt 24.12). Tem como resultado, o abandono da "primeira caridade". Pedro disse aos seus leitores: "...sobretudo, tende ardente caridade..." (1Pd 4.8).

1. Cristo mencionou não menos que 9 características destacadas e louváveis que achou na igreja do Éfeso. Mas por isso podia desculpá-la da falta de amor. Apesar de qualquer esforço, ou de qualquer grau de sinceridade, gravíssimo é o nosso estado espiritual se nos faltar o amor: "...ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria". "...ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria". Esta é a grande declaração do Apóstolo Paulo, em 1Co 13.3-4. Se o cristão não tem amor, a vida espiritual também não tem sentido. "Nada Seria!". Disse ele!.

5. **"Lembra-te pois donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres".**

I. "...Tirarei do seu lugar o teu castiçal". Esta profecia do Senhor Jesus sobre a "remoção" do castiçal de Éfeso, não se cumpriu na igreja mas também na cidade. Alguém já disse com sabedoria: "Há tempo para perdão e tempo para juízo". Cf. Ec 3.1. Por muito tempo o "castiçal" de Éfeso se manteve em pé; Deus estava-lhe dando uma oportunidade para arrependimento. Segundo o testemunho da História, ela isso não fez, e o juízo de Deus atingiu não somente o "castiçal" (igreja, mas também a cidade, e no quinto século sua glória declinou. "Hoje não resta nem opulência, nem mesmo templos pagãos

suntuosos, nem o porto, que o próprio Mar destruiu e aterrou". Éfeso era a igreja autêntica; ensinava a verdadeira doutrina de Cristo, e punha a prova os homens que se desviaram da fé uma vez para sempre entregue aos santos. Mas devia arrepender-se de uma falta grave: "Deixou 0 primeiro amor". No contexto vivido; a melhor maneira de o cristão restaura a "primeira caridade", é sem dúvida alguma: praticar "as primeiras obras". Ambos exigências, foram exigidas na igreja de Éfeso.

6. **"Tens, porém, isto: que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais eu também aborreço".**

I. "...os nicolaítas". Não podemos determinar com certeza serem estes "nicolaítas" discípulos de "Nicolau", o sétimo diácono (At 6.5). O texto divino escrito por São Lucas, afirma ser Nicolau, um homem de "boa reputação, cheio do Espírito Santo e de sabedoria" (At 6.3). O Apóstolo João, conhecia bem pessoalmente a Nicolau, e sem dúvida, no dia de sua separação para o diaconato (o texto em si não diz que aqueles sete foram separados para diáconos; mas o grego ali existente favorece o significado do pensamento: diáconos, três vezes, ministros, sete vezes e servos, vinte vezes), pôs suas mãos sobre ele (At 6.2, 6), é esta razão, além de muitas outras, motivo para não infligirmos na conduta deste servo de Deus, aquilo que ele não foi. Se assim o tivesse sido, João teria citado seu nome como fez com os outros inimigos da igreja. De acordo com C. I. Scofield, a palavra "Nicolau" quer dizer "Vencedor do Povo", e o termo "nicolaítas" que vem no superlativo tem quase o mesmo sentido: Nico é um termo grego que significa conquistar ou subjulgar. Laitanes é a palavra grega de onde se deriva nosso vocábulo "leigo". Nas cartas do Apocalipse, quando é mencionada uma doutrina ou ato de uma pessoa, comumente se usa mencionar seu nome, por exemplo: "doutrina de Balaão" (2.14); "os trono de Satanás" (2.13); "sinagoga de Satanás" (2.9 e 3.9); "as profundezas de Satanás" (2.24); "toleras Jezabel", etc. (2.20). Quanto aos nicolaítas", o estilo muda completamente como pode muito bem ser observado: a frase "as obras dos nicolaítas" (2.6), e "doutrina dos nicolaítas" (2.15). O presente texto, diz: "As obras de Nicolau" (a pessoa); nem a "doutrina de Nicolau" (um dos sete). O leitor deve observar a frase pluralizada: "As obras (dos) nicolaítas" e "doutrina (dos) nicolaítas". Estas expressões referem-se a um grupo e não a uma pessoa.

1. Outro ponto de vista sobre o assunto que deve ser observado é que Nicolau "era prosélito de Antioquia" (At 6.5); separado para o diaconato, servia na igreja de Jerusalém. O livro de Atos dos Apóstolos não fala de Nicolau como tendo-se destacado como missionário itinerante, a exemplo de Estevão e Filipe (At 6.8 e 21.8). É evidente que sua esfera de trabalho foi local; ele não alcançou lugares distantes como Éfeso e Pérgamo. Pelo que sabemos, não é mencionado mesmo ante ou depois de Cristo, um homem chamado Nicolau que tenha fundado uma seita, a não ser aquilo depreendido e focalizado do texto em foco. Se essa palavra é simbólica, vemos, neste vocábulo, "nicolaítas", o começo do controle sacerdotal ou eclesiástico sobre as congregações (igrejas) cristãs individuais. O Sr. A. E. Bloomfield declara o que segue: "Os movimentos das igrejas, visando poder político e prestígio social mediante uniões, federações e alianças mundanas, são 'doutrinas e obras" dos nicolaítas. Trata-se do esforço de restaurar, por métodos

humanos, aquilo que se perdeu (o primeiro amor)". Observemos dois pontos focais ainda sobre o presente assunto:

(a) Tudo indica que "nicolaítas", refere-se ao começo da noção de uma ordem sacerdotal na igreja: "clero" e "leigos". Tudo nos faz crer, que esta seita denominada de "nicolaítas" faz parte de um "sistema" gnóstico existente naqueles dias; pode ser isso o sentido real do que temos aqui.

(b) Como já ficou estabelecido acima: "...Em época posterior a Cristo, houve uma seita gnóstica conhecida pro "os nicolaítas", a qual é mencionada por Tertuliano de Cartago. Que também era de índole gnóstica".

7. **"Quem tem ouvido ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus".**

I. "...a comer da árvore da vida". O vencedor recebe a promessa de que se alimentará da árvore da vida. Este livro fecha com uma "bem-aventurança" sobre os que têm à árvore da vida" (22.14). Em Apocalipse não aparece mais a "árvore da ciência do bem e do mal" (Gn 2.17), mas de um modo especial a "árvore da vida". O comer da árvore da vida expressa a participação na vida eterna.

1. O simbolismo da árvore da vida aparece em todas as mitologias, desde a Índia, até à Escandinávia. Os rabinos judeus e ismaelitas chamavam de "árvore da provação". O Zend Avesta tem a sua própria árvore da vida, chamada de "Destruidora da Morte". Para nós, porém, o comer da árvore da vida, significa o direito de ser revestido da imortalidade (Ap 22.19). Algumas Bíblias trazem: "comer". Mas, sem outras, 'se alimente" (Almeida, 1969 é mais expressiva). A sabedoria divina divide os homens em duas classes: a dos vencedores e a dos vencidos (2Pd 2.20). Os vencedores comerão: "da árvore da vida" no Paraíso de Deus. No Éden, aos vencidos foi vedado a oportunidade de comer dessa árvore, para que não vivessem para sempre na miséria (Gn 3.22). Mas aos vencedores, na maior felicidade, será concedido comer e viver eternamente.

SEGUNDA CARTA: À IGREJA DE ESMIRNA

8. **"E ao anjo da igreja que está em Esmirna, escreve: Isto diz o primeiro e o último, que foi morto, e reviveu".**

I. "...ao anjo da igreja". Podemos ver neste versículo, uma referência a pessoa de Policarpo; esse pastor nasceu em (69 d. C.), e morreu em (159 d. C.). O Dr. Russell Norman, diz que a etimologia do nome "Policarpo" significa "muito forte" ou "frutífero". Policarpo foi discípulo pessoal do Apóstolo João, homem muito consagrado, foi o "principal pastor" da igreja de Esmirna durante o exílio do Apóstolo em Patmos. "A

narrativa de seu martírio é narrado por Eusébio, em sua História Eclesiástica iv 15 e em Mart. Polyc. caps. 12 e 13, págs. 1037 e 1042. Foi levado à arena, lugar dos jogos olímpicos, um dos maiores teatros abertos da Ásia Menor, parte da qual construção permanece de pé até hoje". Policarpo, deve ser realmente, o "anjo" do texto em foco, pois as evidências assim o declara (cf. Ec 7.27).

1. ESMIRNA. O nome "Esmirna" significa "mirra", a palavra usada três vezes nos Evangelhos (Mateus 2.11; Marcos 15.23; João 19.39). De acordo com H. Lockyer, "O nome descreve bem a igreja perseguida até a morte, embalsamada nos perfumes prévios de seu sofrimento, tal como foi a igreja de Esmirna. Foi a igreja da mirra ou amargura; entretanto, foi agradável e preciosa para o Senhor". Esmirna também é famosa por ser a terra natal de Homero (o poeta cego da mitologia grega) e como lar de Policarpo (bispo de Esmirna).

Situação Geográfica: esta cidade encrava-se no pequeno continente da Ásia Menor. Em 1970, Esmirna já contava com cerca de 63000 habitantes e é, atualmente, a principal cidade turca, denominada Izmir. Os muçulmanos chamam-na "Izmir e infiel". O Rio Meles, famoso na literatura, também era adorado em Esmirna. Próximo à nascente desse rio ficava a caverna onde, dizem, Homero compunha seus poemas. Com a conquista do Oriente pelos romanos, Esmirna, passou a fazer parte da província romana da Ásia. A cidade de Esmirna, cujo nome significa: "mirra", caracterizou-se pela forte oposição e resistência ao cristianismo no primeiro século da nossa era. A igreja local originou-se da grande colônia judaica ali estabelecida. Em Esmirna, no ano (159 d. C.), Policarpo, seu bispo, foi martirizado.

2. Isto diz o primeiro e o último. Já tivemos oportunidade de encontrar este título aplicado a pessoa de Cristo em Ap 1.16, onde o mesmo é amplamente comentado e ilustrado pelo nosso alfabeto português. "Cristo é o primeiro" quanto ao tempo e à importância. Ele é a fonte originária de toda e qualquer vida, seu princípio mesmo. O fato de que Cristo é o "princípio", equivale à declaração de que Ele é o "Alfa". E o fato de ser o "Último" equivale a ser o "Ômega". Ele é o Princípio e o Fim, O Primeiro e o Último, o "a" e o "z"; nós nos encontramos no meio. Mas Cristo continua a existir! Na qualidade de ser Ele o "último", pode-se dizer o seguinte sobre Cristo (a) Ele é a razão mesmo da existência; (b) Ele é o princípio da vida após a morte; (c) Ele é o alvo de toda a existência, o Ômega.

9. **"Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás".**

I. "...Eu sei as tuas obras". O Senhor Jesus, não só conhecia as "obras" desta igreja fiel, mas, de um modo especial a sua "tribulação". No grego clássico, tribulação, é "thlipsis", significa "pressão", derivado de "thlibo", que tem o sentido geral de "pressionar", "afligir", etc. Nas páginas do Novo Testamento, em sentido comum (com exceção da palavra designada para um período de sete anos) tem o sentido de "perseguição" deflagrada, por aqueles que são aqui na terra inimigos do povo de Deus (cf. At 14.22).

1. E pobreza. O leitor deve observar o contraste que existia entre o "anjo" (pastor) da igreja de Esmirna, e o da igreja de Laodicéia (3.17). Cumpre-se aqui, portanto, um provérbio oriental que diz: "Aos olhos de Deus, existem homens ricos que são pobres e homens pobres que são ricos'. O sábio Salomão declara em Pv 13.7: "Há quem se faça rico (o pastor de Laodicéia), não tendo coisa nenhuma, e quem se faça pobre (o pastor de Esmirna), tendo grande riqueza". O Dr. Champrin observa quem aqueles crentes (de Esmirna) eram pobres, mas não porque não trabalhassem – sendo essa a causa mais comum da pobreza de modo geral, mas devido às perseguições que sofriam. Suas propriedades e bens foram confiscados pelo poderio romano, e além de tudo esses servos de Deus, ainda sofriam encarceramento. Porém, está, declarado no presente texto, que eles eram ricos. Em que? Nas riquezas espirituais. Eles eram de fato ricos: nas obras, na fé, na oração, no amor não fingido, na leitura da Palavra de Deus, (à maneira de seus dias). Estas coisas diante de Deus: São as riquezas da alma! (Mt 6.20; 1Tm 6.17-19).

2. A blasfêmia dos que se dizem judeus. O Apóstolo Paulo escrevendo aos romanos diz: "...nem todos os que são de Israel são israelitas" (Rm 9.6b). "...não é judeu o que é exteriormente..." (Rm 2.28). Esses falso judeus, procuravam firmar sua origem no Patriarca Abraão, a exemplo dos demais, perseguiam a igreja sofredora da cidade de Esmirna na Ásia Menor (cf. At 14.2, 19, etc). Atualmente, o nome "Esmirna" no campo profético, representa a igreja subterrânea que sofre por amor a Cristo nos países da Cortina de Ferro.

10. **"Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida".**

I. "...Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão". A oposição do grande inimigo de Deus e dos homens conforme mencionado no registro que João faz das sete igrejas jamais cessou. Satanás é citado num total de oito vezes no Apocalipse e cinco destas relacionam-se com as igrejas (6 vezes se incluirmos o termo "diabo" visto no presente texto). A "prisão" do versículo em foco, não se refere a uma "prisão" espiritual como tem sido interpretado por alguns estudiosos (cf. Lc 13.16), mas sim literal. "As perseguições promovidas pelos romanos àquela igreja, com a ajuda dos judeus (os que se dizem), foram obras de Satanás. Sob alegação de que os cristãos de Esmirna estavam "traindo" o imperador, houve um encarceramento em massa, e a seguir o imperador ordenou o martírio de muitos daqueles". Em uma só catacumba de Roma foram encontrados os remanescentes ósseos de cento e setenta e quatro mil cristãos, calculadamente.

1. Tereis uma tribulação de dez dias. Os "dez dias" do presente texto, tem referência "histórica", no primeiro caso, e profética no segundo. A Igreja sofreu "dez perseguições" distintas, desde o reinado do imperador Nero até ao de Diocleciano. "As dez grandes perseguições podem ser relacionadas desta forma: (a) Sob Nero: 64-68 d. C. (b) Sob Dominiciano: 68-96 d. C. (c) Sob Trajano: 104-117 d. C. (d) Sob Aurélio: 161-180 d. C. (e) Sob Severo: 200-211 d. C. (f) Sob Máximo: 235-237 d. C. (g) Sob Décio: 250-253 d.

C. (h) Sob Valeriano: 257-260 d. C. (i) Sob Aureliano: 270-275 d. C. (j) Sob Diocleciano: 303-312 d. C. Durante esse tempo, a matança de cristãos foi tremenda. No campo profético as perseguições desencadeadas por Diocleciano perduraram dez anos (cf. Nm 14.34 e Ez 4.6).

11. **"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte".**

I. "...Quem tem ouvidos, ouça!". Ora, por nada menos de sete vezes nos evangelhos, e por oito vezes neste livro do Apocalipse: sete vezes para essas igrejas! reboa aquela chamada vital, aberta e particular, para quem quiser ter ouvidos abertos: "Quem tem ouvidos, que ouça!!!".

1. O Mis. Orlando Boyer, diz que Cristo glorificado apresenta-se às sete igrejas em símbolos, partido e distribuído conforme as suas necessidades: (a) Para a igreja Ortodoxa e sempre em Éfeso, Cristo é Aquele que tem as sete igrejas na destra, isto é, que lhe sustenta a obra. 1.20 e 2.1; (b) À igreja atribulada em Esmirna, na véspera do tempo de martírio, Jesus apresenta-se como Aquele que havia experimentado a perseguição, até a morte e havia vencido. 1.17, 18 e 2.8; (c) À igreja descuidada de Pérgamo, Cristo glorificado é Quem maneja a Espada, dividindo a igreja do mundo. 1.16 e 2.12; (d) Para a igreja que declinava, Tiatira, Cristo é Juiz com olhos como chamas de fogo. 1.14 e 2.18; (e) Para a igreja morta, Sardes, Jesus tem os sete Espíritos de Deus e pode ressuscitar os crentes da morte para a vida. 3.1; (f) A igreja missionária, Filadélfia, Cristo é Quem quer abrir a porta: da evangelização. 3.7; (g) Para a igreja morna, Laodicéia, Cristo é a fiel e verdadeira testemunha tirando da igreja a máscara da satisfação em si mesma. 3.14

2. O dano da segunda morte. Somente no livro do Apocalipse se encontra a presente expressão: "A segunda morte". Ela será destinada aos "vencidos", mas nenhum poder terá sobre os "vencedores". A segunda morte é a morte eterna. A frase aparece aqui (e em Ap 20.6, 14 e 21.18), onde o destino dos perdidos é descrito em termos de um lago de fogo e enxofre. Durante sua vida terrena, Cristo fez uma promessa, dizendo: "As portas do inferno (as forças do mal)" não teriam nenhum poder sobre a sua Igreja (Mt 16.18); esta promessa de Cristo é presente e escatológica: agora, e na eternidade!.

TERCEIRA CARTA: À IGREJA DE PÉRGAMO

12. **"E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz aquele que tem a espada aguda de dois fios".**

I. "...Ao anjo da igreja". Não podemos determinar e, nem ainda há um pequeno vestígio no Novo Testamento, sobre quem era o "anjo" (pastor) da igreja de Pérgamo nos

dias em que esta carta estava sendo enviada, visto que, o Novo Testamento não cita nominalmente a igreja de Pérgamo, há não ser aquilo que é depreendido do texto em foco. Porém, pelas evidências internas e externas apresentadas pelos versículos que descrevem a posição desta igreja; nos faz pensar, em um cristão pertencente a Igreja Primitiva. Foi ele, sem dúvida, o substituto de "Antipas", a fiel testemunha de Cristo (v.13). Terá sido Demétrio? (3 Epístola de João v. 12).

1. PÉRGAMO. O nome significa "alto" ou "elevado". **Situação Geográfica:** no pequeno Continente da Ásia Menor. O nome "Pérgamo" estava relacionado a "purgo", isto é, "torre" ou "castelo". Pérgamo, como observa o W. Gesenius: Foi a "cidadela" de Tróia, e por tal razão tinha este nome. Geograficamente, ocupava importante posição, próxima do extremo marítimo do lago Vale do Rio Caico. Para os intérpretes históricos, a palavra "Pérgamo" leva outro sentido, isto é, invés de "torre" ou "catelho", traduzem a palavra por "casada". Historicamente, nos fins do primeiro, segundo e terceiro século, especialmente mediante o gnostissismo libertino, e, profeticamente, na época de Constantino, houve uma espécie de "casamento" entre a igreja e o estado. Sua suposta significação de "casada": segundo se diz, deriva-se disso.

2. A espada aguda. Para o ambiente carregado e adverso de Pérgamo, este é o traço do auto-retrato de Cristo: "aquele que tem a espada aguda de dois fios". No original, o vocábulo "espada", neste versículo, refere-se a um tipo especial: pesada e longa, usada pelos romanos (porque não queriam apenas ferir, queriam matar). Esta espada do versículo em foco é a mesma que vimos no versículo 16 do primeiro capítulo deste livro. A diferença é que, aqui, o artigo definido ("a") determinado "a espada", reforça a passagem. Espada na simbologia profética das Escrituras Sagradas, representa castigo ou guerra. Ela distingue vencido de vencedores.

13. **"Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; e reténs o meu nome, e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita".**

I. "...O trono de Satanás". No Apocalipse fala-se muito a respeito dele. As diversas denominações diabo, caluniador (Ap 2.10; 12.9; 12; 20.2, 10), Satanás, adversário (Ap 2.9, 13; 24; 3.9; 20.2, 7), definem-no em sua funcionalidade negativa, como: antiga serpente (Ap 12.9; 20.2), acusador de nossos irmãos (Ap 12.10). No presente texto, fala-se do seu "trono". Isto é, lugar onde Satanás exerce autoridade, como se fora rei. "A palavra "trono" (no grego hodierno, "thronos"), é usado no Novo Testamento como sentido de "trono real" (Lc 1.32, 52), ou com o sentido de "tribunal judicial" (cf. Mt 19.28 e Lc 22.30). Também há alusão aos "tronos" de elevados poderes angelicais, ou aos governantes humanos". A possível referência atribuída ao "trono de Satanás" esta passagem, pode ser (conforme alguns comentaristas) a COLUNA que havia por trás da cidade, com 300 metros de altura, na qual havia muitos templos e altares dedicados com exclusividade à idolatria. Essa colina podia ser um monte ou o "trono de Satanás", em contraste com o "Monte de Deus" (cf. Is 14.13 e Ez 28.14, 16).

1. Existe outra possível interpretação sobre o "trono de Satanás". Vejamos a seguir: "A invasão da cidade de Pérgamo, é atribuída ao monarca Eumenes II (197 d. C.). Foi esse rei (segundo Plínio) que criou biblioteca (em sentido técnico: pérgamo, deriva-se de pergaminho) que chegou a atingir 200 000 volumes, e quem libertou Pérgamo dos invasores bárbaros. Para comemorar, ergueu em honra a Zeus o "altar monumental" com 34 por 37 metros, cujas as fundações em ruínas, ainda podem ser vistas hoje. Esse altar pode ser "o trono de Satanás" do presente versículo."

2. Ainda nos dias de Antipas. Nada se sabe de certo acerca desse personagem, exceto aquilo que poderia ser depreendido do texto em foco. As Escrituras não entram em detalhes sobre a biografia desta testemunha do Senhor na cidade de Pérgamo. A palavra grega para "testemunha" no dizer de G. Ladd é martys, que mais tarde ficou com a conotação de mártir. Talvez neste contexto já tenha este significado. Em 17.6 a mesma palavra é traduzida às vezes por "os mártires de Jesus'. O testemunho mais eficiente do cristão é ser fiel ao seu Senhor até à morte e ao martírio. Antipas foi uma delas!. Para aqueles que interpretam o livro do Apocalipse do ponto de vista histórico, acham que o antropônimo "Antipas", no grego hodierno "Anti-pas". Tratava-se da forma contraída de "Antipater", que poderia ser traduzido à forma "Anti-papa". Assim, o seu nome pode ter sido profético, e significa: "Aquele que se opõe ao Papa". Esta linha de pensamento aceita que as letras que formam a palavra "Antipas" tenham esse sentido. Para nós, este ponto de vista, não combina com a tese e argumento principal, razão por que Antipas foi morto antes do ano (96 d. C.), e o sistema papal só veio a existir séculos depois. Aceitamos ter sido Antipas um homem de origem Iduméria. Este servo de Deus, uma vez convertido ao cristianismo em Jerusalém, sentido a chamada de Deus, e em razão de ser conhecido pessoalmente do Apóstolo João, foi servir como bispo na cidade de Pérgamo. Existiam naquela igreja, segundo o texto divino, duas falsas doutrinas: (a) À de Balaão; (b) À dos nicolaítas. Antipas como sendo uma testemunha ousou desafiar sozinho e selar seu testemunho com seu próprio sangue opondo-se a este "sistema nocivo". Semeão Metafrastes, diz que Antipas, o bispo de Pérgamo, foi colocado dentro de um boi feito de bronze, e a seguir foi aquecido ao rubro. Seu corpo foi literalmente, cozido, na chama abrasadora.

14. **"Mas umas poucas de coisas tenho contra ti; porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, par que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituíssem".**

I. "...A doutrina de Balaão". Na Epístola de Judas (versículo 11): há referência a três homens caídos do Antigo Testamento: "Caim... Balaão... e Core" (cf. Gênesis capítulos 16, 22, 23, 24). Nos dias neotestamentários seus nomes são tomados como figuras expressivas dos falsos ensinadores que, segundo se diz, entrariam no "seio" da Igreja Cristã (cf. 2 Pd 2.15). No texto em foco, é-nos apresentado: "a doutrina de Balaão".

1. As características dos seguidores desta "doutrina" são: (a) Olho mau: malícia. (b) Espírito orgulhoso: egoísmo. (c) Alma sensual: imoralidade. Em Apocalipse 2.14 encontramos a expressão "doutrina de Balaão". Por conseguinte, existem; (aa) O caminho

de Balaão. 2Pd 2.15. (bb) O erro de Balaão. 2Pd 2.15a. E, (ccc) O prêmio de Balaão. Judas v. 11. A doutrina de Balaão, que também se transformou no seu erro, era que, raciocinando segundo a moralidade natural, e assim vendo erro em Israel, ele supôs que Deus, justo teria de amaldiçoá-lo. Era cego para com a moralidade da cruz de Cristo, mediante a qual Deus mantém e reforça a autoridade, de tal modo que vem ser justo e o justificador do pecador que olha para Cristo. No tocante, ao "caminho de Balaão", diz Scofield: "Balaão (Nm capítulo 22 a 24), foi o típico e profeta de aluguel, ansioso apenas por mercadejar com o dom de Deus. Este é "o caminho de Balaão" (2 Pd 2.15)". No tocante a "doutrina de Balaão", continua Dr. C. I. Scofield: "A doutrina de Balaão" era o seu ensino a Balaque, rei dos moabitas a corromper o povo (israelita), o qual não podia ser maldito (cf. Nm 22.5; 23.8; 31.16), tentando-se a se casarem com mulheres moabitas, contaminando assim seu estado de separação e abandonando seu caráter de peregrinos. É tal união entre a Igreja e o mundo que se torna em falta de castidade espiritual (cf. Tg 4.4), e o resultado de tudo isso é a Igreja ficar contaminada".

2. As características dos seguidores de Balaão, são: Todos aquele que a muitos torna virtuosos, o pecado não vem por seu intermédio; e todo aquele que leva muitos a pecar, não lhes dá oportunidade de arrependimento. Todo aquele que tem três coisas é um dos discípulos de Balaão, o ímpio. Se alguém tem olho bom, alma humilde, espírito manso, então é discípulo de Abraão, nosso Pai. Mas se alguém tem olho mau, uma alma jactanciosa e um espírito altivo, é dos discípulos de Balaão, seu Pai. E todo aquele que as três coisas possue é um discípulo de Balaão, o ímpio. Qual é a diferença; (pergunta Pirke Abotk) entre os discípulos de Abraão e os discípulos de Balaão? Os discípulos de Balaão herdarão o que ele herdou – a morte, o preço de seu salário (Rm 6.23), e os discípulos de Abraão herdarão o que ele herdou – o preço do sangue de Cristo, a vida eterna. Balaão "amou o prêmio da injustiça" (2 Jd 2.15; Jd v.11), e teve como recompensa o mesmo. Os embaixadores moabitas essa recompensa nas mãos, para dá-la. Balaão tombou morto entre aqueles que o honraram. Esta é a lei da compensação (Gl 6.7)".

3. A se prostituíssem. No grego moderno: "ponêro", o que dificulta a ação de ser (haplous) "perfeito". Balaão não só foi profeta mercadejante e mercenário; mas além de tudo lançou dois "tropeços" mortais contra o povo de Deus (cf. v. 14). Um desses tropeços consistia em seu mau 'caminho" (o da rebelião). Cf. Nm 22.32. O próprio Deus disse dele o que segue: "...o teu caminho é perverso diante de mim". O segundo tropeço por Balaão diante dos filhos de Israel no deserto foi, o da "prostituição" (cf. Nm capítulo 25). A palavra grega aqui usada, "pornéia", ela alcança todas as formas de imoralidades, porquanto é usada tanto nos ensinos dos profetas, como dos Apóstolos, e de um modo especial nos ensinos de Jesus, para indicar as "formas" dessa prática de infidelidade contra a santidade e a moral.

15. **"Assim tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas: o que eu aborreço".**

I. "...doutrina dos nicolaítas". No versículo 14 deste capítulo, encontramos a "doutrina de Balaão", aqui agora, a "doutrina dos nicolaítas". O leitor deve observar que

na igreja de Éfeso, o Senhor Jesus aborrecia "as obras dos nicolaítas" (2.6 e ss), e aqui na igreja de Pérgamo, ele aborrece a sua "doutrina". Alguém observa: "o mal sempre se alastra em escala crescente: "um abismo chama outro abismo": diz o Salmista na poesia (Sl 52.7): o que era "doutrina" (ensino) em Pérgamo, ao mesmo tempo se tornara "obras" (práticas) em Éfeso. Já encontramos os "nicolaítas" em Éfeso (2.6). Em Pérgamo o mal tinha crescido. Já era "doutrina" presente e sustentada: (na igreja). Essa doutrina é semelhante à de Balaão, conduzindo a um rebaixamento do padrão moral. Algumas traduções trazem: "tens lá os seguidores dos nicolaítas: o que aborreço". De qualquer forma, declara M. S. Novaj, no versículo 6 do capítulo 2 está bem claro o juízo do Senhor. A acomodação da igreja com o mundanismo hoje, que amortece a sensibilidade moral e doutrinária de tantas igrejas, teve, pois, sua repreensão na igreja de Pérgamo, pois é tanto presente, como escatológica (Ec 3.15).

16. **"Arrepende-te, pois, quando não em breve virei a ti, e contra eles batalharei com a espada da minha boca".**

I. "...com a espada da minha boca". No capítulo 19.19 deste livro, o famoso guerreiro (Jesus) trará também uma poderosa Espada. Ali é dito por João, que ela está afiada. Paulo, o Apóstolo nos dá a interpretação sobre isso dizendo: "A espada é a palavra de Deus" (Ef 6.17), e em (2Ts 2.8), ela é chamada, exatamente: "o assopro da sua boca".

1. Muitas outras revelações são feitas a esta espada: (a) Espelho: poder revelador. Tg 1.23 a 25. (b) Semente: poder gerador. Lc 8.11; Jo 15.3. (c) Água: poder purificador. Ef 5.26. (d) Lâmpada: poder iluminador. Sl 119.105; 2 Pd 1.19. (e) Martelo: poder esmiuçador. Jr 23.29. (f) Ouro e vestimentas: poder enriquecedor. Sl 19.10; Ap 3.17. (g) Leite, Carne, Pão e Mel, etc: poder alimentador e nutritivo. Sl 19.10; Jr 15.16; Mt 4.4; 1 Pd 2.2. (h) Espada: poder para a batalha, cortar, dividir etc. Hb 4.14; Ap 2.15 e 19.15.

17. **"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito dz às igrejas: Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe".**

I. "...comer do maná escondido". Os gnósticos ofereciam "vantagens abertas", mediante suas práticas imorais, seus prazeres e a satisfação da parte carnal do homem. Cristo oferece-nos aquilo que está oculto a maioria dos homens: o maná escondido! Para a igreja de Pérgamo o Senhor faz, ao vencedor, uma tríplice promessa: comer do maná escondido, receber uma pedra branca, e um novo nome. O "maná" era um tipo de Cristo, o pão da vida (Jo 6.48), ele caía no deserto, mas não era do deserto (Êx 16.35); Cristo, estava no mundo, mas não era do mundo (Jo 17.16). "No sul da Argélia, em 1932, depois de condições atmosférica incomuns "houve precipitações de uma matéria esbranquiçada, sem cheiro, sem gosto, de espécie farinácea, que cobria as tendas e a vegetação cada manhã. Também em 1932, uma substância branca como maná cobriu certa manhã uma área de terreno de 640m x 20m, numa fazenda e em Natal (Zuzulandia: África do Sul) e

foi comida pelos nativos. Porém, nada disso foi o maná "escondido": "Man um" (heb. Que é isto? Êx 16.15). Mas Cristo, nosso Senhor, nos dará a comer o verdadeiro "pão do céu" (cf. Jo 6.32).

1. Uma pedra branca. Relativamente a esta "pedra branca" do texto em foco, há muitas opiniões e formas de interpretações:

(a) Conferia-se a pedra branca a um homem que sofrera processo e era absolvido. E como prova, levava, então, consigo a pedra para provar que não cometera o crime que se lhe imputara. "Assim, a "pedrinha branca" alude a uma antiga prática judicial da época de João: quando o juiz condenava a alguém, dava-lhe uma pedrinha preta, com o termo da sentença nela escrito; e, quando impronunciava alguém, dava-lhe uma pedrinha branca, com o termo da justificação nela inscrito". É evidente que a aplicação em foco, e as que se seguem, deve haver alusão a uma delas! A promessa deve referir-se a coisa que os cristãos de Pérgamo compreendiam muito bem.

(b) Era também concedida ao escravo liberto e que agora se tornara cidadão da província. Levava a pedra consigo para provar diante dos anciãos sua cidadania.

(c) Era conferida também a vencedor de corridas e de lutas, como prova de haver vencido seu opositor. Sempre que este competidor conseguia ouvia-se dizer: "correu de tal maneira que o alcançou" (cf. 1Co 9.24b). Isto podia significar tanto uma "coroa de louro" ou uma pedrinha branca".

(d) A pedra da amizade: Dois amigos poderiam, como sinal de amizade, partir uma pedra branca pelo meio, e cada um ficava com a metade. Ao se encontrarem, a pedra era refeita, e a amizade continuaria.

(e) Também era conferida ao guerreiro, quando de volta da batalha e da vitória sobre o inimigo. Esta forma de interpretar o texto, se coaduna bem a tese principal. Nesta passagem, a pedra branca será entregue ao "Vencedor" do inimigo de Deus e dos homens: o diabo (12.11).

2. Um novo nome. "Longe de ser simples etiqueta, pura descrição externa, o nome em toda a extensão das Escrituras tem profundo significado... ele exprime a realidade profunda do ser que o carrega. Por isso a criação só está completa no momento em que é colocado o nome (cf. Gn 2.19). Por outro lado, Deus é "Javé", isto é, "Ele é", pois sua realidade é de ser eternamente (Êx 3.13 e ss). Por todas estas razões, eliminar o nome é suprimir a existência (cf. 1Sm 24.22; 2Rs 14.27; Jó 18.17; Sl 83.5; Is 14.22; Sf 1). Do ponto de vista divino, o nome de Deus é o nome por excelência. Zc 14.9". No presente texto, a promessa de um novo nome é reafirmada, no capítulo 3.12 deste livro. Esse nome que a Igreja receberá da parte de Cristo, é sem dúvida, "um nome social". Isto, se dará, logo após a celebração nupcial nas bodas do Cordeiro. Esse nome conferirá a Noiva condição de "esposa, mulher do Cordeiro" (cf. Is 56.5; Jr 15.16; Ap 2.17; 3.12; 19.12). Não deve ser "Hephzibah" (meu regozijo está nela); nem "Beulah" (ou casada). Is 62.4. Esse é o de Sião. Essa pedra terá seu valor aumentado com a inscrição misteriosa! Só uma coisa é certa: esse novo nome é uma grande bênção de Deus! (cf. Gn 12.2 e 17.5).

QUARTA CARTA: A IGREJA DE TIATIRA

18. **“E ao anjo da igreja de Tiatira escreve: Isto diz o Filho de Deus, que tem seus olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao latão reluzente”.**

I. “...Ao anjo da igreja”. Não temos notícia acurada sobre quem foi este “anjo” (pastor), a não ser aquilo que se depreende do presente texto. Lídia, vendedora de púrpura, e convertida por Paulo, era dessa cidade (At 16.14). Da conversão de Lídia, que se deu provavelmente no ano 53 d. C. à carta dedicada ao anjo da “igreja de Tiatira”: em 96 d. C., corre um lapso de tempo de 33 anos. Podemos deduzir, ainda que improvável terem sido Lídia e seu esposo, os grandes instrumentos usados por Deus, par o início de formação daquela igreja: talvez um de seus filhos seja o “anjo” (pastor) do texto em foco (cf. At 16.15).

1. TIATIRA. O nome significa “Sacrifício de trabalho”. **Situação Geográfica:** A cidade de Tiatira se encrava no pequeno Continente da Ásia Menor. “No fértil vale do rio Lico, acerca de 59 quilômetros a sudeste de Pérgamo, na estrada que ia para Sardes, ficava a pequena mas crescente e rica Tiatira, colônia macedônica, fundada por Alexandre Magno, depois da destruição do Império Persa. Na literatura secular, são encontradas muitas alusões ao comércio de tecidos de púrpura manufaturados em Tiatira, dos quais Lídia era vendedora. Esta carta, à então próspera igreja, foi mais longa em conteúdo de todas as cartas do Apocalipse. Maior, porém, é a mensagem nela contida e também das mais severas”.

19. **“Eu conheço as tuas obras, e a tua caridade, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras”.**

I. “...As tuas obras”. Quando à conduta das igrejas, Cristo primeiro menciona Aquilo que pode elogiar. “Sei quais são as tuas obras” – diz Ele. Tais obras são mencionadas onze vezes neste livro. O leitor deve observar o contraste entre as “obras” da igreja de Éfeso (2.5), e as “obras” da igreja de Tiatira: enquanto naquela as “últimas obras eram menores que as primeiras”, nesta pelo contrário; as “últimas obras são mais do que as primeiras”. O substantivo grego, que nossas versões do Novo Testamento traduzem por “obras”, com maior precisão que a palavra portuguesa comporta duas acepções: o resultado de uma atividade (sentido habitual do termo em português); e também: a atividade em si mesma (significado que, aliás, sob a influência do latim teológico, passou para o português), limitando-se às atividades morais. No presente texto: são obras de caridade feitas em favor de Cristo, durante essa dispensação da graça (Ap 22.12).

1. A tua caridade. (Amor). O Senhor Jesus também louvou esta igreja (usamos aqui uma metonímia: figura que consiste em tomar a parte pelo todo e vice-versa; o geral pelo particular e o particular pelo geral) pelo seu amor. A palavra “amor” encontra-se em toda a extensão da Bíblia, que descreve o seu caráter multiforme:

(a) “Há o amor de Deus, isto é, o amor de Deus tem dispensado pelos homens. Essa é a fonte de todo amor, o que é comentado em (Jo 3.16 e ss), como poemas ilustrativos, relacionando-se como um supremo sacrifício.

(b) Há o amor de Cristo cuja natureza é igual a do amor de Deus, e que comentado em (2Co 5.14). Trata-se de uma força que nos constrange, que também nos leva a amar e a servir ao próximo, em honra ao Senhor. Esse foi o amor que motivou a expiação e a missão terrena, em geral, de Cristo.

(c) Há o amor do homem a Deus e a Jesus Cristo. Essa modalidade pode ser expressa diretamente, mediante a subida mística da alma, em fazer tanto o bem a Deus como ao próximo.

(d) Há o amor próprio (cf. Mt 22.39 e Ef 5.29). Trata-se de uma condição patológica em que um indivíduo tudo faz ou realiza só em torno de si mesmo, visando ao seu próprio conforto. Ele torna-se por natureza um “amante de si mesmo” (2Tm 3.2 e ss).

(e) Há também o amor de um ser humano por outro, ou pela humanidade. É a transferência dos cuidados que temos por nós mesmos para nossos semelhantes”.

20. **“Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetisa. Ensinar e enganar os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria”.**

I. “...Jezabel”. a palavra “Jezabel” significa: “Montão de lixo”. Na opinião de alguns eruditos: “Casta”. Aparece pela primeira vez nas Escrituras como pessoal de uma princesa. Ela tinha crescido em Tiro, na cidade portuária fenícia. Seu pai, rei Etbaal, era também sacerdote de Astarote e sacrificava a Baal (1 RS 16.31) e, por conseguinte, tornou-se esposa de Acabe, rei de Israel. Esta ferina rainha tombou morta no vale de Armagedom (2 Rs 9.15, 16, 30, 37).

1. Mulher que se diz profetisa. Há muitas opiniões a respeito da “audaciosa mulher” da igreja de Tiatira; alguns até já defenderam tratar-se de uma “doutrina”, ou mesmo de uma “religião” e não de uma pessoa. A Jezabel do Antigo Testamento, é citada como o protótipo de pecado. A Jezabel do presente texto, trata-se de uma pessoa e não apenas uma figura ou personificação do mal. A passagem fala claramente de uma pessoa, pelo uso do pronome (“ela”). V.22. “No inglês, o pronome é her” usado somente para pessoa. Deve-se ter isto em mente para compreensão do significado do pensamento, pois em português, “ela” é usado tanto para pessoas, animais ou coisas”. Em alguns manuscritos antigos é acrescentado a palavra grega “SOU” (isto é tua), antes da palavra “mulher” ficando assim o texto na sua íntegra: “Mas tenho contra ti (pastor) que toleras Jezabel, (tua mulher?) que se diz profetisa”. O Dr. Carroll, op. Cit., vol. Sobre o Apocalipse, aceita esta posição: “Tratava-se da mulher do pastor, por parecer no original a palavra “y u v n”, que pode significar esposa; isto se dá muitas vezes em o Novo Testamento”. Não sabemos se isso é o verdadeiro sentido do presente texto, mas pode ser (cf. 1 Rs 21.25): As Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe.

21. **“E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu”.**

I. “...da sua prostituição”. Tratava-se tanto de prática imorais pessoais, como parte do culto da seita gnóstica. Era algo tanto espiritual como físico. No campo histórico da Igreja da Idade Média teve grande semelhança com a igreja de Tiatira. “Foi nesta época que uma cópia do paganismo de Tiatira foi introduzido na igreja e sobre tudo, no campo comercial, sob a forma de imagens, em profusão, surgido por uma forte representação feminina pela introdução do culto de Maria, a mariolatria e com o desvirtuamento do merecido respeito e admiração à pessoa da virtuosa mãe de Jesus. Maria passou a ser co-redentora. Cristo deixou, também, de ser único Mediador entre Deus e os homens”, no pensamento deles. Outrossim, aquela gente “resolveu” na sua vontade que não se arrependeria. O grego subentende o exercício deliberado da vontade “Cintra” o arrependimento, e não a seu favor.

22. **“Eis que porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras”.**

I. “Eis que a porei numa cama”. O comentador Charles declara que as expressões: “cama e tribulação” nesta passagem expressam a mesma idéia. Além disso, supõe que porei numa cama equivale no grego hodierno a “infligir uma enfermidade” (cf. Êx 21.18), e que aquela primeira expressão é o hebraico especificado por trás do grego. Jezabel teve como paga de seu engano e prostituição “um leito de pestilência”. O resultado de tudo isso foi a morte (Rm 6.23). A ameaça de Deus é terrível, porém corresponde à enormidade do pecado de Jezabel e seus adeptos. Alguns teólogos acham que, a expressão “...ferirei de morte” a seus filhos vista no versículo 23, quer dizer: “ferirei da segunda morte: o lago de fogo”. Não eram filhos de Deus mas da semente iníqua, gerada do engano e como tais, estavam candidatos tanto a primeira como a segunda. Seja como for, o pecado tem consigo a pena aqui e na eternidade!.

23. **“E ferirei de morte a seus filhos, e todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda os rins e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras.”**

I. “...os rins e os corações. O Salmista Davi cerca de 1.000 a.C. orava da seguinte forma: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração...” (cf. sl 139.23a), e o Apóstolo Paulo declara: “...aquele que examina os corações sabe...” (Rm 8.27).

1. Analisemos dois pontos focais no presente versículo: (a) Os rins (b) Os corações:

(aa) Os rins. A palavra grega “nephros”, é traduzido por “rins” em nossas versões. Os hebreus e até escritores sagrados pensavam que os “rins” seriam a sede das emoções e dos

afetos (Jr 12.2). No presente texto, denota também, uma sondagem cuidadosa, da idéia de seguir os passos, com a ação resultante, causada por aquilo que foi descoberto. Mui provavelmente, nela envolve a memória do que diz Jeremias 11.20 onde Deus é visto como aquilo que testa (determina a natureza verdadeira), o coração e a mente do seu povo. Numa figura de retórica, isso demonstra, que os juízos que se seguirão, pois, serão justos e completos, em nada falhos, porquanto repousam sobre total discernimento e informação.

(bb) Os corações. Quanto a isso, analisemos aqui, dois pontos de suma importância:

(aaa) Tanto as Escrituras, como a própria ciência, dizem que o coração é o centro de uma coisa. O vocábulo ocorre por 820 vezes na Bíblia. Vem de uma raiz hebraica: "l~ebh ou l~ebhabh", sendo bem possível, que a raiz do termo hebraico, que é obscuro, signifique "centro". O termo denota vários significado e aplicações: Às vezes é apenas um órgão físico do corpo humano. As referências ao órgão físico assim chamado são poucas e de modo algum especificadas. Dentre as mais claras é a de (1 Sm 25.37). "Pesa em média apenas 250 gramas e não é maior que o punho fechado de seu possuidor. Bate cem mil vezes por dia e, no espaço de uma vida, é capaz de bombear sangue suficiente para encher 13 milhões de barris. O homem ainda não criou uma máquina mais perfeita que o coração...

(bbb) No contexto teólogo, pode também significar a mente (Êx 35.35 e Dt 29.4). O Dr. Wheeler Robinson oferece a seguinte e ótima classificação dos vários sentidos em que podem ser usadas as palavras hebraicas "l~ebh e l~ebhãbn". Ad. A: físico ou figurado ("meio", 29 vezes). Dependendo do contexto que se depreende das Escrituras: Ad. B: Personalidade, vida íntima, ou caráter geral (257 vezes; exemplos: Êx 9.14 e 1Sm 16.7; comparado a Gn 20.5): Ad. c. Estados emotivos de consciência, encontrados em grande GAMA de variedade (166 vezes); intoxicação (1Sm 25.36); alegria ou tristeza (cf. Gn 42.28); amor (2Sm 14.1, etc): Ad. d: Atividades intelectual (204 vezes); atenção (Êx 7.23); entendimento (1Rs 3.9); habilidade técnica-sábio de coração (Êx 28.3): Ad. e: Volição ou propósito (195 vezes; 1Sm 2.35), sendo esses um dos empregos mais característicos do termo no Antigo Testamento. "Mente" é, talvez, o mais próximo tempo moderno daquilo que no uso bíblico é denominado "coração". No presente texto do Apocalipse, o termo é usado para significar: "a natureza suprema do homem" (sinônimo de espírito ou da alma).

24. **"Mas eu vos digo, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei".**

I. "...As profundezas de Satanás". Os mestres gnósticos atribuíram à sua doutrina o caráter de "profundidade", e a "mulher Jezabel" invocava para sua doutrina o mesmo sentido. De acordo com a expressão "profetisa" encontrada no versículo vigésimo deste capítulo, esta senhora, Jezabel, era portadora de uma "teomania aguda": espécie de loucura, em que o doente se julga Deus ou por ele inspirado.

1. Na igreja de Tiatira existia dois grupos distintos: (a) Os cristãos verdadeiros; (b) Os que se gloriavam de conhecer "as profundezas de Satanás". Paulo encontrou quatro grupos na igreja de Corinto. Porém é evidente que aqueles eram crentes em Jesus; o grupo de Jezabel não (cf. 1Co 1.12). Ad. a: Os legalistas: o herói deles era Pedro: Ad. b: Os

intelectuais e filósofos: o herói deles era Apolo. Ad. c: Os liberais: o herói deles era Paulo. Ad. d: Os cristãos: o herói deles era Cristo (1Co 1.12; 3.4 e ss). Os diversos grupos mencionados neste versículo, podem ser também visto assim: Ad. aa: O partido judaizante (os seguidores de Pedro). Ad. bb: O partido dos intelectuais: (os seguidores de Apolo). Ad. cc: O partido da liberdade (os seguidores de Paulo). Ad. dd: O partido dos exclusivistas (aqueles que diziam: "sou de Cristo").

25. **"Mas o que tendes retende-o até que eu venha".**

I. "...O que tendes retende-o". esta expressão "retende-o" vem do verbo "reter", e tem no original, o sentido de "guardar", "conservar", etc. Deve ser aplicado no sentido de "guardar" aquilo que é precioso como: A palavra de Deus. Sl 119.11; Os mandamentos da lei divina. Mt. 19.17; A fé. 2 Tm 4.8, etc. Note muito bem, este versículo, voltemos a ele. É o que diz a senhora M. S. Novah: Deste versículo, aparentemente sem comentário podemos dizer que nos prova a veracidade de que as cartas não foram escritas somente para os crentes do tempo de João, o Apóstolo; pois aqueles fiéis, há muito, que já morreram e o versículo 25 diz: "O que tendes retende-o ATÉ que eu venha". É o divino convite. É o apelo de Cristo. As últimas cartas do Apocalipse (dentre um total de sete), todas possuem características da Igreja cristã dos "últimos tempos"; portanto, todas elas, de alguma maneira, lançam olhos para o fim de nossa era, ou seja, para a vinda de Jesus (1 Ts 4.13-17).

26. **"E ao que vencer, e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações".**

I. "...poder sobre as nações". O texto em foco, lembra-nos o Salmo segundo onde lemos: "Pede-me, e eu darei as nações por herança, e os fins da terra por tua possessão" (v. 8). Essa é uma promessa relativa ao Milênio, estando associada a Ap 2.4, 6. O reino que foi rejeitado pelos judeus, ainda será realizado e será inaugurado quando da segunda vinda (parousia) de Cristo. A promessa é que o crente, terá posição de poder naquele reino: os mansos herdarão a terra. As "obras" mencionadas neste versículo são obras de Cristo e não as nossas, porquanto, o crente, as cumpre em seu nome, mediante o impulso dado por Ele. As "obras" de Cristo fazem contraste com as "obras" de Jezabel, aludidas no versículo 22 deste capítulo. As dela, são repugnantes; as de Cristo, são desejadas!.

27. **"E com vara de ferro as regerá: e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de meu Pai".**

I. "...e serão quebradas como vasos...". O presente versículo fala do governo milenial de Cristo sobre a terra (Ap 20.1 e ss), quando as nações serão "regidas com vara de ferro". Isso não quer dizer um reino ou governo de extrema "dureza", mas, sim, um

método inquebrantável (Sl 2.8-9; Ap 12.5). Naturalmente, o texto não limita esse governo aos mártires, embora, em outros contextos, estejam eles especialmente em mira, por terem sido mortos pelo Anticristo, cuja vitória será total e completamente revertida. O fato de os mártires retornarem para governar a terra onde foram tratados com o opróbrio, é a reversão dos crimes do Anticristo, o homem do pecado (2Ts 2.3; Ap 20.4). A interpretação geral, neste versículo, é que segundo as promessas de Cristo, que este poder "sobre as nações" será extensivo aos mártires e aos santos de todos os tempos: a garantia é para "o que vencer" (cf. 2.7, 11, 17, 26; 3.5, 12, 21).

28. **"E dar-lhe-ei a estrela da manhã".**

I. '...a estrela da manhã". Para os ímpios: Jesus é a "luz do mundo" (Jo 1.9; 8.12); para Israel: Ele é "O Sol da Justiça" (Ml 4.2); para sua Igreja: Ele é "a resplandecente Estrela da Manhã" (Ap 22.16). Seja como for, Cristo é "tudo em todos". Este será um títulos que trará o Filho de Deus no dia de sua vinda para o arrebatamento. Em Ap 22.16, o próprio Cristo é identificado como "A resplandecente estrela da manhã". Não pode haver dúvida razoável, pois, que Ele também é aquela figura central. Para os antigos povos, a estrela da tarde (ou vespertina) simbolizava a morte, mas a estrela da manhã simbolizava a vida que é o próprio Cristo. Ao vencedor, Jesus promete dar-lhe a estrela da manhã. Isto é, Ele mesmo! Nos Evangelhos ele deu-se por todos os pecadores. Agora Ele promete dar-se novamente, porém apenas ao vencedor!. Essas palavras de Cristo, têm seu fundo histórico nas palavras de Dn 12.3, onde diz que os próprios justos ...refulgirão como as estrelas...". O sentido é que os crentes entrarão na glória celeste e serão glorificados com o resplendor do mundo vindouro de Deus (1 Jo 3.2, etc).

29. **"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".**

I. **"...o que o Espírito diz...".** O leitor deve observar que essa é uma expressão que figura em todas as cartas do Apocalipse, chamando a atenção dos leitores para a solene necessidade de darem atenção às palavras inseridas neste livro. "A mulher Jezabel e seus filhos prosseguirão tal como são, mas o "resto", o remanescente, ouvirá" (newll). Cristo, e que seja ela uma influência poderosa o nosso coração e sobre a nossa vida". Possuímos discernimento "espiritual" e a sensibilidade necessária para "dar ouvidos" ao que foi dito? "...se ouvirdes hoje a sua voz (como diz o Espírito Santo), não endureçais os vossos corações" (Hb 3.7-8). Esses são os "ouvidos" de que precisamos. Se os temos, então, que os usemos!!!.

II.

Capítulo III

QUINTA CARTA: À IGREJA DE SARDES

1. **“E AO ANJO da igreja que está em Sardes escreve: isto diz o que tem os sete Espíritos de Deus, e as sete estrelas: Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto”.**

I. “...Ao anjo da igreja”. Nada se sabe acerca desse anjo (pastor) da igreja de Sardes, exceto aquilo que poderia ser depreendido do presente texto. Pelo uso da expressão: “tens nome de que vives” dá a entender sua grande popularidade. A História Eclesiástica menciona um “anjo” muito famoso dessa igreja, mas sua estada ali se seu no século II, e não no primeiro; seu nome era Melito. Melito, o Bispo de Sardes, do século II d.C., é mencionado três vezes na “História Eclesiástica” de Eusébio. Melito escreveu uma apologia, dirigida ao imperador romano, em defesa da fé cristã. Ele foi um crente intenso, dotado de grande poder e autoridade na sua geração.

1. SARDES. O nome significa em grego “príncipe de gozo”. **Situação Geográfica:** encrava-se no pequeno Continente da Ásia Menor. Era essa a capital do antigo reino da Lídia. Originalmente Sardes fora uma fortaleza poderosa, mas Ciro, rei da Pérsia, derrotou esta cidade e outras das redondezas, no ano de (549 a. C.). Essa cidade passou às mãos de Antíoco, o Grande, “Ali, por ocasião em que essa carta estava sendo escrita, achava-se essa Igreja em uma situação espiritual extremamente melindrosa. O processo de declínio de seu pastor fora tão sutil que, na realidade, nem fora observado”. Dois gêneros de mortes estavam rondando este “anjo”: (a) a morte moral (b) a morte espiritual. (Cf. Gn 20.3 e Ef 2.1). Ele se encontrava duplamente morto (cf. Jd v. 12). A igreja é representada pelo seu pastor, mas também é repreendida por Cristo através do mesmo. Ela é repreendida por viver em situação contraditória: a vitalidade exterior disfarça morte espiritual interior. É uma situação de limite, da qual ela se recuperará mediante “uma lembrança” do que tem recebido e ouvido da parte do Senhor, que diz: “Lembra-te pois do que tens recebido e ouvido, e guarda-o!”.

2. **“SÊ vigilante, e confirma os restantes, que estava para morrer; porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus”.**

I. “...confirma os restante”. Embora o pastor de Sardes estivesse sendo classificado como “mortos” a vista de Deus, esta dupla ordem de Jesus Cristo nos deixa entrever que ainda, na sua vontade, Ele tenta um derradeiro esforço para salvar o restante. Porém, a parte da pregação, deveria fazê-la o pastor. É óbvio, diz M. S. Novah que alguns havia na igreja que ainda tinham um pouco de vida espiritual. Daí Jesus haver dito: “...confirma os restantes, que estavam para morrer”. A recomendação de Cristo é urgente, e ordena livrar “os que estão destinados à morte”. A expressão “confirma” depreendida do texto em foco, não significa: confirma sua morte, mas, confirma sua fé (cf. At 14.22). O Dr. R. Norman observa que aquela igreja já não estava inteiramente destituída do bem, da vida e da esperança. O que era bom precisava ser melhorado. Ela tinha que ouvi o grito: “Torna-te desperto, e põe-te a vigiar” (Vincent, in loc). Essa é uma tradução literal do que diz o grego (Ef 5.14). O sono deles era um sono letal, a menos que se despertassem.

3. **“Lembra-te pois do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei”.**

I. “...Virei sobre ti como um ladrão”. O leitor deve observar com atenção a frase, “como” antecipando as palavras “um ladrão”.

1. O Dr. Russell Norman Champrin, Ph, D. Grande expoente do Apocalipse, diz que essa frase tem as seguintes significações: (a) De maneira inesperada; (b) Como um laço tristonho para os que não estiverem preparados; (c) Sem nenhuma oportunidade de aviso prévio. As Escrituras que falam da Vinda (Parousia) de Cristo, como um ladrão, são: *Mt 24.53; Lc 12.38; 1Ts 5.2, 4; Ap 3.3; 16.15). A expressão: “como um ladrão de noite” em (2Pd 3.10), não se aplica à segunda Vinda de Cristo, mas ao “dia do Juízo Final”, e expurgação de céus e terra. A palavra “ladrão”, com esse sentido, no grego hodierno é Kleptós, indica alguém que normalmente não rouba com violência, mas que obtém sucesso com suas habilidades imprevisíveis, em contraste com outro vocábulo, “Lestes”, que significa “assaltante”, aquele que se apossa do alheio por meio da violência. (As próprias autoridades judiciais distinguem, entre o furto e o roubo). Segundo um exegeta, a frase empregada neste versículo, é “Hleptós”, e indica uma forma “invisível”, “inesperada”, de alguém, em direção de algo precioso, como por exemplo: “um tesouro” (Israel). Sl 135.4: “uma pérola” (a Igreja). Mt 13.44-46 e ss). Esse deva ser o significado do pensamento aqui e nos textos que se seguem.

4. **“Mas também tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram seus vestidos, e comigo andarão de branco; porquanto são dignos disso”.**

I. “...e comigo andarão de branco”. O branco é a cor da retidão, da pureza e inocência. Os sacerdotes acusados, mas justificados diante do Sinédrio {O Sinédrio. É o vocábulo grego synedrion (do qual o termo hebraico sanhedrin é uma palavra emprestada). No NT o termo se refere à suprema corte judaica composta de 70 membros e um presidente: O Sumo Sacerdote} eram vestidos com um manto branco como sinal de sua inocência. (Ver o que diz Judas V.23: “...aborrecendo até a roupa manchada da carne”). Esse “andar” referido no presente texto, é presente e escatológico, isto é, em companhia de Cristo em todos os tempos (cf. Ec 9.8). Durante toda História de Israel, Deus preservou para Sl um “remanescente”, e durante toda História da Igreja aqui na terra, o mesmo acontecerá. “O remanescente de Israel não cometerá iniqüidade, nem proferirá mentira, e na sua boa não se achará língua enganosa; Porque serão apascentados, deitar-se-ão, e não haverá quem os espante” (Sf 3.13). Verdade é que nem todos em Israel e na Igreja, andariam de branco com Jesus, mas “alguns”. É esta reserva moral que durante todos os períodos de apostasia é louvado pelo Senhor (cf. 1Rs 19.18; Is 1.9; Ez capítulo 9; Rm capítulo 11). Àqueles que não “contaminaram seus vestidos”, Jesus os chamou de

"dignos". Este elogio parece único nas sete Igrejas da Ásia Menor; e só foi dito às pessoas fiéis da igreja de Sardes, pois todo o restante dela estava morto.

5. **"O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhum riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos".**

I. "...Livro da Vida". Referências bíblicas ao "Livro da Vida" se acham em (Êx 32.33; Sl 69.28; Dn 12.1; Fl 4.3. Também se pode comparar isso com trechos como Lucas 10.20 e Hebreus 12.23). Passagens similares sobre o mesmo assunto podem ser vistas em (Dn 7.10; Ap 13.8 e 20.12, 15). Há referências nos escritos pagãos às idéias contidas neste versículo. Dentro da astrologia babilônica, poderíamos considerar o próprio Zodíaco como o livro ou tabletes sobre os quais eram escritos a vontade divina e o destino humano.

1. E confessarei o seu nome. A presente passagem lembra o que disse Jesus a seus discípulos: "Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus" (Mt 10.32). Isto é, "testificar que pertence a Mim". No final das contas, o discipulado secreto é impossível, pois depois da Morte de Cristo, não é mais aceito essa maneira de proceder (Jo 19.38). No contexto de Mateus 10.34 e 39, esta confissão pública de fé em Cristo acarreta divisões e conflitos, primeiramente na vida da família, depois do mundo.

6. **"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".**

I. "...Quem tem ouvidos". A presente recomendação da parte de Cristo é feita também nos Evangelhos (Mateus e Marcos), sobre a forma: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mt 13.9, 43 e Mc 4.23, etc). No texto em foco, a recomendação é feita a todas as igrejas, e se repete nos capítulos 2 e 3 por sete vezes (2.7, 11, 17, 29; 3.6, 13, 22). Os "ouvidos" de um homem são a sua sensibilidade espiritual, e o seu "ouvir" é o uso dos meios espirituais que produzem mudanças em seu íntimo, conforme se vê exigido nas advertências e promessas anteriores. A expressão, no dizer de Vincent: "...é usada sempre acerca de verdades radicais, grandes princípios básicos e grandes promessas". As sete cartas deveriam ser "lidas" nas igrejas (Ap 1.3). Poucas pessoas poderiam "lê-las" pessoalmente, mas todos poderiam "ouvir" a leitura dessas instruções. "O ouvido que ouve! Um dos mais solenes estudos da Bíblia inteira é aquele concernente ao "ouvido que ouve" (Alford, in loc).

SEXTA CARTA: À IGREJA DE FILADÉLFIA

7. **"E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre".**

I. "...Ao anjo da igreja". Nada se sabe de certo sobre a biografia desse "anjo" (pastor), a não ser aquilo que é depreendido do texto em foco. Pelos textos e contextos que seguem a vida de Paulo, podíamos pensar num dos companheiros deste Apóstolo (Silas?): A posição geográfica não ajuda nesta interpretação; porém, na posição geográfica concentrada, favorece ao "amado Gaio": terá sido ele? (2 Jo v.1, 7, 8).

1. FILADÉLFIA. O nome significa "amor fraternal", estando aqui neste apelativo o sétimo e último uso desse termo, no Novo Testamento (cf. Rm 14.10; 1Ts 4.9; Hb 13.1, 22 e 2Pd 1.7: sete último por duas vezes). Situação Geográfica: Filadélfia era uma cidade da província romana da Ásia Menor. Em 150 a.C. Atilo II, Filadelfo fundou, no vale Cógamo, no sopé do Monte Tmolo, mas ou menos 122 quilômetros de Esmirna, a cidade de Filadélfia (amor fraternal) em homenagem a seu irmão Eumênes II, que o precedeu no trono, afim de assinalar a grande amizade que os ligava". Há um fato notável sobre essa igreja, até em sua posição geográfica: observemos no ponto seguinte:

2. A estrada, que de Éfeso ia para leste, tinha uma concorrente, aquela que, vindo do porto de Esmirna, passava por Filadélfia, e, através da Frigia, dirigia-se para o grande planalto Central. Filadélfia, se observarmos bem, ficava na rota da estrada do correio imperial que vinha de Roma e atravessava o porto de Trôade, seguindo para Pérgamo, Sardes, Antioquia (capital da Psídia), depois de atravessar outras regiões, essa via alcançava a Antioquia (capital da Síria), e finalmente, costeando, alcançava Jerusalém. Eis uma das razoes porque o Senhor disse: "Eis que diante de ti pus uma porta aberta" (v. 8). Em todas as carta dirigidas as sete igreja da Ásia Menor, o Senhor faz uma pequena apresentação de SI mesmo e depois fala. Na igreja de Filadélfia Ele se apresenta como "O Santo". O Filho de Deus se identifica assim com a natureza do Pai, que é Santo no sentido tríplice: (Cf. Is 6.3). A seguir, vem aquele que é "verdadeiro" (2Cr 15.3; Jó 17.31); Depois, vem o Filho que é "Fiel e Verdadeiro" (Ap 19.11). "Ele tem a chave de Davi", "que abre" (presente) "e ninguém fecha" (futuro) "e fecha" (presente) "e ninguém abre". Agora verbo presente, ao invés do futuro, para expressar a certeza da irrevogabilidade: "E ninguém abre". Ninguém mesmo!".

8. **"Eu sei as tuas obras: eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar: tendo pouca força, guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome".**

I. "...Uma porta aberta". Literalmente falando, "a porta aberta diante" da igreja de Filadélfia, aponto para sua posição geográfica na rota que ligava Jerusalém a capital do império, Roma. Profeticamente, porém refere-se à era missionária da Igreja, que começou nos fins do século XVIII e que chega até nossos próprios dias. "John Gil, escreveu pouco antes do começo dessa era, considerando a sua própria época como era da igreja de Sardes. Predisse ele que a era da igreja de Filadélfia seria uma espécie de reino espiritual de Cristo, com a renovação do amor e do evangelismo. Por isso, conjeturou ele: "Essa porta aberta talvez ofereça uma oportunidade incomum para a pregação do evangelho; uma grande liberdade de seus pregadores e grande atenção por parte dos ouvintes, cujos

corações serão abertos para observar, receber e abraçar ao evangelho; além de grande colheita de almas para Cristo e suas igrejas". O poder espiritual que essa igreja, era fraco, em comparação com Pentecoste. O Senhor, entretanto, em nada os condenou. Mostrou,porém, que o segredo de guardar a sua palavra, era o amor: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra..." (Jo 14.23).

1. "Todos os viajantes vindos de Roma e todos os de Esmirna que se dirigiam ao coração da Ásia Menor Apocalíptica passavam em Filadélfia. A passagem quase obrigatória desses viajantes por Filadélfia representava, para a igreja, uma "porta aberta diante de SI", para evangelização e testemunho. Por ela, podiam ser alcançados até viajantes de longínquas regiões e cidades...".

9. **"Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem: eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo".**

I. "...Sinagoga de Satanás". A presente expressão, ocorre aqui e em (2.9): nas igrejas de Esmirna e Filadélfia respectivamente. E basta confrontar essas igrejas a luz do contexto e verificar que, são as únicas no Apocalipse que não receberam: repreensão do Senhor Jesus.

1. O vocábulo "sinagoga" só ocorre uma vez no AT (Sl 74.8 LXX), onde aparece como tradução de "mô'~edh". No Novo Testamento o termo grego "synagog~e" é usado cerca de cinqüenta e seis vezes. Porém, sempre com sentido literal (Lc 4.16, 20, 28, 33; 7.5 e 8). No livro de Atos dos Apóstolos há muitas referências ali sobre "sinagogas". As sinagogas tiveram sua origem durante o cativeiro de Israel no império babilônico. Pensa-se que nos dias de Jesus na terra havia mais de 500 sinagogas em Jerusalém. Nas igrejas de Esmirna e Filadélfia, os gnósticos tinham fundado duas sinagogas. No dizer dos tais gnósticos estas sinagogas eram o "lugar" do auge, de todo o saber (deles). Diante dos olhos divinos, elas foram e são classificadas: "de sinagogas de Satanás" (2.9 e 3.9). "Os chefes gnósticos, segundo se diz, degradavam a pessoa de Cristo e sua missão ; negavam também a possibilidade da encarnação do Verbo, Jesus, o filho eterno (fc. Jo 1.14); negavam a expiação pelo sangue de Cristo; tinham ainda um ponto de vista deísta relativamente a Deus; negavam o verdadeiro destino humano, ou seja, a participação final na natureza do Verbo (1 Jo 2.23). João, diz que, tais elementos são seguidores do Anticristo e, acrescenta: "qualquer" que negue o Filho ou a encarnação do Verbo, é mentiroso. Neste versículo, pelo menos, o termo usado em sentido lato e indefinido. "Qualquer" que negue a doutrina da encarnação do Verbo (humanidade) de Cristo tem a atitude do Anticristo. Os gnósticos, que se tinham deixado levar pela escravidão de Satanás, resolveram abandonar suas casas – e fundarem duas sinagogas na Ásia Menor: Uma Esmirna, e outra em Filadélfia.

10. **“Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra”.**

I. “...a hora da tentação”. A referência neste versículo sobre a “hora da tentação”, é um termo técnico para descrever o período sombrio da Grande Tribulação, que de um certo modo envolverá todo o mundo, e, na sua fase final, terá como alvo a cidade de Jerusalém e a terra Santa. As palavras: “eu te guardarei da hora da tentação” indicam que a Igreja não passará pela Grande Tribulação que perdurará sete anos. A Igreja desaparecerá silenciosamente antes, mediante o arrebatamento (1Ts 4.13-17). Depois, a Grande Tribulação virá, para “tentar” os que habitam na terra. Este “por à prova” é também traduzido por “experimentar” e por “tentar”; este último, como sinônimo de experimentar, pois “Ninguém, ao ser tentado, diga: Suo tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta”. Parece-nos mais aceitável o “por à prova”, porque a Tribulação virá não só como castigo especificamente, mas também para, através dele, levar os homens a tomar decisões espirituais (cf. Ap 11.13b). E todos, não resta a menor dúvida, se decidirão por Cristo ou pelo Anticristo, que sem dúvida, dominará o mundo dos ímpios. No texto em foco, foi prometida isenção da prova especial, a qual significa livramento da Grande Tribulação. A palavra (“da”) significa “para fora de” e em si traz a idéia de ser guardado da tribulação (não meramente conservado através dela, como alguns asseveram).

11. **“Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa”.**

I. “...para que ninguém tome a tua coroa”. Segundo os Anais da História grega, na Grécia antiga, em Olímpia, no Peloponeso, de quatro em quatro anos, se realizavam os jogos olímpicos desde o ano 776 a.C. Aos vencedores se outorgava uma coroa – a coroa da vitória – formada de folhas de louro entrelaçadas. Paulo se serve freqüentemente de figuras dessas competições, principalmente quando escrevendo a Timóteo, que, por ser filho de pai grego (At 16.1) e de conhecer a Grécia (At 17.15; 18.5) devia estar familiarizado com elas. Em (2Tm 2.5), lemos: “...se alguém milita, não é coroado se não militar legitimamente”. E ainda em (2Tm 4.7 e 8), diz: “Combati o bom combate, acabei a careira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda”. Esta é uma mensagem de encorajamento e consolação aos fiéis, mas (também) é uma palavra de advertência aos hesitantes, aos quais é dito que se tornem constantes, e sempre abundantes na obra do Senhor que se tornem constantes, e sempre abundantes na obra do Senhor (cf. 1Co 15.58).

12. **“A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o novo nome”.**

I. “...Coluna no Templo do meu Deus”. A Igreja do Senhor, já na presente era é a “Coluna e firmeza da verdade” (cf. 1Tm 3.15b), e o que ela representa na atualidade, será, sem dúvida alguma na eternidade. As duas colunas do Templo de Salomão postas no pórtico eram chamadas Jaquim, que significa “Ele estabelecerá”, e Boás, que significa “Nele há força”. As colunas são usadas como emblemas de força e durabilidade. “...Eis que te ponho hoje por cidade forte, e por coluna de ferro...” (cf. Jr 1.18). Claro está que “coluna no templo” é também uma figura de linguagem. Quando uma cidade sofre terremoto e cai, geralmente ficam em pé colunas de edifícios, porque a técnica de construção e os alicerces dessas colunas são reforçados. Filadélfia constatara isso várias vezes após terremotos sofridos. Daí a figura de expressão, aqui usada. Em realidade significa que os crentes de Filadélfia (e a Igreja Universal) haveriam de estar sempre na presença de Deus, pois Deus mesmo é o Templo da Jerusalém Celeste (cf. Ap 21.22).

1. O nome do meu Deus. Isso acontecerá para nos dar o direito de ser pronunciado ao mesmo tempo: “nosso Pai e nosso Deus”, pois nunca jamais durante sua missão terrena, Jesus é o Filho de Deus por Natureza; nós o somos por adoção (cf. Jo 1.12; Gl 4.5-7). Eis a razão da distinção feita por Jesus, em (Jo 20.17): “Meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”.

13. **“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”.**

I. “...Quem tem ouvidos, ouça”. A expressão da voz está no singular, mas a advertência para “todas” as igrejas (cf, 2.7, 11, 17, 29; 3.6, 13, e 22). Só não ouvem a “voz” divina os endurecidos (Hb 3.7); os tardios de coração. (Ver Is 6.10); os de olhos fechados (Rm 11.8), etc. Notemos que é o “...Espírito...” quem nos conclama a ouvir. A mensagem divina; as promessas são divinas; as advertências são divinas. Portanto, o imperativo é divino. “O Espírito Santo continua falando a todos os ouvidos abertos e a todos os corações bem dispostos, em todas essas admiráveis e solenes mensagens. Estaremos ouvindo, realmente?”. Lembremos da tão amável e solene mensagem do Mestre: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Mt 13.43). Esses são os ouvidos espirituais. Aquele que afirma possuir qualquer “receptividade” espiritual, deve exercer tal capacidade, dando ouvidos às promessas e advertências dessas cartas, passando a agir de acordo com as mesmas, não desviando seus ouvidos da verdade (ver. 2Tm 4.4), etc.

SÉTIMA CARTA; À IGREJA DE LAODICÉIA

14. **“E ao anjo da igreja que está em Laodicéia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus”.**

I. "...Ao anjo da Igreja". O leitor deve observar que em todas as igrejas, a mensagem inicia-se com a expressão: "...ao anjo da igreja", e concomitantemente, já estamos familiarizados com esses seres denominados de "anjos" (mensageiros), que no contexto divino são chamados de "estrelas" (cf. 1.20; 2.1, 8, 12, 18; 3.1, 7, 14). Podemos deduzir daquilo que é depreendido, de (Cl 4.12, 13), onde lemos: "Saúda-vos Epafras, que é dos vossos, servos de Cristo, combatendo sempre por vós em oração, para que vos conserveis firmes, perfeitos e consumados em toda a vontade de Deus. Pois eu lhe dou testemunho de que tem grande zelo por vós, e pelos que estão em Laodicéia...". Que Epafras, tenha sido pastor nesta igreja, é bem evidente, mas, não podemos afirmar que trinta anos depois, o mesmo ainda se encontrava ali.

1. LAODICÉIA. O nome significa "Laodice" (em alusão a Laodice esposa de Antíoco II). Outros, porém, vêm nessa palavra grega o significado de "poko", "juízo", ou "costume". Situação Geográfica: Laodicéia era uma cidade da província romana da Ásia Menor. A cidade recebeu este nome em alusão à esposa de Antíoco II (Theos), que tinha o nome de Laodice. "Já que Laodice era nome feminino, nos tempos do Novo Testamento, seis cidades receberam tal nome, no período helenista. Por essa razão, a Laodicéia do presente texto, era chamada de "Laodicéia do Lico", isto é, conforme asseverava Estrabão; 578", in loc. O trecho de Colossenses 4.13-16 mostra-nos que, nos tempos de Paulo (talvez em 64 d. C.), Laodicéia já contava com uma igreja organizada e próspera.

2. Isto diz o Amém. Como já ficou demonstrado em comentário anterior a este, o Senhor Jesus, quando se apresenta a cada igreja, primeira faz uma pequena introdução, depois prossegue. A palavra "Amém" veio sem tradução do hebraico para o grego e do grego para o português. Seu significa original traz a idéia de cuidar ou de edificar. O sentido derivado, que chegou até nós, traz a idéia de alguma coisa que é afirmada, ou confirmada positivamente; este é o seu sentido original. O termo é aplicado aqui à pessoa de Cristo, por ser Ele o sim de Deus em todas as promessas (cf. 2 Co 1.19-20). Neste livro do Apocalipse, o termo "Amém" envolve quatro usos distintos:

(a) O "amém" inicial, em que as palavras de quem fala são tomadas como palavras daquele que profere o "amém" (cf. Ap 5.14; 7.12; 19.4 e 22.20). Nas páginas do Antigo Testamento há instâncias desse uso em 1Rs 1.26; Jr 11.5 e 28.6, e ss.

(b) O "Amém" isolado, em que qualquer sentença suplementar fora eliminado. Talvez isso é o que se tem em Ap 5.14, ver ainda tal uso, igualmente, em Dt 27.15, 26 e Ne 5.13, e ss.

(c) O "Amém" final, proferido pelo próprio orador (ver Ap 1.6, 7) isso também se acha no Antigo Testamento, somente nas quatro divisões dos salmos, nos subtítulos, em Sl 41.14; 72.19; 78.52 e 106.48, e ss.

(d) O "Amém" personificado, isto é, Cristo (Ap 3.14), que talvez siga o mesmo, segundo se diz, fraseado de (Is 65.16), "o Deus do Amém" ou "o Deus da Verdade", conforme algumas traduções traduzem aquela passagem de Isaías.

15. **“Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: Oxalá foras frio ou quente!”.**

I. “...nem és frio nem quente”. “Somos informados que Laodicéia não tinha suprimento de água própria, mas que tinha de ser servida por um aqueduto. Nesse caso, a água chegava morna. Os laodicenses se assemelhavam à sua água. O simbolismo fala sobre a indiferença “religiosa”, sobre a superficialidade, sobre a falta de resolução” (cf. Hb 8.5 e 9.23).

1. Três coisas marcantes devem ser analisadas na carta a igreja de Laodicéia:

(a) O “tu és” da mornidão; (b) O “dizes” da autocomplacência (a igreja não tinha paixão nem emoção) e (c) O “és” da condenação infalível e terrível do Senhor. O Apóstolo Paulo, escrevendo aos colossenses cerca de 32 anos atrás, disse: “quero se saibais quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia...” Cl 2.1a. Ele observou que o quente ali estava ficando “morno”. Cerca de trinta e dois anos mais tarde, isso se concretizou. A mensagem à igreja de Laodicéia é a última às sete igrejas da Ásia Menor. Das sete cartas, é a mais triste, sendo o contrário da carta a Filadélfia. Enquanto Filadélfia não tem coisa alguma de censura, esta não tem qualquer coisa de aprovação. Laodicéia era totalmente desagradável ao Senhor, e isso não por causa de seus pecados (tais como os repreendidos em Pérgamo e Tiatira), mas por causa da sua apatia, seu indiferentismo. Deus quer que seus filhos sejam “fervorosos no espírito” (cf. Rm 12.11).

16. **“Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca”.**

I. “...és morno”. Em toda a extensão da Bíblia, a palavra “morno” é usada somente aqui. Três temperaturas são mencionadas neste versículo: “Frio”, “Quente” e “Morno”. Mas intermediária foi considerado por Jesus Cristo a pior de todas elas, pois expressa apatia espiritual”. Jesus predisse a primeira em (Mt 24.12); Paulo falou da terceira em (Rm 12.11), ver ainda (Sl 41.1 e At 18.25).

1. Vomitar-te-ei da minha boca. O estado de mornidão na criatura que aceita a Cristo e não o segue com sinceridade, é muito triste sob vários aspectos: (a) Fica “coxeando entre dois pensamentos...” (1Rs 18.21), à semelhança da “onda do mar”. Ver Tg 1.6; (b) “O seu coração está dividido...”. Ver Os 10.2a; (c) Ele serve ao Senhor: “...porém não com o coração inteiro”. Ver 2 Cr 25.2b; (d) “É um bolo que não foi virado”. Ver Os 7.8b. São eles, em nossos dias, os que querem servir a Deus e as riquezas (Mt 6.24), e por cuja razão ficam pendurados “entre o céu e a terra” como Absalão, o jovem ambicioso (cf. 2Sm 18.9). O resultado é ouvir do Senhor: “Vomitar-te-ei da minha boca”. O termo “vomitar” no grego é “emeo”, significa também “cuspir”. Desse termo é que deriva o vocábulo moderno: “emético”, um agente que causa vômito”. O organismo humano, não suporta substância morna; o Filho de Deus também não suportará crentes rotulados; só os que forem fiéis (cf. Hb 6.4-8). Laodicéia em suma representa a igreja “morna” que Jesus “vomitará” no dia do arrebatamento. (Como contexto demonstrativo: Mt 25.10-12).

17. **“Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu”.**

I. “...Rico sou”. O poder absoluto corrompe! Isto pode ser analisado tanto no campo secular como espiritual. Há criaturas que não se deixam mais admoestar; e vão a perdição (cf. Ec 4.13). A experiência do servo de Deus deve está aquém da direção divina, pois sem ela jamais atingiremos o alvo (ver. Jr 9.1-14). O pastor de Laodicéia dizia consigo mesmo (à semelhança do fariseu): “Rico sou” (Cf. Lc 18.11 e Ap 3.17).

1. Estou enriquecido. O orgulho cegou-lhe os olhos da alma. Isso serve de advertência para todos: o orgulho é pecado (Pv 21.4); mas dificilmente existe algo mais importante para o indivíduo carnal. Consideremos os pontos seguintes: (a) O orgulho é odioso para Cristo. Pv 8.13; (b) Origina-se na justiça própria. Lc 18.11; (c) Deriva da inexperiência espiritual. 1Tm 3.6; (d) Contamina o homem. Mt 7.20, 22; (e) Endurece a mente. Dn 5.20; (f) Impede a inquirição espiritual. Sl 10.4; (g) É uma das grandes características do diabo. 1 Tm 3.6, e também dos ímpios. Rm 1.30; (h) Impede o aprimoramento espiritual. Pv 26.12; (i) Os orgulhosos eventualmente serão humilhados por Deus. Is 2.12; (j) O orgulho espiritual, segundo Paulo tornar-se-á muito comum nos últimos dias (2Tm 3.2). O anjo dessa igreja, tinha todas essas características em grua supremo.

18. **“Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareças a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas”.**

I. “...unjas os teus olhos”. Transcrevemos aqui a oração feita por um justo para que Deus guardasse seus olhos da cegueira espiritual: “Põe colírio nos meus olhos, Senhor (Ap 3.18). Eles são maus; e porque são maus, expõem-me o corpo a trevas mui perigosas (Mt 6.23). Ajuda-me, ó Deus puro e santo, a erguê-los para Cristo Jesus, autor e consumador da fé (Hb 12.2); a pô-los na brancura virginal dos lírios (Mt 6.28); a elevá-los para os montes e depois olhar para o alto donde vem socorro (Sl 121.1). Não quero apenas ouvir-te a voz, Senhor, mas verte-te (Jó 42.5). E como te verei com estes olhos? Aponta-me o Siloé (Jo 9.7), em cujas águas possa remover o lodo restaurador dos meus olhos enfermos. Porque hei de prender, apavorado, meus olhos às forças desta vida, se, fitando o Senhor, possa caminhar sobre ondas revoltas sem perigo de naufragar (Mt 14.29). Que consolo há em saber que os teus olhos repousam sobre os justos (1 Pd 3.12)”. Se o pastor de Laodicéia tivesse feito essa oração, há muito que se teria arrependido. É sabido, segundo alguns historiadores que, em Laodicéia havia uma Escola de Medicina que fabricava um pó oftálmico. Mas a “terra Frigia” (cinza da Frigia?) não curava a cegueira espiritual da Igreja.

19. **“Eu repreendo e castigo a todos quantos amo: Sê pois zeloso, e arrepende-te”.**

I. "...arrepende-te". Deus exorta através de Jesus "a todos os homens, e em todo o lugar que se arrependam; Porquanto tem determinado um dia que com justiça há de julgar o mundo..." (At 17.30a). Sobre o "arrependimento", o Novo Testamento usa o termo grego "metanoia" por sessenta vezes. Essa palavra tem diversos significados e diversas aplicações, sendo, porém, seu sentido primário: "uma mudança de parecer ou pensamento" para com o pecado e para com a vontade de Deus. O "arrependimento" é o primeiro aspecto da experiência inicial da salvação experimentada pelo crente, experiência essa que é chamada de conversão. A conversão autêntica é uma parte essencial e a prova da regeneração. A regeneração é a obra de Deus no íntimo e a conversão é a exteriorização, da salvação, por parte do homem, através do arrependimento e da fé. Pedleton dar a idéia de que a palavra: "arrependimento" e a tradução que tem, no Novo Testamento, abrange também o sentido primário de "reflexão posterior", e, com sentido secundário, "mudança de pensamento". No presente versículo a exortação de Cristo, não é dirigida àqueles que estão sem salvação, mas aos que professam segui-lo, e são tidos como pertencentes a Ele. Jesus não lhes diz "arrepende-te e sê zeloso. E sim "sê", pois, zeloso e arrepende-te". Isto porque até diante de si próprios passavam por se terem arrependidos.

1. Eu repreendo e castigo. (Contexto reflexivo). "A aplicação da disciplina pode ser em forma de advertência pessoal (Mt 18.15); visitação acompanhada (1Co 4.19-21); advertência pública (1Tm 5.20); comunicação escrita (2Co 7.8-10); exortação pessoal (Gl 6.1); suspensão (2Ts 3.14, 15; Tt 3.10); exclusão do rol de membros. Mt 12.17b".

20. **"Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo".**

I. "...Eis que estou a porta, e bato". A porta à qual Cristo bate é a porta da vida do indivíduo, da igreja, ou da comunidade.

1. "A famosa pintura de HOLMAN HUNT, em que Cristo aparece diante da porta, a bate, não mostra a maçaneta do lado de fora. Quando Sir Noel Paton pintou o famoso quadro representando o Rei coroado de espinho batendo à porta, foi censurado por que se esquecera de incluir a maçaneta na porta. Mas o célebre pintou de propósito omitira a maçaneta. É que só pode ser aberta pelo lado de dentro. Um homem conhecido na cidade, levou, certa feita, seu filho pequeno, para ver esse quadro. O menino ficou ali pensando, por alguns momentos, e então perguntou: "Porque não abrem a porta?". O pai respondeu que não podiam ouvi-lo batendo. O menino considerou a resposta por uns momentos mas não ficou satisfeito com a mesma. "Não", disse o garoto? "é que estão ocupados no quartinho dos fundos, fazendo outras coisas, e nem sabem que Jesus está batendo à porta". Nesta resposta há grande discernimento! Os crentes de Laodicéia viviam atarefados com seu comércio, com seus banquetes sociais, com suas riquezas introspectivas, e nem se quer ouviram Jesus bater e falar. O bater de Cristo, na vida, se verifica de muitas maneiras: no testemunho tranqüilo da oração, no sermão do pregador, na lição da escola dominical, na leitura da Palavra de Deus, mediante alguns tragédia, enfermidade, mediante abalo, mediante a razão, mediante a vitória, mediante a perda, mediante a alegria, mediante a

felicidade, mediante a dor, mediante a morte – a última e contundente maneira de Deus falar! (cf. Hb 1.1).

21. **“Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono”.**

I. “...no meu trono”. Até escritores pagãos e helenistas focalizaram essa idéia em seus escritos. O livro de I Enoque conta com certo número de referências similares a esta em foco. O Eleito, o Messias, assentar-se-á em seu trono de Glória no porvir. Isso também pode ser comparado aos trechos de (Cl 3.1; Hb 1.8; ver: Fl 2.9-11: Cristo está entronizado). E nas passagens de (Mt 19.28; 25.31 e Lc 22.29) vê-se que Cristo será entronizado por sua “Parousia” ou segunda vinda. As Escrituras nos dão entender que, presentemente, Jesus não se encontra assentado no seu trono. Passagens como (Ap 3.21 e 12.5), reafirmam essa tese: “...seu filho (Jesus) foi arrebatado para Deus e para o seu trono”. Por isso, essa promessa de Jesus, é escatológica: “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono (de Jesus); assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono (de Deus)”. O trono de Cristo é o trono de seu Pai, Davi, durante o Milênio, em Jerusalém, Ele ocupará este trono. (2 Sm 7.12, 13; Lc 1.32; At 15.14-18). Cristo não está atualmente nesse trono, mas à destra, segundo se diz, do Pai,no trono no céu, como o Grande Sumo Sacerdote de nossa confissão (cf. Mc 16.19; Hb 4.14).

22. **“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”.**

I. “Quem tem ouvidos, ouça”. (O final). Pela última vez, no Apocalipse, temos, juntas, estas onze palavras: “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas”. “O ouvir dos meus ouvidos...é ouvir meditação a voz de Deus. (Cf. Jó 42.5 e Sl 85.8)”. Por cuja razão, nosso Senhor diz: “Vede pois como ouvis...” (Lc 8.18a).

1. “Às igrejas. A palavra “igreja” (gr. Ekklesia) nasceu pela primeira vez dos lábios de nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 16.18 e 18.17, duas vezes). Nesse sentido ocorre por 119 vezes no Novo Testamento (só três vezes nos Evangelhos: Mt 16.18 e 18.17). Nessas 119 vezes em que o termo aparece, 109 vezes, surge no texto bíblico como igreja local, e encontramos cerca de 10 vezes no Novo Testamento a palavra Igreja com o sentido Universal. “Nestes primeiros capítulos (isto é, 1, 2 e 3) do Apocalipse encontramos a palavra “igreja” (singular) ou “igrejas” (plural) 19 vezes (cf. 1.11, 20; 2.1, 7, 8, 11, 12, 17, 18, 23, 29; 3.1, 6, 7, 13, 14, 22, etc), mas agora, no presente versículo, ela desaparece, e só reaparecerá, no capítulo 22.16. Durante o tempo da Grande Tribulação, a Igreja não estará na terra e, sim, com Cristo na recâmara celestial (cf. Ct 2.17; Ap 3.10).

1. **“DEPOIS destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu: e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobre aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois desta devem acontecer”.**

I. “...Depois destas coisas”. Com o capítulo 4. inicia-se a segunda parte do Apocalipse. A partir desse capítulo o livro do Apocalipse é completamente futurístico e a visão muda também de posição geográfica: da terra para o céu. As secções deste grande livro de Deus sempre são divididas pelo uso da palavra “depois”; a partir daí a cena muda de posição. Às vezes marca também, o fim de uma coisa e o início da outra (cf. 1.19; 4.1; 7.1, 9; 8.5; 15.5; 18.1; 19.1; 20.3, etc). Talvez, o “depois” do capítulo 11.11, marque a 4ª ordem da ressurreição da imortalidade que, tecnicamente falando, trata-se da primeira ressurreição (cf. 1Co 14.23; retrospectivamente: Mt 27.51-53; 1Co 15.23; 52; Ap 11.11; 20.4). “Passando-se deste texto diretamente para o capítulo 4.1, observa-se que a preposição grega META, regida pelo acusativo e traduzida em português pelo advérbio “DEPOIS”, logicamente nos indica a continuação do relato constante da primeira visão narrada no capítulo primeiro do mesmo livro”.

1. Uma porta aberta no céu. No fim do capítulo convida-se o homem a abrir uma porta para Cristo; agora uma porta abre-se no céu para que o homem entre. Com esta porta aberta inicia-se a parte verdadeiramente profética do livro, embora a ação profética definida não comece até o capítulo seis. Esta é a terceira “porta” que encontramos no Apocalipse: a primeira, foi a da “oportunidade” para anunciar o Evangelho, aberta diante da igreja de Filadélfia (3.8); a segunda, a porta do “coração” dos crentes de Laodicéia (3.20), porta fechada para Cristo. Esta, agora, do texto em foco, a terceira: a porta da “revelação”. Através dela Deus mostrará aos seus servos “as coisas que depois destas devem acontecer”. Alguns comentaristas opinam que a palavra “depois” vista no presente texto, equivale “depois da era da Igreja” e João, sendo arrebatado em espírito, serve de figura expressiva do arrebatamento da Igreja da terra para a recâmara celeste.

2. A primeira voz. Agora a “voz” fala novamente ao vidente João. Essa voz, anteriormente, falou-lhe na “terra” (cf. 1.10), mas agora se dirige a ele “no céu” com uma nova intensidade.

2. **“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assento sobre o trono”.**

I. “...Logo fui arrebatado”. O Apocalipse caracteriza-se por um sentimento de urgência e de iminência. O vocábulo “imediatamente” aparece apenas cinco vezes no Antigo Testamento, e mais de sessenta e cinco em o Novo. No Apocalipse, sempre ocorre o vocábulo próximo: (1.3), sem demora (3.11), logo (4.2), etc. São expressões que denotam urgência e rapidez. Isso se harmoniza também com a natureza do livro que diz: “próximo está o tempo” (cf. 22.10). João, ao ser arrebatado em espírito, se encontra agora noutra dimensão. Esta conclusão é sustentada pela grande facilidade com que as cenas no

Apocalipse mudam do céu para a terra. Ele em sua visão é levado ao céu em 4.1 e permanece lá até o fim do capítulo 9. No capítulo 10 ele está novamente na terra, porque vê o anjo "que descia do céu" (10.1), onde permanece até 11.13; em 11.15-19 a cena da visão novamente se desenrola no céu. Parece que no capítulo 12 o vidente está de novo na terra, mas em 14.18-19 presume sua presença no céu.

2. Eis que um trono estava posto no céu. Visto que a palavra "trono" aparece 38 vezes no Apocalipse, ele é, sem dúvida, "o livro do trono" e chega até nós com toda a autoridade do espantoso controle de Deus. No Apocalipse, o "trono" é aludido, algumas vezes como pertencente ao Pai; mas em outras vezes com pertencente ao Filho. "O livro abre (1.4) e fecha (22.3) com um trono" (81). Cf. 1.4; 3.21; 4.2-6, 9, 10; 5.1, 6, 7, 11, 13; 6.16; 7.9-11, 15, 17; 8.3; 12.5; 14.3, 5; 16.17; 19.4, 5; 20.11; 21.5 e 22.1, 3). Algumas traduções, ao invés de dizerem "eis que um trono estava posto...", dizem: "E eis que estava armado um trono no céu". "Posto" traz a idéia de que o trono foi levado de algum lugar para lá, motivo pelo qual somos propensos a achar mais exata a primeira tradução, que nos parece, aliás, mas de acordo com o texto grego (Nestlé-Marshall). Esse trono foi a "primeira coisa" que João viu no céu. O trono é, pois, o de Deus. É sinal da divina Soberania e Majestade. Não admira, portanto, que essa palavra esteja presente em quase todos os capítulo desse livro.

3. **"E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda".**

I. "...E o que estava assentado". O Pai está em foco nesta passagem. Ele está "assentado", porquanto assumiu a posição de autoridade, como um Rei, o qual se "assenta em seu trono", enquanto que seus ministros estão "...à sua mão direita e à sua esquerda" (cf. 1Rs 22.19).

1. Ao se deparar com aquela autoridade "assentada" no trono, João teve a seguinte percepção: (a) Exaltação e Majestade; (b) Poder sobre todo o universo, intervenção na história humana, planejamento do destino humano; (c) Região do espírito puro e da vida em sua forma de expressão mais elevada; (d) Fonte de revelação da intenção de Deus para com os homens, agora, e na eternidade.

2. Sua aparência. O profeta Ezequiel viu a aparência de Deus (Ez 1.26-28), esta passagem (e outras correlatas nas Escrituras) faz cair por terra a doutrina falsa do panteísmo, que diz que Deus não tem forma, e que tudo está em Deus e que Deus está em tudo. "A filosofia é o ramo do conhecimento que tem por objetivo descobrir a verdade concernente a Deus, ao homem e ao universo, tanto quanto essas verdades podem ser compreendidas pela razão humana". Os epicureus eram céticos, que rejeitavam todas as religiões e suas formas de expressões. Acreditavam que o mundo se formou casualmente, que a alma é mortal e que o prazer é o principal fim da vida. Os estóicos eram panteístas, quer dizer, acreditavam que tudo é parte de Deus. Criam que a virtude é o fim principal da vida, e que devia ser praticada como um fim em si mesma. As Escrituras, porém, falam da "forma de Deus" e suas "expressões". Paulo diz que "há corpos celestes" e "corpo

espiritual" (cf. 1Co 15.40 e 44). Por cuja razão, fala-se de Deus como: "A forma de Deus" (cf. Fl 2.6). "A imagem de Deus" (cf. 2Co 4.4). "A sua pessoa" (cf. Hb 1.3), etc.

3. Pedra jaspe. Além desta menção, lê-se que de "jaspe" eram os alicerces da Nova Jerusalém (Ap 21.19). Também havia "jaspe" na superestrutura da muralha da cidade Celeste (Ap 21.18) e no brilho da Capital da Nova Terra e do Novo Céu (Ap 21.11).

4. Sardônica. Plínio diz-nos que esse nome (sardônica) deriva de Sardes, onde era explorada e de onde era exportada. Supostamente corresponde nossa pedra coralina. É a pedra que forma a sexta camada do Alicerce da Jerusalém Celeste. (Cf. Ap 21.20). Trata-se de uma forma de quartzo, de cor vermelha ou marrom escuro. Alguns estudiosos sugerem que o jaspe simboliza a santidade, ao passo que a Sardônica simboliza a retidão.

5. O arco celeste. Originalmente aparece pela primeira vez em (Gn 9.13) com "sinal" de um Pacto, isto é, uma promessa de Deus ao homem, de que a terra não seria novamente destruída pela água. Sua cor verde como é descrita pelo presente texto, fala de vida. No contexto da promessa, isso aponta para a vida eterna. Alguém observa que, o "arco celeste" aqui, representa uma esperança que a tragédia não pode destruir. No trono dos céus, acima do firmamento humano, há também um "Arco Celeste". Ali reinam expectações gloriosas; todas as cores (sete) são exigidas para expressar os múltiplos aspectos de satisfação, representados para o Reino de Deus.

4. **"E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro".**

I. "...vinte e quatro anciãos". Em (Is 24.23), afirma-se que o Senhor quando "...reinar no monte de Sião e em Jerusalém... perante os seus anciãos haverá glória". Os judeus criam que a Jerusalém terrena tivesse seu paralelo nos céus, e que o Templo terrestre cópia do celestial (cf. Hb 8.5 e 9.23). Assim, se há anciãos que entoam louvores a Deus, na Capital terrestre, haverá aqueles que fazem idêntica coisa nos céus. "Os vinte e quatro anciãos" do capítulo em foco, não podem ser anjos: eles entoam o cântico da redenção, como tendo sido redimidos (Ap 5.8-9). É evidente que, em sentido geral, os anjos não são vistos coroados, e nem assentados em tronos. Jesus falou aos seus discípulos que eles n futuro se assentariam sobre "doze tronos" (Mt 19.28). Esses "personagens" misteriosos encontram-se estado de salvação definitiva (vestidos de branco), já possuem o prêmio de sua salvação (coroas de ouro) e participam com autoridade no desenvolvimento da salvação (assentados em tronos). Quem são eles? Há somente um sentido possível: Os doze primeiros anciãos deste turno de vinte e quatro, são "os doze patriarcas" filhos de Israel, que estão ao lado de Cristo, representando todos os remidos da "dispensação da lei" focalizada no Antigo Testamento (cf. Nm 13.2-3; 17.1-6; Hb 8.5 e 9.23). Os outros doze, são "os doze Apóstolos do Cordeiro", pois em alguns casos eles são chamados de "anciãos" (cf. Fm v.9; 1Pd 5.1; 2Jo v.1 e 9 Jo v.1). Estão ao lado de Cristo, representando todos os remidos da "dispensação da graça" focalizada no Novo Testamento (cf. Mt 19.29; Ap 21.12, 14). Está aqui já o início do cumprimento da promessa do Senhor em (Mt 19.28). Tronos, no primeiro caso, e coroas no segundo (cf. 2Tm 4.8). Provavelmente serão

eles os mesmos personagens que se assentarão ao lado de Cristo durante o Milênio (cf. Ap 20.4).

5. **"E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espírito de Deus".**

I. "...relâmpagos, e trovões, e vozes". No contexto profético, relâmpagos, trovões e vozes, são sempre manifestações do grande poder de Deus. Provavelmente é correto ver, no presente texto, o mesmo sentido. A voz fala de paz, mas também ameaça julgamento. Seu relâmpago revela a verdade, mas também produz o desastre. O Salmo 29 faz um elogio da "voz do Senhor", em que a glória de Deus troveja. Sua leitura nos fornece idéia sobre o significado do pensamento inserido no presente versículo. Nesse Salmo, a "voz" tanto é uma bênção como é o irrompimento da ira de Deus contra os ímpios. Acerca da cena, no Monte Sinai, a "voz" de Deus apresenta um simbolismo (cf. Êx 19.16). Em Ezequiel 1.13, temos relâmpagos que saíam do fogo entre os seres viventes; quando Deus desceu sobre o Monte Sinai, houve trovões e relâmpagos e espessa nuvem sobre o Monte. (Ver Êx 19.16 e Hb 12.18-21). Em iguais circunstâncias essas manifestações serão encontradas no Apocalipse (8.5 e ss).

6. **"E havia diante do trono um como de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás".**

I. "...um como mar de vidro". Simbolicamente o "mar" representa povos, e multidões, e nações, e línguas: em estado de inquietação (cf. Lc 21.25 e Ap 17.15). O "mar" do presente texto, pode simbolizar a "nação santa, o povo adquirido..." pelo sangue do Cordeiro (cf. 1Pd 2.9), que subseqüentemente acharam seu lar nos céus. O "mar" terrestre representa as "nações mortais" (Ap 13.1). Assim, o "mar" celestial representa as "nações celestiais". Esse "mar" é claro e puro, em contraste com as águas agitadas e imundas dos mares terrenos aqui deste mundo. Podemos observar a frase: "como mar de vidro" e aceitarmos esse sentido. ("Um dia chegaremos na praia do outro mar". Enfatiza um cantor sacro).

1. quatro animais cheios de olhos. Estes seres sobrenaturais são sempre citados em conexão com o trono de Deus (cf. Ez 1 e 10). Nas passagens dos capítulos (1 e 10) de Ezequiel eles são chamados de "querubins". A palavra "querubim" ou "querubins" tem sua raiz no verbo "Ker~uhbim". Plural de "querube". Significa guardar, cobrir ou celestial. São vistos pela primeira vez, ao lado oriental do Jardim do Éden, guardando "o caminho da árvore da vida" (Gn 3.24). Sobre o propiciatório (a tampa da arca), eram contemplados dois querubins de ouro (Êx 25.17-22). As bordaduras das cortinas do tabernáculo eram figuras de querubins (Êx 25.18). O véu que fazia "separação entre o santuário e o lugar santíssimo" era bordado com figuras de querubins em alto relevo (Êx 26.31, 33). Deus habita entre os querubins e deles faz sua carruagem (Sl 18.10 e 80.1). Os querubins

contemplados aqui por João, fazem a "Guarda Celeste" do trono de Deus (Ap 4.6, 9; 5.13-14). O comentarista Ridout é de opinião que estas quatro criaturas, correspondem à significação dos quatro Evangelhos e a sua apresentação de Cristo. "Assim em Mateus, o primeiro Evangelho, Cristo é ali representado como o poderoso "Leão da tribo de Judá" em razão de ser este animal, o mais nobre da fauna (cf. Pv 30.30). Em Marcos, o segundo Evangelho, Cristo é visto aí como o "paciente novilho", representado a força divina e sua paciência no holocausto da cruz (Lv capítulo 1). Em Lucas, o terceiro Evangelho, Cristo é contemplado como "O Filho do homem": sua humanidade representada nele por mais de quarenta vezes, servindo a vontade divina e a necessidade humana (Mt 20.28 e Lc 22.27). Em João, o quarto Evangelho, Cristo é representado como "uma Águia voando", em razão de ser esta ave a mais nobre das aves do céu e Jesus o mais nobre dos filhos de Deus (cf. Hb 1.4 ss). "Cada uma dessas criaturas tem seis asas, e estão cheias de olhos "por diante e por detrás", o que sugere aventurosa energia, serviço obediente, direção inteligente e elevadas aspirações e plenitude.

7. **"E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando".**

I. "...o primeiro... o segundo... o terceiro... e o quarto". O leitor deve observar o comentário feito no sexto versículo deste capítulo, onde, elaborando: uma breve, e precisa interpretação, declaramos que os animais descritos por Ezequiel (capítulos 1 e 10), são seres sobrenaturais que fazem guarda celeste do trono de Deus e ao mesmo tempo, são "figuras das coisas que estão no céu" (Hb 8.5 e 9.23). Semelhantemente, podem perfeitamente representar "coisas" na terra. "A águia é exaltada entre as aves; o homem é exaltado entre as criaturas em termos gerais; o novilho é exaltado entre os animais domésticos; o leão é exaltado entre os animais selvagens. Todos eles, têm recebido domínio, e lhes tem sido proporcionado grandeza; não obstante, acham-se "abaixo da carruagem": (do Santo). Cf. Sl 18.10. Há ainda outra possível interpretação:

1. "Parece que esses quatro animais representam a perfeição na terra, tanto antes de entrar o pecado, como depois da criação estar livre da maldição, por causa do pecado, como representantes da criação os quatro dirigem os anciãos e os anjos e a terra e a toda a criação em adorar ao Criador, O Apóstolo João viu os quatro, com os rostos cobertos, adorando a Deus".

8. **"E os quatro animais tinham, cada um de per si, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir".**

I. "...estavam cheios de olhos". O presente versículo descreve os "seres viventes" como tendo a inteireza da inteligência; são "cheios de olhos por diante e por detrás" (4.6). podem tanto ver para frente como para trás. O passado e o futuro estão abertos a eles como

um livro. Visão interna (olhos por dentro), visão externa (olhos por diante) também lhes pertence. Em Ezequiel (1.15), fala-se de roda junto aos querubins e, no verso 18, estas rodas estavam "cheias de olhos ao redor". Os olhos agora são transferidos para os próprios seres viventes, ao invés de estarem associados às rodas que os acompanhavam. Alguns estudiosos afirmam que os "olhos" representam o governo onisciente da providência divina, iminente na vida do mundo. A absoluta visão circundante corresponde uma infinita visão interior, que expressa a concentração contemplativa, a unidade da onisciência divina. Vigilância!

1. E não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso. Existe uma característica dupla nestes seres viventes: eles têm a função de querubins (guardas celestiais). Cf. Gn 3.24; ao mesmo tempo a função de Serafim (componentes do coro celestial). Cf. Is 6.1-6. Os seres viventes, aqui, têm um só objetivo: encher todo o céu e toda a terra do louvor do Senhor.

9. **"E, quando os animais davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre".**

I. "...Ao que vive para todo o sempre". Sobre a vida de Deus, temos muito que falar. Deus da "Imortalidade"(cf. 1Tm 6.16). No testemunho de Jesus Cristo, Deus é aquele que "...tem a vida em si mesmo" (Jo 5.26a). Isso, naturalmente, significa que as causas de Sua existência estão NELE mesmo. Nele é a vida inerente. De modo oposto à vida criaturas. Sua vida não vem de fonte externa. Ele tinha "vida em SI mesmo" quando não havia em parte alguma fora dele. Quando Ele interpõe Seu juramento, em confirmação à Sua palavra, jura por SI mesmo dizendo: "Vivo Eu!". Permitindo que seu juramento repouse sobre a base imutável de sua auto-existência". O Deus perenemente vivo é a fonte originária de todo o bem-estar, o que significa que esse próprio bem-estar deve ser eterno. Deus nunca poderá sofrer dano ou declínio com a passagem do tempo!.

10. **"Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo".**

I. "...prostravam-se diante do que estava assentado". Enquanto os seres viventes "davam glória, e honra, e ações de graças... ao que vive para todo o sempre. Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono...", e num gesto de amor, de a SI mesmos se humilharem e exaltarem a Deus, lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: "Digno és Senhor, de receber glória, e honra, e poder". Aqui teve início o grande culto da criação; tendo início no "interior do céu" (cf. 5.13), a adoração contínua, porém, já com a participação de "toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar". É o grande culto da criação! No versículo 5, 'os animais diziam: Amém; não para que o culto terminasse, e sim para a continuidade do mesmo.

11. **“Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas”.**

I. **“...tu criaste todas as coisas”.** O presente versículo mostra-nós a pessoa de Deus como o Criador supremo de “Todas as Coisas”. Isso, inclui “céus e terra”(o espiritual com os seus anjos); o material (com a raça humana). Num contexto geral, isso é depreendido no primeiro capítulo da Bíblia. Deus criou: “Céus e terra” (Gn 1.1; 2.1 e Ne 9.6); o céu e a terra com todo o seu exército é mencionado em Gn 2.1 – Exército aqui, é “tsebaam”, de “tsaba”, significa: Avançar como soldado andar juntos para serviço, o termo é usado acerca dos anjos (cf. 1Rs 22.19; 2Cr 18.18; Sl 149.2; Lc 2.13); refere-se também aos corpos celestes e aos poderes do céu (cf. Is 34.4; Dn 8.10; Mt 24.29). O vocábulo Senhor tinha um sentido muito especial para os crentes de então, quando Domiciano, arrogantemente, ostentava o título oficial de “senhor e Deus”. Mas o texto em foco diz que só um é Senhor e Deus dos crentes; só Um é digno de “receber glória, e honra, e poder; porque todas as coisas...foram por Ele criadas”. O “poder” e “vontade” de Deus foram a causa da existência de todas as coisas: Deus é também Criador. O homem pode fazer alguma coisa com material já existente. Porém cria tudo do Nada!

Capítulo V

1. **“E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos”.**

I. “...um livro selado com sete selos”. No presente capítulo temos a continuação da administração programada pelo governo divino. O livro selado contém: “o programa divino” que se cumprirá sucessivamente até ao capítulo 8.5 do presente livro. Isso não significa que não pode ser lido, mas que simplesmente a indignidade não permitia e, por essa razão, ainda não se encontrou ninguém que executasse a ordem celeste. Também é autoridade legal a fim de ser quebrado seus selos. Observemos as interpretações diversificadas quanto a sete livro misterioso:

1. A igreja universal (qual?) pensa e reflete e chega à conclusão de que o livro exprime, com toda probabilidade, o plano de Deus a respeito dos acontecimentos e dos homens. Tudo é fixado e determinado por Deus, nenhum ser criado consegue compreender o conteúdo do livro.

2. Um outro ponto de vista identifica o rolo com o “Livro da Vida co Cordeiro”, que aparece diversas vezes no Apocalipse (cf. 3.5; 13.8; 20.12, 15; e 21.27). O livro está escrito em todos os espaços livres porque contém uma multidão de nomes (7.9). No momento em que seus selos forem abertos os nomes dos redimidos são revelados.

3. O rolo selado com sete selos é o Antigo Testamento, cumprido no Novo. Jesus, na sinagoga de Nazaré, depois de ler do rolo de Isaías (61.1-2), proclamou: "Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos" (Lc 4.21b). Jesus, assim, é o único capaz de levar toda a esperança profética do Antigo Testamento ao seu cumprimento assim como Deus planejou.

4. (O nosso ponto de vista). O profeta Ezequiel, profeta do cativeiro, cerca de 595 a.C., viu também um livro "... escrito por dentro e por fora" (Ez 2.10). Sendo, porém, que aqui, o livro está hermeticamente fechado com sete selos. E ninguém consegue abri-lo. A "Dispensação da Graça" começou com a morte e ressurreição de Cristo e terminará em sua "plenitude" com o arrebatamento da Igreja. Mas, é evidente que, uma dispensação, sempre entrou na outra. Assim para nós, restritamente falando a "Dispensação da Graça" terminará sua missão completa, no capítulo 8.5 deste livro do Apocalipse. Para nós, esse livro selado contém as mensagens e visões desenvolvidas nos capítulos 6.1-17; 8.1-8, a seguir aparece um "depois" que introduz outra secção na seqüência dos julgamentos. A partir daí, aparece apenas dois dispositivos na salvação da pessoa humana (a fé e o sangue do Cordeiro); a graça já cumpriu sua missão (cf. 12.11; 14.12, etc).

5. Quanto à selagem dos antigos rolos, observemos vários outros pontos de vista: (a) Segundo o comentário de Charles, as leis romanas só aceitavam um testemunho se estivesse selado com sete selos e confirmado por sete testemunhas; (b) Conforme hábito da época, os escritos eram feitos em papiro ou pergaminho. A parte escrita deixava em cada um dos 4 lados a margem de 6 cm. Quando necessário mais de uma folha, elas eram colocadas horizontalmente formando uma faixa em cujos extremos se fixava um cilindro de madeira para suporte. O Apocalipse ocuparia uma faixa de 4.56m. Calculando, grosso modo, pode dizer-se que a largura da folha feita no pairo era ligeiramente menor que sua altura (25 cm). Entre os mais antigos manuscritos do Novo Testamento contam-se 10 folhas do Apocalipse; (c) No tocante à selagem em si, era comum, sempre que se fazia mister resguardar o conteúdo do rolo, de pessoas não autorizadas a conhecê-lo. Ela podia efetuar-se de duas maneiras; (aa) a determinada pelas leis romanas, isto é, mandavam passar sete cordões, amarrá-los e selar com sete nós bem apertados; (bb) A outra maneira era a selagem sucessiva: escrevia-se uma parte, enrolava-se aquela porção e selava-se; escrevia-se mais um pouco e selava-se novamente. Provavelmente esta foi a adotada no livro em foco, pois os selos foram abertos sucessivamente, como veremos mais tarde.

2. **"E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os selos?"**

I. "...um anjo forte, bradando..." O Arcanjo Miguel deve está aqui em foco! O Arcanjo Miguel é sempre designado para missão especial (cf. Dn 12.1; Jd v.9; Ap 12.7). Três vezes é referida essa categoria de anjo denominado de "forte"; e todas elas (5.2; 10.1; 18.21) para tarefas executivas de grande importância. Aqui, ele é o arauto de uma proclamação de grande urgência.

1. "O vocábulo" anjo em hebraico é "mal'ãkh" (lê-se malaque); no grego "angellos". Ambos os termos denotam um "mensageiro de Deus", familiarizado com Ele face, e por

isso pertence a uma ordem de ser superior ai homem (cf. Sl 8.5 e 2P 2.11). A palavra é também usado na Bíblia, em alguns casos, para descrever homens mortais (cf. 2Sm 14.17; Mt 11.10; Ap 1.20). No presente texto, porém, refere-se a um mensageiro de natureza imortal". Estas criaturas celestes são mencionadas cerca de 108 vezes no Antigo Testamento e 175 no Novo. Em Lucas nada menos de 23 vezes. Neste livro do Apocalipse, além de referências tais como: "...milhares de milhares" e "milhões e milhões" (5.11), são mencionados textualmente por 71 vezes: (1.1, 20; 2.1, 8, 12, 18; 3.1, 7, 14; 5.2, 11; 7.1, 2, 11; 8.2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13; 9.1, 11, 13, 14, 15; 10.1, 5, 7, 8, 9, 10; 11.1, 15; 12.7; 14.6, 8, 9, 10, 15, 17, 18, 19; 15.1, 6, 8'16.1, 3, 4, 5, 8, 10,12, 17; 17.1, 7; 18.1, 21; 19.17; 20.1, 9, 12, 17; 22.6, 8, 16 etc). Existem apenas 3 capítulos: 4, 6, 13 onde a palavra está ausente.

3. **"E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele".**

I. "...podia abrir o livro". O ato de desatar os selos significa "revelar" a mensagem do juízo, garantindo o seu cumprimento. Essa mensagem é aquela essencialmente contida nos capítulos sexto e oitavo do Apocalipse. Mas para tal, era preciso alguém que tivesse "dignidade" ou "no céu" ou "debaixo da terra". Mas ninguém foi encontrado! A idéia de "dignidade" no presente texto e nos que se seguem, provavelmente, envolve, antes de tudo, o conceito de "dignidade moral". Todavia, também deveria envolver outros aspectos.

1. Ninguém no céu. Os habitantes das regiões celestes, segundo o pensamento judaico e dos cristãos primitivos, habitavam em "muitas moradas", ou seja, nos "lugares celestiais", conforme se vê em (Jo 14.2 e Ef 1.3), onde o conceito é comentado por Paulo. Na presente passagem como em outras expressões do mesmo significado do pensamento, os habitantes aqui, referem-se aos anjos. Eles podiam até serem capazes, mas não eram "dignos" por terem sido criados (cf. Cl 1.16, etc).

2. Nem na terra. Refere-se aos homens num contexto geral. É esta a grande declaração do Salmista: "Os céus são os céus do Senhor, mas a terra deu-a ele aos filhos dos homens" (Sl 115.16). A primitiva morada dos homem foi o Jardim do Éden (Gn 2.8), porém, ao pecar, ele teve que desocupar esse lugar. E a partir daí, o homem fixou sua morada a trinta quilômetros do Rio Jaboque. Provavelmente, na cidade que leva o nome de "A-dai-mi~er, que segundo se diz, teria sido ali a verdadeira morada de Adão e Eva. Dali partiram as famílias adâmianas até Noé, onde essas famílias são destruídas pelo dilúvio e nos três filhos de Noé (Sem, cão e Jafé), têm novamente uma expansão eterna das famílias na face de toda a terra. Assim, no contexto social, e profético, os habitantes da terra, são de fato, os homens. Mas também, eram indignos para tão grande tarefa! Não podiam abri-lo!!!.

3. Nem debaixo da terra. O Hades está em foco nesta passagem. Os habitantes desta região melancólica e tenebrosa, são os espíritos dos homens que morreram sem encontrarem em Jesus a Salvação prometida. "Há uma tradição entre os escritos judaicos que diz: "Originalmente, o poço do abismo era reputado como o lugar que abrigava "os espíritos em prisão"; mas ali viviam apenas como "sombras" a vaguearem o redor". Seja

como for, tanto os espíritos humanos como seres angelicais; ali se encontram; mas também são indignos para uma tão grande e sublime missão. Assim ninguém podia sequer olhar para o livro, apenas João, para revelar o que viu.

4. **“E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele”.**

I. “...eu chorava muito”. Talvez seja esta a única ocorrência de uma pessoa chorar no céu: ali não haverá pranto! O termo grego aqui traduzido por “chorava”: indica um choro em voz audível (cf. Lc 6.21). João chorava muito por ver tanta indignidade diante daquele livro misterioso. Não admira, portanto, que João começasse a “chorar muito” – o verbo no imperfeito, que significa “chorar de modo audível”, como se tratasse duma criança decepcionada ou ferida, é empregado aqui – quando viu que ninguém respondia ao convite feito: “Quem é moralmente digno de abrir o livro?” Não havia ninguém digno de abri-lo. Talvez, como judeu, João visse naquele rolo selado, a significação de um título de resgate que não encontra remedo (cf. Jr 32.6-15).

1. “João afligia-se e chorava, porque temia que não houvesse alguém capaz de vencer o mal. Teria de ser UM: que? que fosse apto para cumprir os propósitos daquele que estava assentado sobre o Trono (cf. Ef 1.21), e pudesse vencer o mal, governando sobre os principados, poderes, potestades e domínios e, assim, por um fim ao grande conflito”. Só seria capaz de abri-lo, aquele que abriu o túmulo e venceu a morte: Cristo.

5. **“E disse-me um dos anciãos: Não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos”.**

I. “...O leão da tribo de Judá”. A presente expressão “leão da tribo de Judá”, faz alusão a uma das primeiras profecias messiânicas, em (Gn 49.9-10): “Judá é um leãozinho, de presa subiste, filho meu. Encurva-se, e deita-se como leão, e como um leão velho quem o despertará? O Cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Silo (aquele a quem pertence, outra tradução); e a ele se congregarão os povos”. De acordo com o Dr. G. Ladd a literatura judaica contemporânea ao Apocalipse, pintava a figura do leão para representar o Messias conquistador. Apesar de que esta metáfora não se encontra em nenhuma outra passagem do Novo Testamento. É óbvio que a referência em Gênesis 49 não é a um Messias humilde e sofredor, mas a um que brande o Cetro como um rei valente que governa (cf. Ap 10.3).

1. Que venceu. Cristo é Vencedor por vários motivos. Consideremos os pontos seguintes: (a) Através de seu ofício real; (b) Através de Sua descendência real como Filho de Davi segundo a carne. Rm 1.3; (c) Através do seu poder inerente, na qualidade de Leão da tribo de Judá; (d) Através do equilíbrio de seu caráter; (e) Através de sua missão terrena, que foi completada, incluindo a expiação, ressurreição e glorificação, como grande declaração de seu supremo poder pessoal. Essa grande vitória de Cristo é

abrangente e universal e pode fazer calar a todos que pranteiam, a exemplo de João no presente capítulo.

2. A raiz de Davi. Em Isaías, 4.2, há referência a um Renovo que brotou dessa raiz, que Scofield comenta como segue: "O Renovo é um nome de Cristo, e é empregado em quatro maneiras:

(a) O Renovo de Jeová (Is 4.2), isto é, Cristo como Emanuel (7.14), para ser proclamado plenamente e manifestado a Israel restaurado e convertido depois de Sua volta em divina glória. Cf. Mt 25.31:

(b) O Renovo de Davi (Is 11.1 e Jr 23.5 e 33.13), isto é, o Messias, "da semente de Davi segundo a carne" (Rm 1.3), revelando na glória terrestre como o Rei dos reis e Senhor dos senhores:

(c) O Servo de Jeová, o Renovo (Zc 3.8), o Messias em humilhação e obediência: até a morte, de acordo com Is 52.13-15 e 53.1-12; Fl 2.58:

(d) O Homem cujo nome é Renovo (Zc 6.12, 13), isto é, Seu caráter com o Filho do homem, o "último Adão", o "segundo homem" (1Co 15.45-47), reinando como Sumo sacerdote-Rei sobre a terra, no domínio dado a, e perdido pelo primeiro Adão. Mateus é o Evangelho do Renovo de Davi; Marcos do Servo de Jeová, o Renovo; Lucas, do "Homem cujo nome é Renovo"; João do Renovo de Jeová. Deus".

6. **"E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra".**

I. "...Um Cordeiro". O nome "Cordeiro" (gr. "arnion") ocorre 27 vezes no Apocalipse e proporciona um sentido lato e significativo. O vocábulo está em foco nas seguintes passagens: (5.6, 8, 13, 14; 6.1, 16; 7.10, 17; 12.11; 13.8; 14.4 (duas vezes), 10; 17.14; 19.7, 9; 21.9, 14, 22, 23, 27; 22.1, 3, 14). Em 13.11: é usado para descrever a segunda Besta. O Cordeiro do versículo 6 é o mesmo Leão do versículo 5. Ele é na qualidade de um "Cordeiro" na sua mansidão em tratar com os homens, mas, como o Leão, no Seu poder irresistível para executar juízo contra os ímpios. Nas páginas do Antigo Testamento, conforme devemos estar lembrados, o cordeiro pascoal conferiu aos israelitas a vitória sobre o Egito, não sendo apenas aquilo que forneceu a expiação. Paulo alude à pessoa de Cristo como a páscoa, que foi sacrificado por nós (1Co 5.7). João, em todo o Novo Testamento, ao referir-se à pessoa de Cristo como Cordeiro, usa o termo no grego "arnion". O vocábulo grego "anion" é a forma diminutiva de "arnos", e necessariamente tem o sentido de "cordeirinho", expressando, assim, a inocência de Cristo (cf. Is 53.7; Jo 1.29, 36; At 8.32; 1Pd 1.19, etc).

1. Como havendo sido morto. Sobre essa intuição de fundo, o autor constrói: sua vertical simbólica. Quatro vezes no Apocalipse se fala de Cristo como havendo sido morto, imolado (5.6, 9, 12; 13.8). Seu sangue sacrificial tinge cada cena deste drama espiritual. João é assegurado de que seu poderoso Messias, já conquistou uma grande

vitória. A palavra ‘venceu” diz literalmente “ganhou uma vitória”. Observemos em uma pausa reflexiva, os dados fornecidos pelo autor: (a) “imolado” exprime o sacrifício cruento de Cristo; (b) “de Pé” (Ed. Atualizada), sua ressurreição.

2. E sete pontas. (E sete chifres: Ed. Atualizada). “Chifres, o orgulho do novilho jovem, são uma escolha que claramente quer representar força invencível. J. Mellaart descobriu que em alguns povoados da Idade da Pedra na Ásia Menor os chifres do gado eram guardados e usados para decorar cadeiras, ou talvez para servir de encosto para a cabeça: Como troféus de caça eles representavam vitória sobre a força. De maneira semelhante, na “Bênção de Moisés” José é um novilho primogênito, “...e as suas pontas são pontas de unicórnio: com elas ferirá os povos juntamente até às extremidades da terra...” (cf. Dt 33.17). Os chifres podem ser exaltados na vitória ou cortados na derrota (Sl 75.10). Quando usada neste sentido figurado a palavra tem a forma plural normal, e não a forma dual e coisa que existem normalmente aos pares. O mesmo vale para os chifres artificiais do altar, e da palavra usada no presente texto de Apocalipse, onde a palavra é usada para representar: “totalidade de perfeição naquilo que empreende”.

3. Sete olhos. A presente expressão encontra seu paralelo na passagem de Zc 4.10b. De acordo com o Dr. H. G. Michell, a palavra “ayon” (olho) é muito versátil no hebraico. Além de significar o olho físico, ela aparece em contextos de metáforas conhecidas para nós, como “...na menina do seu olho” (Zc 2.8), “...foram abertos olhos de ambos” (Gn 3.7), “...o seu olho será mesquinho para com...” (Dt 28.54, RIB). Em outros termos temos de ser mais literais na tradução, ou mudar a metáfora: o olho (face) da terra (Êx 10.5), o lho (aparência) do maná (Nm 11.7), o lho (brilho) do vinho (Pv 23.31), e o olho (resplendor) do bronze (Ez 1.4). No texto em foco, “os sete olhos” do Cordeiro estão associados com os “Sete Espíritos”. Isso pode apontar para a “onisciência em plenitude”, discernimento: visão circundante.

7. **“E veio, e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono”.**

I. “...tomou o livro da destra”. O livro estava na “destra” (mão direita) de Deus. Simbolicamente, representa a mão mais forte: a mão do poder:

1. O antigo Testamento absolutamente não se compraz em antropomorfismos (com algumas exceções), mas falar da “mão” da “direita” de Deus, é humanamente a maneira concreta de falar da autoridade do Deus vivo e ativo, que cria e mantém ativamente, ataca e defende, que julga,castiga e salva. Mostra-nos poucas vezes as mãos consoladoras e envolventes (Is 40.11), maternais (Nm 11.12!). Fala da mão libertadora (Êx 13.3), do Senhor proprietário (Sl 95.4), do pastor que não perde de vista seu rebanho (Sl 95.7), do protetor livre e poderoso (Is 40.2) do rei que instrui seus mensageiros (Ez 3.22; 37.1), do Criador (Sl 104.28), do juiz que usa de severidade (Is 5.25), do adversário invencível (Dt 32.39; 2Sm 24.14), do juiz de último instância (Sl 31.6, 16). “Vingadora “não vindicativa, mas literalmente: mão de justiça. Is 41.10)”, esta mão restaura a justiça em prol dos oprimidos e da honra de Deus. No mesmo sentido fala-se do braço do Senhor.

2. O Novo Testamento raras vezes fala da mão ou da destra de Deus (Lc 1.51; Hb 10.31; 1Pd 5.6). Efetivamente a intervenção divina tomou forma e nome na aparição de Jesus Cristo; agora, o novo Testamento fala expressamente deles, isto é, do Pai e o Filho em conjunto. Em compensação, a expressão "à direita de Deus" (do Salmo 110) figura uma vinte vezes. Usa-se expressões similares; "O exaltor" (At 5.31), "assentou-se" (Hb 1.3), "em pé" (somente At 7.55 e ss), "à destra de Deus", significa pois, que Jesus, após seu ministério, morte e ressurreição foi instalado por Deus como rei no sentido do Salmo 110, ou seja como vencedor de todos os seus inimigos: recebendo todo o poder "no céu e na terra"(cf. Mt 26.64; 28.18; Rm 8.34; Ef 1.20; Cl 3.1; Hb 8.1; 10.12; 12.2 e 1Pd 3.22).

8. **"E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos".**

I. "...Harpa". Originalmente, esse instrumento era de formato triangular, com sete cordas (provavelmente estas,de caráter divino tenham dez cordas). Mas tarde, o número de cordas foi aumentado para onze e Josefo menciona em seus escritos harpas contendo dez cordas, as quais eram tangidas com um "plectrum" – pequena peça de marfim. O uso da harpa fala da celebração de vitória. Citada cerca de 43 vezes no Antigo Testamento, está ligada sempre ao cântico. As do presente texto, lembram, as harpas nos salgueiros significando o cativeiro e portanto ausência de cântico (Sl 137.2). João fez referência às orações dos santos (5.8), porque ajudaram a executar a investida de Jesus como juiz e Senhor de todos. O cântico dos 144.000 era acompanhado por esses instrumentos (Ap 14.2), e de igual modo o cântico de Moisés, e do Cordeiro junto ao "mar de Vidro" (Ap 15.2). A harpa é um instrumento já mencionado em (Gn 4.21). Também nos Salmos há alusão a esses instrumentos (ver Salmos: 33.2; 98.5; 147.7, etc). Foi a harpa (excetuando-se a trombeta) o único instrumento mencionado no culto celeste e comumente usada nos cultos do Antigo Testamento: "Celebrai ao Senhor com harpa" (Cf. Sl 33.2). Entre os judeus, as harpas representavam louvores.

9. **"E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação".**

I. "...cantavam um novo cântico". Segundo Russell Norman Champrin, Ph, D. Os "novos cânticos" do Apocalipse podem ser vistos em Ap 5.9 (o texto em foco) e 14.3. Também há outras "coisas novas" neste livro, como sendo: "um novo nome". (Cf. Ap 2.17); a "nova Jerusalém" (Ap 3.12 e 21.2); o "novo nome de Cristo". (Cf. Ap 3.12) e os "novos céus e nova terra" (Ap 21.1); além do fato que todas as coisas serão "novas" (Ap 21.5). No texto em foco encontramos três doxologias. A primeira delas aqui, e começa aqui, e ocorre na cena imediata do trono, sendo proferido pelos elevados poderes angelicais. A segunda (ver os versículos 11 e 12) é um eco da primeira, com adições da

parte da inumerável hoste de anjos. E a terceira é expressa pela "criação inteira", partindo dos céus, da terra até do Hades (ver os versículos 13 e 14). A medida que o Apocalipse se desdobra, esta doxologia aumenta. Nesta passagem ela possui duas partes: em 4.11, possui três; em 5.13, possui quatro e em 7.12, sete. O grande "Amém" celestial dos mais elevados poderes angelicais santifica essas três doxologias.

10. **"E para o nosso Deus os fizestes reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra".**

I. "...e eles reinarão sobre a terra". Foi predito nas Escrituras que, um dia, Israel será cabeça das nações. Isso sucederá durante o Milênio. Mas o presente versículo mostra-nos que a posição do Israel espiritual, a Igreja, será ainda mais elevada. O texto em foco, lembra-nos (Mateus 5.5), quando Jesus em seu imortal ensino disse aos seus discípulos: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra". O texto em apreço, fala do Milênio de Cristo; no primeiro caso, e de nossa herança no "Novo Céu e Nova Terra", onde habita a justiça; no segundo (cf. 2Pe 3.13). Essa é, nosso ver, uma face interessantíssima da remissão. Somos, assim, como um pobre rebanho que o Cordeiro deu ao pastor, depois de transformar-se ao ponto de nos constituir "reino e sacerdotes"; isto é, súditos do Reino Celestial e Sacerdotes para Deus, o Pai. Essa promessa de "reinar sobre a terra" é para o futuro, mas também tem aplica;cão na era atual; estamos, realmente, já reinando ao lado de Cristo, no "Reino de Deus" (cf. Rm 14.14, etc).

11. **"E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares".**

I. "...milhões de milhões e milhares de milhares". Graficamente falando, os anjos são mencionados por 293 vezes nas Escrituras, mas na esfera celeste este número é elevado à terceira potência: "Há muitos milhares de anjos" (Hb 12.22) e "milhões de milhões" (Ap 5.11). O Salmista Davi inspirado por Deus, fala de "milhares de milhares" na poesia (Sl 68.17). A angelologia do Antigo Testamento atingiu seu mais alto desenvolvimento no livro de Daniel. Ali os anjos são pela primeira vez em toda a extensão das Escrituras dotados de nomes próprios. (Ver Dn 8.16 e 10.21). No conceito geral dos escritores sagrados, o anjo é um "enviado", pouco importa sua natureza boa ou mal, dependendo do contexto (cf. Ap 12.7 e ss). São enviados por Deus para missões específicas e dependendo do ofício do mensageiro, são chamados:

1. (a) sacerdotes. Ec 5.6 e Ml 2.7; (b) intérpretes. Jó 33.23; (c) homens. Lc 24.4; (d) mancebos. Mc 16.5. Na poesia são chamados de "deuses" (Sl 97). A palavra hebraica "deuses" é traduzida por anjos, angellos no grego da Septuaginta e assim aparece no texto original da Epístola aos Hebreus.

2. O Dr. E. H. Bancroft, citando Gabelein diz; "Em Hb 12.22 os anjos são indicados como uma inumerável companhia, literalmente, miríades. De acordo com Lc 2.13,

multidões de anjos apareceram na noite do nascimento de Cristo, clamando de alegria em visita do início da nova criação, como tinham feito no principio da primitiva criação. Quão vasto é o número deles, somente o sabe Aquele cujo nome é Jeová-sabaote, o Senhor dos Exércitos. Cenário de beleza nunca vista; João ouviu a voz de muitos anjos. Não está escrito que os anjos aqui cantavam. Alguns acreditam assim. (Jo, descreve que os anjos cantam! Quando cantaram os anjos? Na criação do universo (particularmente da terra): "...Quando se fundava a terra... as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?". Jó 38.4, 7).

12. **Que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças".**

I. "...Digno é o Cordeiro, que foi morto". O Cordeiro é o centro do livro do Apocalipse e, místico e brilhante, como enfatizado na nota triunfal repetida sete vezes (v.12): "...poder, riquezas sabedoria, força, honra, glória, e ações de graças...". Neste capítulo temos o palco divino preparado para o juízo. No versículo seis, fala-se de um "Cordeiro" como havendo sido "morto". Nesta passagem, porém, aparece novamente o mesmo cordeiro como sendo "Digno" de toda a honra. A palavra "Cordeiro" em sentido etimológico, naturalmente tem ligação com os sacrifícios estabelecidos pela lei cerimonial. A dignidade de Cristo inspira a longa lista de palavras elogiosas, as quais combinam mas ultrapassam aquilo que já fora dito em Ap 4.9, 11. Notemos que em Ap 4.11, Deus também é chamado de "Digno". Assim, pois, tanto a dignidade especifica é conferida a Deus Pai como a Deus Filho.

13. **"E ouvi a toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que nelas há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre".**

I. "...E, ouvi a toda a criatura...". O presente versículo lembra o Salmo 29, onde o Salmista apresenta "cântico similar" sobre uma tempestade, e o mesmo é ouvido no "interior do céu", e os anjos (filhos de Deus) são convidados para se ajuntares ao louvor e à adoração a Jeová, na beleza da sua santidade. Leslie S. – M'Caw descreve o que segue: "O âmago do poema, descreve uma tempestade vinda do mar Ocidental que atravessou as colinas cobertas de florestas no Norte da Palestina e chegou aos lugares áridos de Cades, nas fronteiras extremas de Edom (Nm 20.16). Tal acontecimento é apresentado não como demonstração de poder natural, mas como uma sinfonia de louvor ao Criador, que realmente participou com uma voz de trovão (cf. Salmo 18.13). A porção descrita do poema se divide em três estrofes iguais que correspondem com:

1. (a) a formação; (b) o assalto; (c) a passagem da tempestade:

2. Observemos: (aa) A aproximação da tempestade. Vs 3 a 4; (bb) O assalto. Vs. 5 a 7; (cc) A passagem da tempestade. Essas três coisas, que sugerem turbulenta energia, se resumem em duas palavras: (aaa) "dá"; (bbb) "paz". A primeira palavra, dá, é uma conclamação à adoração; e a última palavra, paz, implica em sua vontade de abençoar". Aqui, agora, a cena se repete em forma crescente e pluralizada: "...sejam dadas...etc". No salmo em foco, a impressão geral é de pressentimento opressivo, a atividade está oculta, o poder está sendo controlado, o Deus da glória (v.3) ainda não se tornou evidente, e Sua voz está abafada. E, temos extremo, os angélicos filhos de Deus se prostram em santa adoração. A mesma ação, se reproduz aqui, toda natureza entra em ação: todas as coisas!!!

14. **"E os quatro animais diziam: Amém. E os vinte e quatro anciãos prostraram-se, e adoraram ao que vive para todo o sempre".**

I. "...os vinte e quatro anciãos prostravam-se, e adoravam". O Dr. R. Norman Champrin, declara: "A primeira das três doxologias começou diante do trono, entoada pelos anciãos e pelos seres viventes. A segunda aumentou o escopo da doxologia, em um círculo crescente, incluindo os céus, através da agência das inumeráveis hostes angelicais. A terceira ampliou ainda mais seu escopo, envolvendo os lugares celestiais, a terra e até mesmo o Hades, da qual participaram todos os seres criados e até mesmo a natureza inanimada". Os anciãos e os animais vistos no presente versículo, percorrem todo esse livro como figuras elevadíssimas. Só no capítulo 19.4, eles nos "dão um adeus" e a partir daí nos esperam na eternidade. Este louvor do versículo 14 (do céu), encontra-se em harmonia com o louvor do versículo 13 (da terra). É a antevisão de uma Era Futura. Futura, mas iminente. As cenas do capítulo cinco são proféticas, e de tais eventos participará a Igreja Invisível de todos os tempos.

Capítulo VI

1º selo

1. **"E, HAVENDO o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos animais, que dizia como em voz de trovão; Vem, e vê".**

I. "...aberto um dos selos". O presente capítulo marca o "início" do período sombrio da Grande Tribulação (cf. Is 16.4; 26.20; Jr 30.7; Dn 12.1; e ss; 2Ts 2.6 e ss; Ap 3.10; 7.14, etc). Os acontecimentos que se sucederão durante este tempo de "angústia" sem precedente, estão narrados nos capítulos 6 a 19 deste livro. A duração deste período é calculada pelo estudo da passagem de (Daniel 9.24-27) e outras passagens similares. Esse tempo de tribulação é ocasionado concomitantemente com referência escatológicas, como são vistas em Mt 24.21; Mc 13.19; 2Ts 2.6 e ss; Ap 7.14 e ss. Todos esses acontecimentos,

terão lugar, logo "após" o arrebatamento da Igreja por Jesus Cristo nosso Senhor (cf. 1Co 15.51-52; 1Ts 4.13-17; Ap 3.10). Predições contemporâneas preditas por Cristo, durante seu ministério terreno, focalizam este tempo como sendo um estado de: "PERFLEXIDADE". O termo acima mencionado que é traduzido no grego por "perplexidade" (Lc 21.25) significa "beco sem saída". As nações não encontrarão meios de escapar de suas dificuldades. O vocábulo grego usado para descrever esse termo técnico "angústia de Jacó" quer dizer "agarrar-se juntamente com". Etc.

1. Vem, e vê. Estudaremos o capítulo 6, que está em foco, com o capítulo 24.5-35 do Evangelho de São Mateus e Lucas 23.30. neste estudo o leitor deve observar como as Escrituras são proféticas, e se combinam entre SI em cada detalhe. O capítulo 6 relata a abertura dos seis primeiros selos. Para bem entendê-los, devemos confrontá-los com a leitura de Mateus 24 e Daniel 9. Voltemos aos selos. Os 6 primeiros, em ordem sucessiva, marcam o início e a seqüência cronológica dos acontecimentos. Em profecia, a enumeração e a ordem estabelecem cronologia. Aberto o primeiro selo, falou um dos seres viventes (pela ordem, é a voz do leão) com voz como de trovão: Vem! Muitas Bíblias trazem "Vem, e vê" como se as duas palavras tivessem sido ditas a João. O "Vem" é um chamamento, na verdade, e "Olhei", e "eis" precedem sempre algo de notável admiração.

2. **"E olhei, e eis um cavalo branco: e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer".**

(*VER O CONTEXTO DESTE VERSÍCULO EM MATEUS 24.5, QUE DIZ: "Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos").*

I. "...eis um cavalo branco". (O Anticristo?). O simbolismo de quatro cavalos de diversas cores, é extraído do livro de Zacarias 1, 8 e ss. Ali, há um personagem de destaque montado em um cavalo vermelho, parado entre murteiras: em um vale profundo. Atrás dela há três grupos de cavalos, agrupados pela cor. Provavelmente eles são montados por cavaleiros que prestam relatórios (Zc 1.11), apesar de não serem mencionados. O homem que está montado no cavalo vermelho é o "anjo do Senhor", mas "o anjo que falava comigo", diz Zacarias, é o intérprete (1. 18; 2.3; 4.1, 5; 5.5; 6.4). Na simbologia profética do livro de Zacarias, cavalos não aparecem só nas visões, mas também no simbolismo da segunda parte do livro (cf. 9.10; 10.3, 5; 12.4; 14.15, 20, 21). Além de outros, variados sentidos, eles representam o domínio na batalha (10.3) e o prestígio. (Ver 1Rs 10.26, etc).

1. Existem muitas divergências entre os comentaristas quanto à representação do cavalo branco e seu cavaleiro, vistos no presente texto. Ele não trazia coroa, recebeu-a depois e saiu como um conquistador determinado a vencer. O vocábulo grego "nikao" visto no presente versículo, significa "obter uma vitória". Qual? Alguns estudiosos, opinam que, este primeiro cavaleiro é o Anticristo e o ditador universal, implantando no mundo uma falsa paz (cf. 1Ts 5.3); outros acham que o cavaleiro aqui mencionado é o Evangelho em sua conquista final, seqüenciada pela "coroa da vitória"; e ainda outros opinam que seja a mesma pessoa do capítulo 19, sendo aqui, porém, o início da visão.

2. Observemos cuidadosamente o contraste entre o cavaleiro do capítulo 6 e o cavaleiro do capítulo 19 do mesmo livro: (a) O primeiro cavaleiro é visto na terra; o segundo é visto no céu; (b) O primeiro tinha um arco na mão; o segundo tinha uma espada na boca; (c) O primeiro recebeu uma coroa; o segundo trazia consigo muitos diademas; (d) O primeiro é visto sozinho; o segundo é visto acompanhado de um exército; (e) O primeiro selo fala de um cavalo branco; o capítulo: 19 de muitos cavalos brancos; (f) O primeiro cavaleiro é anônimo; o segundo cavaleiro tem quatro nomes: (aa) Fiel; (bb) Verdadeiro; (cc) A Palavra de Deus; (dd) O nome misterioso; (g) O primeiro cavaleiro é visto logo no início da Grande Tribulação; o segundo só no final da Grande Tribulação. O leitor deve observar que somente está em comum, a cor dos cavalos, no mais, tudo é contraste.

3. Esse primeiro cavaleiro, provavelmente, será o Anticristo, um simulador de Jesus, com qualidades negativas. Será, como veremos, uma das Bestas do capítulo 13 do livro pode ser interpretado na apresentação do mesmo ter apenas "um arco" e não flechas, e que, por isso, trata-se de um simulador. Muitos comentaristas acham que a expressão: "...e par vencer". Não pode ser aplicada ao Anticristo, e sim à pessoa de Cristo; mas devemos ter em mente que a mesma expressão, é dita com respeito a esse ditador universal (cf. Dn 7.21; 8.10; 11.33 e Ap 13.7). De Cristo está dito: "...que venceu" (5.5); deste porém: "...e para vencer" (6.2). Evidentemente, nas duas visões, não é a mesma pessoa (6 e 19).

2º selo

3. "E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem, e vê".

I. "...ouvi o segundo animal, dizendo: Vem". (Pela ordem, é a voz do novilho). O presente texto dá continuidade à seqüência anterior. O simbolismo de cavalos e cavaleiros, já tivemos a oportunidade de focalizar em notas anteriores. Em Zc 1.7-17 e 6.1-8. Existem visões tanto de cavalos como de cavaleiros. Na primeira dessas passagens há a descrição de quatro cavalos de diferentes cores. Eles e seus cavaleiros percorrem a terra por expressa ordem de Deus. São cavalos sobrenaturais. O cavalo era comumente usado nas atividades guerreiras. Portanto, neste ponto, os cavalos aqui citados representam guerra, violência, tragédia, e julgamento divino. Aqueles que interpretam o livro de Apocalipse, historicamente, vêem nestes vários cavalos e cavaleiros eventos que já tiveram lugar, como a perseguição contra os cristãos, ou os exércitos romanos (munidos de espadas), em contraste com os partas (com arco). Note-se que os cavalos são, respectivamente, branco (1º selo), vermelho (2º selo), preto (3º selo), e amarelo (4º selo). A cor em questão refere-se aos cavalos, e não cavaleiros. Ela não representa o caráter dos cavaleiros, mas antes, a natureza da missão de que estão incumbidos.

1. Nos quatro primeiros selos, existe o expressivo: "Vem e vê". Nos antigos manuscritos aparece aqui uma variação. O Código Sinaítico apresenta um duplo imperativo – "Vem e vê" – como dirigido a João. O Código Alexandrino, considerado, por

muitos, como o texto que parece haver recebido menos alterações, traz só um imperativo – "Vem" – como sinal dado ao cavaleiro para entrar em cena onde se desenvolve a ação.

4. **"E saiu outro cavalo, vermelho: e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada".**

(VER O CONTEXTO DESTE VERSÍCULO EM MATEUS 24.6, QUE DIZ: "E ouvireis de guerras e rumores de guerras").

I. "...outro cavalo, vermelho". (A Guerra). No texto de Zacarias 1.8, o 'cavalo vermelho" é quem encabeça a lista. Para um comentário mais expressivo, vejamos o que segue: "vermelho" (marrom avermelhado). As primeiras versões latinas e siríacas tinham "malhado". A grega usa dois adjetivos que significam "com manchas" e "com muitas cores". Em Zc 6.3 a hesitação é quando a b'rudd~im, "cinza-malhado", e a palavra que acompanha, "a muss~im, baio", aparentemente da raiz ser forte. Para b'rudd~iêm, que traduzido "salpicado" em Gn 31.10, e "multicor" e "pálido" em outras versões. Os que pensam que a primeira visão se deu no "por do sol" e a oitava "na alvorada", explicam as diferenças entre (1.8 e 6.2) em termos de cores relacionadas com o "anoitecer e alvorada". Em 1.8 vermelho, baio e branco são as cores do por do sol, e em 6.2 preto, malhado e branco são cores da madrugada. Em 1.8 sua seqüência é vermelho, amarelo, preto e branco; em 6.2 vermelho, preto, branco e amarelo; 6.6, 7 preto, branco, amarelo e vermelho. Seja como for, as Escrituras são proféticas e se combinam entre SI em cada detalhe! Temos aqui, a mesma seqüência: branco, vermelho, preto e amarelo.

1. O cavalo do texto em foco, é "vermelho". O vermelho é também símbolo de guerra. Esta cor, como veremos, no Apocalipse, tem quase sempre sentido desfavorável; "um grande dragão vermelho" (Ap 12.3); "uma besta de cor de escarlata". (Ver Ap 17.3); a grande meretriz ou "...a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata" (Ap 17.4a); as mercadorias da grande Babilônia: "...de púrpura, e de escarlata" (Ap 18.12); a seguir, a grande Babilônia está vestida de púrpura, de escarlata...", etc. (Ap 18.16). As guerras serão tremendas, seguidas pela vingança, peste, etc. O cavaleiro em foco, nada disse. Apenas cavalgou, e permitiu que a cor do seu cavalo o identificasse. Cavalo vermelho era o seu, e foi-lhe concedido "...que tirasse a paz da terra" e levar os homens a se matarem uns aos outros. Levava uma grande espada que, com os outros mais detalhes, nos leva a crer seja ele o símbolo da Guerra. Tudo isso e mais ainda, terá lugar no tempo sombrio da Grande Tribulação, quando se ouvirá uma voz a dizer "a paz é tirada da terra". Segundo os Anais da História, o mundo já sofreu até 1914 (a primeira guerra mundial), 901 guerras principais. As guerras serão tremendas, simbolizadas pelo tamanho da espada. À guerra seguem a fome, a sede, pestilência, morte, etc. Isso se dará em conseqüência, da rejeição do Príncipe da Paz (Is 9.6; Lc 19.42; 1Ts 5.3), e outros textos e contextos correlatos, etc.

3º selo

5. “E, havendo aberto o terceiro selo, ouvi dizer ao terceiro animal: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo preto e o que sobre ele estava assentado tinham uma balança na mão”.

(VER O CONTEXTO DESTE VERSÍCULO EM MATEUS 24.7, QUE DIZ: “...e haverá fome...”).

I. “...ouvi dizer ao terceiro animal: Vem e vê”. (Pela ordem, é a voz do homem). O leitor deve observar que, os quatro primeiro selos são ditados por estes seres viventes que sempre usam o expressivo “Vem, e vê”, porém devemos observar que no terceiro selo há uma exceção, pois ao invés de o convite “Vem, e vê” ser feito ou dirigido a João, como nas vezes anteriores, é feito ao terceiro animal, e assim, não o animal que fala, mas sim que ouve. O sentido dessas declarações deve ser naturalmente compreendido, sem nos importar com argumento gramatical; “Ouvi o segundo ser vivente dizer, “Vem!”. E saiu outro cavalo. O ser vivente chamou o cavalo, e este apareceu para cumprir sua missão.

1. Um cavalo preto. (fome). A cor do cavalo tem um aspecto tristonho, sombrio, funesto e inanimado. Este cavaleiro tem uma missão a cumprir: ditar a fome durante o período da Grande Tribulação, como bem descreve o profeta Jeremias em suas Lamentações: “A nossa pele se enegreceu como um forno, por causa do ardor da fome” (Lm 5.10). João observa um detalhe importante na presente visão; “uma balança na mão” do cavaleiro. Dois pontos focais devem ser aqui analisados: (a) A balança; (b) Um período de escassez. Na simbologia profética, a balança fala: (aa) de racionalização dos alimentos de primeira necessidade, como bem o descreve o profeta Ezequiel em 4.16: ‘...eis que eu torno instável o sustento de pão em Jerusalém, e comerão o pão por peso...”. A incumbência do terceiro cavaleiro será impedir que a fome varra toda a humanidade. Ele chamará a fome; mas ao mesmo tempo a controlará; (bb) fala também do desequilíbrio que certamente haverá durante o reinado cruel da Besta. O profeta Daniel, descrevendo esse tempo do fim, diz: “Assim por uma parte o reino (da Besta) será forte, e por outra será frágil” (cf. Dn 2.42b). O império da Besta será forte como o “ferro” diante dos homens, porém, frágil como o “barro” diante dos flagelos de deus (Dn 2.40-45). E (b); Em período de escassez, os comestíveis precisam ser pesados com extremo rigor. Em tempos de abundância, são distribuídos em grandes quantidades que não podem ser pesados com “balanças de mão”. A figura espectral da fome levará na mão do cavaleiro uma balança vazia.

6. **“E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro: e não danifiques o azeite e o vinho”.**

I. “...uma medida de trigo”. A medida usada é o “coiniks” dos gregos, cerca de 450 gramas, que julgava constituir o consumo diário de um homem. Heródoto, o grande historiador grego (VII. 187) dá a entender isso, e Thucy. (IV. 16), ao mencionar “duas” dessas medidas, dadas aos espartanos, em Esfacteri, deu a entender que era um bom

suprimento. O trigo é mais caro que a cevada, alimento inferior. O denário, antiga moeda romana, era mais usada pelos Apóstolos. Correspondia ao salário de um dia (Mt 20.2). Um denário dava par uma refeição de trigo ou três de cevada, quer dizer, apenas para o sustento próprio. E a família? O azeite e o vinho eram indispensáveis na época. O não "danifiques" é sinal de que iria faltar também. Em resumo: escassez, fome, e grande miséria.

1. "As interpretações históricas, que o "terceiro selo" já teve cumprimento no decorrer da história, aos tempos do império romano, pensam que isso se refere aos dias de Domiciano, que baixou um decreto contra o luxo e ordenou que metade dos vinhedos da Ásia Menor e de outras províncias fossem desarraigados". Cícero, em seus escritos faz alusão à fome em grande escala já em seus dias: "...quão crítica era a situação quando um homem tinha de trabalhar o dia inteiro par adquirir duas medidas de trigo". No tempo da Grande Tribulação isso será vivido em grau supremo, pois esse cavaleiro aponta par esse tempo do fim.

4º selo

7. "E havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem, e vê".

I. '...ouvi a voz do quarto animal". (Pela ordem, é a voz da águia voando). O presente versículo é praticamente igual ao terceiro versículo deste capítulo, excetuando que o verbo "abrir" tem agora o seu sujeito expressivo, tal como se dá no primeiro versículo. O "Cordeiro é quem abriu esse selo. E assim como fora dito da abertura do "segundo selo", agora é dito acerca do "quarto"; e essas palavras são reiteradas no caso do "terceiro selo", no quinto versículo do capítulo em foco. O quarto selo foi convocado pela águia, o quarto ser vivente como já ficou demonstrado; mas não deve se ver qualquer significado especial nisso tal como não há nenhum sentido especial no fato de que o "novilho" convocou a guerra no terceiro versículo, ou no fato de que o "homem" convocou a "fome", introduzia pelo terceiro selo. Na simbologia profética, a águia é sempre citada em conexão com "um corpo tombado", pois: "...onde há mortos, ele aí está" (Jó 39.30; cf. Mt 24.28; Lc 17.37; Ap 19.17, 21). O quarto animal (a águia) aqui, anuncia exatamente a chegada do "cavaleiro da morte" (cf. Hb 8.5 e 9.23).

8. **"E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhe dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra".**

I. "...um cavalo amarelo". (A Morte e o Inferno). O próprio autor sagrado nos dá a interpretação deste cavalo e seus cavaleiros: a morte e o inferno. Morte e o Inferno são vistos aqui personificados, como em Jó 28.22; 1Co 15.26; Ap 20.14. É sempre Cristo

quem abre os selos. Este "cavalo pálido" é traduzido em Nestlé-Marshall por "verde-pálido", cor que bem se adapta ao cavaleiro chamado "Morte". Um dos horrores da Grande Tribulação será a terrível trilha da morte. Guerra, fome, perseguição, peste e terremoto acrescentarão o discipulado ao reino do rei dos terrores)Jó 18.14). "Estritamente falando, "pálido" não tem cor, embora descrevemos o rosto como "pálido como a morte". Esta cor "verde-pálida" implica um matiz cadavérico, e em aspecto doentio, mortífero, sombrio como dos cadáveres".

1. "Os juízes anteriores são consolidados no presente cavalo e seus cavaleiros respectivamente. (a) "...poder para matar a quarta parte: com espada" (2º selo). Ap 6.4; (b) "...matar com a fome" (3º selo). Ap 6.5; (c) "...matar com peste". (4º selo). Ap 6.8. A morte e o inferno, ou hades, são os guardiões respectivos dos corpos e das almas dos homens, sem Deus, entre a morte e a ressurreição (Lc 16.22-23; Ap 20.13). Aqui agora, a morte vem ceifando os corpos; o inferno ceifando as almas. Os intérpretes têm entendido isso de várias maneiras, como a "morte espiritual" (significa simbólico) ou como algum período específico da história antiga, quanto a morte ameaçou grandes contingentes humanos. Mas, essa forma de interpretação não se coaduna com a tese principal. Para nós, o sentido aqui é explicitamente real. Jesus disse que essas '...coisas devem acontecer".

5º selo

9. "E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram".

(VER O CONTEXTO DESTE VERSÍCULO EM MATEUS 24.9, QUE DIZ: "...matar-vos-ão").

I. "...as almas dos que foram mortos". Este grupo de santos vistos no presente texto, são os mártires da Grande Tribulação, e sem dúvida alguma eles fazem parte dos pregadores do "Evangelho do Reino", pois a passagem diz que eles deram o seu "testemunho". Historicamente falando, João contempla os mártires da perseguição de Domiciano. João dá o nome de um deles – Antipas – neste mesmo livro (Ap 2.13). Profeticamente falando, a Besta desencadeará uma tão grande perseguição contra aqueles que durante esse tempo de angústia, professar o nome de Jesus. As almas que estão debaixo do altar, procederão dessa perseguição. Quando indagaram quanto tempo ainda duraria a sua sorte, foi-lhes dito que teriam de esperar até que fossem mortos os seus irmãos. Vimos nessas almas apenas ao chegarem da terra no céu, depois de haverem sido mortas; mas agora ficamos sabendo como foram mortas, e por quem: degoladas pelo Anticristo (cf. Ap 20.4). E também obremos a resposta para a pergunta que fizeram: "Até quando...?". Terão de esperar 42 meses, isto é, 3 anos e meio.

1. debaixo do altar. Alguns estudiosos supõem que assim como o sangue escorria para a valeta que havia ao pé do altar, e assim como "a vida está no sangue", assim também, aqueles mártires cujo sangue for derramado, tomarão a posição correspondente ao sangue dos sacrifícios. Os trechos de Fl 2.17 e 2Tm 4.6 vêem os mártires como sacrifícios

oferecidos a Deus. Portanto, o martírio à face da terra, como se a vida fosse oferecida a Deus em sacrifício celestial, tem esse significado. Há em o Novo Testamento três expressões aplicadas ao "lugar" que o cristão ao deixar esta vida entra na eternidade: (a) "O Paraíso". Lc 23.43; (b) "O Seio de Abraão". Lc 16.22; (c) "Debaixo do Altar". Dois pontos importantes devem ser anotados aqui: (aa) Os mártires de durante o tempo da "Dispensação da Graça", serão coroados. Cf. 2Tm 4.8; Ap 2.10; (bb) Os mártires da Grande Tribulação receberão palmas em suas mãos (Ap 7.9).

10. **"E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?".**

I. "...ó verdadeiro e santo Dominador". Esta cena se passa no céu, no terceiro céu. Pensamos que a Grande Tribulação teve entre o (1º, 2º e 3º selos) respectivamente. Debaixo do altar estão almas de mártires da septuagésima semana profética de Daniel 9. Haverá, entre elas, almas de gentios? Cremos que sim! (7.9-14). Estes mártires não pertencem à Era da Graça, pois se o fosse jamais pediriam "vingança" contra seus inimigos, mas, sim, "bênçãos" (cf. Mt 5.44), e no lugar de usarem a palavra "Dominador" eles usariam a palavra "Salvador". Eles, a exemplo de Cristo, foram ouvidos quanto ao que clamavam (cf. Hb 5.7 e Ap 6.11). O clamor dos santos por vingança, da parte dos mártires contra seus opressores (a Besta e seus súditos) e os que perseguem seus irmãos, ainda vivos, é comum na literatura judaica helenista. Nesse caso, no presente texto, a Besta e seus aliados são objetos da vingança esperada. "Assim foi que Policarpo advertiu o procônsul que o examinava, que existe "um fogo que espera os ímpios no julgamento vindouro, com punição eterna".

11. **"E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram".**

I. "...vestes brancas". O branco é a aparência característica do céu. Símbolo de pureza. "Ali seus cidadões serão vestidos de branco (cf. 3.18 e 19.14). Jesus, na visão de 1.14, tinha "cabelos brancos como lã branca, como a neve". O vencedor será vestido em vestiduras brancas. Os 24 anciãos estavam vestidos assim (4.4). Os mártires, igualmente (6.11). A multidão dos remidos, da mesma maneira (7.13, 14). Na transfiguração, as vestes de Cristo tornaram-se brancas e resplandecentes como a luz (Lc 9.29). Quando Cristo vier, os justos brilharão como o sol. Mt 13.43". A Bíblia, já na atual, adverte; "Em todo o tempo sejam alvos os teus vestidos..." (Ec 9.8a). Eis a razão de sempre ser necessário lavar nossas vestiduras "no sangue do Cordeiro" (Ap 22.12). Deus "habita na luz inacessível" (1Tm 6.16), e seus filhos devem ser seus "imitadores" andando na luz (1Co 11.1; Ef 5.1; 1Jo 1.7). Os que se vestem de "vestiduras estanhas" ficarão fora do céu (cf. Sf 1.8 e Mt 22.11-13).

1. O número de seus conservos. Como em outras passagens similares, o simbolismo aritmético ocupa lugar de destaque em todo o Apocalipse. A base desse tipo de simbolismo é a persuasão de que a realidade – em todas as esferas, humanas, sobre-humanas. Existe, enfim, o simbolismo cromático. Algumas cores têm equivalências precisas, as quais transcendem a materialidade da própria cor.

6º selo

12. "E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol, tornou-se negro como saco de cilício, e a juá tornou-se como sangue".

(VER O CONTEXTO DESTE VERESÍCULO EM MATEUS 24.29, QUE DIZ: "E, logo depois da aflição daqueles dias (dos 2, 3, 4, 5, selos) o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz")

I. "...o sol tornou-se negro". O escurecimento do sol, e da lua, está predito pelo profeta Joel (Jl 2.31). Esse fenômeno será produzido por forças sobrenaturais, descarregadas pelo poder de Deus. O leitor deve observar que a quinta taça, referida no livro do Apocalipse (16.10), será um julgamento na forma de trevas, que deixará, que os homens profundamente angustiados, já a segunda e a terceira, dessas taças, preditas no Apocalipse, prevêem modificações extraordinárias nas massas de águas, a tal ponto de serem transformadas em sangue.

1. E a lua tornou-se como sangue. Provavelmente, devido aos mesmos acontecimentos acima descritos, que quase apagarão a luz do sol. Ambos conjuntamente se tornarão negros "como um saco de cilício". O "cilício" ou "crina" era um pano grosseiro, no grego hodierno, "saccos", de onde vem o vocábulo moderno "saco". Na qualidade, era feito de pêlos de cabra, exportado pela Cilícia. Naturalmente de cor negra, conforme o presente versículo indica, era tecido usado como sinal de luto (ver Gn 37.34 e Jl 1.8), como sinal de penitência pelos pecados cometidos (ver 1Rs 21.27), ou como sinal de oração especial, que implorava a ajuda necessária. Os pastores palestinos usavam diariamente esse tipo de tecido. João, se serve desta figura expressiva, para descrever o caráter sombrio da própria natureza durante o tempo da Grande Tribulação.

13. **"E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte".**

(VER O CONTEXTO DESTE VERSÍCULO EM MATEUS 24.29, QUE DIZ: "...E as estrelas cairão do céu").

I. '...E as estrelas do céu caíram sobre a terra". "O Senhor Jesus predisse a queda de estrelas e o abalo dos poderes dos céus: Durante o tempo da angústia de Jacó, haverá perturbação literal no firmamento. A base do contexto parece ser a passagem de Is 34.4.

Os corpos celestes são conhecidos por sua fidelidade às órbitas". A queda destas estrelas será, provavelmente, em vôo rasante sobre a face do solo, pois o texto, em si, favorece esta interpretação. O leitor deve observar com cuidado a frase: "as estrelas caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes". A figueira, quando abalada por "um forte vento', derruba os figos temporãos não lhes permitindo amadurecimento para se sazonarem devidamente. Assim também, os ventos dos juízos divinos causarão perturbações cósmicas, e as estrelas, literalmente, passarão de raspão por sobre a face do solo.

1. O estudo dos meteoritos é uma das mais jovens ciências da pesquisa humana. "Nas noites de 13 e 14 de novembro de 1833, a terra foi visitada com grande chuvas de meteoritos. O firmamento ficou literalmente tomado pelas estrelas cadentes. Novamente, em novembro de 1866, ocorreu chuva semelhante. Essas chuvas de meteoritos têm ocorrido regularmente, com cerca de 30 anos de intervalo, durante os últimos mil anos. Os cientistas, entretanto, talvez não tenham muito para esperar, porquanto, próximo do fim da Grande Tribulação, os céus gotejarão estrelas como uma árvore que deixa cair seus frutos, quando é sacudida por um vento poderoso".

2. Uma estrela como aquela que caiu no Estado de Virgínia, Estados Unidos da América, há milhares de anos atrás, agora mataria todos os seres vivos e arrasaria todos os prédios e casas num raio de centenas de quilômetros. O choque e o calor seriam sentidos até o estado de Ohio, e uma onda de maremoto atingiria até às costas da Europa Central.

14. **"E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares".**

(VER O CONTEXTO DESTE VERSÍCULO EM MATEUS 24.35, QUE DIZ: "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar").

I. "...E o céu retirou-se como um livro que se enrola". Em Is 34.4, está predito este grande acontecimento. Os judeus entendem que o céu visível, é uma grande "cortina" em forma de "pergaminho" (cf. Sl 104.2). O Senhor Jesus, em seu imortal ensino, predisse a "passagem do céu e terra" em Mt 24.35. Tal acontecimento terá início no período sombrio da Grande Tribulação, mas só se consolidará no Grande Dia de Deus: (mil anos depois). Cf. 2Pd 3.10, 12. Para a era futura, os profetas predisseram mudanças drásticas em todo o Universo (Ag 2.6). Aceitamos que todo o "sistema" sofrerá uma mudança total, para dar lugar aos "novos céus e nova terra, em que habita a justiça". Os acontecimentos do fim serão iminentes e universais. A terra sofrerá gigantescos terremotos, ao mesmo tempo, em vários lugares, e grandes transformações ocorrerão no firmamento. O céu retirou-se: é o que diz o presente texto. Um rolo como está aberto, ocupando imenso espaço, tal como as estrelas estão dispersas por área imensa. Porém, naquele grande dia, tudo passará impelidos pelo supremo poder da voz de Deus pessoal (Hb 12).

15. **“E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas”.**

I. “...se esconderam nas cavernas”. O texto em foco fala-se de homens se escondendo da ira de Deus: nossos pais (Adão e Eva) se esconderam da santidade divina (Gn 3.10). Alguns acham que as grandes monarquias têm de desaparecer e que todos os “sistemas” de governos serão democráticos no mundo. Mas vemos nos versículos (15-16) que haverá reis, soldados, tribunos e militares até o fim de nossa era.

1. “Uma série de sete fenômenos na natureza (terra, sol, lua estrelas, céu, montanhas, ilhas) ferem sete (ou a totalidade) categoria de pessoas (reis, grandes (magnatas), ricos, tribunos, poderosos, servos, livres). Todos procuram escapar à justiça de Deus: procurando fugir (para onde?) ou mesmo desejam a própria destruição”.

2. “Há ainda para os homens, viajando para o grande dia da ira de Deus e do Cordeiro, uma rocha onde podem abrigar-se. Há ainda montes onde se acha segurança; costa das convulsão que sobrevirão à terra. A Rocha é a Rocha secular; os montes são os da Salvação em Cristo Jesus. Como diz o Espírito Santo: “Eis agora o tempo aceitável. Eis agora o dia da Salvação” (cf. 2Co 6.2). Os homens, procurarão se esconder da face de Deus e de Cristo, mas em vão, pois “todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos da tratar” (Sl 139 e Hb 4.13)”. O homem, na qualidade de ser criado é obstinado, só aprende mediante a punição.

16. **“E diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro”.**

(VER O CONTEXTO DESTE VERSÍCULO EM MATEUS 23.30, DIZ QUE: “Então começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos”).

I. “...diziam aos montes e aos rochedos”. Esta citação é tirada do livro de Oséias 10.8, que diz: “...E dirão aos montes: Cobri-nos! E aos outeiros: Caí sobre nós!” Foi também empregada por Jesus em Lucas 23.30, como advertência prévia. Esta oração é feita às montanhas que neste exato momento buscarão o aniquilamento físico por causa da intensidade e do terror da Grande Tribulação. Os homens procurarão o total aniquilamento do próprio ser, porquanto os juízos da tribulação são suficientes para levá-los à percepção deste fato: logo terão de enfrentar o juízo divino, o julgamento das almas. Este versículo nos mostra uma coisa estranha no que diz respeito aos vasos da ira: “os homens buscam a morte, e não a Deus. No dizer de Swete: “O que os pecadores mais temem não é a morte, e, sim, a presença revelada de Deus”. Isso mostra a que nível baixíssimo os homens caíram. E quão intensa precisará ser a ira de Deus para trazê-los de volta.

17. **“Porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?”.**

I. "...é vindo o grande dia da sua ira". Os textos bíblicos mostram-nos que a "ira de Deus" pode manifestar-se cada dia. Virá, porém, um dia particular reservado à manifestação da ira divina, o dia do Senhor, será o dia da ira e da indignação predita (cf. Ez 7.19; Sf 1.15, 18; Mt 3.7; Lc 21.23; Rm 2.5; 1Ts 1.10; Ap 6.17; 11.18 e ss).

1. Analisemos, pois, dois termos especiais quando à ira de Deus, usados no Novo Testamento: (a) THYMOS; (b) ORGÊ:

(aa) THYMOS. A palavra grega "thymos", que significa "um irrompimento de ira" emprega-se no Novo Testamento. Todas as nove vezes estão no livro do Apocalipse, onde a ira divina é retratada ferindo somente os ímpios (ver 11.18; 14.8; vem sobre Babil6onia; em 14.19; 19.15; sobre os exércitos em Armagedom; em 15.1, 7; em 16.1, 19; sobre os habitantes da terra).

(bb) ORGÊ. Está segunda palavra no presente texto, é a palavra grega "orgê'. Ela significa "um estado firme de ira", emprega-se também a respeito da ira de Deus cerca de vinte e sete vezes no Novo Testamento. No texto em foco, a "IRA" não só é de Deus, mas de um modo especial é também a IRA do Cordeiro. Seja como for, o termo "ira" quando é aplicado à pessoa de Deus ou de Cristo, não indica alguma "emoção violenta"; antes, é um termo técnico para julgamento de forma versátil sobre seus inimigos. Paulo, chama esta ira de Deus, de "IRA FUTURA". E acrescenta: "Jesus, ...nos livra da ira futura" (cf. 1Ts 1.10b).

Capítulo VII

1. **"E DEPOIS destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma".**

I. "...depois destas coisas". O capítulo 7 deste livro do Apocalipse é um parêntese da graça. Neste capítulo temos duas visões distintas: a primeira referente a Israel (7.1-8); a segunda refere-se aos gentios salvos na Grande Tribulação (7.9-17). O leitor deve já estar familiarizado com algum "episódio" que são intercalados no decorrer deste livro. O Sr. Mc Conkey, se refere aos mesmos como "inserções". O leitor pode perguntar: essas "inserções" fazem parte do conteúdo do livro? respondemos que sim! Há certa diferença no método de apresentação. A secção celestial é cronológica: cada acontecimento é numerado. Mas a secção terrena é tópica, e algumas vezes há emprego de símbolos. No caso de acontecimentos numerados, como por exemplo os selos e as sete trombetas, a regra é: quando os acontecimentos são numerados, têm lugar obedecendo a ordem numerada. Assim a secção celestial é contínua. Nada está fora de lugar; tudo está em sua própria ordem.

1. O trecho de Ap 6.17 promete a ira divina contra os rebeldes. Este sétimo capítulo mostra que essa "ira" não poderá ser descarregada contra os "assinalados", os quais estão justificados em Cristo. No presente versículo João contempla: "quatro anjos que estava sobre os quatro cantos da terra". Os antigos povos pensavam que a terra fosse quadrada, e, portanto, dotada de quatro cantos. Os filósofos gregos e jônicos (600 a.C.) modificaram

esse conceito, pensando ser a Terra um disco. O profeta Daniel (607 a.C.), teve uma visão sobre "os quatro ventos do céu" (Dn 7.2); o profeta Zacarias (520 a.C.) viu também em sua futurística visão algo semelhante (Zc 6.5). No presente texto, porém, os ventos são dos "quatro cantos da terra" e não do céu. Isso significa: os quatro ventos dos quatro pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste). Os quatro ventos cardeais simbolizam também os poderes celestiais e esses poderes põem em movimento as nações do mundo.

2. **"E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar".**

I. "...outro anjo subir da banda do sol nascente". João em sua visão futurística vê a terra como uma grande superfície quadrada, com um anjo em cada um dos quatro cantos. Mas algo especial, novamente lhe chama atenção: vê outro elevado poder angelical "subir da banda do oriente", ou seja, do oriente em direção à Palestina. O elevado poder angelical, tinha o selo do Deus vivo; ele gritou aos quatro anjos que não danificassem a terra até que fossem "assinalados" 144.000 israelitas separados para Deus e o Cordeiro.

1. O Deus Vivo. O Deus Eterno está em foco nesta passagem. Russell Norman: ressalta: "temos aqui um título dado freqüentemente a Deus no Antigo Testamento; também nos escritos judaicos e helenistas, salientando o fato de que Deus é a única deidade verdadeira, em contrate com os "ídolos mortos" do paganismo, que não têm vida, e, portanto, não têm poder". O leitor deve ainda consultar as seguintes passagens sobre "O Deus Vivo" no Novo Testamento (Jo 6.69; At 14.15; Rm 9.26; 2Co 3.3; 1Ts 1.9; 1Tm 4.10; Hb 3.12; 10.31; 12.22). O Deus vivo confere vida aos homens, a saber, a sua própria modalidade de vida, de tal modo que os remidos virão a participar da imagem e natureza do Seu Filho Jesus que também é a vida.

3. **"Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalados nas suas testas os servos do nosso Deus".**

I. "...assinalado nas suas testas". O Apocalipse em sua magnitude é um livro de selo e assinalação. Em muitas de suas passagens (13.16, 17; 14.9; 16.2; 19.20 e 22.4) vemos todo o exército da Besta assinalado em sua testa. Isto parece ser uma antítese desta passagem aqui em foco. Portanto, todo o povo de Deus é marcado. O profeta Ezequiel no capítulo 9 de seu livro, descreve também uma companhia de homens assinalados (v. 4). O sinal posto pelo homem vestido de linho sobre eles, protegia dos juízos de Deus sobre a rebelde cidade 9v. 6). O trecho de Isaías 44.5 menciona a "inscrição" do nome de Deus sobre as mãos dos fiéis, para identificá-los como pertencentes a ele. (Ver um simbolismo disso em Ap 14.1; talvez este versículo terceiro seja um paralelo). Esse é um dos tipos de selo. A passagem de Ezequiel: 9.1-8 encerra cena similar a esta, quando seis anjos são retratados como preparados para destruir Jerusalém, quadro então aparece um outro

personagem (o homem vestido de linho), e "marca com um sinal as testas dos homens que suspiram..." (vs. 4, 11).

4. **"E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel".**

I. **"...cento e quarenta e quatro mil".** Na passagem de Apocalipse 7.4-8 os judeus selados (diferentes da multidão gentia) são numerados, e as tribos são cuidadosamente separadas. Em números precisos, há 144.000 judeus selados. Estes judeus são salvos no início da Grande Tribulação e são selados a fim de passarem por ela. É o remanescente judaico preservado do martírio. Existe sempre uma pergunta a respeito dos 144.000 por parte dos estudantes da Bíblia: é a Igreja representada? Observando com atenção os textos e contextos em foco, fica terminantemente esclarecido quem são os 144.000. O Espírito de Deus diz que são "...de todas as tribos dos filhos de Israel". Na verdade a palavra "Israel" nunca é usada para a Igreja, a não ser em Gl 6.16; mas há divergência sobre a exegese deste texto. Passagem também similar pode ser vista em Gl 3.29: "E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa".

1. É evidente que, mesmo havendo estes textos que colocam Abraão na condição de "pai de todos os que crêem" (cf. Rm 4.11); mesmo assim, os crente cristãos não pertencem às doze tribos de Israel, ainda que alguns eruditos os comparem com o "Israel de Deus" (Gl 6.16), porém, nessa passagem isso não tem sentido. Os 144.000, pois, são, necessariamente israelita: estes constituem o remanescente do povo terrestre de Deus – são eles, sem dúvida, os pregadores do "Evangelho do Reino" durante a Grande Tribulação. Alguns teólogos têm procurado ver neste texto e nos que se seguem apenas um número simbólico, e não literal, dizendo que esse número se derivaria do conceito dos "setenta"; que simbolizaria a totalidade de Israel (Gn 46.27) ou se derivaria da Igreja, representada em seus líderes (Lc 10.1); comparam, ainda com as setenta nações" do livro de Gênesis. A forma mais completa poderia ser "setenta e dois" e seria simbolicamente representado por 72 x 2.000 = 144.000. Nós aceitamos a interpretação literal oferecida pelo texto divino; os 144.00 são israelitas, e conseqüentemente, 12 mil de cada tribo. Não nos deixemos levar por preconceitos contra os judeus, a pensar que os 144.000 não serão israelitas. Lembremos-nos de que todos os profetas eram judeus. Jesus era judeu. O escritor do Apocalipse era judeu. Todos os Apóstolos (com exceção de um?) eram judeus. A própria salvação vem dos judeus (cf. Jo 4.22).

5. **"Da tribo de Judá, havia doze mil assinalados: da tribo de Rubem, doze mil: da tribo de Gade, doze mil".**

I. "...da tribo de Judá, etc". Diz o Dr. Joseph A. Seiss em seu livro: "Todos os nomes judaicos têm significação, e o sentido dos nomes dados aqui não é difícil de ser descoberto". O texto em foco cita tr&es nomes: Judá, Rubem e Gade. Seguiremos aqui o Dr. Norman numa breve interpretação:

1. Judá significa confissão ou louvor a Deus; Rubem quer dizer eis um filho; Gade, uma companhia ou fortuna. Observemos, pois, as significações especiais:

(a) JUDÁ: O leitor deve observar que Judá é mencionado em primeiro lugar na lista dos assinalados, mormente porque, Cristo, o Messias prometido, era desse tribo. Judá foi o quarto filho de Jacó, por Lia (Gn 29.35). Bem como o primeiro ponto, acima, seu nome significa "louvor de Deus" e é através de seu Filho maior (Jesus) que esse louvor se torna possível entre as nações do mundo. O louvor é apreciado por todos os verdadeiros discípulos de Cristo, especialmente pelo grupo selecionado de judeus, que são representados durante o tempo da Grande Angústia por esse nome.

(b) RUBEM: Foi o primogênito de Jacó, por Lia (Gn 29.32). Por causa se seu pecado, perdeu direito à primogenitura. Seu nome significa: Eis o filho! Nisso se pode perceber certa lição espiritual porque é ao Filho que nos convém contemplar. A instabilidade de Rubem encontrou cura no Filho maior de Israel, Jesus Cristo. Deus não se repele aos instáveis, antes, oferece-lhes o remédio da transformação segundo a imagem de Cristo (Rm 8.29), mediante o poder espiritual (2Co 3.18; Gl 5.22-23).

(c) GADE: Seu nome significa "tropa" (Gn 30.11). Espiritualmente falando, talvez denote o número incomensurável dos santos, especialmente, no presente texto, no caso do grupo de selecionados. Esses são aqueles que Deus reservou para si mesmo, com fidelidade precípua, visando ao bem-estar de toda a humanidade. Foi ele o sétimo filho de Jacó, através da criada de Lia, Zilpa.

6. **"Da tribo de Aser, doze mil: da tribo de Naftali, doze mil: da tribo de Manassés, doze mil".**

I. "...da tribo de Aser, etc". O leitor deve observar que os nomes continuam com a mesma significação especial:

1. Aser, bendito; Naftali, lutando ou lutando contra; Manassés, esquecimento: e ss. Isso indica que, olhando para o Filho, é organizada uma companhia de benditos, lutando contra o esquecimento, com significação especial:

(aa) ASER: Seu nome significa "bendito" (Gn 30.13). Espiritualmente significa as bênçãos do Messias sobre todos os discípulos, mas, sobretudo, sobre os mártires e testemunhas do período da Grande Tribulação. Foi ele o oitavo filho de Jacó, por meio de Zilpa, criada de Lia.

(bb) NAFTALI: Seu nome significa "luta" ou "lutando contra" (Gn 30.8). Espiritualmente, pode designar o conflito dos santos, escatologicamente falando, isso pode apontar para os tempos da Grande Tribulação, que certamente será também um tempo de "luta" entre o mal e o bem. Isso é especialmente veraz no que diz respeito às tremendas perseguições religiosas prometidas pelas profecias e promovidas pelo Anticristo. Naftali foi o sexto filho de Jacó, nascido de Bilha, criada de Raquel, a filha mais nova de Labão, o arameu (Gn 29.26).

(cc) MANASSÉS: Foi o filho mais velho de José, nascido no Egito e de mãe egípcia, Asenate, filha de Potífera, sacerdote de On (Gn 41.5). Substituiu a tribo de Dã na lista dos assinalados, e o possível motivo disso, é que seu nome significa "esquecimento" (Gn 41.51). Espiritualmente falando, isso talvez queira ensinar-nos a esquecer-nos do que fica para trás, buscando novas vitórias em Cristo, o alvo precioso. Os mártires e assinalados do período da Grande Tribulação terão de fazer isso, por cuja razão vitoriosos em tempos tão adversos (cf. Fl 3.13-14).

7. **"Da tribo de Simeão, doze mil: da tribo de Levi, doze mil: da tribo de Issacar, doze mil".**

I. "...da tribo de Simeão, etc". Observemos o significado especial de cada nome e analisemos cada detalhe: tópico do Dr. Joseph A. Seiss:

1. Simeão, significa ouvindo e obedecendo; Levi, união, reunindo ou apego; Issacar, recompensa: ouvindo e obedecendo a Palavra, apegados à recompensa futura, etc:

(aaa) SIMEÃO: Seu nome significa "ouvindo" ou "audição". Espiritualmente, isso pode significar que devemos "ouvir" a fim de obedecer, e também que as ovelhas de Cristo ouvirão a sua voz e o seguirão, até mesmo sob as mais difíceis circunstâncias (Jo 10.16), como sucederá durante a Grande Tribulação, em que o Anticristo martirizará a muitíssimos seguidores de Cristo.

(bbb) LEVI: Foi ele o terceiro filho de Jacó, por meio de Lia (Gn 29.34). Seu nome significa "reunido", e, espiritualmente falando, isso pode indicar como o amor de Cristo nos confere união no bem-estar, de tal modo que nada é capaz de separar-nos do amor de Deus em Cristo (cf. Rm 8.39). Isso será algo necessário quando o Anticristo perpetrar suas violências ímpias e lançar o caos no meio da comunidade (os santos da Grande Tribulação). Nada pode separar-nos da graça de Deus, que opera por meio do amor em qualquer tempo ou circunstâncias. A tribo de Levi era a tribo sacerdotal. Os assinalados foram comprados com "o precioso sangue do Cordeiro", por cuja razão são constituídos "reis e sacerdotes para Deus" (Ap 1.6 e 14.4).

(ccc) ISSACAR: Foi o nono filho de Jacó, por meio de Lia (Gn 3.17, 18). Seu nome significa "salário" ou "recompensa". Talvez indique, espiritualmente falando, os benefícios e galardões que Deus confere aos seus servos, especialmente para os fiéis sofredores durante os tempos difíceis da Grande Tribulação.

8. "Da tribo de Zebulom, doze mil: da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil".

I. "...da tribo de Zebulom, etc". O significado especial continua em cada nome: Zebulom, lar ou moradia; José adição; Benjamim, filho da mão direita, filho da idade avançada:

1. Ora, ponham-se todos esses nomes em ordem, como os anteriores, e teremos a seguinte descrição: abrigo ou lar (Zebulom); uma adição (José); filho da mão direta de Deus (Benjamim), gerado no fim dos dias:

(aaaa) ZEBULOM: Foi o décimo filho de Jacó, por meio de Lia (Gn 30.20). Seu nome significa "habitação". Lia tinha esperança de quem em face de ela ter dado seis filhos a Jacó, obteria o seu favor; que ele continuaria a habitar com ela, favorecendo-a diante de Raquel. Espiritualmente, Cristo habita conosco e nos favorece por meio do Espírito Santo, ao ponto de fazer de nós a própria habitação ou templo de Deus (Ef 2.21, 22). O Senhor "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, e eternamente". (Cf Hb 13.8), e durante o tempo da aflição, Ele se postará ao lado dos assinalados e mártires, no período sombrio da Grande Tribulação, de tal modo que nenhum dano real e duradouro lhes poderá sobrevir.

(bbbb) JOSÉ: Foi o décimo-primeiro filho de Jacó, por meio de Raquel, sendo o primeiro filho desta (Gn 30.24 e 35.24). José foi o filho favorecido e mais estimado de Israel, foi mimado por Jacó e amado por Raquel; Vendido à servidão, por seus próprios irmãos mais velhos, conseguiu vencer em meio à adversidade e Deus postou-se ao seu lado, fazendo redundar em bem o que parecia ser mal. Isso ele fará novamente no caso dos assinalados do período sombrio da Grande Tribulação. O nome José significa "adição" (Gn 3024). Seu nascimento retirou o opróbrio de Raquel por não ter desistido de sua confiança em que Deus ainda lhe "adicionaria" outro filho. Seu nome podia ser traduzido também por "aumentador", e em breve seria mudado para ZAFENATE-PENEÁ (salvador do mundo. Homem sábio que foge da contaminação, e ainda revelador de segredos). Ver a significação especial na língua egípcia. Cf. Gn 41.45.

(cccc) BENJAMIM: Foi mais novo de Jacó, nascido de Raquel, que faleceu ao dá-lo à luz. Após o desaparecimento de José, Benjamim obteve o favor especial de Jacó. Seu significado "filho da mão direita" (Gn 35.18). Isto simboliza a importância que Jacó atribuiu ao seu nascimento, pois, assim, ele obtivera um filho especial. Raquel, quando já faleceu, deu-lhe o nome de Benoni, que significa "filho da minha dor" (Gn 35.18). Jesus foi apresentado ao mundo com ambos os significados, porquanto Ele é o "Homem de dor" (Is 53.3), mas também é o Filho especial de Deus, Filho da "Mão Direita", o Filho do Seu Poder. Em Cristo, através de ambos esses aspectos, os assinalados e testemunhas da Grande Tribulação aprenderão lições espirituais necessárias. Passarão por grande tristezas e dores, à semelhança de Cristo, mas triunfarão em Cristo e por Cristo, não obstante todos os sofrimentos.

2. O leitor deve observar que a tribo de Dã foi excluída desta lista. Irineu, escrevendo perto do fim do segundo século de nossa era, informa-nos sobre uma antiga tradição muito divulgada entre os judeus e ensinada pelos rabinos, que supunham que o Anticristo viria dessa tribo. Na presente lista dos assinalados os nomes de Levi e José são postos no lugar de Dã encabeçará as tribos do Senhor no novo governo de Cristo 9Ez 48.1). Ficará ao norte da cidade de Damasco, bem ao norte da Síria. Efraim é excluído também dessa lista e substituído por José. O profeta Oséias durante o desaparecimento dessa tribo durante um tempo de apostasia, dizendo: "Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o". Este pronome final do presente texto é muito significativo (Os 4.17). Continua: "Efraim com os povos se mistura" (Os 7.8): "Efraim, a sua glória como ave voará" (Os 9.11): "Efraim foi ferido,

secou-se a sua raiz" (Os 9.16): "Efraim... fez-se culpado em Baal, e morreu" (Os 13.1), etc. Durante o Reino Milenial de Cristo essa tribo voltará a existir novamente (Ez 48.5, 6).

3. "O Antigo Testamento encerra vinte lista diferentes das tribos dos Filhos de Israel, e nenhuma ordem especial é ali seguida. Três destas listas têm sentido profético, e dezessete são genealógicas. Quanto às várias listas de tribos, no Antigo Testamento, (ver Gn 35.22 e ss; 46.8 e ss; 49.3 e ss; Êx 1.1 e ss; Nm 1.2 e ss; 13.4 e ss; Dt 27.11 e ss; 33.6 e ss; Js 13 ao capítulo 22; Jz 5.1 Cr capítulo 2 e 8; 12.24 e ss; 27.16 e ss; Ez 48)". Podemos analisar as listas proféticas referentes a Israel em três períodos diferentes; o primeiro período pode sofrer duas aplicações: uma, logo com sua entrada na Terra Santa, a segunda, durante o período sombrio da Grande Tribulação. A lista das tribos do presente texto terá seu lugar de aplicação durante esse tempo de angústia; a de Ezequiel 48, somente no Milênio: (a) A profecia de Gênesis 49 fala do bem-estar das trios da terra dentro da terra da promissão; (b) A de Apocalipse 7 fala da preservação da integridade física e moral dos 144.000 tomados de cada tribo dos filhos de Israel; (c) A de Ezequiel 48, fala da salvação final de Israel e da divisão escatológica da Terra Santa durante o Milênio de Cristo. Daremos aqui um resumo das doze tribos em cada uma das três listas:

A. Gênesis 49:	B. Ezequiel 48:	C. Apocalipse 7:
Rubem (v.3)	Dã (v.1)	Judá (v.5)
Simeão (v.5)	Aser (v2)	Rubem (v.5)
Levi (v.5)	Naftali (v.3)	Gade (v.5)
Judá (v.8)	Manassés (v.4)	Aser (v.6)
Zebulom (v.13)	Efraim (v.6)	Naftali (v.6)
Issacar (v.14)	Rubem (v.5)	Manassés (v.6)
Dã (v.16)	Judá (v.7)	Simeão (v.7)
Gade (v.19)	Benjamim (v.23)	Levi (v.7)
Aser (v.20)	Simeão (v.24)	Issacar (v.7)
Naftali (v.21)	Issacar (v.25)	Zebulom (v.8)
José (v.22)	Zebulom (v.26)	José (v.8)
Benjamim (v.27)	Gade (v.27)	Benjamim (v.8)

9. **"Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos".**

I. "...eis aqui uma grande multidão". A vasta multidão não numerada dos gentios do presente texto e dos que se seguem, está em vivido contraste com o número mais limitado e exatamente definido de Israel. Esta multidão de "todas as nações", com palmas

nas mãos não deve ser confundida nem com a Igreja nem com Israel. Este é o poderoso ajuntamento de almas que Joel predisse ao dizer que no dia do Senhor todo o que invocasse o nome do Senhor seria salvo (cf. Jl 2.30-32; At 2.16-21). O capítulo 6. 9 deste livro relata que os mártires da Grande Tribulação encontram-se "debaixo do altar", aqui, porém, a cena mudou, e eles se encontram "diante do trono e perante o Cordeiro". Porém, as vestes são as mesmas (6.11 e 7.9).

1. Com palmas nas suas mãos. De acordo com a simbologia profética das Escrituras, as palmas simbolizavam vitória e paz. Esta foi a interpretação quando entrou em Jerusalém o Príncipe da Paz (Jo 12.12-13). As palmas ou ramos de palmeiras são citados em caráter cerimonial com a festa dos tabernáculos (cf. Lv 23.40), e é curioso observar que esta festa durava "sete dias" (em caráter profético, equivale a sete anos). Cf Lv 23.40; Nm 14.34; Ez 4.6). No texto em foco, as palmas são dadas em lugar de coroas para simbolizar a vitória daqueles crentes e a paz que desfrutarão no céu.

10. **"E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro".**

I. "...Salvação ao nosso Deus". A grande "multidão" vista nesta secção, clama agora "salvação"! Segundo H. H. Halley é possível distinguir dois grupos neste capítulo, como segue: os 144.000 foram os eleitos de Israel. Aqui, a "multidão" é de todas as nações. Na primeira visão, a cena se desenrolou na terra. Aqui, porém, a cena tem lugar no Céu. Lá foram assinalados em vista de uma tribulação próxima. A dos versículos que se seguem, a tribulação já passou. Se os 144.000 e a grande multidão são dois grupos separados, ou se é o mesmo grupo sob dois aspectos diferentes há opiniões variadas por parte dos estudiosos da Bíblia. Porém, se, analisarmos o texto com atenção, verificaremos que o "Israel" do (v.4) está em contraste com "todas as nações" do (v.9), e que aquele significa os cristãos judeus, enquanto que a grande multidão significa os cristãos gentios.

11. **"E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais: e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus".**

I. "...todos os anjos estavam ao redor do trono". A palavra "trono" ou "tronos" ocorre por 38 vezes no Apocalipse e sete delas só nesta secção (vs. 9, 10, 11, 15, 17). No presente texto João contempla "todos os seres" celestes diante do trono em adoração à Deus. Há diversidades de seres celestes, embora todos pertençam à natureza angelical; mas a referência específica que temos aqui, mui provavelmente é aos "muitos anjos". Os capítulos 4 e 5 do Apocalipse revelam várias ordens de seres angelicais, cada qual postado ao redor do trono, em distâncias cada vez maiores. Imediatamente perto do trono há quatro seres viventes; então aparecem os 24 anciãos; finalmente, figuram os anjos em grande multidão.

1. prostraram-se diante do trono. O quadro aqui descrito parece completar o do versículo 9. No centro da cena, o trono de Deus; diante dele, os quatro seres viventes e, em disposição concêntrica como as fileiras de um anfiteatro grego, os vinte e quatro anciãos; depois a grande multidão e, por fim, rodeando todos, em círculo, os anjos em pé fecham o grande coro de louvor e adoração àquele que vive para todo o sempre. O clamor é um só: a Salvação pertence não só ao Cordeiro mas também ao Pai: clama a grande multidão. E os anjos amém! Que reunião maravilhosa!

12. **"Dizendo: Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre Amém".**

I. "...Louvor, e glória, etc". Isso é comparado com Ap 5.12, onde o "louvor" é atribuído ao Cordeiro, ao passo que aqui neste texto, o mesmo é atribuído a Deus o Pai. O autor sagrado não hesita em atribuir o mesmo louvor ao Pai e a Jesus Cristo seu Filho, e isso subentende a deidade deste último. Isso explica explicitamente a "divindade de Jesus Cristo" como a segunda pessoa da Santíssima Trindade. O "Amém" em foco nesta passagem, encabeça e termina a lista, adicionando dignidade à mesma (Cf. Jo 1.5 e Ap 5.14), em suas respectivas significações esta palavra pode ser uma exclamação optativa: "Assim seja!", ou pode ser uma declaração: "É assim"; reafirma a veracidade de qualquer declaração feita e com freqüência é empregada nas doxologias, nas páginas das Escrituras. O próprio Cristo é o "Amém" personificado, o qual confirma a veracidade de Deus aos homens (ver Ap 3.14).

13. **"E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestidos bancos, quem são, e donde vieram?".**

I. "...quem são, e donde vieram?". Diante de tal pergunta feita pelo ancião, o Apóstolo João, hesita em saber o verdadeiro sentido, e apela para o esclarecimento do ser superior. Este ancião pode ser igual a João, mas na esfera celeste se tornou maior (cf. 1Jo 3.2). Esta grande multidão de salvos não fará parte da Igreja, mas terá o seu lugar diante do trono. O Dr. C. I. Scofield afirma: "Não pertencem ao sacerdócio, à Igreja, à qual parece estar um tanto relacionados como os levitas aos sacerdotes sob a aliança mosaica". A multidão não deve também ser enumerada entre os vastíssimos exércitos de anjos, estes, são "recém-chegados" à cena celestial.

1. Do texto em foco, concluímos que o "anciãos" não era um dos integrantes daquela inumerável multidão (os mártires), fazia parte de um outro grupo especial (o arrebatamento), reforçando a idéia de que os vinte e quatro anciãos sejam representativos dos remidos de Israel e da Igreja arrebatada, pois a multidão cuja contagem foge à possibilidade humana, pertencia ao grupo "vindo da Grande Tribulação". Este grupo não está assinalado com o selo da proteção porque já não precisava mais dela. Estavam já fora do mundo e na presença de Deus. Não estava "assentado no trono" como a Igreja (3.21), mas diante do trono e ali, adorando a Deus e ao Cordeiro.

14. **“E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro”.**

I. “...Estes são os que vieram de grande tribulação”. O presente versículo é a resposta da pergunta feita pelo anciãos no versículo anterior. Muitos estudiosos do Apocalipse encontram certa dificuldade na presente expressão: “...vieram de grande tribulação” quando se extrai da Bíblia Edição Revista e Corrigida; porém outras traduções evitam o problema. Para melhor compreensão do significado do pensamento, observemos as traduções que se seguem: “...estes são os que vieram d’uma grande tribulação”. “...estes são aqueles que saíram do grande sofrimento...”. “...Ce sont ceux qui viennent de la grande tribulation”: tradução literal “estes são aqueles que vieram da grande tribulação”. “...são os que passaram pela grande perseguição”. “...são estes os que vêm da grande tribulação”. Poderíamos fazer inúmeras outras citações que, de uma maneira ou de outra, sempre indicam que estes santos, vieram de uma “prova especial”. Evidentemente, esta grande multidão, são os mártires do período sombrio da Grande Tribulação. A companhia inumerável representa o efeito (não a causa) da obra extensiva da graça continuada através da semana profética de Daniel (Dn 9.24-27).

1. E lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro. Durante a “Dispensação da Graça” em sua plenitude, três dispositivos divinos eram usados na salvação do pecador: (a) A Graça. Ef 2.8; (b) A Fé. Lc 18.42; (c) O sangue do Cordeiro. 1Jo 1.7; Ap 12.11, etc. Porém o arrebatamento da Igreja a Graça terminou sua missão (cf Mt 25.10); porém, Deus, em sua justiça e retidão, continuará usando dois dispositivos ainda: a Fé e o sangue do Cordeiro (ver Ap 7.14; 12.11 e 14.13). Assim, a Grande Tribulação, segundo Scofield “será, porém, um período de salvação. A eleição de Israel é selada para Deus (7.4-8), e, com uma grande multidão de gentios (7.9), é declarada ter vindo “da grande tribulação”. Esta secção revela que, mesmo fora da dispensação da graça, pode haver salvação, mas sempre baseada na morte expiatória de Cristo. A justiça de Deus se exerceu sobre o Cordeiro, e só através da Cruz pode o homem, em qualquer circunstância, alcançar o perdão.

15. **“Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá a sua sombra”.**

I. ‘...os cobrirá com a sua sombra”. O Salmista falou no Salmo 91.1 da “sombra do Onipotente”. É, sem dúvida alguma, o lugar de verdadeiro descanso para o cristão agora e na eternidade. Charles traduz esta frase por “Aquele que se assenta no trono fará com que sua “chequinah” (glória) repousa sobre eles”. A frase é singular. A “chequinah” (glória) era a manifestação da presença de Deus, guiando o seu povo no deserto. A sombra de Deus é eterna também. Os da multidão se encontram diante do trono de Deus e debaixo de sua sombra se assentam (cf. Ct 2.3). É um privilégio conferido àqueles cujas vestes foram lavadas e alvejadas no sangue do Cordeiro, estar na presença do Soberano. No Antigo Testamento, os gentios eram retidos no pátio dos gentios e os judeus no pátio dos

israelitas. Mas, o sangue de Jesus, lhes confere ousadia "para entrar no santuário" celeste (cf. Hb 10.19-20).

16. **"Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairão sobre eles".**

I. "...nunca mais terão fome, nunca mais terão sede". O presente texto, faz também alusão à afirmação tirada de Is 49.10 que diz: "Nunca terão fome nem sede, nem a calma nem o sol os afligirá...". Este grupo de santos é composto daqueles que tiveram fome e sede na terra (cf. Mt 5.6 e Ap 6.10). Este livro informa que o Cordeiro conduzirá seus servos às fontes da água da vida. Aquele que bebe essa água nunca sofrerá os tormentos da sede espiritual, a sede da alma (ver Lc 16.24). O próprio Deus é a fonte da vida (Sl 34.10). Talvez também haja alusão na presente passagem ao salmo 23, o salmo do bom pastor. Davi, ao anelar por água da fonte de Belém, quando recebeu um pouco de vida, recusou-se a beber, mas ofereceu-a ao Senhor, como uma oferta pacífica, tão preciosa tornara-se ela! (2 Sm 23.15-17). Mas, no estado eterno, não haverá hesitação para beber da água da vida, não haverá limite para a alegria espiritual!!

17. **"Porque o Cordeiro que está nomeio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima".**

I. "...e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida". As águas celestiais não terão o gosto salgado das lágrimas, porquanto nos conduzirão a uma vida livre das labutas e das tristezas que acompanham o martírio. Aquele que fez o seu povo beber do rio, ao longo do caminho (ver Sl 110.7) que dava aos que vinham a ele a água que é a única capaz de satisfazer-lhes a sede (Jo 4.13, 14 e 7.37-39) haverá então de conduzi-los às fontes espirituais das águas da vida, levando-os a beber dos seus prazeres (cf. Sl 36.8).

1. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima. O texto em foco lembra as palavras de Jesus, em Lc 7.13 quando disse a pobre viúva: "Não chores". Os que choraram na terra, serão consolados no céu (cf. Mt 5.4), e os que aqui choraram; choraram numa eternidade sem Deus, sem haver quem os console! A figura bondosa e protetora do pastor palestino não encontra similar nos dias de hoje. Tão considerado naquela época de João, pela devoção, pelo espírito de sacrifício, que Cristo fez dele a imagem de Si mesmo: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas". (Cf. Jo 10.11). Este último versículo revela-nos a proteção, a bondade, o gozo, a companhia do Filho na presença do Pai. Ali os remidos o servirão "de dia e de noite" no seu santuário (v.15). A linguagem aqui usada, tem forma antropomórfica (forma humana para ser entendida pela mente natural), pois "ali não haverá noite..." (22.5). "A metáfora mista deste versículo, que combina com diversos elementos da pessoa de Cristo, e o que Ele significa para seus discípulos de todas as épocas, tenciona transmitir a idéia de que Cristo é "tudo em todos" agora e na eternidade!".

Capítulo VIII

7º selo

1. **“E HAVENDO aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora”.**

I. “...fez-se silêncio no céu”. O vidente João não nos diz o que esse silêncio significa. Portanto, precisamos usar da imaginação para descobrir. Nesta secção existe uma intermediária, que se divide em duas partes distintas que serão focalizadas no tópico seguinte:

1. Aqui, como noutras partes do Apocalipse, a última subdivisão da visão é transicional ou intermediária. Ray Summers diz que ela prepara o caminho para o que vem na visão seguinte. A secção intermediária é dividida em duas partes: (a) O silêncio no céu. Vs 1 e 2; (b) O incenso da vitória. Vs 3 a 5. Os eruditos fazem inúmeras investigações para descobrir porque “fez-se silêncio no céu” (SELÁ) e quase todos apresentam uma interpretação diferente:

(aa) Hagigah 12b diz que os anjos ministrantes se calaram para Deus ouvir os louvores prestados por Israel, que ascendiam desde a terra. Talvez esse silêncio igualmente tenha esse propósito.

(bb) O trecho de II Esdras 7.30 fala de um período de silêncio de “sete dias”, durante o qual ninguém estava vivo, pois Deus eliminará a antiga ordem e dará início a uma nova ordem de coisas. Isso será feito mediante uma nova criação. Os sete dias seriam dias de criação, tal como está declarado na criação original.

(cc) Há uma tradição judaica que diz que “no quinto céu existem companhias de anjos de serviço que cantam louvores à noite, porém são silenciosos de dia por causa da glória de Israel”. Isto é, que os louvores de Israel sejam ouvidos na corte celestial, porquanto, o Criador tinha entrado no Templo para ouvi-los: observe-se: Hb 2.20; Sf 1.7; Zc 2.13.

(dd) Devemos observar que, nos capítulos anteriores havia grande alarido no céu. Agora, porém, fez-se repentino! Toda música cessa. A voz de Deus está abafada. A seriedade do momento é suficiente para afastar todo regozijo da história humana e celeste. O sétimo selo é o último selo. O selo do silêncio! Há nele uma pausa de quase meia hora”! Por quê? A “DISPENSAÇÃO DA GRAÇA” começou com a morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e terminará em sua plenitude com o arrebatamento da Igreja (Mt 25.10). Mas, é evidente que, oficialmente falando, ela terminará sua forma de ação na presente secção de Apocalipse (8.1-5); a seguir, no versículo seguinte, vem um “depois” que reassume o curso da “ira divina” já manifestada no início da Grande Tribulação (cf. 6.16-17). No versículo 6 do capítulo em foco, diz literalmente: “...Os sete anjos... preparam-se”. Isto é, receberam as instruções divinas para executarem juízos sobre a humanidade decaída.

2. **“E vi os sete anjos, que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas”.**

I. “...sete trombetas”. As trombetas que anunciaram a queda dos muros de Jericó foram executadas por sete sacerdotes (Js 6.4), havia diversos timbres de trombetas, mas, todas davam toque certo, para que a voz tivesse sentido (cf. 1Co 14.8); as Escrituras declaram que o povo de Israel estava familiarizado com o som da trombeta em qualquer sentido; como por exemplo:

1. (a) nos dias de alegria, festividades e sacrifícios. Nm 10.1-6; (b) em tempos de guerras. Nm 10.9 e Ez 33.1-7; (c) a fim de convocar o povo para ouvir os mandamentos divinos. Êx 19.19; (d) em meio à guerra havia também sons de trombetas. Js 6.4, 5; (e) Nas festividades solenes. Sl 81.3. Nas mãos dos profetas, as trombetas simbolizavam pronunciamentos escatológicos (cf. Is 27.13; Jl 2.1; Sf 1.16; 1Co 15.52; 1Ts 4.16). Nas mãos dos anjos de Deus, elas representam castigos iminentes (ver Ap 8.7 e 11.15). Em várias passagens escatológicas, na literatura judaica, a trombeta anuncia o advento do Messias e o fim do mundo. O número sete trombetas, indica que Deus trará algum julgamento, perfeito, completo e inteiramente apropriado para realizar seu propósito contra “o mundo dos ímpios”.

3. **“E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono”.**

I. “...outro anjo”. O Dr. H. Lockyer, SR. Declara: “Antes de examinarmos com mais detalhes os anúncios dos sete anjos, devemos identificar o anjo separado – “outro anjo”- que aparece em sua companhia (8.3-5). É ele simplesmente outro anjo ou alguém especial? Sempre que se usa a frase “outro anjo”, no Apocalipse, usa-se a palavra grega “allos-outro da mesma espécie”. Muitos expositores acreditam que a expressão “outro anjo”, ocorre aqui, para indicar a presença da Trindade”. O texto em foco, designa um anjo sacerdote da corte celeste. Ele não é identificado graficamente, é outro elevado poder, um ministro, dotado de importante missão a ser cumprida. Alguns eruditos o identificam como sendo o próprio Cristo encerrado oficialmente: a “Dispensação da Graça”.

1. Tendo um incensário. O leitor deve observar como o livro do Apocalipse se combina entre si em cada detalhe; no capítulo 5.8, (que antecede a abertura dos selos) João descreve ter visto “salvas de ouro cheias de incenso”; e no presente capítulo (8) que à semelhança do capítulo 5, antecede o toque das trombetas João contempla novamente um incensário do ouro contendo “incenso”. Observemos que, neste texto, as “orações” oferecidas diante do trono, sobre o altar celeste, são as “de todos os santos”, e não apenas dos mártires, conforme se vê em Ap 6.9 e ss. O texto assegura-nos o poder da oração. Todas as orações ascendem a Deus, e os pedidos que devem ser realizados por intermédio delas, se cumprirão. A providência divina garante isso. A oração aqui, e somente dos “santos”, pois Deus não ouve a pecador (cf. jo 9.31).

4. **“E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus”.**

I. “...o ...incenso subiu com as orações”. Passagens como (5.8 e 8.3), que relacionam com nossas orações armazenadas, podem significar que as orações pelos queridos não respondidas poderão sê-lo então. Essa esperança, entretanto,não deve criar indiferença pelos perdidos. No texto em foco o incenso está relacionado com as orações e vice-versa. Nas Escrituras, o incenso sempre exibe o poder da expiação de Cristo no holocausto da cruz, que atua diante de Deus... representa a pessoa e a obra de Nosso Senhor, no calvário, acrescentando-se isso as orações de todos os santos, tornando-se imediatamente eficazes nas narinas de Deus (cf. Sl 141.2; Ef 5.2). “As orações tornaram-se aceitáveis por terem sido oferecidas com incenso, sobre o altar. Todo o acesso aos céus se dá mediante a avenida do sacrifício. Quer se trate das orações dos fiéis os dos próprios mártires, igualmente, devem ser apresentadas ou oferecidas sobre o altar celeste, a fim de que ali possam ser purificadas da última mácula de egoísmo, tornando-se aceitáveis a Deus. A fumaça ascendente diz respeito às orações, designada a acompanhá-la e a torná-las mais aceitáveis”.

5. **“E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos e terremotos”.**

I. “...fogo do altar”. No Antigo Testamento sempre representava a imediata resposta de Deus ao seu povo (1Rs 18.24; 1Cr 21.26), no presente texto, tem o mesmo sentido. É a resposta das orações dos santos. A resposta vem na forma dos terríveis julgamentos das sete trombetas, sempre o fogo está em foco! O fogo se relaciona muito com um dos atributos da natureza de Deus, que “é um fogo consumidor” (Hb 12.29). O texto em estudo também nos lembra a ação similar de Moisés diante de Faraó, quando tomou cinzas do forno e as espalhou na direção do firmamento; e quando desceram a terra simbolizaram a praga que estava prestes a cair à terra (Êx 9.8-10). As cinzas quentes serviam de sinais dos julgamentos vindouros.tal como na visão paralela de Ez 10.2, quando o homem vestido de linho recebeu para ir entre as rodas, sob o querubim, para encher sua mão com brasas tiradas dentre os querubins, espalhando-as sobre a cidade condenada, assim também aqui, as brasas caem, mostrando os juízos Divinos estão às portas. Os trovões, e relâmpagos e terremotos, que surgem quando as brasas são lançadas sobre a terra, são sinais de advertências do julgamento de Deus que se aproxima.

6. **“E os sete anjos, que tinha as sete trombetas, preparam-se para toca-las”.**

I. “...preparam-se para tocá-las”. O presente versículo, é uma introdução dos grandes e terríveis acontecimentos que terão lugar logo após o versículo seguinte. “As sete

trombetas significam um anúncio completo e total. Não se deve confundir as trombetas místicas (ainda que com sons reais) com as trombetas literais dos tempos do Antigo Testamento". Podemos observar que os juízos desta série de sete começam no capítulo oitavo desse livro, e terão sua consumação plena no capítulo décimo-sexto. O espaço de tempo que existe ente o "início" e a "consumação" destes juízos, são apenas pequenos intervalos (ver 11.15 e 15.5).

O leitor deve observar que, ainda que as trombetas não seguem paralelamente com as taças, no que diz respeito ao tempo, contudo, o alvo a ser atingido é um só. No comentário do versículo seguinte desta secção mostraremos sistematicamente como as trombetas e taças se harmonizam em cada detalhe. Como os sete selos caem em dois grupos de quatro e de três, assim as sete trombetas se dividem; as primeiras quatro sendo reminiscências distintas das pragas egípcias na ocasião do êxodo (Êx 7.19 e ss; 9.22 e ss; 10.21 e ss).

As primeiras trombetas (em números de quatro) põe em movimento a ruína que cairá sobre os objetos naturais. O mundo da natureza é diretamente usado por Deus para punir os homens. As três últimas trombetas dizem respeito à vida humana, isto é, aos ímpios habitantes da terra.

1ª trombeta

7. **"E o primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra, que foi queimada na sua terça parte; queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada".**

(VER A CONSUMAÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 16.2 QUE DIZ: "E foi o primeiro, e derramou a sua salva sobre TERRA...).

I. "...saraiva e fogo misturado com sangue". Saraiva e fogo misturado com sangue apresentam uma tríplice combinação horrorosa. Tal triplicidade expressa a manifestação terrível da ira divina sobre a terra e seus habitantes. Essas três substâncias são (com exceções variáveis) sempre usadas por Deus no campo do castigo (Êx 9.22 e ss; Ez 38.22). Faraó e seus súditos sofreram na pele este terrível castigo. Os homens que viverem no período sombrio da Grande Tribulação o sofrerão também. Os castigos aqui apresentados não podem ser simbólicos, mas reais! Também não podem ser encaixados como fatos históricos. Mas, sim juízos preparativos para a "Parousia de Cristo, quer dizer, devem estar no futuro. Devemos ter em mente que o Senhor Jesus disse no início e no término desse livro, que "essas coisas" em breve hão de acontecer (cf. 1.19 e 22.6).

1. Observemos agora a posição geográfica de cada castigo, atingindo um "só alvo": no seu "início" e "consumação":

(a) A terra. 8.7 e 16.2; (b) O mar. 8.8 e 16.3; (c) Os rios e as fontes das águas. 8.10 e 16.4; (d) O sol 8.12 e 16.8; (e) Escureceu-se o sol e o ar; veja o paralelismo: se fez tenebroso. 9.2 e 16.10; (f) O grande rio Eufrates. 9.14 e 16.12; (g) Houve no céu grandes vozes, que diziam: veja o paralelismo: E saiu grande voz do templo do céu, do trono,

dizendo... (11.15 e 16.17). Apenas, segundo depreendemos; na introdução os juízos são vistos de forma parcial enquanto que na consumação, são vistos de forma universal ou total.

2ª trombeta

8. **"E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo e tornou-se em sangue a terça parte do mar".**

(VER A CONSUMAÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 16.3, QUE DIZ: "E o segundo anjo derramou a sua salva no mar, que se tornou em sangue...").

I. "...uma coisa como um grande monte". O que João viu lançado no mar no texto em foco era mais parecido ao monte Sinai, quando ardia em fogo, ante a presença espantosa do Senhor, do que a um vulcão, que vomita fogo. "Há grande controvérsia nesta interpretação, porque alguns a interpretam literalmente, dizendo que, pelo toque da segunda trombeta, é lançado "um torpedo" (uma coisa como...) ao mar, pela fúria das guerras marítimas e também pela gula dos homens famintos em matar desesperadamente os peixes, torna-se em "sangue a terça parte do mar". Outros o entendem simbolicamente: O grande monte ardendo em fogo, bem pode simbolizar um reino. Certamente o antigo império romano, está em foco nesta passagem" (comp. Is 2.2; Jr 51.25; Mq 4.1; Zc 4.7). Ele será alvo especial da vingança de Deus, e ficará ardendo entre as nações como "...um monte de incêndio" (cf. Is 13.2; Jr 51.25; Ap 17.7).

1. Tornou-se em sangue a terça parte do mar. Chuva vermelha como sangue é um fenômeno bem conhecido da ciência. Swette chama nossa atenção para uma ocorrência parecida na Itália e no sul da Europa, em 1901, "resultante" conforme se diz, que o ar estava repleto de areia fina vinda do deserto de Saara. As erupções vulcânicas poderiam explicar parte desse fenômeno. Em Or Sibyll. v. 377 há uma alusão a certos fenômenos assim. Ao invés disso, tudo porém, pensamos que esses acontecimentos são "literais" e maiormente futuros. A transformação do mar em sangue corresponde à praga que invadiu o rio Nilo (Êx 7.7-21). O mar aqui está indelevelmente selado com o sinal da morte. A grande montanha ardente em fogo sendo lançada ao mar denota que a destruição não é causada por nada que esteja dentro das forças humanas, mas provém diretamente de Deus como uma advertência de juízo.

9. **"E morreu a terça parte das criaturas que tinham vida no mar; e perdeu-se a terça parte das naus".**

I. "...a terça parte das criaturas". Os efeitos destrutivos causados pela grande montanha em chama, nos faz lembrar quando o vulcão da ilha Santurim entrou em erupção, e parecia uma montanha flamejante. Os fugitivos contaram que viram rajadas de fogo destruindo a vegetação, os vapores sulfurosos matando os peixes do mar, e as águas

tornando-se vermelhas como sangue. No texto em foco, os peixes literalmente estão em foco, ou, então, há aqui um símbolo da "vida"; tal como o mar simboliza as "nações". Seja como for: "morreu um terço dos animais marinhos; e um terço dos navios (ou as embarcações em geral) foi destruído, e todos que buscaram refúgio na água, por causa do fogo que assolava a terra (mediante o toque da primeira trombeta), foram apanhados nas águas sangrentas, cobertas de fogo, e morreram". Mediante estes juízos; a vida será destruída em vasta escala, mediante guerras, mediante a violência indescritível de homens contra homens. Os peixes e as embarcações falam também da dependência do homem ao mar, durante a boa parcela do seu bem-estar. A segunda trombeta afetará ambas as coisas, literalmente, ou, mais provavelmente ainda, de modo simbólico. Aquilo que é "vida", seja como for, será grandemente prejudicado pelos estranhos poderes que invadirão o mundo habitável.

3ª trombeta

10. **"E o terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas".**

(VER A CONSUMAÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 16.4, QUE DIZ: "E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas...").

I. "...uma grande estrela". A área geográfica afetada pelo castigo da amargura é a terça parte, sugerindo que "os passos de Deus desde a misericórdia para o juízo são sempre lentos, relutantes e medidos". Essa grande estrela que caiu do céu ardendo como uma tocha, não deve ser interpretada como sendo a mesma do capítulo 9 deste livro. A que está em foco, pode ser mesmo "um meteoro" ou "um grande cometa", enquanto que a do capítulo 9 "compreende um chefe distinto a quem competia difundir a luz espiritual". Ela é o anjo do abismo. O juízo da terceira trombeta, tal como no caso da primeira e da segunda, está relacionado, pelos menos em Edéia, às pragas do Egito; sendo aquelas apenas uma ameaça de Deus a Faraó; essas porém, uma consumação dos juízos divinos contra os pecadores impenitentes da era escatológica. Na expressão de Sir Willam Ramsey: "Olhando-se para os ingredientes amargos diluídos na água pela queda desta grande estrela de absinto, maravilhamo-nos não de que muitos tenham morrido e, sim, de que tenham sobrevivido".

11. **"E o nome da estrela era absinto, e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos hímens morreram das águas, porque se tornaram amargas".**

I. "...e o nome da estrela era absinto". O texto em si leva a pensar que, a estrela em foco, pode ser mesmo uma grande estrela formada de absinto. O nome de absinto é tirado de uma planta, conhecida por Artemísia (losna ou alosna), cuja característica é o amargor:

"Vós que converteis o juízo em alosna, e deitais por terra e justiça" (Am 5.7): "...haveis vós tornado o juízo em fel, e o fruto da justiça em alosna?" (Am 6.12); "portanto assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel; Eis que darei de comer alosna a este povo e lhe darei a beber água de fel" (Jr 9.15). São perguntas e respostas do Senhor nosso Deus. Estas declarações têm sentidos profundos para uma geração escatológica. A terra deve colher os frutos amargos do pecado pois os suprimentos essenciais são contaminados por esta planta. O absinto é o arbusto de gosto mais amargo que se conhece. Diversos tipos de absinto são encontrados no Oriente, na Síria e na Palestina. A referência, neste ponto, provavelmente é à "Artemísia herba-alba", ou à "Artemísia judaica 1". Todas as espécies têm um gosto amargo e forte, o que proporcionou ser essa planta usada metaforicamente para indicar o amargor a derrota, a tristeza, a calamidade, etc, por causa do pecado.

4ª trombeta

12. **"E o quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferida e terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas; para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a noite".**

(VER A CONSUMAÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 16.8, QUE DIZ: "E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol...").

I. "...foi ferida a terça parte do sol... da lua... das estrelas". Esse juízo será uma avaliação do juízo do sexto selo (ver Ap 6.12, 13), quando o sol entrou em eclipse total, e a lua transformou-se em sangue e as estrelas caíram do céu. Agora, durante uma terça parte de cada dia, as "luzes celestes" não dão luz, mas parecerão normais durante o resto do tempo. No tempo da quarta trombeta, os astrônomos certamente ficarão tomados de grande pasmo. Ao estrugir do céu uma voz estranha de trombeta, apagar-se-á a luz do sol! No oitavo salmo, a visão desses prodígios deixa os homens humilhados, levando-os a perceber a sua própria insignificância. No livro do Apocalipse, os luzeiros celestes são envolvidos nesses juízos divinos contra os homens. Seja como for, um ensinamento se destaca com clareza: O universo inteiro está debaixo do controle do governo divino. "No primeiro estágio deste castigo de Deus sobre os vasos da ira, o sol teve apenas a sua luz reduzida em um terço", porém na sua consumação que terá seu ponto marcante na quarta taça (ver Ap 16.8), o juízo será executado em ordem crescente, e os homens, que, no toque da trombeta, apenas foram envolvidos em densas trevas, agora serão abrasados com "grandes calores". (Cf. v.9). O texto de Mateus 24.29, que é o "pequeno Apocalipse", fala em distúrbios nos céus, no sol e na lua, que não brilharão, ao passo que as estrelas cairão. Vê-se, portanto, que essas ocorrências tremendas são comuns nas predições apocalípticas".

13. **“E olhei, e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: ai! ai! dos que habitam sobre a terra! por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar”.**

I. “...um anjo voar”. No texto grego de (Nestlé-Marshall), em lugar de “um anjo” registra “uma águia”. Na versão atualizada lê-se também com o mesmo sentido: “Então vi, e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai, ai ai dos que moram na terra...”. Preferimos a primeira tradução, pois “anjos” são mensageiros de Deus, e deles as vozes geralmente ouvidas por João. Acresce, ainda, que esta é, também, a palavra registrada em dois manuscritos. Os “ais” são três. O três é o número divino. Os juízos da quinta, sexta e sétima trombetas serão a continuação da maneira de Deus tratar com os homens, do que os homens muito necessitarão, pois estarão quase absolutamente alienados dele. As trombetas são agora chamadas de “ais”, o que visa indicar que sua natureza é temível; mais do que no caso das trombetas anteriores, em que as quatro passadas houve certa dose de misericórdia divina. Porém, o versículo em foco, mostra que as trombetas são agora três “ais” repetidos pelo anjo. As três pragas são particularmente penosas e se intitulam o primeiro, o segundo e o terceiro ais. Eles se dirigem aos habitantes da terra, isto é, o mundo não cristão, em direção oposta ao caminho da cruz de Cristo. O anjo voará pelo “meridiano”, isto é, pelo ponto mais alto do firmamento, o ponto onde se acha o sol ao meio dia. Sua mensagem, portanto, será clara, pois será vista por todos, grandemente iluminada pelo sol do meio-dia. Seu clamor será universalmente ouvido.

Capítulo IX

5ª trombeta

1. **“E O QUINTO anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo”.**

I. “...vi uma estrela que do céu caiu na terra”. Devemos observar que João não percebeu a queda da estrela; mas viu-a já caída do céu. Uma chave lhe é dada; o anjo toma-a a usa para abrir o “poço do abismo”.

1. Observemos que a descrição do juízo da quinta trombeta que é o primeiro “ai”, em sua descrição, ocupa um espaço de onze versículos, porquanto há completa descrição da invasão por parte das hostes infernais, e aquilo que elas são. O espaço extraordinariamente grande dado a essa visão, deve-se à tremenda modificação, para pior, que isso trará para a humanidade. O quadro geral deste juízo divide-se em três partes, a saber: (a) descrição geral, vs. 1 a 6; (b) descrição específica dos gafanhotos infernais, vs. 7 a 10; (c) descrição do “anjo do abismo”. O rei dos gafanhotos, v. 11. O presente juízo neste capítulo, começa com a queda de “uma estrela”. A palavra “estrela” que freqüentemente, aparece nas

Escrituras, não tem sentido uniforme, mas versátil; pode significar um homem (cf. Gn 37.9 e Ap 1.20) ou um angelical, santo ou decaído, dependendo do contexto. No presente texto porém, a "estrela" significa o próprio Satanás, que é o "anjo do abismo". (Ver v.11). No livro do profeta Isaías 14.12 há uma passagem paralela à do texto em foco: "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançada por terra, tu que debilitavas a nações!". Os anjos da Bíblia, especialmente na poesia, são chamados de "estrelas (cf. Jó 38, e Ap 12.4-9). Neste versículo ela é, pois, um ser pensante, um anjo decaído, Satanás o opositor de Deus e dos homens.

2. **"E abriu o poço do abismo, e subiu fumo do poço, como o fumo de uma grande fornalha, e com o fumo do poço escureceu-se o sol e o ar".**

(VER A CONSUMAÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 16.10, QUE DIZ: "E O QUINTO anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso...").

I. "...escureceu-se o sol e o ar". Deve ser observado que, no primeiro estágio ou introdução deste juízo "escureceu-se o sol e o ar". Na sua consumação porém, conforme descrita no capítulo 16.10, o reino da Besta "se fez tenebroso; e eles (seus súditos) mordiam as suas línguas de dor". Porém, tanto no início como na consumação: o mundo habitável foi mergulhado na "escuridão".

1. O poço de abismo. Alguns estudiosos traduzem também por "fenda do abismo", isto é, porque grego "phear" tem esse sentido. O poço do abismo aqui referido, não quer dizer apenas "o abismo" (sentido comum), mas "o poço do abismo", isto é, "o mais interior da cova" (cf. Ez 32.23), ali pois, por expressa ordem de Deus, estão encarcerados os poderosos que zombaram de Deus na "terra dos viventes". Ezequiel diz que, sete nações desceram ali e que "seus sepulcros foram postos no mais interior da cova" (cf. Ez 32.18, 21 e ss). Nas epístolas de Pedro e Judas, encontramos anjos ali aprisionados (2 pd 2.4 e Jd v. 6). No contexto teológico, e bíblico, esse é um lugar chamado de "região tenebrosa e melancólica, onde se passa uma existência consciente, porém e inativa"; longe de Deus (2Sm 22.6; Sl 9.17). "Há uma tradução entre os escritos judaicos que diz: Originalmente, o poço do abismo era reputado como o lugar que abrigava "os espíritos em prisão"; mas ali viveram apenas como "sombras" a vaguearem ao redor".

2. Hades. "O escondido". A palavra encontra-se em Mt 11.23; 16.18; Lc 16.23; At 2.27, 31; Ap 1.18; 6.8 e ss); é o equivalente de Sheol do Velho Testamento. O Dr. C. I. Scofield chama a nossa atenção para dois pontos importantes: (a) "Antes da ascensão do Cristo, as Escrituras dão a entender que Hades consistia de duas partes, os lugares dos salvos e dos perdidos, a primeira chamada "Paraíso" e o "Seio de Abraão", ambas as expressões vêem do Talmud dos judeus, mas foram empregadas por Jesus e Paulo, em Lucas 16.22 e 23.43; 2Co 12.1-4, conscientes e eram "consolados" (Lc 16.25). O ladrão crente havia de estar nesse mesmo dia com Cristo no "Paraíso". Os perdidos eram separados dos salvos por "um grande abismo" (lc 16.26). Um homem que representa os perdidos do Hades, é o rico de Lucas (16.26). Ele era consciente, senhor de todas suas faculdades, memória, etc. e "em tormento". (b) Hades "depois" da ascensão de Cristo. No

que diz respeito aos não salvos, a Escritura não revela nenhuma mudança no seu lugar ou estado. No julgamento do Grande Trono Branco, Hades comparecerá ali; sua missão será, entregar os "mortos que nele havia". Serão julgados, e passarão ao "Lago de Fogo e de Enxofre" (Ap 20.13, 15). No contexto de Lucas 16.23, o "Paraíso" é retratado como estando "acima" do Hades. Isso é observado nas próprias palavras: "E no Hades (o rico), ERGUEU os olhos...". Quanto ao "Paraíso" houve uma mudança. Paulo foi arrebatado ao terceiro céu... ao Paraíso (2Co 12.1-4). O Paraíso, pois, agora está imediata presença de Deus, "debaixo do Altar", em "frente do trono" (cf. Ap 6.9 e 7.9, 15). Entende-se que (Ef 4.8-10) indica a ocasião da mudança: "Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro". Acrescenta-se imediatamente que Ele (Cristo) tinha primeiro "descido às partes mais baixas da terra?", isto é, à parte do Hades que era o Paraíso. As almas que foram mortas durante o período sombrio da Grande Tribulação, são imediatamente colocadas debaixo do altar que evidentemente, é parte do Paraíso (Lc 23.43; Ap 6.9 e ss). Durante o período atual os salvos que morreram estão "ausentes do corpo e presentes com o senhor:.

3. **"E do fumo vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra".**

I. "...vieram gafanhotos". Os terríveis gafanhotos mencionados nesta secção não são os pequenos animais, mas os anjos decaídos que, por expressa ordem de Deus estão aprisionados em escuridão (cf. 2Pd 2.4 e Jd v.6). São seres espirituais do mundo tenebroso; mas não são demônios (ver At 23.8), e que, durante este período de encarceramento, perderam o seu estado de configuração e, são apresentados com um aspecto terrível. No sexto versículo da epístola de Judas, vermos os anjos caídos ali aprisionados em cadeias eternas, na escuridão exterior, esperando pelo julgamento do grande dia. Pode-se considerar que isso acontecerá quando da "Parousia", ou, provavelmente, no fim do Milênio, quando for instaurado o julgamento do Grande Trono Branco (cf. 2Tm 4.1; Ap 20.11 e ss). Na segunda epístola de Pedro, há também menção de anjos presos nas "cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo". (cf. 2Pd 2.4). Seja como for, ali no 'poço do abismo" estão os gafanhotos infernais devidamente equipados, com suas armas destruidoras contra aqueles que viverem no "tempo do fim".

4. **"E foi-lhe dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm na suas testas o sinal de Deus".**

I. "...E foi-lhe dito que não fizessem dano à erva da terra". Este versículo tem seu paralelo na passagem de Joel (2.3): "Diante dele (do exército de gafanhoto) um fogo consome, e atrás dele uma chama abrasa; a terra diante dele é como o jardim do Éden, mas atrás dele um desolamento; sim, nada lhe escapará". No Antigo Testamento, a invasão de gafanhotos era uma punição terrível de Deus (cf. Êx 10.12 e ss). Essa idéia teológica de fundo o autor do Apocalipse a desenvolve com riqueza de pormenores. Esses anjos

rebeldes, como já ficou definido acima, são vistos no presente texto, como sendo gafanhotos infernais. Eles não formaram a nuvem, mas saíram dela. No dizer de Charles: "Os gafanhotos (animais) foram a oitava praga do Egito. Mas estes são diferentes dos gafanhotos ordinários da terra: terão ferrões nas caudas, como se fossem escorpiões. Com os ferrões é que feriam, e não com a boca, como fazem os gafanhotos naturais; na realidade, foram proibidos de tocar nas árvores ou em qualquer erva verde".

1. Os gafanhotos naturais não têm rei (cf. Pv 30.17), esses porém, têm "sobre si, rei, o anjo do abismo" (v.11). Observemos ainda dois pontos focais nesta secção: (a) O texto em foco, diz que, os gafanhotos são seres inteligentes, discernem, pois receberam ordem exclusivamente para não tocar "...à erva da terra, nem a verdura, alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm nas suas testas o sinal de Deus". O autor alude ao trecho de (Ap 7.1 e ss). Ali, os quatro anjos guardiões das forças da natureza, são proibidos de danificar as "verduras", até que sejam assinalados "os servos" de Deus. Aquele capítulo passa, então, a descrever os 144.000: (b) "Assim como Israel, no Egito, escapou das pragas que puniam aos seus vizinhos egípcios, assim também o novo Israel (144.000) será isolado dos ataques dos gafanhotos que emergirão do abismo".

5. **"E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião fere o homem".**

I. "...cinco meses". Esta expressão é repetida no versículo dez do presente capítulo. É a extensão normal da vida de um gafanhoto ordinário.

1. Focalizemos dois pontos importantes na presente secção: (a) as interpretações históricas; (b) os gafanhotos literais:

(aa) Algumas interpretações históricas pensam que esse número simboliza um período muito mais longo, pois cada dia seria igual a um mês ou algum outro período de tempo. Em seguida procuram encaixar o resultado em algum evento histórico, usualmente de caráter militar, como o ataque dos sarracenos, sob Maomé, ou como os ataques posteriores, que assaltaram o Egito, a Palestina, a Síria, Constantinopla e outros lugares. Nesse caso, os "gafanhotos" seriam os próprios "sarracenos". Essa maneira de interpretar o texto, dificilmente se coaduna com a tese principal. Sendo dias proféticos, assim um dia representava "um ano" (cf. Nm 34.14 e Ez 4.6), afiançando que esse tempo está envolvido entre 612 a 762 d.C.

(bb) Os gafanhotos literais nascem na primavera e morrem no fim do verão (de maio a setembro); exatamente cinco meses. Durante esse tempo, ele se mostra ativo, e qualquer destruição por ele produzida, tem lugar cinco meses. A praga dos gafanhotos sobrenaturais durará também "cinco meses". Esse espaço de tempo, é mencionado nas Escrituras com um sentido especial; nele Deus trouxe o dilúvio "sobre o mundo dos ímpios". Exatamente "cinco meses": (de 17 do mês segundo; maio, ao dia 17 do sétimo mês: setembro), prevaleceram as águas na terra (cf. Gn 7.11 e 8.4). Exatamente "cinco meses". As Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe! "Aqui notamos a

preocupação de poupar a vida aos homens, conservando-lhes a possibilidade de arrependimento, embora sob o aguilhão da dor. Tiveram um prazo, porém, não buscaram a vida, mas inutilmente procuraram a morte".

6. **"E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles".**

I. "...e a morte fugirá deles". O versículo em foco, tem seu paralelo no livro do profeta Joel (2.6): "Diante dele (do exército de gafanhotos) temerão os povos; todos os rostos são como a tisnadura da panela". Os gafanhotos infernais receberam poder semelhante ao dos escorpiões. Os viajantes do Oriente Médio, onde os escorpiões são comuns, precavêem-se destas criaturas, que muitas vezes são encontradas debaixo de pedras soltas e em ruínas, pois suas ferroadas são severas e doridas quando perturbados. Esta arma de ataque é um instrumento de dor excruciante, perturbação mental e até mesmo a morte. No livro de Jó (3.21) encontramos homens amargurados de ânimo procurando a morte: "...que esperam a morte, e ela não vem: e cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos". Esta é a única passagem nas Escrituras em que a morte foge dos homens, ao invés de o homem fugir da morte. Os homens da quinta trombeta se transformarão num verdadeiro comando suicida, porém seus intentos serão frustrados, pois a morte estará presa durante aqueles dias. O sofrimento dos homens chegará a uma intensidade tal, durante a Grande Tribulação, que a humanidade em geral concordará que mais vale a pena morrer, o que será uma avaliação pervertida da morte. Isso lembra-nos das palavras de Heródoto ao relatar o relatório de artabano e Xerxes: "Não há nenhum homem, entre esta multidão ou noutro lugar, que seja tão feliz que nunca tenha sentido o desejo – e não digo apenas uma vez, mas muitíssimas vezes de estar morto, e não vivo. As calamidades nos sobrevêm, as enfermidades nos assediam e desesperam, fazendo com que a vida, embora tão curta, pareça longa. Assim também a morte, mediante a miséria da nossa vida, é o mais doce refúgio de nossa raça". O pecado leva o homem a esse extremo; esse é o resultado da queda no pecado: eles vivem nele; e sua recompensa é a "morte" (cf. Rm 6.23 e ss).

7. **"E o parecer dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre as suas cabeças havia umas como coroas semelhantes ao ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens".**

I. "...o parecer dos gafanhotos'. Este versículo e os três que se seguem, sito é, (8, 9, 10) descrevem nove pontos (ou caracteres) importantes na descrição geral dos temíveis gafanhotos:

1. (a) "Cavalo aparelhados para a guerra". Sugestivamente, certas línguas, levadas pelo aspecto da cabeça do gafanhoto, dão-lhe nome que sugere o cavalo (Cavalleta = italiano; Heupferd ou cavalo de feno = alemão, etc.). A descrição dos "animais" é horripilante e hedionda; João nada viu na terra que pudesse realmente identificar-se com

essas criaturas vinda do mundo exterior. Teve de servir-se dos mais desconexos elementos comparativos para descrever-lhes a monstruosa aparência. Eles são vistos equipados; Isso indica que eles pertenciam a uma "Ordem de Guerreiros" vindo do "poço do abismo". O cavalo é rápida e forte, e produz a morte sem misericórdia (cf. Jó 39.19-25; Sl 33.17; 147.10). "Terrível é o fogoso respirar das suas ventas" (Jó 39.20). Sendo que, essas criaturas são mais ainda em grau supremo!

(b) "Coroas semelhantes ao ouro". Os gafanhotos descritos por João, trazem algo parecido "como coroas", em contraste com expressão em Apocalipse 4.4; 6.2; 12.1 e 14.14. Alguns intérpretes observam que as cabeças dos animais terminam em forma de "Coroa", como se fossem de ouro. A passagem em foco, nos leva a pensar que, os gafanhotos pertenciam a uma "ordem real" do "poço do abismo", por cuja razão "tinham si, rei". O rei dos terrores! (Jó 18.18 e Ap 9.11). São seres animalescos de natureza bestial!

(c) "Seus rostos eram como rostos de homens". No paralelismo de Joel 2.7, os temíveis animais, andarão como se fossem homens: "Como valentes correrão, como homens de guerra subirão os muros; e irá cada um nos seus caminhos e não se desviarão da sua fileira". Os rostos semelhantes aos de homens dessas horas espirituais, sugerindo inteligência e capacidade humana, dar-lhes-ão terror adicional. Alguns estudiosos aceitam isso literalmente, como se dá no caso dos intérpretes históricos. "São homens", dizem eles, "como sarracenos". Porém, para nós, essa forma de interpretação não se harmoniza com aquilo que é depreendido do texto em foco. Segundo um rabino; A expressão: "rostos como de homens". Significa "uma face irada" (Pv 25.23) e dura de ser encarada como a "pederneira" (Ez 3.9).

8. **"E tinham cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como de leões".**

I. "...cabelos como de mulheres, etc". O presente versículo da seqüência ao versículo anterior:

1. (d) "Tinham cabelos como de mulheres". Entre os comentaristas são seguidas várias interpretações sobre a presente expressão: (a) porque as antenas dos gafanhotos sugerem isso, conforme pensam alguns intérpretes, como diz um provérbio árabe: "o gafanhoto tem cabeça de cavalo, peito de leão, pés de camelo, corpo de serpente e antenas como cabelos de mulheres". Algumas traduções trazem: "cabelos longos como de uma moça". Seja como for, neles havia algo feminino. (b) Ou então, conforme poderíamos esperar, os "sarracenos" usavam os cabelos compridos, segundo dizem os intérpretes históricos e em muita das vezes foram confundidos por alguém como se fossem mulheres. (c) Eram monstros cabeludos como são descritos por Isaías 13.21: "...e os sátiros pularão ali". Isto é, "sã'ir" – Lv 17.7; 2Cr 11.15. O termo significa "cabeludo" e aponta para o demônio como sendo um sátiro: demônio feminino da noite, etc. (d) Para outros (talvez a forma predominante) "Eram seres destituídos dos elevados padrões morais como bem pode ser contemplado numa figura de retórica: "...rapazes escandalosos", cf. 2Rs 22.47 e 1Co 11.4, 7, 14.

(e) “Seus dentes eram como de leões”. Esta figura é emprestada de Joel (1.6 e ss), onde uma nação hostil é comparada à ameaça de uma praga de gafanhotos, que, destruiria toda verdura do campo: “...os seus dentes são dentes de leão, e têm queixadas de um leão velho”. Na simbologia profética, isso significa “sua terrível capacidade de destruição, sua voracidade incessante e brutal”. A implicação desta figura é que os terríveis gafanhotos nascidos da fumaça, serão cruéis, selvagens e implacáveis no tormento que causarão aos homens sem Deus.

9. **“E tinham couraça como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate”.**

I. “...couraças como couraças de ferro, etc”. Temos aqui a sexta e a sétima descrições dos gafanhotos. As suas ‘couraças” e o “ruído temível de suas asas”:

1. (f) “Couraças como couraças de ferro”. Os temíveis animais tinham por assim dizer, couraças de ferro. Essas agentes infernais de torturas são imunes a qualquer destruição pessoal. No presente versículo, vemos o corpo escamoso dos gafanhotos comparado a uma couraça. O General filistino, Golias, trazia também em volta de si uma couraça “escameada” (1Sm 17.5). Aquele poderoso gigante era o maior homem do mundo. Ele, foi sem dúvida, um agente direto de Satanás como também, esses serão, porém, em grau supremo.

(g) “O ruído das suas asas”. Observemos aqui a seqüência do paralelismo tirado de Joel 2.5: “como o estrondo de carros sobre os cumes dos montes irão eles saltando; como ruído da chama de fogo que consome a pragana, como um povo poderoso, ordenado para o combate”. O Dr. Robertson (in loc) declara o que segue: “O quadro gráfico do avanço de exames de gafanhotos infernais e a total incapacidade de resistir a eles, é dado aqui, como o “som de carros”, de muitos cavalos que avançam para a guerra”. O tinido e o clangor das rodas dos carros e o sacolejar dos cavalos, são aqui personificados (cf. Jl 2.4).

10. **“E tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses”.**

I. “...tinham caudas... e aguilhões”. Encontramos aqui a oitava e nona características dos gafanhotos. Nesta secção, o autor sagrado retorna às idéias gerais segundo se descrevem dos versículos três e cinco deste capítulo:

1. (h) “Caudas semelhantes às dos escorpiões”. O texto em foco, nos faz lembrar de uma curiosidade interessante: “...Há uma espécie de gafanhotos, do nome científico “Acridium Lineola”, comumente vendidos nos mercados de Bagdá (Capital do Iraque), como alimento, que tem ferrões nas caudas”. Sendo porem, que aqueles, são ordinários; esses, porém infernais. Os naturalistas dizem-nos que o escorpião sacode a cauda constantemente a fim de atacar, e que o tormento causado por suas picadas é muito

severo. Tudo isso, e mais ainda, será encontrado em grau supremo nos horripilantes animais contemplados por João.

(i) "Aguilhões nas suas caudas". Na declaração de Jesus a Paulo no caminho de Damasco (At 9.5), o "aguilhões" representa uma força irresistível. A presente expressão proverbial, era também encontrada em diversos autores de diferentes culturas, sob uma ou outra forma. Tem sido encontrada nos escritos dos poetas gregos e até helenistas. Ela era tomada no sentido de representar uma força espiritual, uma força do mal; que só pode ser resistida por uma superior – O Espírito de Deus (cf. Lc 10.19). Num cômputo geral na apreciação de João sobre esses seres, observemos o que segue: (a) São gafanhotos, mas têm a malícia de escorpiões. (b) Avançam como soldados montados para a batalha. (c) Usam coroas. (d) Têm a semelhança de homens em seu rosto. (e) Há algo de feminino em sua aparência. (f) Em sua voracidade são quais leões.

11. **"E tinham sobre si rei, o anjo do abismo; em hebraico era o seu nome Abadom, e em grego Apoliom".**

I. "...o anjo do abismo". O anjo do texto em foco é o próprio Satanás; ele é mencionado em sete livros do Antigo Testamento e em dezenove do Novo. Tem cerca de vinte e cinco nomes nas Escrituras: sua identidade é falsa. Ele é realmente chamado na poesia de "Rei dos Terrores" (Jó 18.14); no presente versículo, ele se apresenta novamente como sendo um "rei". Nesta visão dos gafanhotos infernais, ele é chamado por dois nomes:

1. (a) Abadom; (b) Apoliom: em ambas as línguas quer dizer "destruidor". (aa) ABADOM. Abadom, é um termo hebraico que significa "destruição" ou "ruína", conforme se vê em Jó 31.12. Algumas vezes é usado como equivalente da "morte". A palavra é também usada para o lugar da destruição, sinônimo de Sheol ou mundo invisível dos mortos em (Jó 26.6; 28.22; Pv 15.11 e 27.20), e é usada para o próprio mundo dos mortos (em Jó 31.12; Sl 88.11). João traduz a palavra para o grego não para o termo equivalente, apoleia, "destruição", mas por um particípio, apollyin, que significa "o destruidor". (bb) APOLION. Apoliom, esse termo grego é cognato do Apollumi, verbo que significa "destruição", e sua tradução em português acompanhou o sentido original de "destruição". Seja como for, é essa a missão sombria do "anjo do abismo": "Matar e destruir". Ele é chamado de "o destruidor" porque do ponto de vista divino de observação é o que ele é! (cf. Jo 10.10).

12. **"Passado é já um ai; eis que depois disso ainda dois ais".**

I. "...Ais". O profeta Ezequiel, profeta do cativeiro, fala em seu livro de "...lamentações, e suspiros e ais" (cf. Ez 2.10). O primeiro "ai" é a quinta trombeta. O trecho de Ap 9.1-11 ocupa-se com a descrição desse primeiro "ai". O segundo "ai" é o juízo da sexta trombeta, descrito em Ap 9.13-21 e o terceiro "ai" é o juízo da sétima trombeta, descrita em Ap 11.15-19. Durante o período da Grande Tribulação, os juízos de Deus ir-se-ão tornando progressivamente mais severos, procurando levar os homens ao

arrependimento. Porém, os homens terão mergulhado nas densas trevas do mal. Por conseguinte, o curso inteiro das mais tremendas punições terá de sobrevir contra eles, até a plenitude dos tempos (o Milênio) que virá com o "refrigério" de Deus (At 3.19-21. Finalmente, isso trará uma "nova era", o Milênio, como é anunciado no terceiro "ai" desta secção (11.15), porquanto purificará a terra, possibilitando a ocorrência da "Parousia" ou segundo advento de Cristo. Porquanto, os juízos divinos sempre têm um propósito disciplinador e restaurador, e não meramente vingativo.

6ª trombeta

13. **"E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus".**

I. "...do altar de ouro". A sexta trombeta do texto em foco, é, pela ordem, o segundo "ai" desta série de três (ver 8.13 e 9.12). A poderosa voz para execução do mesmo, partiu do "Altar de ouro" que está diante de Deus. João não identificou a voz que falou, mas certamente foi a voz de Deus. "Os judeus supunham que o "Templo de Jerusalém" (ou, originalmente, a tenda armada no deserto) era apenas uma "cópia" de um "Templo Celeste". Portanto, criam que as secções e itens do templo terreno tinham paralelos nos céus" (cf. Hb 8.5 e 9.23). Assim, temos também aqui o "altar" (havia o altar do holocausto e o altar do incenso no tabernáculo terrestre; o primeiro fora do lugar Santo, e segundo não muito distante do Véu diante do Santo dos Santos). Mui provavelmente havia apenas um, feito de "ouro" (tal como de "ouro" era o altar do incenso). Neste altar, ou altares, havia pontas ou "chifres" como é mencionado na passagem em foco. O sangue dos sacrifícios era ali passado, conforme se vê em Êx 29.12 e Lv 7.18. Quando alguém, era perseguido, se agarrava a esses chifres – aqui traduzidos por "ângulos" – dava a entender que fugia, já que aquele era um lugar ou local de refúgio (cf. 1Rs 2.28). Neste livro, também, o altar é considerado como um lugar de refúgio (cf. 6.9 e 7.15).

14. **"A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos, que presos juntos ao grande rio Eufrates".**

(VER A CONSUMAÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 16.12, QUE DIZ: "E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates...").

I. "...o rio Eufrates". Esse rio é mencionado por 21 vezes nas Escrituras. É chamado de "grande rio" por cinco vezes. Era a fronteira oriental, tal como o mar Mediterrâneo era as fronteira ocidental da herança de Deus, Israel. A partir de sua boca, podia ser navegado por pequenas embarcações por cerca de 1.900 quilômetros. Formava as fronteiras de Israel ao norte (cf. Gn 15.18; Dt 1.7 e Js 1.4). Assim o rio Eufrates servia de defesa natural à nação eleita contra o exército vindo do norte, especialmente da Assíria. Era conhecido dos antigos povos como "grande rio", por ser o maior que se conhecia na área da Palestina. Em

Ap 16.12 (o juízo da sexta taça), o rio Eufrates secará, permitindo que os exércitos chineses? (reis do Oriente) e seus satélites invadam a Terra Santa com 200.000.000 de cavaleiros, dando lugar à grande batalha do Armagedom.

15. **"E foram soltos os quatro anjos, que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens".**

I. "...hora, e dia, e mês, e ano". Os intérpretes históricos procuram encaixar a frase: "hora, e dia, e mês, e ano" como já tendo se cumprido na seqüência do tempo. "Portanto, uma hora seriam quinze dias, um dia seria um ano (cf. Nm 34.14 e Ez 4.6), e um mês seriam trinta anos, enquanto que um ano, composto de 365 dias e mais um quarto, ou seja, noventa e um dias, porquanto o não secular, na realidade, consiste de 365 dias e ¼. Isso daria o grande total de 390 anos e 106 dias. Tais intérpretes, em seguida, tentam encontrar essa extensão de tempo na História, e pensam encontra-lo entre 1057 a 1453 d.C., ou seja, o tempo quando começou o império turco, até ao ano em que Constantinopla foi tomada por eles, o que pôs fim ao império romano do oriente". Nós aceitamos que os últimos dias são os nossos dias. Isso expõe as razões para a interpretação "futurísticas" de Apocalipse; essa grande profecia, aqui contida, terá lugar no período sombrio da Grande Tribulação. A "hora", e "dia", e "mês", e "ano" do presente texto marcarão exatamente uma contagem regressiva para a grande batalha do Armagedom (cf. 14.15, 17), etc.

16. **"E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles".**

I. "...duzentos milhões". O vasto exército referido nesta visão, é imenso! Torna impossíveis as interpretações históricas. Nem mesmo o total combinado de todos os exércitos turcos, através dos séculos, atingiu "duzentos milhões". Duzentos milhões de cavaleiros, naqueles dias, ultrapassava qualquer possibilidade de um exército na terra; foi impossível João contá-los, ele "ouviu o número deles". Cremos que essa visão de duzentos milhões de cavaleiros tenha um caráter prospectivo e aponta diretamente para o tempo do fim; sabemos ser isso hoje possível.

1. Baseados em Ap 16.12, cremos que a China e seus satélites são o princípio de formação dessa grande profecia. Para o vidente João, totalmente atônito ante o número imenso dos cavaleiros, faz uma pausa para falar diretamente a esse respeito. Literalmente, o grego diz: "dois dez mil de dez mil", isto é, duzentos milhões. No presente texto, não é mencionado um exército de carros, mas de cavalos – cavalaria. Os quatro anjos prisioneiros a pouco assumem o comando invisível desse poderoso exército sombrio (9.14). Orientando-o tomar direção à Terra Santa, concentrando-se, logo a seguir, na grande planície que se estende do Jordão ao Mediterrâneo.

17. **“E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeça de leões; e de suas bocas saia fogo e fumo e enxofre”.**

I. “...fogo e fumo e enxofre”. Três substâncias nocivas (quando não controladas) à as’de humana. Esta trílice representação encontra-se também nas couraças dos cavaleiros. Isso exprime toda a incompreensibilidade das forças do mal: número espantoso (200.000.000), aspecto infernal e inumerável, estranha interioridade inconcebível, proveniente de suas bocas e letal para um terço da humanidade. A linguagem usada nos versículos (16 a 18) do presente capítulo, faz menção de exército da cavalaria (v.16), de couraça (v.18), de fogo, fumaça e enxofre como meios mortíferos, faz pensar em uma guerra moderna, embora sem participação atômica. Nas páginas da Bíblia, o cavalo aparece como animal de guerra, exceto Is 28.28. Os cavalos aqui descritos ainda são mais terríveis, porquanto possuem a natureza do leão. Outrossim, há cavaleiros de horrenda malignidade que os montam. Quem são eles? Cavalos ordinários? ou armas modernas de artilharia?

1. A maior parte dos comentaristas se dividem na questão. Para alguns são cavalos literais; para outros, porém, são armas modernas de artilharia e, ainda outros opinam que são cavalos sobrenaturais. Observemos três pontos importantes sobre isso:

(a) Lendo as seguintes passagens (Pv 21.31; Zc 14.15; Ap 9.15; 9.14; 14.20; 19.18), leva-nos a pensar que são cavalos literais:

(b) Lendo passagens como (2Rs 2.11; 6.17; Ap 19.11, 14) e fazendo um paralelismo do significado do pensamento, leva-nos pensar que são cavalos sobrenaturais:

(c) Lendo passagens como (Ap 9.17-19; 16.13-14), leva-nos a pensar que não são cavalos literais e nem sobrenaturais e sim, armas modernas de guerra. Cremos que o Apóstolo João em sua visão futurística, faz menção, exatamente, às armas mais modernas usadas em seus dias: o cavalo que, na simbologia profética das Escrituras, represente para nós, as possíveis armas modernas da atualidade. Mas não é de admirar que, o Anticristo usará todos os meios concebíveis de seus dias e, mesmo que usando, suas armas modernas, possa contar, segundo se pensa, com um exército moderno de cavalaria para possíveis eventualidades (cf. 2Ts 2.9).

18. **“Por estas três pregas foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pelo fumo, e pelo enxofre, que saia das suas bocas”.**

I. “...que saia das suas bocas”. Segundo o Dr. Russell Norman Champrin, Ph, D, este versículo é uma descrição, em forma composta, dos elementos que já vimos mencionados. Esses três elementos, o fogo, a fumaça e o enxofre, aparecem todos no versículo anterior. O fato de que os homens serão mortos mediante esses elementos é antecipado no décimo quinto versículo desta secção, como também a porcentagem dos que serão mortos, a saber, um terço da humanidade. Voltemos àquilo que fora dito no

versículo anterior; que tudo nos faz pensar em armas modernas. “Em nossos dias sabem que, os poderes do norte (Rússia), e os poderes do leste (China), estão preparando suas armas mortais para uma possível investida. O material mais usado na fabricação destas armas são aquelas já previsto pelas profecias: INFLMÁVEL (cf. Ez. 39.9-10). Uma descobertas holandeses, põem em foco a infalibilidade das profecias”. “Um material chamado “lingnostone” de invenção holandesa, está sendo usado pelo o BLOCO COMUNISTA DO NORTE E DO LESTE na fabricação de suas armas destruidoras. Esta substância é inflamável como nenhuma outra”. Os computadores já devem ter dado o sinal de “avançar” (para o uso das tais armas), o que não acontecera ainda apenas porque estão calculando as melhores maneiras de se fazer o ataque. Por isso, os cientistas atômicos estão dizendo que a hora histórica é dez para “meia noite”. Recentemente, porém, avançaram o relógio fatal para sete para a “meia noite”. Todas essas armas mortais, são, verdadeiras pragas que apontam para o tempo do fim.

19. **“Porque o poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas. Porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes, e têm cabeças, e com elas danificam”.**

I. “...o poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas”. O número dos exércitos da cavalaria é surpreendente. É de “vinte mil vezes dez milhares”, ou duzentos milhões. O aspecto dos cavaleiros é aterrador. Atenção, no entanto, não se fixa tanto nos cavaleiros como nos cavalos. “Na mente dos judeus os cavalos trazem comumente uma idéia de terror”.

1. A visão vista por João sobre estes “cavalos” compreende também os “cavaleiros”. Os cavaleiros parecem ser de pouca monta (importância) em relação aos cavalos, que causam maior terror; eles apavoram e destroem. A atribuição de caudas, como de serpentes, àqueles cavalos que sopravam fogo, os torna tremendamente grotescos. Podemos observar que nos versículos anteriores, “...os cavaleiros têm couraça de vermelho fogoso, azul fumegante e amarelo sulfúrico...”. São verdadeiras couraças que inspiram “cisma” e “extremo terror”. “Os adversários virão velozes como cavaleiros, fortes como leões, venenosos como as serpentes, a soprarem elementos que cegam e queimam com poder mortal. Temos aqui, portanto, força mortais, letais, poderosas, maliciosas e incansáveis, enviadas contra a humanidade, por causa de seus pecados e de seu mundanismo”.

2. “João vê agora todos os horrores da guerra. Em seus dias a cavalaria era uma força das mais terríveis, e ele vê esta em primeiro lugar. Mas enquanto olha, toma consciência de que estes não são “cavalos comuns” mas monstros estranhos que destroem com a fumaça que lhes sai da boca, e de outras bocas na “ponta das caudas” como as de serpentes. Não há dúvida de que oi permitido a João ver os instrumentos destruidores na forma de artilharia”. Mas tudo controlado, por poderes do mundo exterior.

20. **“E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios, e os ídolos**

de ouro, e de prata, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar".

I. "...adorarem os demônios, e os ídolos". O versículo em foco apresenta-nos dois pontos distintos: demônios e ídolos:

1. (a) Demônios. São seres espirituais do mundo tenebroso, assim chamados, em virtude de suas disposições hostis, opondo-se contra Deus e contra os homens. O Senhor Jesus, em seu imortal ensino, falou da existência deles. Os profetas do Antigo Testamento, e os escritores do Novo, comprovam a mesma realidade (cf. Lv 17.7; Sl 106.37; Mt 4.22; 8.16, 18, 33; 12.22; Mc 1.32; 5.15, 16, 18; Lc 6.18; 9.39; At 8.7; 16.16; 1Co 10.20; Tg 2.19; Ap 16.14). Entre os gregos tinha vários significados a palavra "demônios"; às vezes era considerado um deus, ou uma divindade no sentido geral; O gênio ou a fortuna; A alma de alguém que pertenceu a idade de ouro; E que se transformou em divindade tutelar. Um deus de categoria inferior. As Escrituras sempre focalizam os demônios, como seres imundos, violentos e maliciosos.

(b) Ídolos. Paulo diz que "o ídolo nada é no mundo" (1Co 8.4). Mas, em razão de ser cego, surdo e paralítico. Torna, como arma de Satanás, o homem cego, surdo, apático. O texto em foco, tem seu fundo histórico no Salmo 115, onde lemos: "Os ídolos deles (dos pagãos) são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca mas não falam; têm olhos, mas não vêem; Têm ouvidos, mas não ouvem; nariz têm, mas não cheiram. Têm mãos não apalpam, têm pés, mas não andam..." (vs. 4 a 7). Tememos o sábio conselho deste mesmo autor do Apocalipse: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos". Amém.

21. **"E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces".**

I. "...não se arrependeram". Por incrível que pareça, o restante dos homens (isto é, que escaparam do segundo "ai") não se arrependeram dos seus pecados: homicídios, feitiçarias, prostituições e ladroíces. Eles não reconheceram o fulminante castigo e correção como tendo vindo da parte de Deus; as praga deixam de produzir um efeito salutar no mundo que se opõe a Deus. Faraó, monarca egípcio, endureceu-se contra Deus, dez vezes (cf. Êx 7.13, 14, 22; 8.15, 19, 32; 9.7, 34, 35; 13.15) e dez vezes lemos que Deus o endureceu (cf. Êx 4.22; 7.3; 9.12; 10.1, 27; 11.10; 14.4, 8.17). Theodorett assim explica o caso: "O sol pelo seu calor torna a cena mole e o barro duro, endurecendo um e amolecendo o outro, produzindo pela mesma ação resultados contrários. Assim a longanimidade de Deus faz bem a alguns e mal a outros. Alguns são amolecidos e outros endurecidos".

1. É observado que a lista de vícios tem continuação aqui. Todos esses vícios se originam na idolatria pagã, conforme é sugerido no versículo anterior. A "idolatria" será aumentada em sua intensidade até aos "últimos dias" e ao surgir em cena o Anticristo, o homem do pecado, será revivida a "idolatria" da pior modalidade. Por meio do Anticristo,

o próprio Satanás será adorado. Os homens com orgulho nos corações, adorarão ainda a Besta e o falso profeta de sua corte (cf. 13.4, 8, 12, 15; 19.20).

Capítulo X

1. **“E VI outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava no arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo”.**

I. “...vi outro anjo”. A começar por Ap 4.1, o autor sagrado passou a escrever e a falar como se estivesse no céu, contemplando os acontecimentos como se estivesse ali. Agora ele se acha de volta a terra, porquanto viu o “anjo forte, que descia do céu”. O leitor deve observar que, entre a sexta e a sétima trombetas temos um parêntese impressionante na secção tópica, na qual João viu: o anjo forte, o livrinho, uma cana semelhante a uma vara, as duas testemunhas e o terremoto. Observando que os paralelos literários têm tais descrições acerca ou de Deus ou do Filho do Homem, muitos crêem que somente Cristo pode estar em foco nesta visão. Outros eruditos opinam porém, que a pessoa desta visão não seja o Cristo. O anjo forte é visto em plena “tribulação” e não há qualquer evidência (segundo eles) de que Cristo descerá a “terra” nesse período. Verdade é que, a palavra “outro anjo” – que aparece nas seguintes passagens (7.2; 8.3-5; 10.1; 14.15, 17; 18.1). É ele simplesmente outro anjo ou é alguém especial? Sempre que se usa a frase “outro anjo”, no Apocalipse, especialmente nas passagens citadas, usa-se a palavra grega allos – outro da mesma espécie. Muitos expositores acreditam que a expressão, implica a presença de Cristo ou de Deus em forma Angélica. Para nós este anjo é o Senhor. Antes da abertura de sétimo selo, Ele aparece na sua dignidade sacerdotal (8.3) agora, antes do toque da sétima trombeta, aparece da mesma forma, como “anjo forte”.

1. Vestido de uma nuvem. “Observe o aspecto deste personagem augusto. A claridade do sol brilha em suas feições, e toda a ira do fogo queima em seus pés. Veja o seu vestido! Sua veste é composta de nuvens, e a cortina do céu flutua sobre seus ombros. O arco-íris serve-lhe de diadema, e o que circunda o céu num circulo glorioso é ornamento de sua cabeça. Contemple sua altitude! Um pé está sobre o oceano e o outro descansa sobre a terra. A terra larga e extensa e o mundo das águas sevem de pedestais destas colunas poderosas. Considere sua ação!...”.

2. O arco celeste. A luz que rebrilhava de seu ser formava um “arco-íris”. Já tivemos ocasião focalizar sobre o símbolo do “arco-íris” em notas expositivas em Ap 4.3. Supomos que isso continua a simbolizar a “esperança”, tal como o arco-íris, quando do término do dilúvio, indicou o fim do castigo universal por meio da água. Essa descrição do arco-íris segue a regra que quando Cristo é mencionado, alguma frase especial sempre está em foco. Aqui, entretanto, é acrescentado o arco-íris, que é o sinal do propósito divino de redimir e não de destruir o mundo e a raça humana.

3. O seu rosto era como o sol. Assim também, está declarado em Ap 1.16; ali é dito que a “fisionomia” de Cristo era brilhante “...como o sol, quando na sua força

resplandece". O Dr. R. N. Champrin, Ph, D. diz que isso significa: "poder, majestade e glória são assim simbolizados. O sol também é o doador da vida, mediante sua luz e calor. Cristo é a "luz do mundo"; e também comparado ao "sol da justiça" (Ml 4.2)".

4. Seus pés como colunas de fogo. A expressão "pés como colunas de fogo" foi tirada do texto grego de (Nestlé-Marshaall). Poucas versões registram" pernas como colunas de fogo". Tendo em vista, provavelmente, o aspecto, o aspecto de "colunas". De qualquer forma, as idéias se completam no conjunto: perna e pé. O autor sagrado tem em mente a firmeza de Cristo ao aludir seus pés ou pernas como colunas. Os trechos de Ez 1.7 e Dn 12.7; são paralelos da passagem em foco. Em Ap 1.15, Cristo é descrito como quem tem "pés como latão reluzente", e quase exatamente o mesmo sentido está contido aqui.

2. **"E tinha na sua mão um livrinho, e pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra".**

I. "...um livrinho aberto". Tal como diz em Ap 5.1, 7. A mão do anjo na qual estava o livrinho, provavelmente, era a "direita" conforme se depreende de Dn 12.7 e o contexto do quinto versículo desta secção. Devemos observar que os livros que trazem mensagens no apocalipse são primeiramente vistos na mão de Deus Pai (5.1); depois passam para a mão de Cristo (5.7); depois, para a mão de um anjo (cf. 1.1 e 22.16); e finalmente, para a mão de João (10.10).

1. Pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra. "O pé direito de Cristo está sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra (10.2). Nesta figura audaz e gráfica que João nos dá do anjo forte, ele é apresentado como uma figura colossal com um pé na terra e o outro no mar. Como Senhor da criação, ele domina a cena por completo". *Três vezes* o anjo forte é retratado como estando de pé sobre o mar e a terra (10.2, 5, 8), e esta repetição denota a ênfase divina. À Besta que tinha dois chifres se levantará da terra (13.11 e ss): a Besta com sete cabeças e dez chifres se levantará do mar (13.1e ss). Isso significa apenas poder parcial, em contraste com a pessoa de Cristo, pois sua mão divina alcança todos os limites do universo (cf. Mt 28.18). Seus pés sobre o mar e terra, significa domínio total de toda região (Dt 11.24; Js 1.3; Sl 8.6). Ele é Senhor do mar e da terra; é capaz de por-se de pé sobre uma vasta área; a mensagem que Ele traz alcançará toda a humanidade. Nada haverá de provincial ou localidade nesta mensagem que não seja atingida. O imenso domínio desse anjo aumenta com a descrição de sua "majestade" e "poder".

3. **"E clamou com grande voz, como quando brama o leão: e havendo clamado, os sete trovoes fizeram soar as suas vozes".**

I. "...clamou com grande voz". Já tivemos ocasião de falar sobre 'grande voz" em Ap 1.15b e alhures. Em alguns lugares ela indica uma proclamação em voz forte, clara, poderosa e compreensiva, que necessariamente chama a nossa atenção e exige algo de nós. Isso pode ser comparado com o versículo 15 do primeiro capítulo: a voz de muitas águas;

capítulo 5.2 (outra voz forte como a do presente texto); capítulo 6.10; 8.13 e várias outras passagens. O termo "voz", associado a visões diversas, aparece 46 vezes no Apocalipse (ver notas expositivas sobre isso em 1.15b. p.2)

1. Os sete trovoes. Os trovoes não foram proferidos pelo anjo forte, porque suas vozes seguiam o seu clamor. No texto em foco, os sete trovoes fizeram ecoar suas vozes como se fosse um eco retumbante de "améns" ao brado do anjo forte. Para alguns expositores do Apocalipse o simbolismo dos sete trovoes provavelmente depende literalmente do trecho do sl 29.3-9. Ali é descrito a voz de Deus, em sete aspectos, semelhante a trovão, a qual fala de vários "eventos estremecedores". Por causa do artigo definido "os" e do número "sete", as vozes dos sete trovoes têm sido interpretadas, como uma totalidade de vozes, a saber: (a) "A voz do Senhor ouve-se sobre as águas...". V. 3; (b) "A voz do Senhor é poderosa...". V. 4; (c) "A voz do Senhor é cheia de majestade...". V. 4; (d) "A voz do Senhor quebra os cedros...". V. 5; (e) "A voz do Senhor separa as labaredas do fogo...". V. 7; (f) "A voz do Senhor faz tremer o deserto...". V. 8; (g) "A voz do Senhor faz parir as cervas...". V. 9. (Ver notas expositivas sobre isso no v. seguinte).

4. **"E, sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escreve-las, e ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas".**

I. "...Sela o que os sete trovões falaram". O Apóstolo João entendeu muito bem o sentido da voz dos sete trovões, porém a exemplo de Paulo, lhe foi vedado escrever ou revelar a mensagem (cf. 2Co 12.4). O Trovão é símbolo de aviso, tanto neste livro como fora dele. Em outras passagens preliminares em que ocorrem trovões (8.5) e 11.19 e 16.18), são anúncios prévios de juízos da ira divina, o que provavelmente, se dá aqui também. No Apocalipse o trovão do hebraico "estrondar". Ocorre 10 vezes neste livro.

1. Os intérpretes históricos fazem suas interpretações neste ponto, a despeito do fato que a voz dos trovões foi "selada". A noção mais comum entre eles é que os sete trovões falam sobre as "sete cruzadas cristãs", que teriam por finalidade liberta a Terra Santa do domínio pagão. Cremos que essa forma de interpretação está dentro da lógica formal, mas não se coaduna com o argumento principal. O trovão no mundo antigo, era tido como uma "voz divina" de advertência. A voz de Deus, em muitos casos, se fazia ouvir como se fora um trovão: alguns compreenderiam o seu sentido, e outros não, tal qual temos em Jo 12.28-29. Observamos que os trovões neste livro do Apocalipse marcam o início e o fim de algum juízo (8.1, 5). Portanto, enquanto esses trovões são sete ou anunciam sete juízo separados, embora indefinidos (os quais sobrevirão durante o tempo da Grande Tribulação), eles introduzem o juízo da sétima trombeta (11.15). Novamente, quando do juízo da "sétima taça", haverá trovões (16. e vs. 17, 18). Tal como no caso da identificação dos "trovões", cremos que também é inútil especular por que essa visão não foi desvendada. O futuro haverá de deixar tudo claro.

5. **"E o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu".**

I. "...levantou a sua mão ao céu". Esta passagem é paralela à de Daniel (12.7), onde o "homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio... levantou a sua mão direita, e a sua mão esquerda ao céu, e jurou por aquele que vive eternamente..." Em razão deste juramento, feito pelo anjo do pequeno livro, alguns expositores acham que não seja o Cristo que está em foco nesta secção. Invocam para tal forma de interpretação Hebreus 6.13, que diz: "...quando Deus fez a promessa a Abraão, como tinha outro maior por quem jurasse, jurou por SI mesmo"; E, *conseqüentemente,* Jesus sendo Deus (defendem eles), não podia jurar por outro, como fez o anjo do presente capítulo. Nosso ponto de vista nesta passagem é: Jesus levantando sua mão ao céu e jurando em nome do Pai, simplesmente: "jurou por SI mesmo" (cf. Jo 14.10, 11, 28). Portanto, isso diminui sua autoridade divina de ser igual a Deus e, sim de honrá-lo. A fim de proferir um juramento, como era costumeiro, talvez mostrando o "livrinho" que trazia na mão direita, levantou-se ao "céu", lugar da habitação de Deus, chamando-O por testemunha

1. "A mão está levantada para a altura das estrelas; ele fala, e as regiões do firmamento ecoam com acentos poderosos assim como o deserto à meia-noite ressoa com o rugir do leão. A artilharia do céu é descarregada como sinal; um troar de sete trovoes espalha o alarme e prepara o universo para receber suas ordens. Para completar o quadro, e dar a mais elevada grandeza e também maior solenidade à representação, do significado do pensamento, ele jura por aquele que vive para todo o sempre".

6. **"E jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nele há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora".**

I. "...aquele que vive para todo o sempre". A eternidade de Deus é incluída no juramento do elevado poder angelical. Se define eternidade quanto aquilo que é infinito quanto ao tempo. O termo quando aplicado a respeito da pessoa de Deus, se refere a sua auto-existência, não conhecendo limites de anos ou de tempos passados, presentes ou futuros. Ele é duma eternidade a outra. "É duração, sem princípio nem fim; existência, sem limites ou dimensões, em qualquer tempo, sem passado ou futuro. Sua eternidade é juventude sem infância ou velhice; vida sem nascimento ou morte; é hoje, sem ontem ou amanhã". A eternidade de Deus, é sem dúvida alguma, um sempiterno presente, ligando o hoje do tempo como se fosse o amanhã da eternidade. O Deus da Bíblia é o único que é absolutamente eterno, pois Sua existência não conhece princípio ou fim. Nesse sentido, a eternidade é um atributo peculiarmente Seu, e, no trono que permanecerá para todo o sempre. Ele há de permanecer para sempre em majestoso isolamento. Não há outro ser semelhante a Deus! Deus Filho também há de permanecer!.

7. **"Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua *trombeta,* se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos".**

(VER O CONTEXTO DESTE VERSÍCULO EM APOCALIPSE 11.15, QUE DIZ: "E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grande vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo...").

I. "...O segredo de Deus". O Dr. Young define a palavra "mistério" como o que é somente do iniciado. Todos os espiritualmente iniciados podem compreender muitos mistérios das Escrituras (cf. 1Co 13.9-12). Usado exclusivamente no Novo Testamento (cerca de 27 vezes), João emprega a palavra quatro vezes:

1. (a) O mistério das sete estrelas. Ap 1.20; (b) O mistério de Deus. Ap 10.7; (c) O mistério da grande Babilônia. Ap 17.5; (d) O mistério da Mulher. Ap 17.7. E além dos mistérios já abordados, temos, por exemplo: o mistério da Igreja (Ef 3.3); há o "mistério" da Redenção de Cristo, mediante a sua presença em nós (Cl 1.26). O "mistério" do presente texto é sem dúvida o que Paulo falou em Efésios (1.10), onde o grande desejo de Deus é "...congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tantas as que estão nos céus como as que estão na terra". É, evidentemente, o estabelecimento do reino milenial de Cristo sobre a terra com poder e grande glória (cf. Ap 11.15 e ss).

8. **"E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo, e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra".**

I. "...toma o livrinho aberto". A palavra "mar" literal ou figurada, ocorre cerca de 25 vezes no Apocalipse (4.6; 5.13; 7.1, 2; 8.8 (duas vezes), 9; 10.2, 5, 6, 8; 12.12; 13.1; 14.7; 15.2 (duas vezes); 18.17, 21; 20.8, 13; 21.1). Mas, nesta secção, o que chama a nossa atenção é a palavra "mar" citada antes da palavra "terra", em lugar do habitual feito neste livro (cf. 7.1-3; 12.12; 13.11; 14.7; 21.1). É impossível interpretação satisfatória a todos nesta passagem; mas no sentido figurado, o "mar" citado em 13.1, é tomado como a parte primordial do mundo da Besta, enquanto que "terra" no versículo 11 do mesmo capítulo, indica a Palestina ou a Terra Santa. Assim, pois, ter o anjo colocado em primeiro lugar o seu pé sobre o mar, significa: o controle total do filho de Deus, sobre qualquer avanço das forças do mal, no mundo da Besta. Este versículo faz-nos retornar diretamente à cena de Ezequiel 2.1 e 3.3, que é uma passagem paralela à que esta em foco. As predições deste profeta, tal como o livro do Apocalipse, contém muitos itens lamentáveis de condenação, tragédia e ameaças para uma geração futura. No livro de Ezequiel, porém, é dito somente que o livro era doce, mas que a mensagem ali contida era amarga.

9. **"E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho, e ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu vente, mas na tua boca será doce como mel".**

I. "...fará amargo o teu vente". "Várias vezes nas Escrituras, a Palavra de Deus é comparada com alimento que deve ser assimilado. Portanto, o sentido inerente do texto,

deve ser o mesmo sentido das palavras de Jesus em Jó 6.51-56, onde a "carne do Filho do homem" é comida, e seu "sangue" é bebida, que conforme se depreende do versículo 35, significa no pensamento de Jesus: Tomar posse da vida eterna. Ezequiel, como João, experimentou uma profecia doce-amarga (Ez 2.8 e 3.1-3). Da mesma forma, o profeta Jeremias teve de consumir a palavra da revelação divina (Jr 15.16)". Para João, o comer, significa tomar posse da mensagem profética e transmiti-la de acordo com a vontade diretiva de Deus (cf. Jr 15.16; Ez 3.4; Ap 10.11). Notemos que primeiro o anjo disse: "...ele fará amargo o teu vente". E no versículo 10 João diz primeiramente: "...na minha boca era doce como mel". Parece a ordem lógica: o anjo, ao entregar o livrinho, preveniu-o do amargo, para evitar a João a frustração após a doçura do mel.

10. **"E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu vente ficou amargo".**

I. "...tomei o livrinho". Ele não deve ser interpretado como sendo o mesmo do capítulo 5: o livro selado (ainda que esteja já aberto como no v. 8); mas pode ser a continuação do mesmo M. S. S. Novah diz o que segue: "O Antigo Testamento foi escrito em hebraico e aramaico e essas línguas não poderiam ter uma palavra significando livro como entendemos atualmente...". O vocábulo foi usado pela primeira vez por S. Crisóstomo no 4º século, embora se tenha também notícia que, o uso mais antigo de TA BIBLIA ('os livros') pelos cristãos, com esse sentido, segundo se diz, foi iniciado EM 2 Clemente 14.2 (c. de 150 d.C.) Onde lê-se as seguinte frases: "...os livros e os Apóstolos declaram que a Igreja Primitiva tem existido desde o principio". Dispunham, entretanto, das palavras significando "escritura" e "rolo". João, escrevendo em grego, usou a palavra "biblos' (de onde se origina "bíblia'' e "biblioteca"), que veio a indicar o livro em sua forma moderna. Este do presente capítulo é retratado pelo anjo como sendo "pequeno", embora sua mensagem fosse grande como o universo todo.

11. **"E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis".**

I. "...importa que profetizes outra vez". Nada é dito sobre o pequeno rolo – o livrinho aberto. Expositores renomados pensam tratar-se do livro por excelência aberto a todos os "povos, e nações, e línguas e reis": A Bíblia. Talvez essa, a pequena parte entregue a João, profetizando a todos os povos e cuja compreensão está hoje aberto a todos os que a escutam, seja o Apocalipse! Se assim for, não fechemos o grande livro de Deus.

1. povos, e nações, e línguas e reis. Essa enumeração com leves variações, vista no texto em foco, tem sentido de "universalidade", aplicável a todos os seres humanos; acha-se também sete vezes no Apocalipse, em diversas conexões (5.9; 11.9; 13.7; 14.6; 17.15) e, ao mesmo tempo, aponta para o "retorno" de João da "Ilha de Patmos" (1.9) com uma nova mensagem a toda a criatura. Neste versículo, "reis" aparece em lugar da palavra usual, "tribo". Provavelmente, como observa o Dr. R. N. Champrin, Ph, D isso é uma antecipação de Ap 17.10, 12. Assim sendo, Cristo, ao voltar, será governante de todos os

reis e príncipes da terra, pois é "Rei dos reis, e Senhor dos senhores" (19.16). Alguém pode perguntar: Não era João tão velhinho? Teria ainda condições para grande caminhadas? Para transpor os mares em busca de nações e reis? Teria ainda forças para profetizar diante de muitos povos e línguas? O Apóstolo não sabia. Mas escreveu. E aí estão as palavras do versículo ("11")! Em quase todas as línguas do mundo, João está falando hoje. E assim tem falado diante de muitos povos, nações, línguas e reis!.

Capítulo XI

1. **"E FOI-ME dada uma cana semelhante a uma vara: e chegou o anjo, e disse: levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram".**

I. "...foi-me dada, uma cana semelhante a uma vara". Os capítulos 11 a 14 deste livro marcam a última metade da semana profética da visão de Daniel (9.27). Bem como apresenta os vários personagens que estarão envolvidos, desempenhando o seu papel na história humana.

1. Nesses capítulos há sete agentes principais, a saber: (a) A mulher. 12.1; (b) O Dragão. 12. e ss; (c) O menino. 12.5; (d) Miguel, o arcanjo. 12.7; (e) A descendência da mulher. 12.17; (f) A Besta do mar. 13.1; (g) A Besta da terra. 13.11 e ss. Se incluirmos as "duas testemunhas" então haverá um total de nove.

2. Necessariamente três coisas devem ser medidas nesta secção: (a) O Templo; (b) Os que nele adoram:

(Ad. a): O TEMPLO. Realmente tem havido muitas especulações e debates sobre a hipótese do Templo que será erguido e por quem será erguido (o Anticristo ou judeus?) no local onde hoje se encontram as Mesquitas de Omar e El-Aksa.

Em Ezequiel capítulos 40 a 47, encontramos algo semelhante, onde se descreve a medição cuidadosa do Templo, em todas as suas dimensões. A tarefa, realizada por um mensageiro celeste, foi feita com "...um cordel de linho... e uma cana de medir". C. Ez 40.3 cena similar aparecer em Jr 31.39 (nestas passagens, a medição é uma providência preparatória para a restauração e a reconstrução do Templo). Em 2Rs 21.13; Is 34.11; Am 7.7, 9; Lm 2.8, a palavra "medição" tem o sentido de "medido para destruição". Em Ez 40.1 e 41.13 e 44.31 e Zc 2.2-8, encontramos uma medição completa do Templo e de suas cortes. Nestas passagens, medição tem o sentido de "reconstrução". No presente capítulo, porém, a destruição se destina apenas aos que estão no "átrio que está fora do Templo", e não dentro do Templo.

(Ad. b): "Quando Israel conquistou a parte velha da cidade de Jerusalém com as ruínas do Templo, em 1967, o velho historiador judeu, Israel Eldad, segundo citações da "Revista Time, teria dito: "Agora estamos no mesmo ponto em que Davi estava, quando libertou Jerusalém das mãos dos jebuseus". E daquele dia até o momento em que Salomão construiu o Templo passou-se apenas uma geração. Assim também acontecerá conosco".

Recentemente declarou um rabino judeu: "Estamos prestes a ver o grande Templo reconstruído, isto é, o Templo da Grande Tribulação". E, sendo indagado: Quem o reconstruirá: ele respondeu: o Templo é chamado de "...o Templo de Deus" (Dn 8.11, 14; Mt 24.15; 2Ts 2.4; Ap 11.1), e, evidentemente só os judeus serão autorizados por Deus para sua reconstrução".

(Ad. c): É sabido hoje que já há projeto em Israel para a construção do novo Templo. "Desde o dia 7 de junho de 1967 foram realizadas 50 tentativas violentas ou diplomáticas para devolver à posse judia o monte do Templo, onde hoje se encontram as Mesquitas de Omar e EL-Aksa, para que possa ser construído o terceiro Templo. No Knesset há defensores da reconstrução do Templo, tanto entre os radicais como entre os liberais". A força de atração do monte do Templo judaico torna-se cada vez maior, afirma o deputado liberal Penah. Já existe uma escola para preparar jovens israelenses da tribo de Levi, instruindo-os nos rituais antigos dos holocaustos. Essa escola chamada de "YESHIVA AVODAS HAKODESH" (coroa dos sacerdotes) foi fundada pelo Rabi Hirsh Ha-Cohem. Foi inaugurada por ocasião da Festa da Dedicação (chanuka), em dezembro de 1970. As informações mais recentes nos dão conta que no Somete, a 430 metros do local do Templo original conforme os cálculos do Dr. A. Kaufmann, descendente de Arão, os "Kohainim" estudam os procedimentos para o novo Templo, e em Jerusalém Romena David Elbaum já está tecendo as vestes de linho dos sacerdotes exatamente conforme as normas. A organização El Harhasem (monte do Senhor), com sede na nova colônia Shilo, trabalha, em assuntos diferentes à edificação do Templo, em cooperação fraternal com o cristão evangélico Stanley Goldfoot, que com sua organização evangélica igualmente apóia ativamente a reconstrução do futuro Templo".

(Ad. d) O ALTAR. No Apocalipse o Altar celestial é mencionado nas seguintes passagens (6.9; 8.3, 5; 9.13; 11.1; 14.18; 16.7). Em 11.1, o Altar deve ser o do sacrifício, que ficava no pátio dos sacerdotes. No Apocalipse (ao aludir este ao Templo), aparece um único Altar, em lugar dos "dois" altares do Templo antigo, na terra, mas que incorporava as funções do "Altar do Sacrifício" (o de cobre), que ficava fora do santuário, e as funções do "Altar" do Incenso, perante o véu do Santo dos Santos, pelo lado desse véu. O Altar do presente texto, pode ser, literalmente, aquele do "Templo reedificado", porquanto não está aqui uma cena celeste, e, sim, terrena.

(Ad. e): OS QUE NELE ADORAM. A meditação nesta terceira colocação, visa à proteção física e espiritual dos fiéis durante o tempo sombrio da Grande Tribulação. Embora os escolhidos (judeus) nesse tempo do fim tenham que sofrer, suas almas não sofrerão qualquer dano. E no que diz respeito aos 144.000 (7.1-8 e 14.1-5), será também preservada a sua integridade física, naqueles dias sombrios para os habitantes da terra. predições contemporâneas indicam que, por essa época, o Templo terá sido reconstruído em Jerusalém, o qual tornar-se-á, uma vez mais, o centro da adoração judaica. Sua medição significa que Deus terá novamente um remanescente para si mesmo, e a esses escolhidos será dada a proteção divina, de natureza espiritual e física.

2. **"E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças: porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses".**

I. "...o átrio que está fora do templo". Segundo o historiador F. Josefo, o Templo construído (ou reconstruído) por Herodes ocupava à área de um estádio quadrado, isto é, aproximadamente 14 hectares.

O TEMPLO DE HERODES E SUAS PROÇÕES:

"A = Átrio dos pagãos

B = Átrio das mulheres

C = Átrio de Israel

D = Átrio dos sacerdotes

E = Pórtico

F = Lugar Santo

G = O Santos dos Santos".

O santuário durante o tempo da Grande Tribulação será protegido de ser derribado; apenas será profanado (cf. Dn 8.14; 11.31; Mt 24.15; 2Ts 2.4); enquanto que o Átrio exterior, como o das mulheres e dos gentios, serão entregues nas mãos das nações gentílicas. No contexto de Lucas 21.24 e Ap 11.2, se depreende que o Átrio do texto em foco, compreende também, a cidade de Jerusalém: observe bem a frase "...e pisarão a cidade santa...".

1. Quarenta e dois meses. Este período que abrange o "pisar" dos gentios é dado em três formas: (a) quarenta e dois meses (aqui e em Ap 13.5). Pensamos que isso aludi à "segunda metade" do tradicional período de sete anos da tribulação; 9b) mil duzentos e sessenta dias (cf. Ap 11.3 e 12.6), que reputamos apontar para o mesmo período; (c) um tempo (um ano) tempos (dois anos), e a metade de um tempo (meio ano) como confirma Daniel 12.7. Todas essas expressões foram tomadas por empréstimos do livro de Daniel para descrever à parte final da Grande Tribulação.

3. **"E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco".**

I. "...minhas duas testemunhas". Segundo C. F. Wishart a ciência de numerologia, denominada gematria, desenvolveu-se vagarosamente. Quando essa ciência apareceu, os números eram usados para expressar conceitos, idéias e princípios. Segundo conceito oriental, o número "dois", na simbologia profética trazia a idéia de fortaleza. Dois homens são mais fortes que um, e, se surgir um terceiro, consolida a força (Ec 4.9-12). O número "2" é a duplicação de "1" e representa força. No Antigo Testamento, duas testemunhas eram necessárias para confirmar qualquer fato. Jesus enviava seus discípulos de "dois em dois", por razoes óbvias. O número aparece no Apocalipse em referência às "duas testemunhas" (11.1 e ss) e às duas "Bestas" (13.1 e ss). Nos dias sombrios da Grande

Tribulação, Deus levantará dois grandes personagens. Desse modo, as duas testemunhas surgirão para demonstrar um testemunho de grande poder.

1. Profetizarão...vestidas de saco. O pano de saco era a vestimenta tradicional usada pelos profetas de grande poder. Era uma fazenda de fabricação rude e tinha a cor negra (Ap 6.12). O pano de saco usualmente era usado diretamente sobre a pele, para dar desconforto, pois simbolizava o descontentamento com as coisas como elas estavam. "No dizer de Charles: a vestimenta de "cilício" tipifica a natureza sombria da mensagem deles (das duas testemunhas). Era também uma vestimenta que representava aflição. Cf. Gn 37.34; 2 Sm 3.31; 21.10; 2Rs 6.30; Et 4.1-4; Jó 16.15; Sl 30.11; 35.13; 49.11; Is 3.24; 15.3; 20.2; Jr 48.37; 49.3; Am 8.10; Jn 3.5; Mt 11.21".

4. **"Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra".**

I. "...as duas oliveiras e os dois castiçais". As duas testemunhas que devem levantar-se dos mortos têm sido identificadas de várias maneiras. Para alguns comentadores trata-se de: Enoque e Elias (Gn 5.24; 2Rs 2.11), Moisés e Elias (Dt 34.6; Lc 9.30-31; Jd v.9), Josué e Zorobabel (Zc capítulo 4), João e Paulo (Jo 21.22-23 e Fl 1.22-25), o Antigo e o Novo Testamentos, A lei e a graça (Rm 3.21), a Igreja e ao pregador, etc.

1. Os dois castiçais. Em Zc 4.14, Deus é o "Senhor de toda a terra", estando em foco naquela passagem a pessoa do Pai. No versículo 11 do mesmo capítulo há uma pergunta repetida, tornando-a mais específica: "...Que são as duas oliveiras à direita do castiçal e à sua esquerda?". Existe aqui dois "raminhos de oliveira e dois castiçais"; enquanto que ali "dois raminhos de oliveira e dois tubos de ouro". E, nos versículos que se seguem o anjo intérprete dar o sentido dizendo: "são os dois ungidos (heb. "os dois filhos de óleo"). Por analogia com outros exemplos do emprego da expressão "filhos de", o significado é: "cheios de óleo"; isto é uma referência à unção de reis e sacerdotes, como a visão sugere. Nesse caso, segundo se depreende do significado do pensamento, os "dois ungidos" eram, pois, Josué e Zorobabel. Na visão contida em Zacarias, o Castiçal (a Igreja da Lei) representava Israel restaurado, e as "duas oliveiras" os dois grandes elementos na vida nacional, a Realeza e o Sacerdócio, refletidos respectivamente por Josué e Zorobabel.

2. Para aqueles que defendem Moisés e Elias como sendo as duas testemunhas, seguem o seguinte pensamento: "A "Lei" é a Luz". Por conseguinte, Moisés é associado a um dos candeeiros (cf. Pv 6.23). Mas a profecia também é luz, o que justifica a missão de Elias. O Antigo Testamento consiste da "lei e dos profetas", e assim a mensagem de Deus para a humanidade (cf. Lc 16.16). "Moisés e os profetas" (Jo 5.39) testificam de Cristo. E no ministério das duas testemunhas fá-lo-ão de maneira especial, cumprindo uma missão especifica. (Comp. Ec 3.15).

3. Para nós a interpretação contida no 2º ponto é muito lógica, mas não se coaduna com o argumento principal. Na passagem de Zacarias (4.12), as duas oliveiras, são os dois líderes que "vertem de si ouro". Isso significa que eles "vertem de si azeite dourado". O que mostra que seu testemunho será de grande "valia" (1 Sm 3.1). Aqui, porém, as duas

testemunhas serão, dois grandes vultos levantados por Deus, exemplificando: Moisés e Arão que foram usados na corte do monarca Faraó durante um período sombrio de angústia. As duas testemunhas cumprirão a vontade de Deus à risca do seu propósito, e cumprirão a sua missão durante o tempo da Grande Tribulação. O próprio Deus, as observa, protege e se utiliza delas. A missão que receberam ser;a atribuída e provada pelo Senhor eterno.

5. **"E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto".**

I. "...fogo sairá da sua boca". No Apocalipse o fogo sempre está em foco, pois este vocábulo ocorre 17 vezes. Este versículo diz alguma coisa sobre a identidade das duas testemunhas. "Foi Elias quem teve autoridade sobre essa substância da natureza, e Moisés de igual modo. Moisés e Elias apareceram no monte da Transfiguração falando com Jesus (Mc 8.4). Mas não precisamos pensar que são eles os dois profetas retornado à terra; dois profetas escatológicos personificarão estes dois grandes profetas, assim como João Batista personificou Elias". Mt 11.14; 17.10-13. Os dois grandes personagens têm as mesmas características ministeriais de Moisés e Elias; mas não serão Moisés e Elias, mais sim, terão seus ministérios, em razão de o Espírito de Deus ser o mesmo (Nm 11.17, 25 2Rs 2.9, 15; 1Co 12.4).

1. "Cremos que naquela época (da Grande Tribulação) Deus levantará dois grandes profetas dentre os pregadores do "Evangelho do Reino" (um judeu e um gentio), que cheios de poder e autoridade de Deus, anunciarão a mensagem do juízo, com o mesmo poder e operação de maravilhas como aqueles dois grandes homens de Deus, no tempo em que estiveram na terra". No Antigo Testamento, Moisés converteu as águas em sangue (Êx 7.19) e Elias fechou o céu para que não chovesse (Tg 5.17); ambos estiveram com Jesus no monte da Transfiguração (Mt 17.3); ambos tiveram seus ministérios interrompido (Nm 20.12 e 1Rs 19.16).

6. **"Estes têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para converte-las em sangue, e para ferir a terra com toda a sorte de pragas, todas quantas vezes quiserem".**

I. "...poder para fechar o céu". Como já tivemos ocasião de focalizarmos acima, os profetas escatológicos seguem paralelamente Moisés e Elias em seus ministérios: Elias fez descer fogo do céu diante dos profetas de Baal e os dois capitães (1Rs 18.38 e 2Rs 1.10, 12, 14); Moisés fez também maravilhas com fogo, na terra do Egito. (Cf. Êx 9.23). Têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; Elias fez isso por três anos e meio na terra de Israel (1Rs 17.1, 14; Tg 5.17, 18). E têm poder sobre as águas; lembra Moisés e Elias nas seguintes passagens: (Êx 7.19 e ss; 14.15 e ss; 15.23 e ss; 17.1 e ss; Nm 20.11 e ss; 2Rs 2.8 e ss). Elias fez também chover (Tg 5.18). Têm poder para converter as águas em sangue (v.6); lembra Moisés na terra do Egito (Êx 7.19-25). Ferir a

terra com toda a sorte de pragas; lembra Moisés ferindo o Egito com as 10 pragas enviadas àquela nação (Êx 7.12). Moisés, mesmo sendo perseguido pela espada de Faraó, Deus o conservou com vida até ao dia de sua partida para a eternidade; Elias, foi também preservado por Deus da fúria de Jezabel; o mesmo acontecerá com os dois personagens do Senhor, serão guardados em vida, durante 42 meses (1.260 dias); depois devem morrer para que o seu testemunho tenha um maior valor (cf. Hb 9.17).

7. **"E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará".**

I. "...a Besta que sobe do abismo". Embora tenhamos nos referido já tantas vezes ao personagem a ser estudado no capítulo 13, a Besta, esta é a primeira das 35 menções desse nome no Apocalipse. A expressão "sobe do abismo" (11.7 e 17.8), entretanto, desde já revela a origem do seu poder: o rei do abismo. O Anticristo se queixa em aversão à pessoa de Deus, que estes "dois profetas" tinham atormentado os que habitam sobre a terra (cf. v.10). A Besta, portanto, tem todas as características de um homem mau. Faraó queixou-se de Moisés por causa do povo (Êx 5.4, 5), e Acabe chamou o profeta de "O perturbador de Israel" (1Rs 18.17). É evidente que durante seu testemunho, nos 1.260 dias, essas duas testemunhas, estarão cercadas, em oposição, por magos e encantadores, agentes do Anticristo. No Egito, Janes e Jambres, os dois magos de Faraó resistiram a Moisés (Êx 7.10, 11 e 2Tm 3.8); por magia negra reproduziram vários milagres operados por Moisés. Só depois que Deus capacitou Moisés para realizar milagres que eles não puderam reproduzir. Elias sofreu também oposição dos falsos profetas de Baal e Asera na corte acabiana (1Rs 18.19-40). O que existiu nos antigos impérios mundiais existirá aqui também no governo cruel do "homem do pecado", ele estará cercado de "magos e encantadores" (Dn 8.23; Ap 13.11 e ss).

8. **"E jazerão os seus corpos mortos na *praça* da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado".**

I. "...jazerão os seus corpos mortos". Finalmente a Besta matará as duas testemunhas! Elas cairão onde caiu seu Senhor! Não é o servo maior do seu Senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós (Jo 15.20).

1. NA PRAÇA DA GRANDE CIDADE. O termo "grande cidade", neste livro, é termo técnico para indicar a cidade de "Roma" (a Grande Babilônia). Cf. 16.19; 17.18; 18.10, 16, 18, 21); essa cidade é chamada também de "Grande Babilônia", em Ap 14.18 e 16.19; 17.5; 18.2. Mas, a do texto em foco, não se refere à cidade de Roma, mas, sim, à cidade de Jerusalém que espiritualmente se chama Sodoma e Egito (cf. Dt 32.32; Is 1.9; Jr 23.14; Ez 16.46, 49, 55). Vários escritores renomados afirmam que Jerusalém é assim chamada. Sodoma e Egito são lugares representantes de profunda iniqüidade. O Egito é o contínuo símbolo do mundanismo e da maldade opressiva, e Jerusalém, a cidade do grande

Rei, é assim denominada por causa de sua iniqüidade. Dela disse o Senhor: "Importa, porém, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém" (Lc 13.33). Evidentemente, as duas testemunhas serão mortas numa das "praças principais" de Jerusalém. Naquela que fica em frente da "porta das águas" (Ed 8.13)? ou numa que circunda o Calvário? Certamente nesta última (Ec 3.15).

9. **"E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros".**

I. "...verão seus corpos mortos por três dias e meio". Os corpos das duas testemunhas jazerão expostos ao relento na "praça da grande cidade" por três dias e meio. Os cadáveres das duas testemunhas serão rejeitados a tal insulto, a fim de prolongar a alegria feroz dos seguidores do Anticristo, por vê-los mortos. Até Jesus foi dado um sepultamento descente e honroso, apesar do ódio que as autoridades religiosas dos judeus lhe votavam. Nesse particular, a perseguição contra as duas testemunhas ultrapassará em ferocidade à perseguição contra o seu Senhor.

1. Não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros. "O sepultamento conferido aos mortos era questão de grande importância e honra no mundo antigo. Mas negar o sepultamento indicava a ignomínia na memória deste mundo e penalidade no mundo vindouro. As duas testemunhas serão tratadas como os assassinos dos sumos sacerdotes Amano e Jesus, na sétima década". Certamente os espectadores, que evidentemente simpatizarão com o Anticristo (comparar com Ap 16.12), incluirão tanto pagãos quanto judeus.

10. **"E os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra".**

I. "...os que habitam na terra se regozijarão sobre eles". Os dois personagens serão reconhecidos publicamente durante o reinado cruel da Besta. Isso nos faz lembrar de Moisés e Elias enquanto viveram aqui na terra. eles foram reconhecidos como homens de grande poder diante de Faraó e Acabe.

1. Porquanto estes dois profetas tinham atormentados os que habitam sobre a terra. como já tivemos ocasião de focalizar em notas anteriores, sobre o paralelismo profético entre as duas testemunhas e Moisés e Elias respectivamente, o aparecimento de Moisés e Elias dentro da "septuagésima semana" da visão de Daniel (9.27) seria indispensável trazendo "o testemunho de Lei (Moisés) e dos profetas (Elias)". No livro de Malaquias capítulo 4. 4 Deus exorta seu povo para "lembrar da lei de Moisés", e no versículo seguinte diz: "...Eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor".

2. O Dr. Larkin, representante da escola futurista, interpreta literalmente as passagens (Ml 4.4 e Mt 17.11). Ele então acha que se trata de Moisés e Elias; e explica que, segundo Malaquias 4.5-6, Elias vai voltar como arauto do grande e terrível dia do Senhor. Isto não se teria cumprido em João Batista, diz Larkin, porque ele só anunciou a primeira vinda de Cristo e os julgamentos. Ele foge às afirmativas de Cristo em Mt 11.1-14 e 17.11-13, de que João era Elias, achando que Jesus quis significar com essa expressão que João seria Elias, se o mundo recebesse o Reino; o mundo rejeitou a Jesus e ao Reino, portanto, João não seria Elias!

3. Os discípulos, quando desceram do monte da Transfiguração, interrogaram a Jesus dizendo: "porque dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro?". (Mt 17.10); "E Jesus respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas" (Mt 17.11). Estas afirmação de Jesus a seus discípulos é interpretada no versículo 12 da mesma secção: "Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram tudo o que quiseram...". observe agora bem a frase: "Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista" (v. 13). No livro de São Mateus 11.14 fica terminantemente esclarecido o cumprimento desta profecia sobre a vinda de Elias, quando Jesus dá testemunho de João dizendo: "Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista... E, se quereis dar crédito (à profecia e ao que esclareço aqui), é este (João Batista) o Elias que havia de vir". (Mt 11.11, 14).

4. Cremos que a profecia de Malaquias sobre Elias teve seu cumprimento na pessoa de João Batista que veio no "...espírito e virtude de Elias" (Lc 1.17). Mesmo estando escrito em Hb 9.27: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo". Não é uma limitação ao supremo poder pessoal de Deus: vemos isso pelos vários casos de ressurreição referidos na bíblia (1Rs 17.17 e ss; 2Rs 4.18 e ss; 13.20 e ss; Mc 5.35 e ss; Lc 7.11 e ss; Jo 11.43 e ss; At 9.36 e ss; 20.9 e ss). Também não é referido a morte de vivos quando forem arrebatados, mas apenas sua transformação. Na interpretação de Hb 9.27 devemos, pois, ter presentes todos esses fatos.

11. **"E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram".**

I. "...o espírito de vida, vindo de Deus". A ressurreição destes dois profetas foi produzida por toque de Deus. Deus é a fonte de toda a vida. O que foi feito, não poderá sê-lo sem uma intervenção divina. "Sua ressurreição e ascensão produzira profunda impressão sobre os judeus. Nunca mais poderão negar a more, e a ressurreição e a ascensão destes dois personagens. Dessa maneira, as duas testemunhas realizarão seu propósito principal mediante a sua morte, do mesmo modo que Jesus". No versículo seguinte, as testemunhas são convidadas por uma voz, quiçá a voz de Cristo: "...Subi Cá"! A ascensão de Cristo foi realizada na presença de sues amigos. (cf. At 1.9). Assim aconteceu também com Elias, o Tisbita (2Rs 2.11). Mas a ascensão destas duas testemunhas ressurretas deu-se à vista de seus inimigos (11.12). O Dr. Hough, diz que "o último capítulo sempre é escrito nos céus. Assim mediante a ressurreição das duas

testemunhas, elas serão "justificadas" aos olhos do mundo. O testemunho delas será considerado, então, veraz, idôneo, verdadeiro e eficaz...".

12. **"E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi cá. E subiram ao céu em uma nuvem: e os seus inimigos os viram".**

I. "...Subi Cá". Como já ficou demonstrado em notas expositivas feitas em outros versículos; as duas testemunhas do Senhor, seguem, paralelamente todos os passos ministeriais de Moisés e Elias. No caso de Moisés, é dito que uma nuvem o escondeu enquanto falava com Deus , em benefício do povo israelita, de acordo com o que se lê em os escritos de F. Josefo. No caso da Transfiguração, nos é dito que '...uma nuvem luminosa os cobriu" (Mt 17.5). A voz que chamou as duas testemunhas para o céu, até certo ponto ela é paralela à "voz do Arcanjo" que convocará a Igreja para os céus no dia do arrebatamento (1Ts 4.16). Mas, é evidentemente que, nesta passagem deve ser a voz do Pai ou do Filho que está em foco! Diante daquela voz audível e visual, as duas testemunhas "...subiram ao céu em uma nuvem". A "nuvem é de ocorrência comum nas passagens bíblicas que falam sobre "arrebatamento" ou "ascensão". Pode-se ver isso no caso de Jesus (At 1.9) e no caso do arrebatamento da Igreja (1Ts 4.17). A "nuvem" também está associada aos pronunciamentos divinos, em relaçoes públicas repentinas (cf. mt 17.5; Mc 9.7; Lc 9.35). Daniel viu o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu (Dn 7.13). As nuvens estão associadas também ao andar de Deus (Sl 18.9 e ss; Na 1.3). Há uma nuvem de glória que circundou a ascensão, que circundará a volta de Cristo e o arrebatamento da Igreja. Não são apenas partículas de água. Trata-se de uma "nuvem de glória" do poder de Deus.

13. **"E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu".**

I. "...um grande terremoto". Um terremoto, denominado "grande" por causa da destruição assustadora, faz com que um décimo da cidade seja arrasada e 7.000 homens pereça. Pensamos que isso ocorrerá literalmente e não apenas como símbolo. Em 11 de maio de 1927, houve um grande terremoto em Jerusalém; o epicentro registrou-se na região oriental da cidade, e abriu uma grande fenda no monte das Oliveiras. Os místicos contemporâneos também predizem que em breve acontecerá um tremendo terremoto em Jerusalém. Na palavra "décimo" temos a designação da população da cidade de Jerusalém no tempo da Grande Tribulação. As predições indicam que, apenas 70.000 homens habitarão ali. Nos dias do profeta Elias Deus "reservou" para si "7.000 homens" que não sofreram a espada ferina de Jezabel (1Rs 19.18). Aqui a situação se reverterá de forma versátil: sete mil perecerão.

1. A cidade em referência é Jerusalém e não Roma como tem sido defendido por alguns. "O terremoto tem sido uma forma de expressão de julgamento divino. No livro do

Apocalipse, quando os juízos de Deus são derramados sobre a terra, não podiam faltar os terremotos. Há cinco deles mencionados, e alguns no plural: 6.12; 8.5; 11.13, 19; 16.18".

14. **"É passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá".**

I. "...o segundo ai". De acordo Donald D. Turner o vocábulo "ai" é uma tradução de uma palavra onomatopaica do grego: "ouai...ouai...", que se pronuncia "...uhai...". Os três "ais" são pela ordem a quinta, a sexta e sétima trombetas (9.1 e ss; v.13 e ss; 11.15 e ss). A expressão "cedo virá" normalmente fala sobre a "Parousia" (ou segunda vinda de Cristo), como se vê no próximo versículo, ainda que tudo isso não seja tudo quanto está envolvido. Este terceiro "ai" haverá, segundo se diz, de ter lugar quase imediatamente. O toque da sétima trombeta foi adiado (não quanto ao tempo) pelos interlúdios retratados em (10.1 a 11). A cena inteira é duplicação, com a aprovação divina em tudo! O propósito de Deus, nesse terceiro ai ainda vindouro, visa igualmente a provocar a queda da "grande Babilônia" e do poder do Anticristo e seu governo, como se vê em Ap 11.15 e 17.1 e 21.8); a seguir, estabelecer o Reino Milenial de Cristo com poder e grande glória.

7ª trombeta

15. **"E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para o sempre".**

(VER A CONSUMAÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 16.17, QUE DIZ: "E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo, dizendo: Está feito").

I. "...Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo". O toque da sétima trombeta já tinha sido predito pelo "anjo do livrinho aberto", em Ap 10.7 que diz: "Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas seus sevos".

O grande segredo aqui mencionado é o estabelecimento do reino de Deus sobre a terra, que começará com o reino milenial de Cristo (20.1-6), o qual, após o julgamento final, passará para o Reino Eterno de Deus. O reino de Deus e de Cristo é um só. Em Ef 5.5, encontramos menção ao "reino de Cristo e de Deus".

1. Nas páginas dos evangelhos encontramos comumente duas expressões similares! "O Reino de Deus" e o "Reino dos Céus". O Reino dos Céus pode ser o Reino de Deus. Mas o Reino de Deus não é, necessariamente, a mesma coisa que o Reino dos Céus. O termo "Reino de Deus" é usado apenas quatro vezes em Mateus (12.28; 19.24; 21.31, 43). Enquanto que "Reino dos Céus" é encontrado trinta e duas vezes em Mateus. O Dr. C. I.

Scofield mostra a diferença entre "Reino de Deus" e "Reino dos Céus" da seguinte maneira:

(a) "O reino de Deus é universal, incluindo todas as criaturas voluntariamente sujeitas à vontade de Deus, sejam os anjos, a Igreja, ou os santos do passado e futuro (Lc 13.28, 29; Hb 12.22, 23), enquanto que o reino dos céus é messiânico, mediatorial e davídico, e tem por alvo o estabelecimento do reino de Deus sobre a terra. Mt 3.2; 1Co 15.24, 25.

(b) Entra-se no reino do Deus somente pelo novo nascimento (Jo 3.5-7), mas o reino dos céus é a esfera da profissão que pode ser verdadeira ou falsa. Mt 13.3 e 25.1, 11, 12.

(c) Visto que o reino dos céus é a esfera terrestre do reino de Deus universal de Deus, os dois têm quase tudo em comum. Por este motivo muitas parábolas e outros ensinos são referidos ao reino dos céus em Mateus e ao reino de Deus em Marcos e Lucas. Mas as omissões ou acréscimos são significativos...".

(d) O reino de Deus não vem com aparência exterior (Lc 17.20) mas é maiormente interior e espiritual (Rm 14.17); enquanto que o reino dos céus é orgânico, e será, manifestado com glória na terra. Zc 12.8; Mt 17.2; Lc 1.31-33; 1Co 15.24.

(c) O reino dos céus se tornará o reino de Deus quando Cristo entregar o Reino a Deus, o Pai. 1Co 15.24-28". Assim no toque da sétima trombeta, o reino dos céus (o Milênio) entrará na terra com poder e grande glória.

16. **"E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus".**

I. "...prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus". O trecho do Apocalipse 4.10 é um paralelo próximo a esta passagem; pois ali também os vinte e quatro anciãos; os quatros animais viventes é que se prostram diante de Deus, e o adoram com palavras de louvor.

1. Os anciãos têm os seus próprios tronos e as suas próprias coroas. De modo místico isso fala do poder que tem o crente de reinar com Cristo (Mt 19.28). O senhorio de Cristo assumirá suas dimensões apropriadas à face da terra. até mesmo os céus hão de expressar agradecimento à pessoa do filho de deus na era futura. O propósito de Deus também será realizado que é: "De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra" (Ef 1.10). Será um tempo em que o próprio filho de Deus, resigna seu reinado mediante em relação ao Pai, para que Deus seja "tudo em todos". Posteriormente, porém, Cristo também é concebido como "tudo em todos" (Ef 1.23; Cl 3.11). Esse reino será eterno. Comparar com Dn 2.44; 7.14, 27; Lc 1.33; Ele jamais será destruído ou passará a outro povo!

17. **"Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste".**

I. "Todo-poderoso". É uma frase comum referindo-se à pessoa do Senhor, que figura cerca de 50 vezes nas páginas do Antigo Testamento. Neste livro do Apocalipse, cerca de 8 vezes a frase é inserida (1.8; 4.8; 11.17; 15.3; 16.7, 17; 19.15; 21.22). EL ('~el), que deriva de uma raiz que indica força ou poder, e com esse sentido o termo é aplicado no Antigo Testamento aos homens, e mesmo abstrato às coisas, bem como a Deus. Quando aplicado à Deidade o vocábulo é freqüentemente ligado a algum tal como "Todo-poderoso". El-Shadai, Deus Todo-poderoso. Num conceito amplo, em todas as línguas semíticas, a idéia do divino expressa-se mediante a raiz el (em acadiano ilu, em árabe ilah, que combinado com o artigo, faz allah), cujo significado básico parece ser poder. Para os semitas, Deus é sempre o Ser Todo-poderoso e conseqüentemente, a mesma idéia passou para a Igreja Cristã Primitiva. Deus não só é o Todo-poderoso, mas também: fiel (1Co 1.9; 10.2 Co 1.18), sábio (Rm 16.27), verídico (Jo 3.33; Tt 1.2); misericordioso (Rm 2.4), justo mesmo em sua ira (Rm 11.22), da paz (Rm 15.33; 16.20; 1Ts 5.23; Hb 13.20), da esperança (Rm 15.13) da consolação (2Co 1.3), do amor (2Co 13.11). Finalmente: "Deus é Amor" (1Jo 4.8).

1. E reinaste. A expressão "passaste a reinar" é traduzido no tempo passado pela (ARC): "reinaste". Segundo o Dr. Ladd, o verbo, no grego, está de fato no passado, mas o grego tem o que nós chamamos de um uso ingressivo do tempo aoisto (passado), que coloca a ênfase sobre o início da ação, quase sem dar atenção ao tempo da ação. Isso explica o significado do pensamento: "que és (reinas), e que eras (reinavas), e que hás de vir" (para reinar).

18. **"E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos *mortos*, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra".**

I. "...iraram-se as nações". A primeira "ira" que vem aqui é a das nações e a segunda é a de Deus. Já tivemos a oportunidade de tocar no assunto "Ira de Deus" em Ap 6.17. Isso reterá o simbolismo de Ap 14.8 (o juízo da cólera de Deus), o "cálice da sua indignação" (referido em Ap 14.10). O juízo divino é assim pintado como uma bebida terrível e de fogo, que os ímpios são forçados a beber, o que causa entre eles devastação total. A expressão "ira de Deus" é comum no Apocalipse, geralmente usada sem o simbolismo do "cálice" ou do ato de beber: (6.16), a ira do cordeiro; (6.17), o grande dia da ira; (11.18), tua ira; (12.12), grande ira; (14.10), vinho da ira; (15.7), as salvas da ira; (16.1), as taças da ira; (19.15), a fúria da ira do Deus Todo-poderoso.

1. O tempo dos mortos. O julgamento dos mortos ainda é futuro, mas esta vinculado às recompensas dos justos. O reinado de Cristo garante que os mortos serão julgados e que os santos serão galardoados, e que aqueles que estiveram destruindo a terra serão destruídos. Isso anunciado agora, mas o processo todo talvez requeira mil anos. Porquanto será somente no fim do reinado milenial de Cristo que todos os ímpios da terra serão destruídos. A "ira de Deus", que já foi mencionada, fará exatamente isso. Deus destruirá aos destruidores. Esta referência é alusiva a Satanás e seus anjos. São eles que destroem os primórdios da criação. O poder de Deus fará descer a "ira", primeiramente contra os

homens físicos, e então, quando do julgamento das almas. Porém, Satanás e seus sequazes serão também destruídos no "Lago de Fogo" (Mt 25.41; Ap 20.10).

19. **"E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do seu concerto foi vista no seu templo: e houve relâmpagos, e vozes, e trovoes, e terremotos e grande saraiva".**

I. "...A Arca do seu concerto". A Arca da Aliança era uma caixa portátil que media aproximadamente (um metro e vinte e cinco centímetros de comprimento por setenta e cinco de altura). Suas verdadeiras dimensões encontram-se em Êx 37.15. As Escrituras nos informam que durante a caminhada no deserto os sacerdotes levaram a Arca sobre seus ombros. Fala-se dela na passagem do Rio Jordão (Js capítulo 1). Depois em Siló (1Sm 5.1). Em Betel (Jz 20.27); em Bete-Áven (1Sm 14.18, 23); na terra dos filisteus por sete meses (1Sm 6.10. Ali ele percorreu os seguintes lugares: na casa de Dagom (1Sm 5.2); na cidade de Asdode (1Sm 5.7); na cidade de Gate (1Sm 5.8); na cidade de Ecrom (15.10). Em 1Sm 6.15-21 fala-se do retorno da Arca da terra dos filisteus para Bete-Semes. Daí ela foi transferida para Quiriate-Jearim (1Sm 7.1). Passou 20 anos aí. Três meses em casa de Obede-Edom (2Sm 6.10-13); daí para Jerusalém (2Sm 6.12-16). Originalmente ela ficava no tabernáculo. Posteriormente, foi transportada para o Templo de Salomão (1Rs 8.4-8). Não sabemos determinar pela ordem cronológica, mas um tempo ela esteve em Nobe (1Sm 21.1-11). E em Gibeão (1Cr 21.29).

1. A Arca tinha vários nomes dependendo da expressão momentânea da "Arca do Senhor", "Arca da aliança do Senhor" (Dt 10.8), e "Arca do Testemunho". Ignoramos quando e porque desapareceu a Arca. A Arca. A despeito da menção tardia de (2Cr 35.3), a desaparição deve ter ocorrido, o mais tardar, sob o reinado de Josias. Provavelmente, desapareceu quando os babilônios tomaram Jerusalém, em 586 a.C. Jeremias fala de um fragmento dela em seus dias (Jr 3.16). Há uma tradição que diz que Jeremias a ocultou numa caverna que lhe servia de habitação no monte Sinai onde devia permanecer até a restauração da Arca no Templo celeste indica que o tempo da restauração messiânica chegou (11.19 e 15.5).

Capítulo XII

1º Agente: A Mulher

1. **"E VIU-SE um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça".**

I. "...Viu-se". No decorrer do Apocalipse, João é escolhido para testemunha ocular do porvir; 43 vezes corrobora, afirmativamente, com o seu expressivo "VI". Por duas vezes (vs. 1 e 3), neste capítulo, entretanto, aparece o "viu-se" tão generalizado e

impessoal. Trata-se de uma ocorrência que não só sua pessoa foi testemunha, mas todos os circunstantes.

1. Um grande sinal. O termo grego "semeion" derivado do hebraico "õth" ou "mõph~eth" é a palavra que comumente significa "sinal" ou "marca distintiva". Mas nos evangelhos e no livro de Atos dos Apóstolos com freqüência é usado para indicar um "milagre didático", uma "maravilha", cuja finalidade é convencer os homens acerca de uma intervenção divina. A expressão ocorre setenta e sete vezes no Novo Testamento. Sendo que nos evangelhos aparece quarenta e oito vezes. Treze vezes ocorre em Atos, oito nas Epístolas de Paulo, uma vez em Hebreus (2.4), e treze no Apocalipse (9.5; 12.1, 3; 13.14, 16, 17; 14.9, 11; 15.1, 2; 16.2; 19.20; 20.4). No Evangelho de João aparece com o significado de "sinal milagroso" (Jo 2.11, 18, 23). Os sinais operados por Jesus eram operados em resposta a uma necessidade ou necessidades prementes, porém, tinham também um significado mais profundo, comunicado ensinos espirituais e contendo elementos proféticos. No presente texto, "o sina" é uma maravilha celestial cujo teor se compõe não só da instrução, mas também da imagem.

2. Uma mulher. A primeira vez que aparece a figura feminina no Apocalipse é no capítulo 2.20. Mas ao todo, temos quatro mulheres representativas no Apocalipse, cada uma delas (com exceção de uma: Jezabel) sendo a expressão de uma reunião de pessoas em um sistema, a saber: (a) Jezabel. Ap 2.20; (b) A mulher do presente versículo. (Ap 12.1; (c) A mulher vestida de púrpura e de escarlata. Ap 17.4; (d) A mulher do Cordeiro. Ap 21.9. Quase que todos os teólogos, seguem neste capítulo, a mesma linha de pensamentos, a saber: A mulher representa a Nação Israelita. Jr 4.31; (em figura de retórica ver Os 1.2, 3). A posição em que foi colocada, recebendo proteção, amor e a iluminação divina, faz-nos pensar em um vulto visto no "céu". Isto é, nesse caso significa no firmamento. A mulher teria de estar no firmamento, se é que está sobre a lua. Mas a cena é imediatamente transferida para a terra, assim que o filho varão da mulher é dado à luz).

3. Vestida do sol. Estar vestida do sol equivale a estar revestida de luz. Bem perto de Deus, pois "...Deus é sol" (Sl 84.11), e "cobre-se de luz como de um vestido" (Sl 104.2); A luz é a vestimenta de Deus. Ele é luz. Jesus Cristo é também: "...O sol da justiça" (Ml 4.2). O Dr. J. A. Seiss declara: "Assim como o sol é o rei do dia, assim a lua é a rainha da noite; e assim como estar vestido do sol significa ser glorioso facho de luz para o mundo...". a grande glória de Israel (vestido de luz) fala de como Deus elevou aquela nação para trazer o Messias (a Luz do mundo), o Redentor Universal.

4. Tendo a lua debaixo dos seus pés. O simbolismo do sol, lua e estrelas sugere um resumo da história de Israel, como se depreende de Gn 37.9. "Assim como a lua está subordinada ao sol e recebe dele sua luz, toda a glória de Israel e sua influência provêm daquele que o comprou, dando-lhe vida. A lua brilha de noite; assim Israel deve brilhar, dar seu brilhante testemunho, em meio às trevas sombrias que se avolumam na era da Grande Tribulação".

Dado a posição da mulher vestida do sol, evidentemente este, estava posicionado acima desta e esta tendo por pedestal a lua; nesse caso, o sol e a lua estavam em relação um ao outro em posição vertical. Dando a entender que, a lua estava em fase minguante

em (“forma de aliança”). Na simbologia profética das Escrituras Sagradas, isso aponta também para “a aliança eterna” (a lei) que por desobediência Israel colocou “debaixo dos seus pés” (cf. Mt 15.6).

5. Uma coroa de doze estrelas. Em razão da Igreja não estar em foco na presente época (a da Tribulação), as doze estrelas representam os doze patriarcas, que são o princípio da formação da Nação Israelita. O simbolismo inteiro faz-nos lembrar, de qualquer modo, do sonho de José, historiado em (Gn 37.9) que diz: “...Eis que ainda sonhei um sonho: e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam a mim”. Assim o sol, a lua e as estrelas lhe prestavam honrarias. Isso certamente fala da nação de Israel. Não devemos pensar na Igreja nesta secção, pois a mesma se encontra ao lado de Cristo nas “bodas do Cordeiro” (cf. Ap 3.10 e 19.9).

2. **“E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsia de dar à luz”.**

I. “...com dores de parto”. Essa mulher é um sacrifício vivo, que sofre qualquer coisa para trazer o Messias ao mundo. A agonia da nação de Israel, afim de que Jesus viesse ao mundo. Esse simbolismo é usado acerca de Israel, nas páginas do Antigo Testamento (cf. Is 66.7, 8) e ilustrado em (Is 9.6); Mq capítulo 5; Mt capítulo 1; Lc capítulo 2; Hb 7.14).

1. O nascimento de Apolo foi retratado de modo similar a esta descrição, a qual fala sobre a primeira vinda do Messias. A deusa Leto, que levava um filho infante de Zeus, foi perseguida pelo dragão Fithon, por causa de uma predição que dizia que se ela tivesse um filho, este cresceria e, eventualmente, venceria àquele dragão. Mas, a fim de impedir isso, Zeus ordenou a Boreas, deus do norte, a levar Leto para Poseidon, dando-lhe refúgio em uma ilha, onde ela deu nascimento a Apolo.

(a) “Jo 16.21 ilustra a intensidade e natureza do sofrimento que sobrevirá a qualquer mulher, ao dar nascimento a um filho. Esse emprego é também encontrado em outros lugares no Novo Testamento, como segue:

(b) Em Rm 8.22 – Aqui se fala sobre a criação inteira que aguarda ansiosamente a fruição da promessa de Deus concernente à manifestação dos filhos de Deus, ao fim desta dispensação, quando fará ocorrer aquela operação especial de Deus:

(c) Em Gl 4.19 – O Apóstolo Paulo emprega essa ilustração acerca de si próprio, como luz sobre seus sofrimentos e lutas em favor das igrejas, a fim de que Cristo seja formado nelas. Isso novamente ilustra a idéia de fruição ou concretização dos planos de Deus, sendo também destacada a idéia da nova vida que dessa maneira é conferida aos que crêem:

(d) Em 1Ts 5.3 – Esse texto faz referência ao julgamento repentino que apanhará os ímpios de surpresa, por haverem rejeitado o Cristo; e isso sucederá quando de seu aparecimento (ou segunda vinda), em glória. Esse texto igualmente aludi à culminação de todas as coisas, mas enfatiza particularmente o aspecto da inevitabilidade e da severidade do juízo divino:

(e) A do presente texto (ap 12.2) – Aqui é focalizado o caso de Israel (ainda que seja a nação toda), que foi usado como instrumento para trazer o Cristo, o Messias, ao mundo, o que ilustra novamente a doação da vida a um mundo morto. Em Is 66.8, ilustra um novo surgimento na vida de Israel: "...Poder-se-ia fazer nascer uma terra num só dia? nasceria uma nação de uma só vez? mas Sião esteve de parto e já deu à luz seus filhos".

2. Os profetas descreveram a nação de Israel como quem sofria as dores de parto com o objetivo de traze Cristo a fim de que regesse todas as nações, foi uma longa agonia. Porém, mesmo diante desta grande "ânsia" que durante séculos tem passado a nação, as Escrituras falam como Deus a elevou; primeiro, para trazer ao mundo o Messias, o Redentor Universal; segundo, na glória futura de Israel, como cabeça das nações; e esperando essa manifestação de Israel e da Igreja, há uma ardente expectação de toda a criação que geme (cf. Rm 8.19 a 23).

2º Agente: O Dragão

3. **"E viu-se outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeça sete diademas".**

I. "...um grande dragão vermelho". O vocábulo grego aqui usado, "drakon", significa "dragão", "serpente", "crocodilo" ou "leviatã" (Jó 41.1). Somos informados de que os antigos cananeus (conforme a descrição existente nos tabletes de Ras Shamra) tinham uma terrível serpente de sete cabeças. O leviatã (cf. Is 27.1); era considerada uma horrenda e "rápida" serpente.

1. No presente texto, está em foco "a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo". É serpente sedutora, mãe das trevas, que é um cão de fogo horroroso. Foi esse terrível ser que personificado numa serpente enganou a pobre mulher (Gn 3.1-13; 2Co 11.3). É afirmado por Matthew Pool eminente comentador da Antigüidade, que o artigo definido em Gn 3.1, é enfático, e por isso se refere a uma serpente especial. E, no hebraico é: "hannachast", isto é, esta serpente ou essa serpente, significando que não era uma serpente qualquer, ou um simples animal, mas uma personificação do próprio Satanás (cf. Ap 12.9).

2. Em sete livros do Antigo Testamento e em dezenove do Novo, encontramos a figura sombria desta serpente "veloz" chamada "o Diabo". Ocorre uma vez no plural. Dt. 32.17. Seu nome é a transliteração do vocábulo grego "diabolos", expressão sempre usada no singular, que significa "acusador"; é aplicado nas Escrituras exclusivamente a Satanás. "Ele é assim chamado, em virtude de suas disposições hostis opondo-se a Deus e aos homens". No sentido profundo da palavra, significa também "caluniador", porque tanto calunia a Deus (Gn 3.2), como aos homens (Jó 1.9; Ap 12.10). Em Jo 6.70, tem o sentido de uma "traidor".

3. Alguns tradutores lhe dão o nome de "Lúcifer" – O resplandecente (Is 14.12). Esse terrível ser foi criado, aparentemente, um dos querubins (Ez 28.14), e ungido para uma

posição de grande autoridade, talvez sobre a primitiva criação de Deus, que incluía o Éden mineral (Gn 2.10-12; Ez 28.11-15), mas tornou-se em um grande dragão vermelho após a queda.

4. Vermelho. "O Sete-Tifom dos egípcios era um terrível crocodilo vermelho; por exemplo, a hidra dos gregos tinha nove cabeças. O azhi Dahaka dos persas era um monstro de três cabeças, e, grotescamente, duas dessas eram serpentes que nasciam de seus ombros". Nesta secção porém, ele é visto com "sete cabeças e dez chifres" – isso pode ser já uma antecipação do que lemos em 13.2 do mesmo livro, onde o dragão deu à Besta "o seu poder", e o seu trono, e grande poderio". É evidente que a Besta e os dez monarcas escatológicos são, agentes de Satanás. Num cômputo geral do significado do pensamento, sua cor vermelha, representa: a cor do pecado, do sangue, do fogo e da violência, qualidades possuídas por Satanás em grau supremo. Isso aponta para sua natureza mortífera; sua astúcia se vê nas sete cabeças, seu poder, nos seus dez chifres, e a sua autoridade nas suas sete coroas.

4. **"E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que dando ela à luz, lhe tragasse o filho".**

I. "...sua cauda". Segundo o Dr. H. L. Sr, "a cauda, representa a parte mais perigosa do dragão, é como um grande cometa neste monstro (cf. Dn 8.10). Assim (Is 9.15) assemelha o profeta mentiroso a uma causa, o poder e influência malignos de Satanás como mentiroso e enganador são semelhantemente descrito". Na simbologia profética das Escrituras Sagradas, isso também aponta seu "baixo caráter" (Dt 28.13; Is 9.15) sua influência daninha – "derribou um terço das estrelas do céu". Multidões que brilhavam no ordenado firmamento de Deus se tornam meteoritos carbonizados por causa do dragão.

1. E lançou-as sobre a terra (as estrelas). Esse versículo apresenta um segundo quadro da revolta original de Satanás quando se rebelou contra Deus no passado. A causa da queda (pecado) foi o orgulho (Ez 28.1 e ss); quando ele disse em seu coração. O "eu subirei" (Is14.13), ali o pecado teve início. Mas, como "um abismo chama outro abismo" (Sl 42.7), ele queria se assentar "sobre a cadeira de Deus" (Ez 28.2), e ser semelhante ao Altíssimo (Is 14.14; Ez 28.6), chegou até dizer: "...eu sou Deus" (Ez 28.2); queria estabelecer seu trono na região setentrional: (região norte) do céu (Is 14.13); mas foi frustrado o seu plano, e ele com "grande ira" abriu uma "cisão" no exército celeste e, conquistou a "terça parte" das estrelas (anjos) do céu. Provavelmente, essa batalha teve lugar na região norte do céu (estelar) onde existe um "vazio" (cf. Jó 26.7; Is 14.13; Jr 1.14).

Nesta secção do Apocalipse, temos uma nova investida de Satanás durante o tempo da Grande Tribulação, na primeira revolta, ele conquistou os anjos "que não guardaram o seu principado..." (Jv v. 6), e os lançou no "espaço" (cf. Ef 2.2 e 6.12). Nesta segunda investida, seu maior desejo era reconquistar "seu lugar no céu" (v.8) mas novamente é frustrado o seu plano e ele com "grande ira" usou novamente "sua cauda", derribando com ela "a terça parte" de seus anjos que estavam no espaço e os lançou sobre a terra que os

mesmos lançassem uma "investida mortal" contra os homens durante a Grande Tribulação (cf. 12.12).

2. E parou diante da mulher. Conforme o original o dragão se "deteve", isto é, "pôs-se de pé", conforme diz literalmente o grego. Plínio mostra que os antigos concebiam os dragões como feras que normalmente se punham de pé. Como as Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe; a presente passagem pode ter sua aplicação desde o Éden, até ao tempo "da plenitude dos tempos" (cf. Gl 4.4). Pode-se fazer certa comparação com a narrativa sobre Faraó, monarca egípcio. Ele procurou matar aos meninos israelitas (cf. Êx 1.15 e ss; Sl 85.13; Is 21.1; 51.9 e Ez 29.3). Herodes tentou fazer a mesma coisa (cf. Mt 2.13 e ss). Esses eventos foram inspirados pelo próprio Satanás, seu objetivo, não era somente conseguir matar a Cristo, mas o texto diz claramente; "queria-o tragar". E assim, aniquilar o plano de Deus, de trazer Seu Filho ao mundo como o Salvador da Humanidade.

3º Agente: O Menino

5. **"E deu à luz um filho varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono".**

I. "...um filho varão". Cremos está aqui em foco, a pessoa de Cristo. "O Filho Varão". Não se trata de Cristo "misticamente concebido", nos membros da Igreja. A citação do Salmo 2.9, aplicada a Cristo em todo o contexto da Igreja Primitiva, afirma-nos que o Filho da mulher vestido do sol é o próprio Cristo nasceu para reinar (cf. Gn 3.15; Sl 2.9; 110.5, 15; Dn 4.26; Ap 12.5; 19.15). O sentido geral deste versículo é que Cristo, mediante sua ressurreição e ascensão, frustrou os desígnios malignos e destruidores de Satanás. A ascensão do Cristo é expressa com as palavras: "...e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono" (cf. Mc 16.19; Lc 24.50, 51; At 1.9; 7.56; Ap 3.21). Nada se diz aqui da morte do filho varão à não ser no versículo 11 desta secção, uma vez que ele é ligado com Israel e com a regência de todas as nações, ambas as quais dependem de seu nascimento e ascensão ao trono.

1. Reger todas as nações. Essa alusão feita no presente texto, refere-se ao governo milenial de Cristo, após o término da Grande Tribulação. Naquela época, Ele governará como monarca absoluto, mas também será o Sumo – Pastor. O grego diz literalmente "poimaino", "pastorear" ou "cuidar". Essa palavra é empregada por 11 vezes nas páginas do Novo Testamento (cf. Mt 2.6; Lc 17.7; Jo 21.16; At 20.28; 1Co 9.7; 1Pd 5.2; Jd v. 12; Ap 2.27; 7.17; 12.5 e 19.15). O reinado de ferro das nações será quebrado por aquele que vem pastore-las com "vara de ferro". Aqui o domínio significa "guiar como um pastor", e "vara de ferro", não significa "dureza" e sim, um método inquebrantável no governo de Cristo.

6. **“E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias”.**

I. “...a mulher fugiu para o deserto”. Este será o “...lugar preparado por Deus” durante a Grande Tribulação. No ano 70 d.C. Deus preparou a cidade de Pella, uma das cidades de Decápolis, como “refúgio” para os crentes fiéis que creram nas advertências do Senhor. Eles ali ficaram por trás do “deserto” da Judéia e de Moabe, e assim escaparam da grande destruição da cidade e de seus moradores.

1. Cremos que por determinação do conselho e pré-conhecimento de Deus, provê-se um lugar de segurança e manutenção para o remanescente. Sugerem-se que este lugar de “refúgio” seja Petra, no monte Seir, na terra de Edom e Moabe. Sela ou Petra, a cidade da rocha é uma das maravilhas do mundo (localizada ao sudoeste do mar Morto), como um possível esconderijo. Podendo acomodar 250.000 pessoas, assim ofereceria proteção excelente. Esta região demarcada por Deus e denominada de “o deserto”, é chamada também de: (a) “lugar”. Ap 12.6; (b) “refúgio”. Is 16.4; (c) “quartos”. . Is 26.20, etc. Na simbologia profética das Escrituras Sagradas, “deserto” significa um lugar de “isolamento” (Sl 55.5-8), aqui, porém, refere-se “...ao deserto dos povos” (Ez 20.35). Será: “EDOM E MOABE, E AS PRIMÍCIAS DOS FILHOS DE AMOM” (cf. Dn 11.41); esses serão os únicos países que escaparão da influência do Anticristo, durante a Grande Tribulação. O Egito não escapará (Dn 11.41-42).

“2. EDOM ou EDUMÉIA: geograficamente este país encrava-se na região montanhosa entre o mar Morto e o golfo de Acaba; estende-se para dentro da Arábia Pétrea”.

3. MOABE: encrava-se no sueste do mar Morto; era separada dos amonitas pelo rio Arnon.

4. AMOM: encrava-se na região nordeste do mar Morto; hoje, esses três países ou povos se fundiram em tribos árabes”: Orígenis.

5. Esta área reservada por Deus naqueles dias e servirá de “refúgio perante a face do destruidor” (Is 16.4). O Monte Sião será também demarcado (cf. Sl 125.1; Ob v.17; Ap 14.1). Todos esses acima citados, se transformarão no “deserto de Deus” preparado para a “mulher perseguida” (o Israel fiel) durante o tempo da “angústia de Jacó”. Vide as seguintes escrituras sobre o assunto: (Sl 60.8-12; Is 16.4; 26.20; 64.10; Jr 32.2; 40.8-9; Ez 20.35; Dn 11.41; 12.1; Os 2.14; Ob vs. 17, 20; Mt 24.36; Ap 12.13-17).

6. A mulher perseguida nesta passagem, representa, sem dúvida, o “remanescente de Israel” (Sl 3.13). Nos dias de Elias, este remanescente foram os 7.000 que não se dobraram diante de Baal (1Rs 19.18; Rm 11.4); “Nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá”, Deus reservou para SI “um resto”, como declara o profeta Isaías (Is 1.9; Rm 9.29); os que voltaram do cativeiro com Neemias e Esdras, eram remanescentes (Ed capítulo 2 e Ne capítulo 7). No Novo Testamento, são eles: Os pastores, Zacarias, Izabel, Simeão, a profetisa, Ana, Maria, mãe de Jesus e João batista; durante o tempo presente, o restante se compõe dos judeus crentes (Rm 11.4-5); durante a Grande Tribulação: “Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o REMANESCENTE é que será salvo” (Rm 9.27). O remanescente desta secção se compõe de duas partes (os 144.000 e o restante da semana da mulher). Nessa época, eles são comparados a ‘orvalho”, e no

Milênio, a "leão" (Mq 5.7-8), alguns deles sofrerão a morte, par completar um número. (Cf. 6.11), o restante será assinalado e guardado por Deus "no deserto".

4º Agente: Miguel

7. **"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão e os seus anjos".**

I. "...Miguel". A literatura judaica ensinava que em toda a esfera celestial havia "sete arcanjos": (Gabriel, Miguel, Remuel, Raquel, Rafael e Saracael e Uriel). Os autores do livro de Enoque falam disso, mas as Escrituras só designam apenas um: Miguel como Arcanjo (1Ts 4.16; Jd v.9). Podemos depreender que antes de sua queda Lúcifer era também um arcanjo, igual a Miguel (cf. Ez 28.1 e ss).

1. O arcanjo. O prefixo "arca" ou "arqui" sugere um anjo-chefe, principal ou poderoso. Assim, Miguel é agora o anjo acima de todos os anjos, reconhecido como o primeiro príncipe do céu. É como o primeiro-ministro da administração divina do universo, sendo o "administrador angélico" de Deus para o juízo". A expressão "o Arcanjo": só é usada em duas passagens do Novo Testamento (1Ts 4.16 e Jd v.9). Designa algum altíssimo poder angelical, dotado de autoridade sobre larga área, celestial ou terrena. No Antigo Testamento, Miguel aparece primordialmente identificado com Israel como nação. Desse modo, Deus fala dele como o príncipe do povo eleito: "naquele tempo (da Grande Tribulação) se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levantará pelos filhos do teu povo..." (Dn 12.1 e ss). Ele defende e protege em caráter especial o povo eleito de Deus. Seja como for, ele é sempre visto como o Arcanjo representado!

2. Miguel entra em foco nas seguintes passagens: (Dn 10.13, 21; 12.1; 1Ts 4.16; Jd v.9; Ap 12.7). Em Daniel 10.13, 21 e 12.1, ele é pintado como o anjo chefe e guardião de Israel. Ele ali é também chamado "...um dos primeiros príncipes" e "...vosso príncipe" (10.13, 31). Nessa capacidade que lhe é peculiarmente apropriado que fosse o arcanjo. Alguns teólogos o chamam de "o mensageiro da lei e do julgamento" de Deus. Comandando os exércitos que combatem Satanás o grande dragão, e todos os seus anjos. Miguel sempre se destaca isolado! De vez que a Bíblia nunca se refere a arcanjos, apenas ao "Arcanjo". Seu nome "Mikhã'~el", que significa "quem é semelhante a Deus?". No hebraico é sinônimo de Macaias e Mica. É nome pessoal de 11 personagens mencionadas nas Escrituras, apenas uma delas recebe mais do que uma referência passageira. Essa exceção é o Arcanjo Miguel:

(a) Em Daniel 10.13, 21 e 12.1, sua missão específica é guardar, e proteger a nação israelita. Mas, é óbvio, pois, que suas atividades são as mais variadas, envolvendo uma vastíssima área. Isso nos fornece algum pensamento quanto a sua piedade, mesmo sendo guerreiro, e poderoso, e suas revelações no tocante ao ministério dos anjos dos quais se destaca como comandante:

(b) Em 1Ts 4.16, nos é dito que, o Arcanjo em foco virá com Jesus na sua Vinda. Isso nos leva a entender que, os anjos cooperam também no ministério da salvação (Hb 1.14). E outras passagens correlatas:

(c) Em Judas versículo 9, ele é visto a contender com o diabo "...a respeito do corpo de Moisés":

(d) em Apocalipse 12.7, ele é visto a combater o "diabo e seus anjos" em defesa do céu. Em todas as passagens em que Miguel aparece no cenário da História Angelical, é sempre citado em conexão com a guerra e sempre triunfante.

8. **"Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus".**

I. "...nem mais o seu lugar se achou nos céus". A batalha mais significativa de toda a história do mundo vai ser agora preparada. Forças celestes e forças infernais encontrar-se-ão neste conflito sombrio. "João apresenta os Aliados (Miguel e seus anjos) e os Opositores (Satanás e seus anjos). A frase "guerra no céu" é um tanto espantosa. Depois do "silêncio no céu" (8.1) temos a "guerra no céu". Por "céu" onde se ferirá a batalha não devemos compreender a presença imediata de Deus, mas a esfera que Satanás ocupou desde que foi expulso do lugar da habitação de Deus por causa de sua rebelião. O versículo em foco mostra como Satanás será expulso do céu (comparar com Jó 1.6), embora para nós parece difícil o acesso de Satanás à real câmara celestial. Ele perderá de uma vez por todas, "seu lugar nos céus". Isso significa que ele será derrubado de qualquer posição que, no presente, lhe seja permitida (tal como se vê em 1Rs 22.21; Jó 1.12; Zc 3.1), sendo projetado na terra. este versículo é o paralelo espiritual de (Is 4.7): "...resisti ao diabo, e ele fugirá de vós".

1. Não pode haver vitória sem a decisão de resistir e lutar. Até o próprio Jesus foi forçado a resistir; e até mesmo sua batalha contra o mal não foi fácil. Alguns dos seguidores do Senhor tiveram de resistir até ao derramamento de sangue, embora outros não tenham resistido tanto (cf. Hb 12.4).

9. **"E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele".**

I. "...a antiga serpente, chamada o Diabo". Na tradição judaica posterior, Satanás é promovido à posição de comandante do mal, atribuição essa que, originalmente, não estava vinculada ao seu nome. Nesses escritos, a Satanás é conferida grande variedade de designações, como Beliar ou Belial, Azazel, Sammael, Mastema, Asmodeus, Beelzebú (ver notas expositivas em 12.3). Nas páginas do Novo Testamento, esse título e'empregado por 38 vezes (Mt 4.10; 12.25; 16.23; Mc 1.13; 3.25; 4.16 e 8.33; Lc 4.8; 10.18; 13.15; 22.3, 31; Jo 13.27; At 5.3; 26.18; Rm 16.20; 1Co 5.5; 7.5; 1Ts 2.18; 1Tm 1.20; 5.15; Ap 2.9, 13, 24; 3.9; 12.9 e 20.2, 7). A passagem de Lucas 10.18, pode ser

paralela no que diz respeito ao tempo a desta secção, onde se lê: "Eu via Satanás, como raio, cair do céu". Desde sua expulsão dos céus, o seu caminho tem sido o da "descida": para os ares (Is 14.12; Ef 2.2), para terra e o mar (Ap 12.12); para o abismo (Ap 20.1-7); para o lago do fogo (Ap 20.10); seu destino final!

10. **"E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite".**

I. "...o acusador de nossos irmãos é derribado". (Esses versículos 8 e 9 do Apocalipse são os versículos centrais dos 404 que este livro contém). O dragão na qualidade de "destruidor", é um "leão que ruge" (1Pd 5.8); e na qualidade de "enganador", é uma "serpente sedutora" (Gn capítulo 3.1 e ss). Mas, na qualidade de "Diabo", é "acusador em grau supremo". No grego, o particípio presente é usado como se fora um substantivo, com o artigo definido: "o acusante" dando a entender alguém cuja tarefa permanente é seu trabalho destruidor. Nesta condição de "acusador" ele é homicida tanto da vida física como espiritual (Jo 8.44). Nas palavras do vidente João, ele aponta algo parecido com a história de Jó. E, evidentemente, estão em foco, na palavra "irmãos", os mártires (como se vê no décimo primeiro versículo desta secção) aos quais Satanás perseguirá especialmente. Mas já que a alusão é à primeira porção do livro de Jó, também devemos pensar na questão em termos universais.

11. **"E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte".**

I. "...eles o venceram pelo sangue do Cordeiro". Essas palavras podem ser confrontadas com Rm 8.31 e ss. Nada pode voltar-se contra nós e obter sucesso, se somos favorecidos por Deus, mediante o sangue de Cristo. Alguns dos escritos paralelos do judaísmo, tinham, freqüentemente semelhança no Apocalipse, por exemplo: "Os judeus tinham uma tradição que dizia que o "acusador de nosso irmãos" acusa os homens todos os dias do ano, exceto no dia da expiação". Assim sendo, para o crente, todo o dia é um dia de expiação, e o precioso sangue do cordeiro de Deus, lhe proporciona o direito de ser sempre vencedor, tanto no tempo presente como na eternidade futura. A vitória é sempre por meio da pessoa de Cristo (2Co 2.14). Este versículo aponta para um segundo meio de vencer: "...e pela palavra do seu testemunho". Em outras palavras foram fiéis como mártires, sustentando até ao fim a profissão cristã, a despeito de uma horrenda oposição. A graça ao fim a profissão cristã, a despeito de uma horrenda oposição. A graça de Deus deve ser correspondida pela vontade humana positiva, pois, de outro modo, a graça será anulada em sua operações.

12. **“Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo”.**

I. “...o diabo desceu a vós, e tem grande ira”. O termo usado aqui para descrever “grande dia”, significa “raiva fervente”. Sua “grande ira” é vista novamente no versículo 17, ilustra o que lemos em Jo 7.23, que diz: “...indignais-vos contra mim...”. São palavras do Filho de Deus a homens inspirados por Satanás. Encontramos aqui a única ocorrência da palavra, em todo o Novo Testamento, que no grego significa “fiel”. O verbo estar bilioso, como o sentido de “ira amarga e profunda”. Nesta secção é dito que ele “...tem pouco tempo”. Essa é uma das causas de sua “grande ira”, pois lhe restam apenas três anos e meio depois vem sua prisão (Ap 20.1 e ss). É esse o único lugar na Bíblia que nos leva a entender o limitado conhecimento (onisciência só para Deus) futurístico de Satanás: três anos e meio. Sobre isso o leitor deve observar bem a frase: “...sabendo que já tem pouco tempo”. Profeticamente, isso aludi ao tempo da Tribulação, ou, talvez, à porção da mesma em que o Anticristo mostrar-se-á mais ativo, chamada de “Grande Tribulação”. É evidente que o mal pertence ao tempo; a benignidade pertence à eternidade.

13. **“E, quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão”.**

I. “...perseguiu a mulher”. O presente versículo dá prosseguimento à narrativa iniciada no primeiro versículo deste capítulo. A “mulher”, que representa a nação de Israel, deu à luz a um “menino”, que é Cristo (cf. Gl 4.4). O dragão procurou devora-lo, mas não obteve êxito nisso. E, esta razão ele voltará a sua ira contra a “mulher” (os fiéis do tempo da angústia), e a sua “semente” (toda a nação). A mulher foi perseguida pelo dragão, primeiramente no céu (v.4), e depois na terra (v.15). A cena é primeiramente descrita como quem está “no céu”, depois como quem está “na terra”. Alguns vêem nisso a “queda de Israel”. Essa interpretação é possível. A apostasia e a rejeição de Cristo retiraram da nação de Israel a sua antiga glória, como também a aprovação divina. Contudo Deus cumprirá todas a suas promessas por amor aos patriarcas.

14. **“E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voassem para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente”.**

I. “...duas asas de grande águia”. Para aqueles que interpretam o Apocalipse do ponto de vista filosófico, acham que haveria aqui uma referência mitológica à narrativa da deusa Isis, sua história conta como ela escapou de Sete-Tifom, o terrível crocodilo do Nilo, ao voar para fora de seu alcance. Outros porém, advogam que “as duas asas” simbolizariam o Egito e a Babilônia respectivamente (Ez 17.3, 7, 12, 15 e ss), mas

dificilmente esta forma de interpretação combina com o argumento principal. Para nós, as "duas asas de grande águia" significa a proteção de Deus e os meios por ele usados. Seu cuidado e livramento são indicados desta maneira: "Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia, e vos trouxe a mim" (Êx 19.4); "Achou-no na terra do deserto... como a águia desperta o seu ninho, se move sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os e os leva sobre as suas asas, assim só o Senhor o guiou..."(Dt 32.10-12). Entre as criaturas que estão dentro dos limites de nossa visão, aquelas que possuem "asas"e "voam", exemplificam as dotadas de maior velocidade. Assim vemos nestas "asas" meios sobrenaturais (o poder angelical: 8.13, ed. atual) e naturais (a própria natureza: v.16).

1. Um tempo, e tempos, e metade de um tempo. A presente expressão tem seu fundo histórico na passagem de Daniel 7.25. G. H. Pember diz que o sentido é: "um ano, dois anos, e metade de um ano", mas como diz Pember, por que se diz "tempo, e tempos, e metade de um tempo", em vez de três anos e meio? Aparentemente não sem razão, pois segundo o modo judaico de calcular, três anos juntos precisariam do acréscimo de um mês, de maneira que o período seria 1.290 dias (Dn 12.11) em vez de 1.260 dias (Dn 7.25; Ap 11.2, 3; 13.5); mas, referindo-se a um dos anos separadamente evita-se este resultado. Isso é confirmado em Ap 11.2, 3 quando a cidade de Jerusalém será pisada pelos gentios durante o tempo de 42 meses.

15. **"E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatar".**

I. "...água como um rio". Havia entre os egípcios uma lenda sobre Sete-Tifom, o terrível crocodilo que procurou afogar a deusa Isis com uma inundação. Isso seria realizado pelas correntes do Nilo. Seu objetivo era matar tanto a deusa como seu filhinho (Horus). Mas a terra ajudou a deusa Isis, absorvendo facilmente a água. E assim ela triunfou. Na simbologia profética das Escrituras Sagradas, um rei poderoso, comandando os seus exércitos, é comparado a "uma corrente de águas", conforme Is 8.7: "Eis que o Senhor fará vir eles as águas do rio, fortes e impetuosas, isto é, o rei da Assíria...". Em Os 5.10 temos o simbolismo de Deus a enviar sua ira como "corrente de água". Em sl 33.6 e 124.4; Is 43.2, lemos que os ímpios engolfam os justos, como se fossem "uma inundação". Em Is 59.19 o inimigo é visto perseguindo a Israel "como uma corrente de água". No texto em foco, cremos que o sentido é o mesmo, isto é, a "corrente de água" que o dragão lançou de sua boca, é retratado como "um poderoso exército" composto de súditos da Besta. Mas a exemplo de Core e de seu grupo, foram tragados pela própria terra (Nm capítulo 16)

16. **"E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a sua boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca".**

I. "...e a terra ajudou a mulher". Deus usará novamente a terra como o fez no passado (a própria terra da Palestina) mormente "EDOM, E MOABE, E AS PRIMÍCIAS DOS FILHOS DE AMOM" (Dn 11.41). Essa "corrente de água" (o exército) será absorvida antes de ter alcançado o lugar de "refúgio" preparado por Deus (Is 16.4). Deus usará tanto meios naturais como divinos. O certo é que a terra serviu de "bandeira" como diz o profeta Isaías (59.19): "...vindo o inimigo como uma corrente de água, o Espírito do Senhor arvorará contra ele a sua bandeira". Alguns expositores do Apocalipse interpretam literalmente estes dois versículos (15 e 16); e, na realidade, nada há que impeça sua realização literal. Na passagem de Nm 16.31 diz que acabando Moisés de falar "...a terra que estava debaixo deles se fendeu. E a terra abriu a sua boca, e os tragou... e eles e tudo o que era seu desceram vivos ao sepulcro, e a terra os cobriu...". O Salmo de número 55.15 retrata o assunto da mesma maneira: "A morte os assalte, e vivos os engula a terra...". Seja como for, a proteção assegurada por 1.260 dias "fora da vista da serpente". A terra, já que pertence a Deus, em última análise, está ao lado da bondade. Deus finalmente, fará o sistema da "terra" ficar submisso a si mesmo, quando do reino milenial de Cristo. O que Deus fará lá, pode ter sua introdução aqui (cf. Ec 3.15).

5º Agente: A semente da Mulher

17. **"E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo".**

I. "...irou-se contra a mulher". É esta já a oitava vez que aparece esta figura feminina nesta secção: (vs. 1, 4, 6, 13, 15, 16, 17). C. C. Ryrie indica que a palavra grega aqui traduzida por "resto" ou "restante" conforme aparece no Apocalipse, "aplica-se a grupo de indivíduos selecionados, e não necessariamente a um remanescente espiritual". Naturalmente, essa semente da mulher perseguida, são aqueles que sobraram do número dos assinalados: os 144.000 (7.1-8); são os que guardam os mandamentos de Deus (a lei), e têm o testemunho (da morte de Cristo). Verdade é que profeticamente falando, João via Israel e a Igreja Cristã sofrerem perseguições. Mas, não devemos aplicar o presente texto à Igreja do Senhor, pois esta se encontrará, ao lado de Cristo, nas bodas do Cordeiro. Portanto, o resto da semente da mulher perseguida, sem dúvida, é Israel.

Capítulo XIII

6º Agente: A 1ª Besta

1. **“E EU pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia”.**

I. “...Uma Besta”. A palavra para “besta” neste capítulo não é a mesma usada no capítulo 4.6 e ss: (“zoon, o que vive”), mas, a palavra grega “therion”, que significa “uma fera”. Ela era usada na literatura grega e helenista para indicar animais “perigosos”. Usava-se também para indicar seres animalescos, de natureza sobrenatural, ou indivíduo de natureza bestial. No presente texto, João usa a palavra para descrever a “figura sombria do Anticristo”. Esta Besta será uma pessoa e não apenas uma personificação do mal, ela é chamada de “Besta”, porque do ponto de vista divino de observação é o que ela é. A passagem fala claramente de uma pessoa, pelo uso do pronome “ela” (13.4; 17.11; 19.20). “Em inglês, o pronome é “he”, usado somente para pessoas. Deve-se ter isto em mente para compreensão do significado do pensamento, pois em português, “ela” é usado tanto para pessoas animais ou coisas”.

1. Ele será o monstro mais hediondo que o mundo já conheceu; somos forçados a crer que ele tenha duas nacionalidades: uma romana e a outra judia. Sobre a primeira (Dn 2.44; 7.7 e ss; 8.9 e ss; 9.27; Ap 13.1 e ss); sobre a segunda (Dn 11.37, 38, 45; Mt 24.15; Mc 13.14; Jo 5.43; 2Ts 2.4; 1Jo 2.18; 2Jo v.7). Em figura de retórica ver At 22.28. Sobre sua raça ver Ez 21.25-27; 28.2 e ss; Dn 8.23-25; 9.27; Mt 12.43-45. Semelhantemente, ele exercerá suas atividades em duas capitais: (Roma – centro político) e (Jerusalém – centro religioso). Os rabinos judaicos ensinam que ele será da tribo de Dã: “Dã será (no futuro) serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda” (Gn 30.6; 49.17). Os místicos contemporâneos dizem que o Anticristo nasceu a 5 de fevereiro de 1962, na Palestina; foi para um dos países árabes. Atualmente se encontra em silêncio em Jerusalém. Não sabemos se isso é real, ou fictício, mas será uma coincidência curiosa que adicionando os números da data desse ano, temos 1 + 9 + 6 + 2 = 18, ou seja, três x6 ou 666. Não devemos duvidar se há ou não nisso significação especial, pois a Bíblia afirma que “...já o mistério da injustiça opera” (2Ts 2.7). “...ouvistes que vem o Anticristo... por onde conhecemos que é já a última hora” (1Jo 2.18).

2. “Em João (1 Epístola 2.18, 22 e 2 João v.7), fala do “Anticristo e de muitos anticristos”. O “Anticristo” (1Jo 2.18), a pessoa, deve ser discriminada dos “muitos anticristos” e do “espírito do Anticristo” (1Jo 4.3); o que caracteriza todos eles é a negação da encarnação do Verbo (a palavra), o Filho Eterno, Jesus, como o Cristo (Mt 1.16; Jo 1.1), os “muitos anticristo” precedem e preparam o caminho para o Anticristo, que é a Besta que “subiu do mar”, ele será o último chefe político, como o falso profeta (a segunda Besta) de Ap 13.11 e ss; 16.13; 19.20 e 20.10, será o último chefe religioso. O termo exato, “anticristo”, limita-se, no Novo testamento, à primeira e à segunda Epístolas de João; mas o conceito é perfeitamente comum. Esse termo é usado no singular ou plural, nas passagens (1Jo 2.18, 22; 4.3 e 2Jo v.7). Seu nome demonstra que ele será a antítese do verdadeiro Cristo: Jesus é o Justo, ele será o iníquo; Jesus, ao entrar no mundo disse: “Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hb 10.9), do Anticristo está escrito que ele fará conforme a sua vontade (Dn 11.36). O Senhor Jesus é o Filho de Deus, ele será “o

filho da perdição" (2Ts 2.3); seu governo será segundo a eficácia (energia, ou operação interna) de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira...".

2. **"E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio".**

I. "...a besta que vi era semelhante...". A pessoa aqui citada compreende também seu reino ou governo. O apóstolo João contempla agora esta grande visão, cerca de 651 anos da visão de Daniel 7. (Em Daniel 7 a ordem é inversa). Daniel olha para o futuro dos séculos e vê (Leão, Urso, Leopardo e Fera Terrível), João olha para o passado e vê (Besta, Leopardo, Urso e Leão). "O Anticristo sumariará todo o brilho da Grécia, todo o poder maciço e passado da Pérsia, todo o domínio absoluto real e autocrático da Babilônia que os gentios já conheceram". Essa Besta combina características das primeiras três feras de Dn 7.2 e ss. A força e a brutalidade do império babilônico, medo e persa aparecem também no império romano. A vigilância felina do leopardo, o poder lento esmagador do urso e o rugido do leão, que eram características familiares para os pastores da Palestina.

3. **"E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta".**

I. "...uma de suas cabeças ("como") ferida de morte". Aqui João vê como fato consumado uma forma revivificada do império romano, que desapareceu há séculos. Essa ferida mortal ou como diz o grego "ferida até a morte", foi feita quando Odoacro, rei dos hérulos, apoderou-se de Roma, terminando assim o império. Nos dias atuais Roma existe, mas não o império. Durante o governo sombrio do "homem do pecado", sua primeira grande maravilha será "curar" (através do poder do dragão) essa monarquia. Três vezes neste capítulo é referido esta "cura" (restauração) e de todas elas como significação especial (vs. 3, 12, 14).

1. O Novo Testamento ensina que temos um adversário espiritual em atividade neste mundo, a saber, Satanás. Ele dará todo o seu poder ao Anticristo, o filho da perdição (13.2); ele maravilhará o mundo com suas "mágicas" em vários aspectos:

(a) O leopardo representa o reino da Grécia e da Macedônia (Dn 7.6); rápido, veloz, conquistador e incansável. O Anticristo terá essas qualidades em grau supremo:

(b) Os pés de urso representam a Média e a Pérsia (Dn 7.5); dando as idéias de força, estabilidade e consolidação. As Escrituras falam de seus ("PÉS") em várias conexões (Dn 2.33, 34, 41, 42; 7.7, 19, 23; 8.10, 13). Outras expressões com o mesmo sentido, são usadas no Novo Testamento, tais como: "pisada" (Lc 21.24); "pisarão" (Ap 11.2). Observe novamente a expressão ("SEUS PÉS") nesta secção (13.2). Até o "MAPA GEOGRÁFICO" deste império é a "figura de um pé!". O Anticristo também incorporará esses aspectos em seu poder:

(c) A boca de Leoa representa a monarquia do império da Babilônia (Dn 7.4); subentendendo ruína ameaçadora rugido de blasfêmia, perseguição e matança. O Anticristo será o possuidor supremo dessas qualidades:

(d) A Besta ou fera terrível (Dn 7.7); representa Roma imperial. Terrível, e espantosa e muito forte. O Anticristo será tudo isso e mais ainda; pois o "dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio".

4. **"E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem poderá batalhar contra ela?".**

I. "...e adoraram a besta". A autoridade da Besta e geograficamente extensa, é mundial: sobre cada tribo, povo, língua e nação. A exemplo dos antigos Césares, ela exigirá adoração universal. Há um pormenor a salientar no versículo 12 deste capítulo. Enquanto nos versículos 4 e 8 a adoração é aparentemente voluntária e espontânea, embora interesseira, no versículo doze parece haver intenção de coagir: observe bem a frase "faz com que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta". Isso não é de admirar, pois além das força invisíveis do mal: o dragão lhe deu "o seu poder, e o seu trono, e grande poderio", mas quatro coisas o ajudarão na sua popularidade: o número, a imagem, o nome e o sinal (13.17; 15.2). "O que significa tudo isso, no momento, é impossível dizer com certeza, onde estão estampados, as Escrituras claramente indicam".

5. **"E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses".**

I. "...foi-lhe dada uma boca". O presente versículo encontra seu paralelo, na passagem de (Dn 7.8), onde lemos: "Estando eu considerando as pontas, eis que dentre elas subiu outra ponta pequena (o Anticristo), diante da qual três das pontas primeiras forma arrancadas; e eis que nesta ponta havia olhos, como de homens e uma boca que falava grandiosamente". Isso é dito porque, conforme já vimos, esse homem, apesar de possuir naturalmente grande inteligência e autoridade, não poderá ser explicado somente sobre bases humanas. Por seis vezes (número do homem) é dito que esse poder "lhe foi dado" (13.2, 5, 7, 14, 15). Esse poder será limitado pelo tempo, mas mesmo assim, durará "quarenta e dois meses". Esta expressão e outras similares são termos técnicos freqüentemente empregados para descrever o período sombrio chamado de Grande Tribulação. Emprega-se também a frase "um tempo, tempos, e metade de um tempo" (Ap 12.14), como sendo igual a 42 meses e 1.260 dias (11.2, 3; 12.6, 14; 13.5). Expressões estas que denotam o período durante o qual a Cidade Santa foi calcada aos pés dos gentios, e as duas testemunhas profetizaram, a mulher esteve no deserto, e a Besta que subiu do mar ocupou o trono que herdou do dragão vermelho.

6. **“E abriu a sua boca em blasfêmia contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu”.**

I. “...abriu a sua boca em blasfêmias”. O Anticristo blasfemará os “poderes do mundo superior”, ridicularizando sua própria existência. Apresentará suas próprias explicações acerca de todos os problemas difíceis do universo, e conseguirá enganar a maioria dos homens com seu aparente poder messiânico.

1. O tabernáculo de Jerusalém foi alvo das blasfêmias de Antíoco IV Epifânio. O tabernáculo dos céus será objeto das blasfêmias do Anticristo, durante seu período de existência na terra. durante sua vida terrena, o Filho de Deus foi alvo cerrado das grandes blasfêmias dos rebeldes fariseus. Eles chegaram até blasfemar do infinito Espírito de Deus, e assim ultrapassaram todos” os limites da Redenção” (Mt 12.31, 32). Os súditos da Besta, porém, blasfemarão não só da pessoa de Deus, mas do seu nome, do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu.

7. **“E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação”.**

I. “...foi-lhe permitido fazer guerra aos santos”. O versículo em foco, tem sua base literária nas palavras de Daniel (7.21), aludindo ao poder que Antíoco IV Epifânio teve de ferir e derrotar a nação de Israel. (Ver também nota expositivas em Ap 11.7, onde são usadas palavras similares, acerca da morte das duas testemunhas). Historicamente, conforme o vidente João encarava a questão, o Anticristo será a culminação desse poder satânico vindo do mundo exterior. Quando surgir no grande cenário mundial, o mundo inteiro sofrerá suas perseguições atrozes, e não apenas a Igreja (não a da graça) composta pelos mártires e assinalados durante a Grande Tribulação. Os santos serão vencidos, não no sentido espiritual, pois neste sentido serão “mais do que vencedores” (Rm 8.37), mas, sim, no sentido físico. Alguns deles morrerão à míngua, porquanto não poderão adquirir alimentos, medicamentos e outros meios de subsistência, já que não prestaram lealdade a Besta

8. **“E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”.**

I. “...o livro da vida do Cordeiro”. O presente texto, faz referência ao “livro da vida”. Encontramos de novo a mesma idéia e expressão, em 21.27, sendo ali o mesmo significado do pensamento que temos aqui. “Naquela passagem, somente os que têm sue nomes registrados naquele livro terão a permissão de entrar na Nova Jerusalém. Portanto, essa referência pode ser presente ou escatológica, e a questão da vida eterna está envolvida no quadro”.

1. Desde a fundação do mundo. Essa expressão se acha fora do Apocalipse por seis vezes: (Mt 13.35; 25.34; Lc 11.50; Hb 4.3; 9.26; 1Pd 1.20). No Apocalipse, fora das duas passagens já mencionadas, ver 17.8. A expressão nos leva a entender que o nome de alguém é registrado no "Livro da Vida" devido à expiação de Cristo. (Ver notas expositivas sobre isso, em Ap 3.5).

9. **"Se alguém tem ouvidos, ouça".**

I. "...se alguém tem ouvidos, ouça!". Esta expressão "...se alguém tem ouvidos, ouça" ou "...quem tem ouvidos, ouça", é freqüentemente usada nos Evangelhos; ela é peculiar e exclusiva aos lábios do Senhor Jesus (cf. Mt 13.9, 43; Mc 4.9). Ela também aparece em Ap 2.7, 11, 29 e 3.13, 22, nas quais são acrescentadas as palavras: '...o que o Espírito diz às igrejas". Fora do Apocalipse achamo-la em Mt 13.9, 43, dentro das "parábolas do reino". (Cf. também Mc 4.9, 23; 7.16; Lc 8.8; 14.35). Tal expressão chama a nossa atenção para a necessidade de darmos ouvidos à mensagem proferida e de agirmos de acordo com ela. O ouvir a palavra de Deus traz ao homem grande segurança contra o pecado "que tão de perto" o rodeia.

10. **"Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui esta a paciência e a fé dos santos".**

I. "...se alguém leva em cativeiro". A lei da compensação aqui apresentada será exclusivamente aplicada por Deus: "...Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor" (Rm 12.19b). Ninguém a não ser Deus terá esse poder no tempo do fim (Gl 6.6). A Besta que durante seu reino tenebroso, aprisionou, os servos de Deus; será aprisionada no "Lago de Fogo" (Ap 19.20; 20.10). E, semelhantemente, sua espada ferina, que matou a muitos santos naqueles dias, será neutralizada pelo "esplendor da vinda do Senhor", quando voltar a terra com poder e grande glória (cf. 2Ts 2.8; Ap 19.15).

1. A fé dos santos. "FÉ", é uma palavra que ocorre duzentas e quarenta e quatro vezes nas páginas do Novo Testamento; mas o conceito de fé, mediante o uso de outros termos, ainda é mais freqüente. A fé é um dom e uma operação do Espírito Santo, mas também é uma reação da alma. A fé em Cristo é um dom de Deus (Rm 12.3); é a operação de Deus (At 11.21); é preciosa (2Pd 1.1); é frutífera (1Ts 1.3); é santíssima (Jd v.20). Os santos aqui devem sofrer as dores que lhes são designadas e triunfar por elas. Mas, isso só será feito, mediante "a paciência".

7º Agente: A 2ª Besta

11. **"E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão".**

I. "...outra besta". A palavra grega "therion" que é empregada para indicar a primeira Besta, é exatamente a mesma palavra empregada para descrever a segunda Besta que "subiu da terra". O fato de a mesma ter "dois chifres" semelhante de um Cordeiro, representa simuladamente um aspecto de docilidade e mansidão, porém, essa forma sutil de engano logo será desmentida porque seu falar a denuncia – é a voz do dragão. Em outra significação do pensamento, o chifre é símbolo de poder físico, moral ou real, e os dois chifres da Besta nesta secção representam a combinação de rei e profeta. Esses "dois chifres" também podem falar do poder combinado de regiões naturais (Israel: centro religioso e Rom: centro político). Sua autoridade abrange 2 reinos (religioso e político).

1. A primeira Besta (o chefe político) é descrita como tendo saída do mar (que simbolicamente representa os povos em estado de inquietação: Lc 21.25; Ap 17.15). Isso indica seu aparecimento no início da Grande Tribulação quando tudo ainda se encontra num verdadeiro caos ou estado de confusão. A segunda porém, emerge da terra (que simbolicamente pode representar já um estado de tranqüilidade, embora simulada, para os súditos da Besta). Alguns intérpretes acham que o "mar" (13.1) representa todas as nações gentílicas, enquanto que a "terra" (13.11) representa a nação de Israel. O simbolismo é muito lógico.

12. **"E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada".**

I. "...exerce todo o poder da primeira besta". Segundo o Dr. H. Lickwer, Sr a frase "na sua presença" implica "na presença dela", como se lhe desse assistência e a apoiasse. O caráter múltiplo deste "falso profeta" é previsto por nosso Senhor. Em sua última descrição sobre os "últimos dias" ele declarou: "E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos" (Mt 24.11, 24). É de lamentar ver como neste livro vemos homens adorando o dragão (13.4); à Besta (13.15). No campo profético, segundo se depreende, estes versículos dão a entender que o falso profeta contará com meios para promover e forçar a lealdade dos homens ao Anticristo. O leitor deve observar bem a frase "faz" e verá que a adoração à Besta naqueles dias, não só será voluntária, mas de um modo particular isso será forçado.

1. "O Anticristo promoverá a mais terrível perseguição religiosa de todos os tempos. O seu falso profeta (a segunda Besta) será o homem certo para encabeçar essa perseguição sem precedente na história humana. Historicamente falando, isso já acontecia nos dias de João. O culto do imperador era uma das formas de testar, os cristãos; quando esses se recusavam a adora-lo, simplesmente morriam sem misericórdia. Profeticamente falando, isso também acontecerá naqueles dias sombrios".

13. **"E faz grande sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens".**

I. "...Até fogo faz descer do céu". Esse falso profeta do Anticristo procurará em tudo imitar os profetas do Senhor. Talvez por motivo de que uma das testemunhas escatológicas ter vindo "no espírito e virtude de Elias" (Lc 1.17 e Ap 11.5), ele também procurará imitar esse grande profeta do Antigo Testamento. Como o falso profeta ele somente se encontra com o Anticristo. Os dois escravos de Satanás são inseparáveis. O dragão dará seu poder externo à primeira Besta (13.2) e seu espírito à segunda, pois fala como dragão (13.11). Carpenter (in loc), afirma que "existe um fogo santo, que inspira os lábios e os corações dos santos; e também há um fogo estranho, um fogo de mero poder, que o espírito do mundo se sente tentado a adorar". O "fogo" estranho do falso profeta é representado por esse último: sua ação é só "...à vista dos homens". As duas testemunhas (11.5) farão muitos milagres que envolvem fogo. O falso profeta da corte não exibirá menores poderes; há uma diferença penas: um fogo é de Deus o outro é do dragão vermelho.

14. **"E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia".**

I. "...a imagem da besta". Afirma-se através de historiadores contemporâneos que Simão Mago (At 8.9 e ss) declarara na cidade de Samaria que podia transmitir vida e movimento às imagens. Algumas estátuas eram reputadas, por muitos idólatras, como o lugar da manifestação dos deuses, e a idéia de que elas podiam adquirir propriedade de vida era geral. Para nós, porém, isso não tem sentido real, ela (a imagem) pode até ter uma "forma de vida", mas isso indica a vida original, pois nesse campo, só Deus é o Senhor da vida. O embuste de Simão Mago será revivido na era futura (Ec 3.15). Profeticamente, falando, supomos que essa espécie de fenômeno terá lugar novamente mediante o poder falso da segunda Besta. Nos dias do Anticristo os homens serão cegados pela idolatria reinante e, o resultado de um cego guiar outro cego é caírem no abismo (o inferno).

15. **"E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que no adorassem a imagem da besta".**

I. "...fossem mortos os que não adorassem". No versículo anterior fala-se da "...imagem da Besta". Essa expressão, "imagem da Besta", ocorre por 10 vezes nas páginas douradas do Apocalipse: (13.14, 15; 14.9, 11; 15.2; 16.2; 19.20; 20.4). É sabido através de Plínio que na antiguidade, não só se adorava o imperador, mas era também colocada no templo a imagem do mesmo, diante da qual os homens eram forçados a se prostrarem em adoração (cf. Dn capítulo 3). Lembremos do tremendo tumulto que Calígula provocou, quando tentou instituir essa espécie de culto ao imperador, no templo de Jerusalém. Por não concordarem com essa forma abominável de adoração, os cristãos sofriam e eram assassinados. A natureza dos homens é a mesma em todos os tempos; o

povo, no tempo das maravilhas de Deus no Egito e no deserto mostrou-se propenso a abandonar os cultos ao Criador para prostrarem-se diante de um bezerro de ouro (Êx 32.1-6). A idolatria é uma arma mortal não mão dos idólatras, que vivem alienados de Deus (1Jo 5.21).

16. **"E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na mão direita, ou nas suas testas".**

I. "...seja posto um sinal". A expressão "todos" no texto principal desta secção é dividida em diversas classes: "...pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos", para indicar a absoluta "universalidade" do poder do Anticristo, de tal modo que nenhum homem, de qualquer posição ou nível social, possa escapar aos seus desígnios. O homem mau sempre tem um sinal. O sinal sempre tem conotação com o mundo religioso. Caim, após ter morto seu irmão Abel, recebeu um sinal: ("Õth" – marca distintiva); este lhe assegurava a proteção e ao mesmo tempo impunha respeito e extremo terror (Gn 4.15). O Anticristo sabe que para Israel o aceitar como o seu "messias", exige primeiro um sinal (Êx 4.1 e ss; Jo 4.48; 1Co 1.22) e que o verdadeiro Cristo tem em seus fiéis um sinal (Ez 9.4, 6; Ap 7.1 e ss; 14.1-5), ele também como audacioso procurará imitar a Cristo até na religião (2Ts 2.4) e quando tudo estiver sob seu controle, então ele atingirá o máximo da apostasia: "...de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus".

17. **"Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número de seu nome".**

I. "...o nome da besta". O Anticristo, o homem do pecado, sem dúvida alguma terá um nome político que servirá como ponto de observação (cf. Gn 11.4). Em tudo, esse cristo impostor deseja imitar a pessoa de Cristo, o Ungido do Senhor, e se apresentará no cenário da história com vários nomes e títulos:

1. (a) O homem violento. Is 16.4; (b) O homem do pecado. 2Ts 2.3; (c) O príncipe que há de vir. Dn 9.26; (d) O rei do norte. Dn 11.40; (e) O angustiador. Is 51.13; (f) O filho da perdição. 2Ts 2.3; (g) O iníquo. 2Ts 2.8; (h) O mentiroso. 1Jo 2.18, 22; (i) O enganador. 2Jo v.7; (j) O Anticristo. 1Jo 2.18, 22; e 4.3; (l) A Besta. Ap 13.1 e ss; (m) Um rei feroz de cara. Dn 8.23; (n) A ponta pequena. Dn 7.8, etc.

2. Além destes nomes e títulos já mencionados ele terá seu próprio nome (cf. Jo 5.43). Um fato notável devemos observar aqui: o primeiro rei que fundou o governou Roma, foi Rômulo (754 a.C.). O império romano durou 1.209 anos (de 754 a 455 d.C.). Seu último imperador foi Rômulo Augusto, que reinou de 435 a 455 d.C. Nesta data, Odoacro, rei dos hérulos, apoderou-se de Roma, terminando, assim, o império ou a realeza. Hoje todos sabem que Roma existe, mas o império. Se o nome pessoal do Anticristo for Rômulo (cf. Ec 3.15), na língua portuguesa, se compõe de "6" letras. Segundo a profecia, o número do

seu nome (do Anticristo) pode ser calculado " porque é o número de um homem" (13.18). Observemos: O primeiro Rômulo da fundação do império 96 letras); O segundo Rômulo do fim do império (6 letras); O terceiro Rômulo? do império restaurado? (6 letras). Em cada nome "6" letras, total: "666"; isso é interessante!

18. **"Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o** *número da besta;* **porque é o número de um homem, e o seu número é** *seiscentos e sessenta e seis***".**

I. "...calcule o número da besta". O número denota uma pessoa específica, e sua identificação deve ser descoberta em alguma espécie de cálculo numérico, mediante o qual o número é transformado em um "nome". De acordo com a numerologia pitagoreana, o "666" é o chamado número triangular, sendo a soma dos números de "1" a "36", inclusive; além disso, o "36" é, em si mesmo, a soma dos números de "1" a "8". Portanto, o "666" se reduz ao "8"; e esse é o número significativo em Ap 17.11: "é ela (a Besta) também o oitavo".

1. "666". O número "666" é o número de "um homem mal", sendo a unidade de "6" impressa sobre ele em sua criação e me sua história subseqüente. Observemos pois:

a) O homem foi criado no sexto dia. Gn 1.26, 27, 31, e deve trabalhar também seis dias. Êx 20.9, e seis anos em sete. Lv 25.2. O escravo hebreu deve servir por seis anos. Dt 15.12. A sexta cláusula do Pai Nosso, trata da causa do pecado. Mt 6.12; o sexto mandamento: "Não matarás" fala do pecado mais horrendo no campo moral. Êx 20.13. Golias, o general filistino, tinha de altura seis côvados e um palmo, sua lança pesava seiscentos siclos de ferro, e sua armadura era composta de seis peças. 1Sm 17.4-7; 21.9.

b) No campo espiritual: "T (grego, tau)

E (grego, epsilon)

I (grego, iota)

T (grego, tau)

A (grego, alpha)

N (grego, nu)

Vale 300 Teitan = Satanás (dragão, antiga serpente)

Vale 5

Vale 10

Vale 300

Vale 1

Vale 50

666"

(c) No campo social: “O rei Salomão amou muitas mulheres estranhas, e isso além de filha de Faraó, moabitas, amonitas, iduméias, sidônias e heteias” (1Rs 11.1). Na segunda epístola de Paulo a Timóteo diz: “...deste número (666) são”: “...homens amantes de si mesmos. Avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães...” (6).

“...ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes...” (6).

“...cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus” (6). Assim sua somatória é: “666”. O Dr. Wim Malgo salienta que “o número 6 é o número dos dias da semana sem o sábado, ou também o número da criação sem o Criador; o número do mundo sem Deus”.

(d) Nas monarquias: Nas passagens de (Jr 39.1-2; 52.4-6; comp. 2Rs 25.1-3) está escrito: “...era o ano nono...no mês décimo... era o undécimo ano... no quarto mês, aos nove do mês...” Isso são exatamente: “3 x 6 meses: 666”. Segundo os Anais da História, a dinastia fundada por Sinaqueribe, durou 666 anos. A estátua do rei Nabucodonosor, erigida no “campo de Duna”, tinha de altura 60 côvados e de largura 6, enquanto que a banda de música era composta de seis peças (Dn 3.1, 7, 10). O império romano pisou a cidade de Jerusalém 666 anos, da batalha de Actium, 31 a.C. a conquista sarracena, 635 d.C. O pacto Stálin – Hitler para tomar e dividir a Polônia, deu-se em 20 de agosto de 1939. Deste Pacto resultou a segunda guerra mundial, que terminou em 22 de junho de 1941. Exatamente 666 dias.

(e) Na forma numérica: “D. Smith Quando o nome de “Nero Caesar” passa para o equivalente hebraico é “Nrom Ksr”. Nas línguas primitivas comumente usavam-se letras para a numeração e contras, como era o caso do sistema romano. O V valia 5; o X, 10 o C, 100 etc. Assim, no hebraico o equivalente numérico seria: N igual a 50; R, 200; O, 6; N, 50; K, 100; S, 60 e R, 200. O total dava 666”.

(f) No contexto profético: Lendo a passagem de Ed 2.13, nos deparamos com a expressão repentina: “Os filhos de adonição, seiscentos e sessenta e seis”. O nome deste cativo significa: “que é senhor dos meus inimigos”: tem sentido especial na terminação do sufixo (“cão”). NO Novo Testamento, o versículo (“666”), Mateus 20.18, traz o terceiro anúncio de sofrimentos com as palavras: “Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-lo-ão à morte”.

g) No alfabeto inglês, a começar com a letra A valendo 100; com o B valendo 101; o C, 102; e assim por diante, as letras seguintes terão valor certo. Assim, H será 107; I, 108; T, 119; L, 111; E, 104; R, 117. Total (Hitler) dará 666. No dizer do vidente João em sua 1 epístola 2.18: “...muitos se têm feito anticristos...” Isso nos leva a entender que, todos esses homens e sistemas, em algum significado do pensamento, foram representantes do Anticristo. Tudo nos leva a crer, que o Anticristo será o governante “666” de um sistema político mundial, partindo de Ninrode até o “filho da perdição”, quando então terminará esse sistema político-gentílico-mundial.

1. **“E OLHEI, e eis que estava o cordeiro sobre o monte de Sião, e com ele centro e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome dele e o de seu Pai”.**

I. “...o Cordeiro sobre o monte de Sião”. “Sião” é mencionado somente uma vez no Apocalipse e é um termo extremamente interessante. Como certo escritor expressou: “Das 110 vezes que Sião é mencionado, 90 são em termos do grande amor e afeição do Senhor por ele, de modo que o lugar tem grande significação. No Novo Testamento, Sião é mencionado nas seguintes passagens: (Mt 21.5; Jo 12.15; Hb 12.22; 1Pd 2.6). “A palavra “Sião” significa “monte ensolarado”. Ainda que a palavra tenha uma ampla aplicação, (incluindo até mesmo o local do templo de Jerusalém, algumas vezes), indica a colina mais oriental das duas sobre as quais Jerusalém foi edificada. O monte Sião também é identificado com a Jerusalém “lá de cima” (Gl 4.26), e com a cidade de Deus nos céus (Hb 12.22)”. A cidade de Davi era Jerusalém (1Rs 8.1). O templo foi edificado no monte de Moriá; o palácio de Davi, no monte Sião. Portanto, Sião se tornou o lugar escolhido como a sede do reinado de Cristo durante o Milênio (Is 2.3; Ob v.17).

1. Com ele 144.000. Novamente há aqui uma visão sobre os 144.000 vistos no capítulo sétimo deste livro. durante a Grande Tribulação, esse grupo de assinalados são comparado a “orvalho” ou “chuvisco”, e no Milênio a “leão” (Mq 5.7, 8). O presente texto, parece descrever um quadro do começo do Milênio. No capítulo 12.10, João ouve uma grande voz (“no céu”); nesta secção porém, ele ouve uma voz (“do céu”). Evidentemente, ele não está no céu e, sim na terra. A visão, trata-se, pois, de uma antecipação: o Cordeiro, na sua segunda vinda ou “parousia”, reunindo o grupo já mencionado no capítulo 7.4-8. São eles os 144.000 israelitas selados em suas frontes, preservados vivos, durante a grande Tribulação, agora o Senhor os reúne no monte de Sião. Neste versículo é descrita a natureza do selo: tinham em suas testas o nome do Cordeiro e o de seu Pai.

2. “E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas”.

I. “...como a voz de muitas águas”. A descrição da palavra “voz” que se repete por quatro vezes no texto em foco, é similar à várias outras que aparecem no Apocalipse. A voz é associada ao “trovão”, conforme também se vê no presente versículo. Há quase sessenta ocorrências da “voz”, neste livro, e com certa variedade de discriminações. (Cf. notas expositivas sobre isso em Ap 1.15, p.2). Agora a “voz” assume uma qualidade musical, produzida por instrumentos de cordas. O grande som dos céus se transforma em uma música, e de natureza agradável. Tais simbolismos eram usados para mostrar a “bem-

aventurança" daquele que entrar nos céus por meio do martírio; e isso visa também a consolar aqueles que em breve teriam de seres martirizados pelo próprio Anticristo (cf. 6.11). Nos versículos que se seguem, são chamados de "primícias". Isto é, o nome que se dava à parte das coisas que os israelitas adquiriam para oferecer ao Senhor (Lv 22.12; Nm 5.9; 18.8; 28 e 29). Segundo o Dr. J. Davis, os primeiros frutos colhidos, penhores da futuras messes, pertenciam ao Senhor. Assim também, os 144.000 são as "primícias" dentre os israelitas comprados para Deus e para o Cordeiro.

3. **"E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra".**

I. "...cantavam um como cântico novo". O cântico do Senhor, é declarado nas Escrituras como "um novo cântico" (Sl 40.3; 96.1; 149.1) e só pode aprendê-lo aquele que está com seus pés em um lugar firme "como o monte de Sião, que não se abala, mas permanece para sempre" (Sl 125.1). Não devemos nos esquecer de que os 144.000 regozijam-se porque foram "comprados dentre os homens". Temos a frase dupla "comprados da terra" (um lugar pecaminoso) e "comprados como primícias" (os primeiros). Algumas versões dizem: "comprados" ou "resgatados" em lugar de "redimidos".

1. A última vez que vimos o Cordeiro ele estava diante do trono, no céu (9.9); aqui ele está na cidade Santa, Sião ou Jerusalém. É possível que devemos entender também que simbolicamente o monte Sião, significa lugar de vitória e libertação. O Salmo 2, promete que o Ungido do Senhor será colocado "...sobre... o monte de Sião". No Novo Testamento, todavia, Sião se tornou "a cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial" (Hb 12.22). Os 144.000 são todos novas criaturas, e por este motivo entoam "um novo cântico" ao Cordeiro que os resgatou.

4. **"Estes são os que não estão contaminados com mulheres; porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro".**

I. "...não estão contaminados com mulheres". A sabedoria divina divide este versículo em quatro partes distintas, como segue:

1. (a) Não estão contaminados. É esta uma das razões que os faz "primícias" à semelhança de Cristo as primícias dos que dormem (1Co 15.20). Isso não quer dizer (segundo se depreende) que os 144.000 são somente homens (ainda que a expressão "não se contaminaram com mulheres" tenha esse sentido), ou meninos recém-nascidos como tem sido interpretado por alguns eruditos.

(b) São virgens. Devemos compreender isto no sentido espiritual (Mt 25.1 e ss), em contraste com a igreja apóstata (14.8), que espiritualmente era uma "prostituta" (17.1 e ss).

Significa que não foram desviados da fidelidade ao Senhor. Conservaram em si mesmos seu amor virginal. 2Co 11.2; Ef 5.25-27; Ap 2.4.

(c) São os que seguem o Cordeiro. Essas palavras estão de acordo com o que lemos em Mc 2.14; 10.21; Lc 9.59; Jo 1.43 e 21.19, que falam sobre as exigências do discipulado cristão e sobre o fato que Cristo chama alguns para "segui-lo". As exigências feitas por Cristo ao discipulado é "renúncia total", e logo a seguir: "tomar a cruz". O caráter dos 144.000 demonstra isso muito bem, a seriedade em suas vidas e no seu caráter, os declarou "pioneiros da fé" não fingida durante o sombrio tempo de extrema apostasia.

(d) Como primícias. Isso é dito também acerca de Cristo, em primeiro Coríntios 15.20, quando Paulo faz uma importante defesa sobre a "ressurreição". Paulo diz que Cristo ressuscitou, como o emblema expressivo, da ressurreição da imortalidade. Na qualidade de "colheita", Cristo foi o primeiro exemplar. No presente texto, os 144.000 foram também aceitos como os primeiros exemplares a aceitarem o testemunho de Cristo, e por cuja razão são contados como "primícias", e "seguidores" do Cordeiro para onde quer que vai.

5. **"E na sua boca não se achou engano; por que são irrepreensíveis diante do trono de Deus".**

I. "...na sua boca não se achou engano". O leitor deve observar que a expressão contida no texto "...na sua boca não se achou engano" é dita também a respeito de cristo, em 1Pd 2.22. O termo grego, deste texto, diz "anomos", forma negativa de "momos", isto é, "mácula", "culpa", "censura", etc. Isso pode ser comparado com 1Pd 1.19, onde Cristo, na qualidade de Cordeiro de Deus, aparece "sem mácula". A dignidade destes 144.000 já se encontrava profetizada nas páginas áureas da Bíblia Sagrada, (cf. Sf 3.13), que diz: "o remanescente de Israel não cometerá iniqüidade, nem proferirá mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa". Os 144.000 serão assim. Eles não "negarão" a Cristo; não concordarão com a fraude do culto do Anticristo. Eles se manterão puros de toda idolatria e imoralidade. "Serão nazireus completos para Deus no tocante à sua relação com o mundo".

6. **"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo".**

I. "...tinha o evangelho eterno". Deus nunca se deixou a si mesmo sem testemunho (At 14.17); Ele é o Deus que "nunca muda" (Ml 3.6), e durante o tempo da Grande Tribulação levantará um grupo de pregadores do "Evangelho do Reino" que com grande poder darão o seu testemunho. Na plenitude dos tempos ele levantou antes da manifestação do Messias prometido a Israel, um João Batista; a pregação de João era precursora, isto é, preparava o caminho da manifestação do Filho de Deus aos filhos de Israel (Ml 4.5, 6; Mt 3.1 e ss; Jo 1.15 e ss). O mesmo Jesus designou também um grupo de

pregadores do "Evangelho do Reino" (Mt 10.5-7). Observe bem a frase: "Ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel. E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus". Após sua morte e ressurreição ele ordenou que se pregasse o "Evangelho da graça de Deus" a toda criatura "começando por Jerusalém" (Mc 16.15; Lc 24.47). Agora, no presente texto, vimos um elevado poder angelical a pregar "O Evangelho Eterno".

1. O Evangelho pregado nessa época de Angústia é o mesmo Evangelho ensinado por Jesus, porque, como sabemos, não há "outro evangelho" (Gl 1.8). O Evangelho é o mesmo, mas pode ser apresentado na sua multiforme: (a) O EVANGELHO DO REINO; (b) O EVANGELHO DA GRAÇA; (c) O EVANGELHO ETERNO; (d) O QUE PAULO CHAMA DE MEU EVANGELHO. O Dr. C. I. Scofield, define o Evangelho como segue:

2. A palavra evangelho, em si significa "boas novas"; por isso o Evangelho é alguma coisa essencialmente diferente de qualquer ensino ou doutrina anterior. Quatro manifestações do Evangelho devem ser anotadas e cada uma delas, com significação especial:

(a) O EVANGELHO DO REINO. Isto é, as boas novas que Deus propôs estabelecer na terra, em cumprimento do concerto davídico (2Sm 7.16, etc), um reino não político, mas espiritual, judaico, porém, universal, sobre o qual o Filho de Deus herdeiro de Davi, reinará, e o qual será, por mil anos, a manifestação da justiça de Deus entre os homens. Duas pregações deste Evangelho são mencionadas nas Escrituras, uma passada, começando com o ministério de João Batista e terminando com a rejeição do seu Rei pelos judeus. A outra. Ainda futura (Mt 24.14), durante a Grande Tribulação, e imediatamente antes da Vinda em glória de Cristo – O Rei rejeitado:

(b) O EVANGELHO DA GRAÇA DE DEUS. Isto é, "as boas novas" de Jesus Cristo, o Rei rejeitado, que morreu na cruz pelos pecados do mundo, que ressurgiu para nossa justificação,e que por Ele todos os que crêem são justificados de todas as coisas. Esta manifestação do Evangelho é referida de várias maneiras, como segue: (aa) É o Evangelho "de Deus". Rm 1.1, porque se origina no seu amor; (bb) "de Cristo". 2Co 10.14, porque dimana do Seu sacrifício e porque ele é o único objeto de fé para salvação; (cc) "da graça de Deus". At 20.24, porque salva aquele a quem a lei condena; (dd) "da glória". 1Tm 1.11, porque diz respeito Àquele que está na glória, e que leva muitos filhos à glória. Hb 2.10; (ee) "da nossa salvação". Ef 1.13, porque é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; (ff) "da circuncisão". Gl 2.7, porque diante do poder deste Evangelho, "não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos". Cl 3.11; (gg) "da incircuncisão". Gl 2.7, porque salva inteiramente à parte de forma e ordenanças; (hh) "da paz". Ef 6.15, porque por Cristo o Evangelho estabelece paz entre o pecador e Deus, e dá paz interior também:

(c) O EVANGELHO ETERNO (o do presente texto). Este será pregado logo no fim da Grande Tribulação e imediatamente antes do julgamento das nações descritas em Mt 25.31 a 46. Essas "boas novas", pregadas pelo "anjo" é universal, e abrange a "toda a criatura".

(d) O EVANGELHO QUE PAULO PREGAVA. (Ele o chamou de "meu Evangelho". Rm 2.16). Este é o Evangelho de Deus no seu mais pleno desenvolvimento, e

inclui a revelação do resultado desse Evangelho na chamada da Igreja, e as relaçoes, posições, privilégios e responsabilidades:

(e) HÁ OUTRO EVANGELHO. 2Co 11.4; Gl 1.6. Este é apenas uma falsificação que alguém usa tirando proveito do "Evangelho de Cristo". Somos advertidos contra ele, o tal evangelho.

7. **"Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e daí-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar e as fontes das águas".**

I. "...porque vinda é a hora do seu juízo". O leitor deve observar como a mensagem do Evangelho é progressiva em suas várias manifestações ao mundo, e em qualquer época: - simplesmente "Evangelho" (Mc 1.15). "O Evangelho de Cristo" (Rm 1.16). "O Evangelho de Deus"(Rm 1.1). "O Evangelho de Jesus Cristo" (Mc 1.1). "O Evangelho do Reino" (Mt 4.23). "O Evangelho da graça de Deus" (At 20.24). "O Evangelho de seu Filho" (Rm 1.9). "O Evangelho da glória de Cristo" (2Co 4.4). "O Evangelho da vossa salvação" (Ef 1.13). "O Evangelho da paz" (Ef 6.15). "O Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo" (2Ts 1.18). "O Evangelho Eterno" como é visto no presente versículo e no anterior. Em todas as formas apresentadas nas notas expositivas do versículo seis e ss, o evangelho é "um só" (Gl 1.6-9). Em qualquer época o Evangelho pode se chamado de "pro tõn aiõnõn", (desde a eternidade), isto é, "as boas novas da época", com este sentido, o termo se acha mais de 25 vezes em o Novo Testamento. Este Evangelho é eterno no plano de Deus, desde a fundação do mundo.

1. Temei a Deus. Este termo em (Ec 12.13), é abrangente a todos os homens. Essa expressão é judaica, e ocorre inúmeras vezes tanto no Antigo como no Novo Testamento. É evidente que esse Evangelho é uma "boa novas" tanto para Israel, como para todas as nações, como mensagem precursora para o Reino Milenial (cf. Mt 3.2, 3).

8. **"E outro anjo seguiu dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição".**

I. "...caiu, caiu Babilônia". O que é descrito detalhadamente no capítulo 18 deste livro sobre a grande Babilônia, é antecipado pelo anjo de Deus no presente versículo. O anjo estabelece a seqüência deste acontecimento com grande poder, e ainda enfatizado pelo duplo clamor: "Caiu, caiu Babilônia". "No Antigo Testamento, muitas vezes a cidade de Babilônia é tomada como símbolo de todos os inimigos do povo de Deus. Era chamada de "Babilônia, a grande", porque era a cidade do poder, da riqueza, da cultura, do orgulho e da grandeza humana".

1. Deu a beber do vinho. Sabemos pela história secular e por declarações bíblicas contemporâneas que a Babilônia da Caldéia embriagou as nações com a loucura de sua prostituição; mas essa cidade real desapareceu há muito. O versículo 8 desta secção, trata

de uma famosa capital, hoje existente, cujo nome simbólico é Babilônia e, a exemplo daquela, "tem dado a beber do vinho da...sua prostituição". O profeta Isaías (Is 21.9), enfatiza a lei da dupla referência profética sobre o mesmo assunto e Jeremias, segue o mesmo paralelismo (Jr 25.15).

9. **"E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão".**

I. "...se alguém adorar a besta". nos dias da Grande Tribulação, o Anticristo, que será o paralelo profético dos imperadores babilônicos, e romanos, adorados no antigo culto, será adorado pelos habitantes do mundo, no período determinado de 42 meses. O falso profeta, que é a Besta que "subiu da terra"(13.11), é quem dirigirá esse culto. O poder e a ira de Deus, porém, fará tudo isso chegar ao seu fim, pelo zelo da sua palavra que disse: "Só ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás" (Mt 4.10). Este versículo encerra a quarta visão deste capítulo, e a voz do anjo proclamador, apresenta uma contra-ordem divina ao edito da Besta que os homens não recusassem a adorar a imagem, sob pena de morte (13.15, 16). A advertência divina é essa: Quem for tragado pelo engano da Besta; também tragado será pelo ardente lago de fogo!

10. **"Também o tal (seja quem for) beberá do vinho da lei de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro".**

I. "...o tal beberá do vinho da ira de Deus". "Os antigos sempre misturavam água com seu vinho e outras bebidas fortes e davam às tais bebidas um baixo conteúdo alcoólico, porquanto apenas oito por cento de álcool é suficiente para fermentação natural".

1. Sem mistura. A. R. Fausset escreve: "...o vinho era tão comumente misturado com água que misturar vinho, no grego, é usado por "despejar vinho"; (mas) este vinho da ira de Deus não é diluído; não tem alguma gota de água para arrefecer seu calor. Nada da graça ou da esperança é misturado com ele". No tempo presente da dispensação da Graça, o "vinho" do juízo de Deus, ainda é dado com uma certa mistura (de misericórdia). Sl 75.8; porém, durante o tempo da angústia, isso afastado e os súditos da Besta beberão do "vinho da ira de Deus" que foi deitado não misturado. Isto é, puro! Não haverá nenhuma mistura de misericórdia, mas será executado em forma crescente. Logo mais eles entrarão em foco, conforme se vê no capítulo 16, deste livro. por essa razão é que as "taças" são chamadas "as sete salvas da ira de Deus" (16.1 e ss).

11. **"E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome".**

I. "...seu tormento sobe para todo o sempre". No versículo anterior desta secção, o castigo eterno dos adoradores da Besta é descrito na linguagem medonha. "O fog e o enxofre" estão em foco! Fogo e enxofre são símbolos de terrível angústia (Is 30.33). "Enxofre", diz W. Newell, "é uma substância por demais terrível... em sua ação sobre a carne humana em tormento ao tocar o corpo. Combinado com o fogo, é agonia absoluta, angústia inexprimível! E é este o seu propósito, pois será a imposição ilimitada da vingança divina". Aqui neste versículo, é revelado a natureza deste "vinho"; será um julgamento de Deus a ser aplicado em caráter eterno. Jesus falou do castigo eterno dos perversos (Mt 25.46), e advertiu acerca do inferno de fogo, onde "o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga" (Mc 9.46, 48).

12. **"Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus".**

I. "...os mandamentos de Deus". Alguns manuscritos trazem: "As dez palavras" ou a designação que se tornou comum sobre o conteúdo das duas tábuas de pedra – o "Decálogo". Foram originalmente proferidas pela voz divina do monte Sinai, para serem ouvidas pelo povo de Israel (Êx 19.16 e 20.17). Depois disso, na presença de Moisés, no monte Sinai, foram escritas pelo "dedo de Deus" no verso e no anverso das duas tábuas de pedra. Todos, com exceção de um ("o quinto"), tinham uma expressão negativa ("não"): Êx 20.3, 4, 5, 7, 10, 13, 14, 15, 16, 17. No Novo Testamento, os mandamentos foram citados por Jesus quando interpelado pelo jovem rico: "Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos" (Mt 19.17). Evidentemente nesta secção, os mandamentos se relacionam com os judeus: enquanto que a "fé de Jesus" com os gentios (cf. At. 14.27).

13. **"E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam".**

I. "...Bem-aventurados os mortos". No Apocalipse há sete "bem-aventuranças". Esta é a segunda delas (1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 20.6; 22.7, 14). A primeira está em Ap 1.3. Ela se origina de uma palavra grega que significa "riqueza": no texto em foco, ela além de outros sinônimos, significa: "ser feliz", ser "bem-sucedido", etc. O Senhor Jesus em o "Sermão da Montanha" falou das "Bem-aventuranças" e dos "Bem-aventurados" (cf. Mt 5.3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11). No Antigo Testamento, o conceito de ser "bem-aventurados" era apenas ser "feliz". O Novo Testamento, porém, elevou essa palavra, dando-lhe o sentido de "felicidade espiritual". Com base no bem-estar espiritual.

1. Sim, diz o Espírito. Passagens como (Gn 24.7 e ss; ilustrada no versículo 58: "Irás tu com este varão? Ela respondeu: Irei"; Jo 14.16; 2Ts 2.7; Ap 14.13), demonstram que, durante a Grande Tribulação, o Espírito Santo estará "no céu", na Corte Celestial. Isso se

depreende do significado do pensamento: “Bem-aventurados...”. Sim, diz (“o Espírito”). A “voz” é a “voz do Espírito” e, evidentemente, foi partida diretamente “do céu”.

14. **“E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda”.**

I. “...um semelhante ao filho do homem”. O profeta Daniel (cerca de 607 a.C.) teve uma visão sobre o Filho do homem no presente quadro: “Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem: e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele” (Dn 7.13). Baseado na passagem de (Mateus 13.37), que diz: “...O que semeia a boa semente, é o Filho do homem” e, Gálatas 6.7: “...tudo o que o homem semear, isso também ceifará”. João identifica o Ceifeiro celeste como sendo o Senhor Jesus Cristo. “Sentado em uma nuvem branca está o Criador de todas as nuvens. Fazendo dela sua carruagem, ele parte para sua tarefa sombria. O sentar-se sobre a nuvem do juízo sugere “calma e deliberação”. Sem pressa: o Ceifeiro sega sua colheita”.

1. Uma foice aguda. A foice “aguda” (afiada) indica que a ceifa será rápida e completa. Temos aqui o simbolismo da “ceifa” (Jl 3.13), que representa o julgamento no fim da presente era (Mt 13.39-43). A foice é objeto mencionado por mais de 12 vezes nas Escrituras (Is 2.4; Jl 3.10, 13; Mq 4.3; Mc 4.29), e por sete delas nos versículos que temos nesta secção (vs. 14, 15, 16, 17, 18, 19). O livro do Apocalipse apresenta Cristo em sua magnitude! “No capítulo 22.1 vê-se seu poder repousante. O Pai e o Filho estão “assentados no trono”. No capítulo 19.11 ele está “assentado sobre um cavalo branco”, o que indica seu poder que avança. Mas aqui o Cordeiro está “assentado sobre uma nuvem”, o que indica seu poder de executar o juízo”.

15. **“E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice, e sega; é já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura”.**

I. “...outro anjo saiu do templo”. Cremos que a pessoa do Pai está em foco nesta passagem. Um anjo comum jamais teria dado ordem ao elevado poder da nuvem branca (cf. Hb 1.4 e ss). Na passagem de Joel 3.13, Deus é que manda “lançar a foice”, e a seguir o Filho do homem (que ali está oculto e aqui revelado) age prontamente, pois a seara está madura, ou “mais do que madura”, ou “seca”. A “seara da terra” diz respeito a Israel e não as “nações gentílicas”; enquanto que a “vinha da terra” (diferente da “vinha do Senhor” – Israel), diz respeito aos gentios e não Israel. “A palavra grega usada aqui é a mesma empregada para a figueira de Marcos 11.20; em Lucas 23.32 usa-se a forma adjetiva: o que se fará no caso? Significando o último e terrível estado de Israel”.

1. A seara da terra. Há muitas interpretações sobre a "seara da terra" visto nesta secção. Alguns opinam que ela se refere a uma "colheita especial" dos "bagos caídos": da grande colheita – o arrebatamento (1Ts 4.13-17) e tomam a passagem de (Lv 19.9-10) para exemplificar. Essa ceifa o Filho do homem não só mas usará também seus anjos como reais ceifeiros (Mt 13.39). Haverá então a "separação entre o trigo e o joio".

16. **"E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada".**

I. "...e a terra foi segada". Este versículo informa que chegou o tempo da "colheita", pois a metáfora baseada na vida agrícola continua (Tg 5.7). No momento exato, de acordo com o conhecimento do Pai, começará. O grego nesta passagem diz, literalmente, "secou", o verbo "zeraino" é usado para indicar "estar maduro". O fato de estar seca a seara parece, na nossa concepção, traduzir um certo "atraso", mas o sentido realmente não é este. Lembremos que Jesus disse aos seus discípulos: "Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa" (Jo 4.36). Nos dias de Jesus na terra já havia chegado o "tempo" mas faltava a "hora". A misericórdia divina esperou pacientemente por essa "hora". Porém, chegara a hora: "E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra: e a terra foi segada!". O segundo advento de Cristo começará, sobre a terra, quando for lançada a "foice". Por assim dizer, será o provável começo deste acontecimento. O juízo da ceifa pode ser o Armagedom em foco! (16.16; 19.11-21). Isso se dará, no fim da presente era.

17. **"E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda".**

I. "...outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda". Cremos que novamente a pessoa de Cristo está em foco nesta visão. Haverá tanto o "corte" como o "recolhimento" do joio. Temos aqui nesta secção a combinação do quadro duplo da colheita e da vindima, segundo Joel 3.13, que diz: "Lançai a foice, porque já está madura a seara: vinde, descei, porque o largar está cheio". O leitor deve observar bem as duas frases: "seara" (está ligada a colheita), e "largar" (está ligado a vindima). Para alguns teólogos a vinha da terra compreende toda apostasia religiosa do mundo, e terá como recompensa o dia da vingança do nosso Deus. Seja como for, esses versículo aqui, apresentam um quadro profético da grande guerra no vale de Armagedom (Is 63.16; Jl 3.11-16). É evidente, como já demonstramos, que o simbolismo da "seara" e da 'vindima da terra", aponta para a batalha do "grande dia do Deus Todo-poderoso".

18. **"E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras".**

I. "...outro anjo, que tinha poder sobre o fogo". Dado a interpretação que se dar a pessoa da divina visão do versículo 17, só a pessoa do Pai deve esta em foco nesta visão; devemos ter em mente que, o anjo do presente texto "tinha poder sobre o fogo", que comparado com (Mt 10.28 e 21.40), esta cena deve ser representada pelo próprio Deus. No juízo executado pelo anjo do templo, são colhidos "os cachos da vinha da terra". Nesta passagem, vemos os "ímpios" amadurecidos para o juízo de Deus. É o Armagedom em cena (Gn 49.9; Is 63.1 e ss; Jl 3.13 e ss; Zc 14.1 e ss; Ap 19.11 e ss). A expressão "vinha da terra" abrange todo o sistema religioso na visitação vindoura da ira de Deus. As uvas da apostasia largamente difundida são "uvas silvestres" (ímpios apodrecidos) transformados em "uvas da ira". Mas, evidentemente, o poder político mundial deve também está inserido no quadro (Is 63.16; Jl 3.13-16; 2Ts 1.7-8).

19. **"E o anjo meteu a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus".**

I. "...e lançou-as no grande largar". Quão terrível será esse julgamento no fim da presente era e, é ilustrado pelo fato que o suco das uvas se transformou em "sangue". As "uvas" (os ímpios) serão lançadas no lagar, e assim terá início a grande matança provocadas pela ira divina. Esta descrição refere-se ao momento quando o Senhor Jesus iniciar a grande batalha na região sul da terra Santa, especialmente nas fronteiras de Edom e sua capital (Is 63.1). Ao romper da aurora ele descerá ao vale com a rapidez da imaginação (Is 13.10; Zc 14.6-7; Ap 19.11 e ss). Seu primeiro contato na terra será no monte das Oliveiras (Zc 14.4). A partir desse local seguirá para o extremo sul da Palestina e começará a "pisar o lagar"; dali, para o monte Hermom no extremo Norte (Sl 29; Is 63.1-6).

1. Ele pisará o "lagar" sozinho, como sozinho consumou a grande obra na cruz: "Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo; e os pisei na minha ira, e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue (sangue dos inimigos de Cristo) salpicou os meus vestidos, e manchei toda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no meu coração..." (Is 63.3, 4). Durante a dispensação da graça, Cristo tem em seu coração "o dia da salvação". Isso ilustrado em Lc 4.19 quando lendo a passagem de Is 61.2, Jesus parou na frase: "...o ano aceitável do Senhor", omitindo assim "...o dia da vingança do nosso Deus". Mas esse dia terminará com o arrebatamento da Igreja, e logo a seguir virá "o dia da vingança" (cf. Ap 6.17).

20. **"E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil seiscentos estádios".**

I. "...fora da cidade". Quando o Filho de Deus veio a este mundo "...para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta – de Jerusalém" (Hb 13.12), aqui

agora, também, sua grande vitória será fora de suas portas. Jerusalém é a cidade em referência nesta secção. O vale de Armagedom fica fora de suas portas.

1. E saiu sangue do lagar. O "lagar" é também um nome profético de Armagedom. Nome que se dar a grande planície que estende-se pelo meio da Terra Santa, do Mediterrâneo ao Jordão. A palavra originou-se de uma raiz hebraica ("Har Magedon"); que significa "derrubar", "cortar", "matar", "decepar", e, lugar de mortandade, é o que Megido sempre foi. Uma outra interpretação da palavra Armagedom é: "abater o alto". Esse duplo significado corresponde exatamente ao caráter dos acontecimentos, pois o alto não somente é abatido, mas, tal coisa acontece desde o alto. (Ver notas expositivas sobre isso, em 16.16). O Dr. Clake escreve: "Desde Nabucodonosor até ao avanço de Napoleão até a Síria, essa planície foi sempre escolhida como acampamento dos exércitos. Judeus, gentios, sarracenos, cruzadas, egípcios, persas, drusos, turcos e outros povos armaram ali suas tendas de campanha e deixaram molhar suas bandeiras pelo orvalho do Tabor e do pequeno Hermom".

2. Em Ap 9.16, diz que as "uvas amadurecida" são compostas por um exército de 200.000.000 de cavaleiros. O poderoso exército já mencionado, partirá do extremo Oriente em direção às fronteiras do Eufrates (16.12-16); certamente de lá, seu intuito é a invasão da Palestina, tendo como alvo principal a cidade de Jerusalém (Lc 21.20-24). Porém, antes de alcançar Jerusalém, "...passando por cidades do norte como (Aiate, Migrom, Micmás, Geba, Gibeá de Saul, Galim, Anatote, Madmena, Nobe, etc) dizimarão a "terça parte dos homens" (Ap 9.15). A Besta irá para o vale de Armagedom, por uma circunstância sobrenatural, ao contemplar fisicamente Jesus descendo sobre o céu da Palestina (Mt 24.30; 26.64; Ap 1.7). Apavorada com as manifestações divinas simultâneas com a vinda do Senhor, a Besta "fugirá" para Armagedom, e ali, portanto haverá, pois, uma grande conflagração e mortandade, cujo desenlace será, provavelmente, naquele monte e no extremo vale do ocidente do Jordão.

3. Sangue...até aos freios dos cavalos. Literalmente falando, cada ser humano é portador de 5 litros de sangue e, um cavalo de 18 respectivamente. Então, teríamos aí (quatro bilhões e seiscentos milhões) de litros de sangue aproximadamente. 1.600 estádios corresponde a 296 quilômetros, tendo o estádio 185 metros. Não teríamos dificuldade em aceitar a interpretação literal desse número, pois se trata de uma medida de extensão e não de área. Outros, porém, aceitam como linguagem simbólica testificando do terrível morticínio dos ímpios quando o Senhor os pisar em sua fúria. Seja como for, a derrota dos ímpios está prevista e a vitória de Cristo determinada! (Is 63.6).

Capítulo XV

1. **"E VI outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos, que tinham as sete últimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus".**

I. "...nelas é consumada a ira de Deus". O presente capítulo mostra-nos outra série de calamidades a sobrevir a terra. essas calamidades são similares em caráter e propósito às pragas das sete trombetas (8.7 a 11.19), e, sobretudo, a estas últimas: há um período de

antecipação, porém, em cada uma dessas séries, a ordem cronológica é estabelecida. Na primeira, tivemos a aclamação do Cordeiro como digno de romper os selos do livro selado (5.1-14). Na segunda, quando da abertura do selo (8.1-6), houve preparação para o toque das sete trombetas (8.6). E mesmo as taças sendo a consumação dos juízos executados pelas trombetas, contudo, há, aqui também um pequeno intervalo.

1. O leitor deve observar a frase "...grande e admirável" nesta secção. Separadas, as palavras "grande e admirável" aparecem muitas vezes. Mas, em todo o Novo Testamento, uma ao lado da outra, só neste capítulo, nos versículos primeiro e terceiro. O comentarista H. R. Charles declara: "Este capítulo consiste de duas visões. A primeira (vs. 2-4) trata do cântico triunfal, entoado pelos mártires, estando ao redor do mar de vidro, nos céus. A segunda visão se relaciona aos sete anjos que desceram do templo celestial (vs. 5-8), aos quais foram dadas as sete taças, repletas da ira de Deus"

2. **"E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus".**

I. "...mar de vidro misturado com fogo". No capítulo 4.6 deste livro encontramos este mar de vidro visto por João. Neste ponto, porém, João adiciona uma característica ao que já dissera antes, a saber: que seu colorido era como "fogo". Nas passagens de Apocalipse 4.6 ele é descrito como "mar completamente transparente", que se mantém calmo, pois um "mar de vidro" indica uma massa compacta. Além disso, mostra-se que ele é atravessado pela luz, como o cristal. Isso lembra o grande acontecimento nas margens do Mar Vermelho, quando Israel, salvo por Deus da fúria de Faraó, cantou ao Senhor do outro lado em voz de trunfo (Êx 15.1 e ss). Parece que João queria dizer em seu informativo apocalíptico que esse "mar" do presente texto se tornara uma espécie de "mar vermelho celestial", onde os vencedores da Besta e seus sequazes, se encontram do outro lado da vida, e em pé, à margem do mar de vidro, antes de prosseguir em direção ao trono, entoam "o cântico de Moisés... e o cântico do Cordeiro".

1. "O mar de vidro espelha a divina beleza e glória de Deus. Está repleto de luz, clara e brilhante como cristal, e transparente como os pensamentos e planos de Deus, os quais são de sabedoria, clareza e veracidade indescritíveis...". Os capítulos sétimo e décimo quarto deste livro já haviam descrito este grupo de peregrinos como "vencedores", e o autor sagrado somente faz, aqui alusão ao fato; a não ser que agora eles cantam o novo cântico, o hino da vitória de Moisés, por terem atravessado o mar Vermelho e terem triunfado.

3. **"E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! Justo e verdadeiro são os teus caminhos, ó Rei dos santos".**

I. "...o cântico de Moisés... e o cântico do Cordeiro". Já que este cântico é de Moisés e do Cordeiro, pode estar subentendida a unidade essencial da Antiga e da Nova

dispensação ou testemunhos, bem como a unidade de todos os remidos em Cristo. (Ele veio "...reunir em um corpo os filhos de Deus". Jo 11.52). Sua redenção é boa para o primeiro e para o segundo Pacto, não conhecendo limites de tempo, de espaço e de raça. Assim, os "vencedores" de todos os tempos, podem "cantar" na "terra" (cântico de Moisés), e no "céu" (cântico do Cordeiro). O cântico de Moisés é o "Cântico da Libertação"; e o do Cordeiro sem dúvida, é o 'Cântico da Redenção". O Antigo Testamento registra dois cânticos de Moisés (Êx 15.1 e ss; Dt capítulo 32), porém, apenas com essas palavras citadas nos versículos 3 e 4 desta secção, está em foco o "Cântico Triunfal" nas margens do mar Vermelho.

4. **"Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo; por isso todas as nações virão, e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos".**

I. "...todas as nações virão, e se prostrarão". Essas palavras frisam a conversão das nações durante o Milênio (cf. 21.24 e ss; 22.2). Na passagem de 14.7 as nações são exortadas a se arrependerem e adorarem a Deus. Naturalmente, isso envolverá somente as nações que sobreviverem aos juízos divinos; mas certamente, também está em foco o estado eterno; subentendendo que todas as nações encontrarão em Cristo a razão de sua existência, pois ele é o "Mediador entre Deus Pai e todas as criaturas" (Ef 1.23; 1Tm 2.5). nele, tudo encontra seu propósitos, pois ele é "tudo para todos". Deus é o Senhor de todos; tanto da presente era como na eternidade. Ele é e será proprietário e Senhor. O mundo inteiro, finalmente, haverá de perceber isso, mediante o processo histórico completado por meios de várias intervenções divinas.

5. **"E depois disto olhei, e eis que o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu".**

I. "...o templo do tabernáculo'. No Novo Testamento dois vocábulos gregos: "hieron" e "naos", são traduzidos geralmente por "templo". Mas, em uso literal ou figurado, no pensamento cristãos, deve-se conferir o emprego dos termos "casa" (oikos) e "lugar". O uso metafórico de "templo" deve ser também comparado a "edifício" (oikodom~e).

1. A expressão "tenda" (sk~em~e) ou o tabernáculo do testemunho se acha somente em trecho do Novo Testamento, em At 7.44. Mas ali não há qualquer alusão ao templo, e, sim, ao tabernáculo original, armado no deserto. Em algum sentido todos os templos (isto é, o de Salomão; de Esdras; de Herodes; esses que os judeus erigirão, no local da Cúpula da Rocha (Dn 9.27; Mt 24.15; 2Ts 2.4), e o templo escatológico de Ezequiel, capítulo 40 a 48), todos serão tratados como uma só "casa": a casa de Deus. No presente texto, o "templo" que João viu se "abrir" não foi na terra, mas no "céu". O Apóstolo foi capaz de olhar para o "interior" do lugar do testemunho de Deus. Os judeus criam que as coisas terrenas eram figuras das celestiais (Hb 8.5 e 9.23), de maneira que o templo terrestre era apenas uma "cópia" do celestial (Ap 3.12; 7.15; 11.19; 14.15, 17; 15.5, 6, 8; 16.1).

6. **“E os sete anjos que tinham as sete pregas saíram do templo, vestidos de linho puro e resplandecente, e cingidos com cintos de ouro pelos peitos”.**

I. “...vestidos de linho”. Observemos que os trajes dos anjos, no presente texto, são semelhantes ao traje de Cristo, visto glorificado no capítulo 1.13 deste livro. Isso significa “dignidade” e “elevado ofício”. Estas vestes e cintos só eram usados pelos sacerdotes e juízes da Alta Corte. No caso de Cristo, isso representa sua dignidade como “sacerdote e juiz”. No caso dos anjos nesta secção, refere-se à função de “juízes” por eles desempenhado. Os sete magistrados da Suprema Corte estavam também cingidos com cintos de ouro; a mesma coisa é dita acerca de Cristo, em Is 11.5 e Ap 1.13 respectivamente; “A justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade o cinto dos seus rins”. Esses anjos estavam encarregados de uma missão; uma comissão proveniente dos mais elevados céus. Seus trajes, devidamente equipados, fala de poder, dignidade, retidão e verdade (Is 22.21; Jr 12.18; Ef 6.14). A passagem de Daniel 10.5, 6; 12.7, mostra um anjo celestial vestido da mesma forma.

7. **“E um dos quatro animais deu aos sete anjos salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre”.**

I. “...sete salvas de ouro”. O termo grego usado nesta passagem diz “phiale”. Indica um vaso largo e raso, usado para propósitos de libação ou para servir bebidas; mas estas dos elevados poderes angelicais, são de fabricação divina. Elas não estão vazias e, sim, “cheias da ira de Deus”; essa expressão “ira de Deus” é retratada por seis vezes no Apocalipse (14.10, 19; 15.1, 7; 16.1, 19). Como em português, o grego usa duas palavras diferentes para traduzir o sentido de indignação: “thymos”, a primeira, significando cólera ou furor, a mais forte; a segunda: “orguê”, significa “raiva”, “ira”. (Ver notas expositivas sobre isso em Ap 6.17). “A ira de Deus” é um termo técnico que indica “juízo”, não sendo descrição de qualquer emoção violenta da parte do Senhor.

8. **“E o templo encheu-se com o fumo da glória de Deus e do seu poder; e ninguém podia entrar no templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos”.**

I. “...o templo encheu-se”. As visões contempladas por João, neste versículo, marcam acontecimentos semelhantes aos que temos em Êx 40.34 e ss. A “tenda” ficou tomada pela glória de Deus, do poder de sua presença, de sua presença temível de tal modo que nem o próprio Moisés pode ali entrar (Êx 40.35). Algo semelhante pode ser visto em 1Rs 8.16 e Ez 10.2-4. Nessa visão, a glória de Deus encheu o templo, como se fosse uma fumaça expelida de uma grande fornalha (Is 6.1-6). Devemos ter em mente que cerca de 1.550 anos antes, houve uma manifestação de Deus no Monte Sinai. “O Monte

Sinai ficou inteiramente toldado pela fumaça, porquanto o Senhor desceu ali em foco; e a fumaça subiu como se fora de uma fornalha, e o Monte inteiro estremeceu grandemente". Seja como for, o templo celeste aqui foi envolvido em chamas! Deus é inabordável, exceto por meio de Cristo, que é o Verbo. Sob certas circunstâncias, como estas do presente versículo todo acesso a Deus é interrompido! Nem mesmo os seres celestes ali puderam entrar, pois se assim o fizessem a ira divina os consumiria! (cf. Hb 12.18-21).

Capítulo XVI

1. **"E OUVI, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete salvas da ira de Deus".**

I. "...uma grande voz". Este capítulo marca os juízos de Deus em magnitude! É utilizada nove vezes a palavra "grande" nesta secção com sentido especial:

1. "...uma grande voz" (v.1); "...grande calores" (v.9); "...grande rio Eufrates" (v.12); "...grande dia" (v. 14); "...grande voz do templo" (v.17); "...grande terremoto" (v.18); "...grande cidade" (v. 19); "...grande Babilônia" (v.19); "...grande saraiva" (v.21). A passagem de Apocalipse 15.7 mostra-nos que os "quatro seres viventes" (seres superiores a esses anjos pela demonstração do contexto) entregaram os juízos, salvas, aos sete anjos. Algo semelhante pôde ser presenciado em Ez 10.7, onde um querubim entregou aos sete personagens ali descritos o julgamento das brasas de fogo. Este capítulo apresenta a última série de ("sete") no que diz respeito aos julgamentos principais, embora ainda tenham de aparecer mais duas séries assim a saber, as "sete" visões sobre a queda de babilônia e as visões da "derrubada de Satanás".

2. Ide e derramai. A presente expressão segue paralelamente o mesmo número da palavra "grande" neste capítulo: 9 vezes (vs. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 12, 17). "Derramai": isso sugere um juízo súbito, completo e esmagador. Os anjos que vão executá-los, são seres "magníficos em poder" (Sl 103.20). A missão deles é clara; e eles se mostram obedientes. Também é a "voz de Deus" que em foco nesta passagem, porque todos estavam "fora do templo" (15.8) até o fim de sétimo flagelo. João ouviu a voz do Senhor. Isto empresta maior dignidade ao material que se segue. O Dr. R. N. Champrin declara: "Deus cuidará pessoalmente das últimas pragas. Elas serão tão horrendas que terão uma intervenção divina em sua execução. Tenhamos também em mente que as sete taças, como assinala o versículo, têm um caráter geral e abrangente; elas são a consumação dos juízos nas visões dos selos e trombetas".

1ª Taça

2. **"E foi o primeiro, e derramou a sua salva sobre a terra, e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem".**

(VER A INTRODUÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 8.7, QUE DIZ: "E o primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra...").

I. "...uma chaga má e maligna". Os juízos das trombetas limitam-se, mais ou menos, aos limites do mundo romano, mas os juízos das taças hão de cobrir a terra e devem constituir a guerra total de Deus sobre o mundo. Na consumação deste juízo encontramos paralelo na passagem de Jó 2.7, onde lemos: "Então saiu Satanás da presença do Senhor, e feriu a Jó duma chaga maligna...". J. Filo refere-se a úlceras (elkos) dolorosas como castigo apropriado que se deveria esperar contra os aderentes do "culto do imperador". Nos últimos dias maus, os adoradores da Besta, terão de sofrer os horrores descritos neste versículo. Os medicamentos terrenos não poderão impedir ou curar essa "chaga má e maligna". Os magos de Faraó (Janes e Jambres) não podiam permanecerem quietos diante de Moisés "...por causa da sarna; porque havia sarna em os magos, e em todos os egípcios" (Êx 9.11b); ali, aquelas eram de caráter temporários; porém, sendo de caráter escatológico; são incuráveis (Dt 28.27, 35). A sexta praga do Egito que tem o seu paralelo nesta primeira aqui, foi dirigida contra os magos egípcios; neste ponto, porém, a praga se volta contra aqueles que adorarem a Besta. "Assim como se submeteram à marca da Besta, assim também terão de submeter-se à marca do Deus vingador".

2ª Taça

3. **"E o segundo anjo derramou a sua salva no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar toda a alma vivente".**

(VER A INTRODUÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 8.8, QUE DIZ: "E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como u grande monte... e tornou-se em sangue...").

I. "...e morreu no mar toda a alma vivente". Esta segunda praga tem seu paralelo, na primeira praga que caiu no Egito, quando o Rio Nilo tornou-se em sangue, matando os peixes (Êx 7.14 e ss). Mas aqui o próprio "mar" é afetado em grau supremo. Quando dos juízos das trombetas, somente uma "terça parte" se transformou em sangue, e somente uma "terça parte" da vida marinha pereceu (8.9). Mas, no presente texto, os efeitos serão mais vastos. O mar tornou-se em sangue como de um morto, imundo e coagulado, impossibilitando a vida no mesmo. "O sangue é uma vívida e terrível da morte, o salário do pecado. Essa foi a primeira praga do Egito, o Nilo transformou-se em sangue... mas agora será o mar... cardumes de criaturas que tinham vida no mar morreram, e como testemunha apodrecida da iniqüidade dos súditos da Besta, o homem do pecado...". Alguns estudiosos da Apocalipse, opinam que toda essa descrição é simbólica, referindo-se ao envenenamento do sangue da vida das nações, como se a questão fosse de ordem "moral" ou "espiritual", e não literal. Mas devemos ter mente o que disse Jesus a João: "...estas coisas hão de acontecer" (1.1, 19; 22.6).

3ª Taça

4. **“E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue”.**

(VER A INTRODUÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 8.10, QUE DIZ: “E o terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela... sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas”).

I. “...nos rios e nas fontes das águas”. Essa praga tem também seu paralelo na primeira praga que caiu sobre o Egito, que atingiu não somente o rio Nilo, mas também as fontes, os poços e os ribeiros, transformando-os em sangue. Nos dias sombrios do governo do Anticristo homens terão manchado a terra com o sangue dos mártires. Deus agora lhes dará sangue a beber – uma justa retribuição, como é declarada em Gl 6.7. Esta é a lei da compensação divina para os súditos da Besta. deus como Justo Juiz, em sua perfeita justiça e retidão, derramará a sua grande ira, no tempo da terceira taça, dando sangue a beber aos que derramaram sangue dos santos. Será uma das mais horrendas pragas desta série de “sete” quando os homens e os animais terão somente sangue coagulado para beber.

5. **“E ouvi o anjo das águas que dizia: Justo és tu, ó Senhor, que és, e que eras, e santos és, porque julgaste estas coisas”.**

I. “...o anjo das águas”. Além do que é depreendido do presente texto, havia também idéia entre o povo da aliança helenizado que certos elementos da natureza são controlados pelos anjos. Assim, teríamos os anjos dos quatro ventos (Ap 7.1), do calor, da geada, das águas, do fogo, e assim, interminavelmente. No versículo em foco, o anjo representado, literalmente falando, tem a tarefa de guardar o suprimento das águas, sendo assim, o “anjo-capitão” dessa parte da natureza (cf. Jo 5.4; At 27.23-24). Na teologia judaica os judeus e outros escritores da antiguidade, chegaram até exagerar nomes de alguns desses anjos. Assim, Niconias estaria encarregado das fontes das águas. E Admael seria o anjo da terra, conforme diziam as idéias da época sobre os anjos.

1. No sentido simbólico do significado do pensamento, As águas que viste (diz o anjo intérprete a João), onde se assenta a prostituta (“são povos, e multidões, e nações, e línguas”). Na simbologia profética, fontes, rios e mares, têm o sentido geral das nações inquietas e desorganizadas (cf. Jr 6.5; Ez 29.3; Dn 7.2; Lc 21.25; Tg 1.6; Ap 17.15). Assim, para nós, o “anjo das águas”, refere-se a um “guarda eterno” responsável pela segurança das nações, e também de executar juízo sobre elas (Êx 14.19, 20; 23.20; Dn 10.13, 20, 21).

6. **“Visto como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também tu lhes deste o sangue a beber; porque disto são merecedores”.**

I. “...visto como derramaram sangue”. Dois anjos apareceram em foco nesta declaração: o das águas (v.5) e o do altar (v.7). Eles proclamam que o “sangue dos santos” deve ser punido. No livro de Números (32.23) há um solene aviso de Deus: “...se não assim, eis que pecastes contra o Senhor: porém, sentireis o vosso pecado, quando vos achar”. O castigo desta secção, é uma espécie de “punição de acordo com a natureza da transgressão”. Aquilo que um homem semeia, isso também ele ceifará, isto é o “abc” da doutrina cristã tanto no passado como no presente. Profeticamente falando, entretanto, essas palavras se aplicam aos crentes mártires que sofrerão por mandado do Anticristo. No contexto profético do significado do pensamento, esse livro foi escrito para os cristãos de todos os tempos, mas, sem sentido especial, para os santos gentios e israelitas convertidas na tribulação.

7. **“E ouvi outro do altar, que dizia: Na verdade, ó Senhor Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos”.**

I. “...outro do altar”. Em Ap 6.9 as almas dos mártires, clamavam debaixo do altar, por vingança. O altar do presente texto, é o mesmo altar visto por João na visão anterior, e o “outro do altar” que se traduz também no original grego por “o anjo do altar”, é sem dúvida um elevado poder angelical, revestido de uma “função sacerdotal”, responsável em guardar “as orações dos santos”. Sua voz assinala o cumprimento e resposta das orações dos santos do capítulo seis do presente livro. o Apóstolo João ouviu a poderosa voz do anjo sacerdote justificando o julgamento de Deus. “Exemplificando: encontramos o sangue de Abel falando (Gn 4.10), e o altar é a base dos juízos de Deus, que nos fala da morte de Cristo. Deus ouvirá também, a voz dos santos mártires, desde Abel até aos da Grande Tribulação (8.5). A implacável ira divina, santa e justa... requererá do Trono uma resposta segura e firme, e como certeza disso, nele está posto “um vigia eterno”. O anjo do altar”.

4ª Taça

8. **“E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo”.**

(VER A INTRODUÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 8.12, QUE DIZ: “E o quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferida a terça parte do sol...”).

I. “...abrasasse os homens com fogo”. A quarta taça tem mais ou menos seu paralelo na sexta praga do Egito. A da saraiva misturada com fogo (Êx 9.24 e ss). Na introdução, porém, tem seu paralelo na nona praga egípcia (Êx 10.21-23). Na passagem em foco vemos os homens sendo abrasados com “fogo”, embora a palavra “fogo”, no grego, culto

ela indique a extrema intensidade do calor solar. A literatura paralela do Apocalipse predissera que Deus fará o sol ficar parado na mesma altura por três dias, criando um calor excessivo que castigará aos povos ímpios e rebeldes. É lamentável dos homens desprezarem a "sombra do Altíssimo" e se submeterem, mesmo que contragosto, ao fogo do juízo de Deus. A profecia bíblica não foi escrito para satisfazer a curiosidade humana, antes do que "cumprimento", e, sim, para "instruir" aqueles que viverem na época do seu cumprimento. Oremos pelos homens! Deus pode humilhar os que andam na soberba (Dn 4.37).

9. **"E os homens foram abrasados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória".**

I. "...não se arrependeram". Já tivemos a oportunidade de ver no Apocalipse, os juízos de Deus a cair sobre a humanidade, em ordem crescente, e, ao mesmo tempo, vemos homens endurecidos contra Deus, seguindo um paralelo na mesma escola: Não se arrependeram! "Note-se como as primeiras quatro taças segue o curso das quatro trombetas. Porém, quanto à cronologia não são paralelas. Os juízos das trombetas marcam a introdução destes juízos e caíram numa área delimitada: terra, mar, rios, fontes das águas, sol, lua e estrelas (8.7, 8, 10, 12), contudo, foram limitados, cada vez, à "terça parte". Mas não há limites nos juízos das taças; elas varrem tudo". O que os homens persistem em fazer, se for mau, torna-os incapazes de vencer a própria corrupção de sua natureza. A fibra moral é tão debilitada que os tornam incapazes do arrependimento; e esse é um dos aspectos do julgamento contra o pecado (Rm 6.23).

5ª Taça

10. **"E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor".**

(VER A ITRODUÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 9.1-2, QUE DIZ: "E O QUINTO anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra... e abriu o poço do abismo, e subiu fumo do poço, como o fumo de uma grande fornalha, e com o fumo do poço escureceu-se o sol e o ar").

I. "...se fez tenebroso". A presente passagem ainda tem seu paralelo na nona praga do Egito. Ali o reino de Faraó também se fez "tenebroso" durante três dias (Êx 10.22). Aqui o "trono da Besta" afetado pelo juízo da quinta taça é o mesmo que ela herdou do dragão logo no início de seu reino (13.2). A missão deste anjo celestial, é derramar a sua taça sobre o "grande trono" não só da apostasia religiosa do mundo, mas, conseqüentemente, sobre todo o 'falso" poder. As trevas que envolveram o trono da Besta,

são “trevas sobrenaturais”. É verdade que através da história tem havido trevas estranhas e aterrorizante, em que o sol, por assim dizer, não dava luz. Diz um astrônomo que “Isso se deve à (“poeira cósmica”) ao atravessar as elevadas camadas da atmosfera terrestre, em quantidade apreciável”. Mas na quinta taça este fenômeno, será produzido por uma intervenção sobrenatural; sem dúvida alguma: O poder de Deus. W. Ramsay declara que a expressão “mordiam as línguas de dor” é a única na Bíblia e indica uma agonia mais intensa e excruciante.

11. **“E por causa das suas dores, e por causa das suas chagas, blasfemaram do Deus do céu; e não se arrependeram das suas obras”.**

I. “...blasfemaram do Deus do céu”. A palavra “blasfêmia” no grego moderno é “blasphemeo”, ou seja “falar coisas injuriosas”, “difamar”, ‘dizer coisas abusivas”, etc. Tanto no Antigo Testamento como no Novo encontramos uma extensão do seu significado. Aqui no presente texto, o sentido da raiz da palavra é a de um ato afrontoso mediante o qual a honra de Deus é insultada. Nos ensinamentos de Jesus está declarado que a “blasfêmia” nasce no “interior dos corações dos homens” (Mc 7.21.22), cuja finalidade um psicólogo descreve como segue: “...odiar, ferir, prejudicar, aniquilar, menosprezar, desdenhar, detestar, abominar, difamar, caluniar, amaldiçoar, espoliar, arruinar, demolir, repugnar, ridicularizar, implicar, provocar, caçoar, humilhar, acerta (eu te acerto), espicaçar, envergonhar, criticar, cortar, contrariar, banir, surrar, subjugar, competir com, embrutecer, maltratar, oprimir, intimidar, esmagar, imprensar”. O objetivo próprio do verbo e seus cognatos é vilipendiar o nome de Deus, o qual é amaldiçoar ou desonrado em lugar de ser honrado.

6ª Taça

12. **“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente”.**

(VER A INTRODUÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 9.13, QUE DIZ: “E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus. A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos, que estão presos junto ao grande rio Eufrates”).

I. “...O grande rio Eufrates”. O rio Eufrates era um dos rios do Paraíso (Gn 2.14). Seu nome em hebraico é “perath”, derivado do acadiano “purattu’, que representa o sumeriano “buranun”, e a forma neotestamentária, “Euphart~es”. Os hebreus o chamavam de “o grande rio” (ver notas expositivas sobre isso, 9.14). O Eufrates forma-se pela junção de dois tributários: o Murado-Su, que começa no lago Van, e o Kara-Su ou Frata, que nasce a 74 quilômetros a nordeste de Erzerum.

1. “O curso total do rio Eufrates desde sua nítida nascente até sua desembocadura no Golfo pérsico é de 3.093 quilômetros e 600 metros. Sua profundidades varia entre 3 e 10 metros e sua largura é de 200 a 400 metros aproximadamente”. Seu leito se encravava na Ásia Continental, e na antiguidade era conhecido como a linha divisória entre o mundo oriental e Ocidental. O juízo desta taça secará suas águas momentaneamente, pois doutra forma, seriam necessários três anos consecutivos sem chuver. Ilustrando a passagem em foco, temos Deus abrindo o mar Vermelho (Êx 14.21, 2), de igual modo o Jordão 40 anos depois (Js capítulo 3). Também está profetizado a secura do rio Nilo (Is 11.15). O grande rio Eufrates passará por um momento semelhante na história. Suas águas secarão preparando assim “o caminho dos reis do oriente” que vêem em demanda da terra de Israel.

2. Reis do Oriente. H. Lindsey diz: “Cremos que a China é o princípio da formação dessa grande profecia chamada “reis do leste” pelo Apóstolo João”. Como o emblema nacional do Japão é “o sol nascente”, pode ser que essa nação partilhe no avanço das asiáticas. Isso se depreende na forma plural (“reis do Oriente”) vista no presente texto. Recentemente um documentário de TV sobre a China Vermelha, denominado “A Voz do Dragão”, citava potência dispor de um “exército popular” de 200.000.000 de homens.

13. **“E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs”.**

I. “...semelhantes a rãs”. Esse elemento, envolve uma certa aparência daquilo que foi visto no Egito, em sua segunda praga; a das rãs (Êx 8.1 e ss). Vemos apenas três espíritos, mas, demoníacos; eles explicam as grandes hordas de “rãs” naturais, como equivalentes. A rã é um animal imundo conforme a lei cerimonial; é sinal de maldade.

1. Segundo o Dr. W. Malgo, Rãs são estranhos seres anfíbios. Elas vivem tanto nas escuras e enlameadas profundezas, como em solo firme sob o sol. Elas podem ocupar a fantasia dos homens. Elas têm membros semelhantes a eles., O que chama a atenção são seus olhos extremamente grandes e o volume de voz desproporcional. Muitas vezes elas surgem repentinamente das profundezas. Uma rã tem algo de misterioso e sinistro”. A simbologia profética aqui depreendida é, certamente, a rã vive tanto na terra como na água; podendo juntar combatentes tanto da terra (os continentes) como da água (as ilhas). O zoroastrismo dividia os animais em duas categorias, bons e maus, mais ou menos como faziam os judeus, em limpos e imundos. A rã era um animal imundo. Portanto, aquelas rãs serão espíritos “imundos”, tal como suas fontes originais, o dragão e duas Bestas.

14. **“Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso”.**

I. "...dia do Deus Todo-poderoso". Há no Novo Testamento quatro termos técnicos para determinar três épocas distintas e o quarto, assinalam um acontecimento especial (o dia da ressurreição de Cristo):

1. O DIA DE JESUS CRISTO. O dia do Senhor Jesus Cristo está ligado com o arrebatamento da Igreja, porque o nome de JESUS que significa Salvador, está na frase inserido (Mt 1.21; At 4.12). Ele faz parte do "dia da salvação" e nele não há vingança. Os acontecimentos que terão lugar nele são: (a) Jesus virá para os seus santos. 1Ts 4.17; (b) Virá como a estrela da manhã, 2Pd 1.19; (c) Virá até aos ares e voltará. 1Ts 4.17; (d) Virá para sua Igreja. Jo 14.3 (e) Virá como o Cordeiro de Deus.

2. O DIA DO SENHOR OU DE CRISTO. O dia do Senhor em (Is 2.12; 13.9; 26.20-21; 34.8; Jl 1.15; 2.1-2; Am 4.18; Ob v.15; Sf 1.14-15; Zc 14.1; Ml 4.5; At 2.20; 1Ts 5.2, 3), e outras passagens, tanto do Antigo como do Novo Testamentos, como "Filho do homem"em Lc 17.24 e dia de Cristo em 2Ts 2.2; refere-se ao "dia da ira" (2Ts 1.7, 8 e Ap 6.16, 17). O nome de Cristo, que quer dizer: "O Rei Ungido", relaciona-se com o senhorio e governo de Cristo. Esse dia terminará no vale do Armagedom e será precedido por sete sinais: (a) O novo aparecimento de Elias, Ml 4.5; (b) Sinais sobrenaturais. Jl 2.1-11; Mt 24.29-30; At 2.19-20; (c) Os "filhos do dia" (os crentes) fora do mundo. 1Ts 5.1-5; (d) A apostasia numa igreja morna que será vomitada na vinda de Jesus – Laodicéia. 2Ts 2.3; Ap 3.16; (e) A manifestação do homem do pecado. 2Ts 2.2, 8. (f) Os acontecimentos narrados nos capítulos 6 a 19 de Apocalipse; (g) A grande convocação dos combatentes para o vale de Armagedom. Ap 16.14. Os acontecimentos que terão lugar nele são: (aa) Jesus virá para ser recebido por Israel. Zc 12.10; Mt 23.39; Rm 11.26; (bb) Virá para terminar a grande guerra do Armagedom. Mt 24.30; Ap 19.11 e ss; (cc) Jesus virá com os seus santos. Cl 3.4; Jd v.14; (dd) Jesus virá até terra e ficará nela. Zc 14.4; (ee) Jesus virá como o sol da Justiça. Ml 4.2; (ff) Virá como Leão da Tribo de Judá. O dia da passagem em foco, é exatamente esse terrível grande dia.

3. O DIA DE DEUS. O dia de Deus também pode ser chamado de "dia do Senhor" no sentido próprio (2Pd 3.10). Os acontecimentos que terão lugar nele são: (a) A expurgação do céu e terra pelo fogo. 2Pd 3.12; (b) O Juízo final descrito em Ap 20.11 e ss; (c) A perdição dos homens ímpios. 2 Pd 3.7.

4. O DIA DO SENHOR. Esse dia marca o dia da ressurreição de nosso Senhor com sentido especial (Jo 20.19; Ap 1.10). Cronologia: do dia do Senhor (ressurreição) até o dia do Senhor Jesus Cristo, 2.000 anos aproximadamente; do dia de Jesus Cristo até o dia de Cristo ou do Senhor, 7 anos; do dia de Cristo até o dia de Deus, 1.000 anos aproximadamente. (Ver notas expositivas sobre isso, Ap 1.10).

15. **"Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda os seus vestidos, para que não anda nu, e não se vejam as suas vergonhas".**

I. '...como Ladrão". Outras passagens do Novo Testamento comparam a vinda do Senhor com a vinda de um ladrão (ver notas expositivas sobre isso, em Ap 3.3). A idéia

não é de astúcia, mas surpresa para os que andam nas trevas (1Ts 5.4); isso sugere uma maneira secreta, repentina e inesperada (Mt 24.43; Lc 12.39; 1Ts 5.4, 15; 2Pd 3.10; Ap 3.3; 16.15). Visto como o ajuntamento dos reis do Oriente com a Besta é sinal da vinda de Cristo a fim de destruir seus inimigos, os santos da tribulação são exortados a vigiar esperando sua volta; esse deve ser o significado do pensamento na presente passagem (cf. 1Ts 5.4).

1. Guarda os seus vestidos. Isso pode ser analisado de duas maneiras: (a) A ponta para a indecência, para falta de pureza, por ter-se entregue a devassidão, e ao pecado em qualquer sentido. Gn 3.10; (b) Indica a nudez do espírito, ou seja, sem aquelas vestes da "imortalidade" indispensável a todos os santos (2Co 5.8). A igreja de Laodicéia tinha sido advertida contra pobreza e nudez espiritual, e aconselhada a comprar 'vestidos brancos" para que não aparecesse sua nudez espiritual naquele grande dia (Ap 3.18). Isso é uma exortação ao zelo espiritual.

16. **"E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom".**

I. "...Armagedom". A palavra "Armagedom" significa "montanha de Megido"; designa o local onde se ferirá a batalha. Historicamente falando, já foi uma fortaleza Cananéia no tempo de Josué (Js 12.21). Geograficamente, tem formato triangular, encrava-se na confluência de três vales (Jesreel, Esdraelom e Armagedom). Embora Armagedom possa ser classificada como vale, pela sua extensão e aspecto do conjunto é preferível qualifica-la como planície. Este vale tem sido muito famoso campo de batalha dada a importante posição que ocupa. Dele Napoleão Bonaparte: "Eu faria deste lugar um campo de batalha para os exércitos de todo o mundo". (Ver notas expositivas sobre isso, em Ao 14.20). Hoje, como todos sabem, à sua entrada está o porto de Haifa. É uma das áreas da Palestina mais acessíveis ao desembarque de tropas anfíbias.

1. Armagedom ou Megido era também o nome da cidade (hoje al lejjun); é o vale que os judeus chamam planície de Jesreel, que vai do monte Tabor até junto do monte Carmelo. O vale "Megido" ou "Asdraelom", é também interpretado como: "lugar de tropas" ou "lugar de multidões". Vários personagens do passado foram derrotados aí neste vale: Sísera (Jz 5.8, 31); Acazias (2Rs 9.27); Josias (2Rs 23.29, 30). Ao nome de Jesreel (cidade) está ligado a violenta morte da rainha Jezabel, cujo nome se tornou proverbial e simbolicamente profético. Saul e seus filhos tombaram mortos em Armagedom ao lado da montanha de Glboa (1Sm 29.1, 11 e 31.1). Seja como for, ali, pois, haverá a grande conflagração e mortandade, naquele vale e no extremo ocidente do Jordão, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso.

7ª Taça

17. **"E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande vos do tempo do trono, dizendo: Está feito".**

(VER A INTRODUÇÃO DESTE FLAGELO EM APOCALIPSE 11.15, QUE DIZ: "E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grande vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre").

I. "...Está feito". ***A sétima taça é a consumação do "terceiro ai" (a sétima trombeta), Ambas as coisas nos levam ao fim desta era, e ambas envolvem a "ira final". A presente expressão lembra-nos das últimas palavras do Senhor Jesus na cruz, quando disse: "Está consumado" (Jo 19.30). Elas marcam o término de uma grande obra e o início de outra; ambas são consolidadas na terceira expressão: "Está cumprido" (Ap 21.6). Está feito, no presente texto, é para declarar que "os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo". É o fim da presente era e o estabelecimento do governo de Cristo com poder e grande glória. A grande vos que disse: "Está feito". É a voz de Deus e sua declaração final. Deus é que diz a última palavra. Convém notar que no segundo dia da criação quando Deus criou "os ares", não pronunciou a palavra: ("bom"); isso se reveste de significação especial (Gn 1.6-8). Satanás é o príncipe "...das potestades do ar" (Ef 2.2), e portanto sua influência perniciosa será derribada de qualquer posição nesta sétima taça.***

18. *"E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a terra: tal foi este tão grande terremoto".*

I. "...um grande terremoto". ***No texto bíblico geral, os terremotos ou seus fenômenos correlatos são registrados em diversos períodos: No Monte Sinai, ao ser transmitida a lei (Êx 19.18), nos dias de Saul (1Sm 14.15), nos dias de Elias (1Rs 19.11), de Uzias (Am 1.1; Zc 14.5), e de Paulo e Silas (At 16.36). Dois grandes terremotos marcaram a morte e ressurreição de Jesus (Mt 27.51 e 28.2). O Dr. Kirpatrick diz que o terremoto dos dias de Uzias foi produzido por força sobrenatural. E o Historiador F. Josefo diz que se deu no momento quando o rei Uzias tentou impiamente forçar a sua entrada no templo, para queimar incenso (2Cr 26.16 e ss). Nesse momento um grande terremoto abalou o chão, o templo abriu-se, e uma luz brilhante como raio fulminou dele e feriu a cara do rei, de maneira que ele ficou leproso; enquanto em frente à cidade, no lugar chamado Eoge, a metade da montanha ao oeste desmoronou, e, rolando até a montanha ao leste, ali parou. Seja como for, o terremoto do presente versículo, será produzido por uma demonstração do poder de Deus.***

19. *"E a grande cidade fendeu-se em três partes. E as cidades das nações caíram; e da grande Babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira".*

I. "...a grande cidade fendeu-se em três partes". ***O grande terremoto descrito nos versículos (18 e 19) festa secção foi um terremoto sui generis: nunca houve igual desde que há homem sobre a terra. Talvez antes tenha havido, mas antes de haver homem na terra (Jr 4.23-26). O epicentro foi registrado na capital da Judéia (Jerusalém), mas o abalo derrubou as cidade das nações. Todas caíram.***

1. Tão destruidor é esse vasto terremoto que Jerusalém é dividida em três partes. Seus efeitos são também, sentidos em vários aspectos: (a) todas as cidades caíram; especialmente a capital do império do Anticristo: Roma; (b) os montes foram removidos dos seus lugares (especialmente o monte das oliveiras). Zc 14.4-5; (c) as ilhas como são vistas no versículo 20, fugiram. Isto é, desapareceram inundadas por grandes maremotos sem precedentes na história humana; (d) uma chuva de saraiva cai como chumbo sobre a humanidade. Em Ap 6.14, temos a introdução deste grande acontecimento.

20. *"E toda a ilha fugiu; e os montes não se acharam".*

I. "...toda a ilha fugiu... os montes não se acharam". ***Na passagem de Ap 6.14, há apenas a remoção das ilhas e das montanhas, aqui, porém, será a consumação de tudo aquilo. Um terremoto sem precedente na história fará desaparecer não só as ilhas, mas removerá também as montanhas. Os cientistas contemporâneos esperam modificação na estrutura da terra e dos pólos dentro dos próximos 30 anos. Eles asseveram que se houvesse estudo suficiente, poder-se-ia predizer quando a terra terá seus pólos modificados. Nós, que cremos na palavra profética e nas determinações de Deus, sabemos ser isso possível a qualquer momento. Cremos que na antiguidade já tenha havido fatos semelhantes. Cidades antigas completas têm sido encontradas sob o nível do mar. Supomos que o dilúvio de Noé foi uma dessas ocasiões, quando massas terrestres inteiras deslizaram e os pólos modificaram suas posições.***

21. *"E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva: porque a sua praga era mui grande".*

I. "...caiu do céu uma grande saraiva". ***Já tivemos ocasião de falarmos sobre saraiva em outra secção deste livro (8.7). Ela é sempre um juízo súbito esmagador: usado no campo do castigo (Is 28.2; Ez 38.22; Ap 8.7; 11.19). A natureza esmagadora e avassaladora deste juízo tornou-se clara ao lembrarmo-nos de que as pedras caídas do céu "pesavam um talento" cada. Uma chuva semelhante aconteceu no Egito (Êx 9.27) que aludi à sétima praga, a praga da saraiva; e também com Ap 11.19, que se refere ao mesmo fato deste versículo. Os súditos da Besta serão atingidos com saraiva de um talento. Este peso é calculado entre 31 e 48 quilos. Mas, segundo um rabino, a palavra "tonelada" teve sua raiz na palavra "talento". Se assim for, então esse peso será multiplicado por vinte vezes mais. Cremos que há séculos e milênios esta chuva já***

estava preparada para esse dia nos "tesouros da saraiva... até ao dia da peleja e da guerra" (Jó 38.22, 23). Este capítulo inteiro é uma demonstração sobre a natureza humana recalcitrante da iniqüidade. "Seu desafio obstinado é inflexível. Os homens resistem a Deus e à sua autoridade e morrem sem misericórdia!".

Capítulo XVII

1. **"E VIO um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas".**

I. "...grande prostituta". Nos capítulos 17 e 18 deste livro, nas sete visões da condenação da "grande Babilônia", são vistos dois "sistemas" se combinando entre SI: Babilônia (política e religiosa) e (literal e comercial). A primeira sendo descrita no capítulo 17 e a segunda, no capítulo 18. As predições bíblicas têm cumprimento a curto ou a longo prazo. Portanto, nos "últimos dias", que são dias da ira tanto humana como divina, veremos o "aparecimento" tanto de um império político: a federação dos dez reis escatológicos, pelo Anticristo (v.13), tendo como sede a cidade de Roma, como também veremos o "aparecimento" de "um falso culto" dedicado à Besta, o homem do pecado. Também veremos ainda, a condenação duma grande prostituta denominada "a grande Babilônia" envolvida em "mistérios". A Babilônia, a grande, cerca de 713, (a. C.). O profeta Naum chamou-a de "graciosa meretriz" (Na 3.4). De modo bem similar, e por razoes idênticas um outro profeta aplica o mesmo epítero vergonhoso a cidade de Tiro, predizendo sua ruína (Is 23.15). Profeticamente falando, este "sistema misterioso" desta secção, representa o novo paganismo do tempo do Anticristo, e especialmente, o culto dele e suas formas de expressões.

2. **"Com a qual se prostituíram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição".**

I. "...se prostituíram os reis da terra". Os reis do tempo do antigo império romano tentaram de todas as formas influenciar, para seu benefício, no seu comércio, tudo que era de seus cidadãos. Profeticamente falando, isso se fará, em grau supremo, nos dias sombrios do Anticristo, os "reis" farão também que os súditos da Besta, aceitam não só este "sistema" de tributos sobre si, mas de um modo especial o seu próprio "culto", a ele dedicado. "Assim como Nínive e Tiro desviaram outros povos, forçando-os com a idolatria vigente naqueles dias, agora será Roma, a meretriz do Mediterrâneo, que seduzirá os "reis", juntamente com os aliados da Besta, fazendo-os beber do vinho de sua fornicação (14.8). Isto é, ela os seduzirá à adoração idolátrica de si mesma e seu consorte, a Besta".

3. **“E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres”.**

I. “...uma mulher assentada”. A mulher e a Besta nesta secção simbolizam dois poderes: o religioso e o político. O fato de ela está “assentada sobre a Besta” indica que a grande prostituta e domina as nações religiosamente, assim como a Besta sobre a qual cavalga faz politicamente. Isso também revela sua influência e, ao menos aparentemente, parece controlar e até dirigir a Besta. por sua vez a mulher é sustentada pela Besta. O presente texto nos mostra o primeiro poder (religioso) à cavalgar sobre o segundo (político).

1. A mulher e a Besta são significativas especialmente em suas vestes e em seu poder, mas habitam no deserto. Isso indica claramente suas naturezas demoníacas (Lc 11.24). Ela é realmente vista onde deve ser vista: num lugar desolado, faminto, sedento apropriada para uma meretriz horrenda. A esse lugar o anjo levou o profeta. Há ainda neste versículo um fato curioso que chamou a atenção de João: a Besta estava coberta de nomes de blasfêmia. Isso indica que o sistema predominante da Besta é totalmente corrupto.

4. **“E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinham na sua mão um cálice de ouro das abominações e da imundícia da sua prostituição”.**

I. “...a mulher estava vestida”. Em muitos texto do Apocalipse, emprega-se termos como “adultério”, “prostituição”, “meretriz”, para simbolizar o afastamento dos povos da comunhão espiritual. Quando a palavra “mulher” é usada simbolicamente nas Escrituras, dependendo do contexto, significa religião. Uma mulher pura, como uma “noiva” ou a Esposa”, designa uma “religião pura e imaculada”, como a verdadeira Igreja de Cristo (19.7 e 21.9). Portanto, quando o Apóstolo João emprega o termo “meretriz” na descrição de suas visões, sem dúvida alguma está se referindo a um sistema religioso que havia prostituído sua própria existência com algo que é totalmente contrário aos propósitos da Igreja do Senhor. Nos tempos dos monarcas babilônicos os súditos do imponente poder da grande Babilônia, consideram-na como se fora “rainha” (Jr 51.7). O “cálice de ouro” em sua mão demonstra o seu desejo de implantar no mundo uma falsa “comunhão”, e sua doutrina afermentada (ela embriaga). Mas um dia ela ouvirá a voz poderosa de Deus a lhe dizer: “peso do deserto do mar...caída é Babilônia, caída é!” (Is 21.1, 9).

5. **“E na sua testa estava escrito o nome: MISTÉRIO, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra”.**

I. “...Mistério: a grande Babilônia”. A cidade denominada de Babilônia é citada sete vezes no Apocalipse, nas seguintes passagens (14.8; 16.19; 17.5; 18.2, 10, 21).

Alguns teólogos opinam que, nos dias do reinado do Anticristo, será reconstruída a antiga cidade e torre de Babel, que posteriormente se tornará a grande Babilônia. Mas se consideramos a sentença divina predita pelo profeta Isaías (13.20), ela jamais será reedificada: "E Babilônia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos calceus será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou. Nunca mais será habitada, nem reedificada de geração em geração: nem tão pouco os pastores ali farão deitar os seus rebanhos. Mas as feras do deserto repousarão ali...".

1. No que diz respeito a reconstrução da torre de Babel as Escrituras guardam silêncio. Há, em nossos dias, projeto para a "reconstrução" da torre de Babel; declara um boletim do serviço noticiário religioso do Iraque, 1980: "A reconstrução da torre de Babel mencionada na Bíblia (Gn 11.1-11) está sendo estudada por uma equipe de acadêmicos da Universidade de Kioto, Japão. Um porta-voz da equipe anunciou que o governo iraquiano solicitou auxilio de técnicos japoneses no sentido de criar uma "cidade-museu" no local da antiga cidade da Babilônia, para servir de atração turística na região do Eufrates, a cerca de 88 quilômetros ao sul de Bagdá".

6. **"E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração".**

I. "...a mulher estava embriagada". Sabemos pela história que Ninrode "o poderoso de almas em oposição a face do Senhor" foi o primeiro imperador. Fundou o primeiro governo e além de ser caçador, "começou a ser poderoso na terra". A esposa deste monarca era Semíramis, figura bastante conhecida na história secular, uma prostituta. "Quando Ninrode foi assassinado, ela assumiu a posição de imperatriz do governo. Para manter-se no poder...ela criou um mito ao redor da figura de seu falecido marido, Ninrode, atribuindo-lhe o nome de Zoroastrita, que quer dizer "A semente da mulher". A partir deste princípio, tudo que está ligado direto ou indiretamente com a cidade de Babilônia, é sempre representada por uma figura feminina.

1. Nos dias do Anticristo, esse grande poder "político-religioso" estará ainda mais reforçado, e acrescentará a todas as suas maldades anteriores (cf. lc 3.20). Ela é a única responsável (direta ou indiretamente) pelo sangue derramado das testemunhas do Senhor, em qualquer tempo e em qualquer lugar. Eis a razão de ela agora se encontrar embriagada. As testemunhas a que João aludi, originalmente eram os cristãos que sofreram no primeiro século da Igreja cristã. Profeticamente falando, isso aponta para os cristãos que sofrerão sob o Anticristo: Eles são os "santos" do Apocalipse. (C. 8.3, 4; 11.18; 13.7; 14.12; 15.3; 16.6;17.6; 18.24; 19.8; 20.9), etc.

7. **"E o anjo me disse: Por que te admira? Eu te direi o mistério da mulher, e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres".**

I. "...Por que te admira?". Já tivemos ocasião de mencionar Babilônia como sendo um novo "sistema" à se levantar nos últimos dias. A cidade de Babilônia nasceu quando Ninrode (cujo nome significa "nós nos revoltaremos" ou "rebelde"), edificou a cidade na Planície de Sinear, com o objetivo de construir seu império (Gn 10.8-10). Assim Babilônia se tornou a primeira potência mundial.

1. Sete cabeças e dez chifres. Nos versículos 9 e 12 deste capítulo, o anjo celestial faz a interpretação par o Apóstolo dizendo: "...As sete cabeças são sete monte, sobre os quais a mulher está assentada.... e os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino...". Isso significa, segundo se depreende da visão de Daniel (7.240 que durante o período da Grande Tribulação, "se levantarão dez reis" dentro dos limites do antigo império romano. São eles as 'dez pontas" que João contempla na cabeça da Besta que subiu do mar (Ap 13.1). Eles serão dez agente de Satanás, que ajudarão ao Anticristo, em sua política sombria pela conquista do mundo (17.13). Alguns deles (3) receberão poder apenas por "uma hora"; depois cairão e só sete permanecerão (Dn 7.8; Ap 17.12).

8. **"A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá".**

I. "...foi e já não é". Há uma corrente de comentaristas, tanto do passado como do presente, que baseados em Ap 11.7 e 13.3 e o versículo que temos secção, defendem a posição da reencarnação de Nero. Para eles a expressão: "Foi e já não é", que se complementa na parte final com a frase: "mas que virá"; aludi à tradição de Nero redivivo. Nero "foi", mas morreu. Todavia, voltaria. Esta interpretação para nós não se harmoniza com a tese e argumento principal da Bíblia. Ela condena a reencarnação. Devemos ter em mente que João olhava para o futuro dos séculos (os dias do Anticristo) e depois lança retrospectivamente um olhar para par traz e, contempla o império romano de 455 d.C. a 754 a.C. Assim temos o antigo império romano como existiu na forma imperial até os dias de João, e até sua destruição por Odoacro rei dos Hérulos.

1. Mas que virá. Isso fala do novo ressurgimento do império romano na pessoa do Anticristo (13.3). Ele ressurgirá do "abismo" (literalmente falando: do caos político); e (espiritualmente falando: da inspiração de Satanás, o dragão); mas "irá a perdição". Seu destino final será a perdição: o lago de fogo (20.10). Essa "perdição" será física e terrena e também eterna. Judas Iscariotes foi chamado também um "filho da perdição". Tal expressão é empregada em outras passagens do Novo Testamento, somente para indicar Judas e o Anticristo (Jo 17.12 e 2Ts 2.3). Ambos após serem derrotados (um já sendo passado) irão a seu próprio 'lugar" (At 1.25; Ap 17.19; 20; 20.10).

9. **"Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes sobre os quais a mulher está assentada".**

I. "...As sete cabeças são sete montes". Todos sabem a quem esta passagem se refere: geograficamente. É a Roma. Simbolicamente, porém, ela diz respeito a os "sete sistemas de governo" que existiu neste império (v.10). A cidade de Roma é das mais antigas da península Itálica, está edificada "sobre sete colinas", que o Apóstolo João chama de "sete montes". Nos dias do império estas montanhas eram denominadas de; (Aventino, Palatino, Célio, Esquilino, Vidimal, Quirinal e Capitólio). A cidade ficava à margem esquerda do rio Tibre, a 24 quilômetros da sua desembocadura no mar Tirreno, na costa ocidental da península. O seu fundador foi um habitante do Lácio (donde vem a palavra latino) chamado Rômulo que junto com Remo seu irmão fundou a cidade e o império em 754 a. C. ou segundo os cálculos astronômicos em 750 a. C. Mas tarde, Rômulo se desentendeu com Remo, e o matou em combate. No capítulo dois do profeta Daniel, esse poderoso império é contemplado nas "pernas de ferro" da estátua colossal do sonho do monarca Nabucodonosor.

10. **"E são também sete reis: cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo".**

I. "..sete reis: cinco já caíram". Isso aponta para cinco "sistemas" de governo que governaram esse império. O ponto de partida deve ter como base a fundação da realeza, que se deu em 754 (ou 750 a. C.).

1. Como todos sabem através da história o império romano em seu apogeu e glória, teve "cinco dinastias" formidáveis que sucessivamente governaram este império: de 754 a. C. a 455d. C:

(a) REIS: Compreende a dinastia dos sete primeiros reis: Rômulo, Numa Pompílio, Túlio Hostílio, Anco Márcio, Tarquino prísco, Sérgio Túlio e Tarquino, o Soberbo (de 754 a 510 a. C.).

(b) O SENADO: A realeza foi abolida e o governo foi conferido a dois cônsules, continuando o governo sob a regência do Senado (de 510 a 300 a.C.).

(c) A REPÚBLICA: Depois de 300 a. C. , o Senado foi abolido, e é estabelecida a republica romana (de 300 a 48 a.C.).

(d) O TRIUNVIRATO: Composto dos seguintes imperadores; Júlio César, Pompeu e Crasso (de 58 a 44 a.C.).

(e) TRIBUNAIS MILITARES: Composto por lépido, Antônio e Otávio (de 44 a 31 a.C.) Estas cinco dinastias já "caíram" afirma a palavra divina.

2. Existem outras passíveis interpretações como sejam; (a) De sete imperadores romano, cinco já "caíram" (podemos significar morte violenta) antes dos dias de João. Os cinco geralmente são relacionados como Júlio Cérsar, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. O sexto, segundo essa interpretação que reinava enquanto João escrevia o Apocalipse, era Domiciano; (b) Os cinco reinos que já "caíram" seriam: O Egito, A Assíria, A Babilônia, O Medo-Pérsa e a Grécia. E o sexto, seria o império romano.

3. Um existe. Refere-se ao sexto sistema de governo imperial, com sete dinastias, começando com Otávio (31 a.C.) até Rômulo Augusto, que reinou de 435 a 455 d.C. data em que Odoacro, reis dos hérulos, apoderou-se de Roma, terminando assim o império.

4. Outro ainda não é vindo. O contexto demonstrativo diz: "...e quando vier, convém que dure um pouco de tempo". Isso aponta diretamente para a figura do Anticristo; ele será o "oitavo", e é dos sete, isto é, ele dará forma a sétima dinastia começada por Honório, em 395 a 455 d. C. Assim o reino será o "sétimo", mas o Anticristo será o "oitavo". Embora a Besta seja distinta em caráter e obra, entretanto, continuará forma de reino da sétima cabeça (13.3).

11. **"E a besta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição".**

I. "...é ela também o oitavo". O Anticristo e seu reino terão a mesma sorte de Babel, a torre da confusão. Foi ali na planície de Sinear que Ninrode erigiu a torre. O nome "Babel". "Bab-el" (porta do céu ou de Deus), era o local de encontro para os pecadores sem lei. O Antigo Testamento mostra a queda tanto de Ninrode como da torre de Babel; como também de Babilônia, um estado de âmbito mundial. A Besta também cairá e também seu governo de trevas. Ela será o "oitavo", isto é, ela será a sucessora do antigo império caído, que será restaurado (curada); mas este império falido ressurgirá do abismo, e terá como seu governante a Besta que subiu do mar. Assim o reino será o sétimo, mas seu rei será o oitavo: o Anticristo.

12. **"E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis pr uma hora, juntamente com a besta".**

I. "...poder como reis por uma hora". Profeticamente falando, isso podia significar "um mês" composto de trinta dias (cf. Nm 14.34; Ez 4.6). Historicamente, porém, isso quer dizer "pouco tempo". De acordo com historiadores antigos, os "sátrapas", só recebiam o poder por "uma hora"; depois, o transferiam para o imperador como sinal de obediência e respeito. Profeticamente falando, a federação do Anticristo não poderá durar por muito tempo, porquanto a segunda vinda de Cristo logo porá fim a tudo. Os dez reis (dez chifres) farão uma "aliança" com a Besta, mas em seguida, a Besta afastará três destes monarcas (Dn 7.24). Na passagem de Daniel (7.7), o animal espantoso tinha "10 pontas" como tinha "10 dedos" os pés da estátua do capítulo 2. Isso, diz o profeta "significa dez reis que se levantarão" no tempo do fim (Dn 7.24). Eles não existiram nos dias do império romano; observe bem a frase: "se levantarão". O fato de os mesmos estarem em alinhamento como em alinhamento estavam os dez dedos da estátua, quer dizer; que esses reis escatológicos governarão ao mesmo tempo (Ap 17.12-13).

13. **"Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta".**

I. "...têm um mesmo intento". O Anticristo e seus agentes, "sentarão" a uma mesma mesa como faziam-no Antioco e Ptolomeu Filometor (Dn 11.27). Seja como for, a "meretriz", a "mulher", a saber, Babilônia (Roma), será alvo de ataque. Os dez reis confederados (depois três cairão) estarão em total acordo com o Anticristo, dando-lhe apoio em todas as suas aventuras. Eles seguirão o mesmo intento desta figura sombria, tanto na "destruição" das nações, como na "destruição" da grande Babilônia a "prostituta que se assenta sobre muitas águas". A atitude deste versículo faz-nos lembrar de Ez 16.37 que diz: "Eis que ajuntarei todos os teus amantes, com os quais te misturaste, como também todos os que amaste, com todos os que aborrecestes, e ajuntá-los-ei contra ti em redor, e descobrirei a tua nudez diante deles...". No relato de Ezequiel a sentença cai sobre Jerusalém; aqui, porém, sobre Babilônia. Todos eles, agiram impelidos pro Deus, embora disso não tenham consciência.

14. **"Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, eleitos e fiéis".**

I. "...o Cordeiro os vencerá". Naturalmente temos, neste ponto, uma alusão à batalha do Armagedom (amplamente comentada em 14.19-20; 16.16), que é a manifestação da "parousia" de Cristo. "O Senhor Jesus na qualidade de Cordeiro vencerá todo e qualquer pecado (Jo 1.29); na qualidade de Senhor é o soberano de todos, o magneto central do universo, em redor de quem tudo, eventualmente, se centralizará. Ele é o Senhor Moral e espiritual, o qual requer toda a lealdade humana. A narrativa da batalha entre o mal e o bem se refere aos céus, e, outras vezes, a terra. Porém, em cada caso, sempre são vencidas as arrogantes forças da iniqüidade. E agora, neste mundo, as forças do Cordeiro são vistas a vencer as forças da Besta".

1. Eleitos e fiéis. O termo aparece em outras partes do Novo Testamento, mas neste livro do Apocalipse é a ocorrência desta expressão; são os "escolhidos para a eleição". Foram destacados dentre os homens, feitos fiéis pela eleição de Deus (Ef 1.4); quanto à "eleição" eles são também os "fiéis", os que dão toda a lealdade a Cristo. Profeticamente falando, serão os que se recusarem a participar da adoração à Besta.

15. **"E disse-me: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas".**

I. "...As águas que viste". Diz o anjo intérprete: "..significa "povos, e multidões, e nações, e línguas". Nisso pode existir uma paródia blasfêmia contra Deus, conforme depreendemos do salmo 29, 3 e 10: "A voz do Senhor ouve-se sobre as águas; o Deus da glória troveja; o Senhor está sobre as muitas águas"(...) "O Senhor se assentou sobre o dilúvio...". O simbolismo do presente texto, é bastante usado no antigo Testamento e em

passagens de o Novo" (Sl 18.4, 16; 124.14; Is 8.7; Lc 21.25; Ap 17.15). Durante o reinado cruel da Besta estas águas representam o estado de depressão os habitantes da terra (Lc 21.25; Tg 1.6). Portanto, é evidente que, num consenso geral, a extensão da autoridade da Besta, geograficamente, é grande, ela alcançará o mundo (Ap 13.16). O leitor deve observar que em vários lugares do Apocalipse há tais "enumerações", incluindo totalidade ou universalidade. O governo romano era universal. O governo do Anticristo também será universal (cf. 13.4).

16. **"E os dez chifres que viste na besta são os que aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo".**

I. "...e a porão desolada e nua". A linguagem de João diz o Dr. G. Eldon Ladd indica que a antes orgulhosa cidade fica totalmente destruída, em ruínas. Eles a deixarão "desolada e nua", isto é, a despirão dos seus adornos bonitos. "E comerão a sua carne"; figura tirada da ferocidade de animais selvagens, simbolizando na linguagem do Antigo Testamento e destruição dos homens entre si (Sl 27.2; Jr 10.25; Mq 3.3; Sf 3.3). O intento do Anticristo e seus aliados no que diz respeito à "meretriz" é unicamente "despoja-la" de riquezas, e, conseqüentemente, deixa-la "desolada e nua". O Anticristo auxiliado pelos dez reis reduzirá a imponente cidade e o sistema a nada. Isso é o que ela representa diante dos olhos de Deus: "NADA" (Is 40.17).

1. Devemos ter em mente que não só a sua glória será aniquilada, mas sua carne será devorada. Essa é uma alusão aos "corvos". Os exércitos invasores eram acompanhados por corvos que participavam da carnificina. Metaforicamente, João indica que a destruição da prostituta será total. Será reduzida a nada. A expressão "comerão sua carne" também implica a extensão da ira e brutalidade do Anticristo e seus aliados. Hão de derrotar a prostituta, sem limitações e sem mitigarem a sua ira.

17. **"Porque Deus tem posto em seus corações que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus".**

I. "...Deus tem posto em seus corações". A presente passagem nos leva a pensar em 2Ts 2.11, onde Paulo, o Apóstolo, escreve dizendo: "E por isso (por seus pecados) Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira". O erro da grande meretriz será retribuído por um erro maior – sua destruição partirá de dentro de sues próprio súditos. Ela sorverá o seu próprio veneno. Por permissão do próprio Deus, os dez reis, de acordo e conjuntamente, darão à Besta o reino que possuem. Então o Anticristo será o governador mundial, adorado (bem como sua imagem) como se fora Deus (2Ts 2.4) É a forma final e mais grave da "religião", até que se cumpra a palavra de Deus. Aqui se inicia, realmente, a grande Babilônia-política, quando a Besta for o único deus, até que termine a era dos gentios, o que se dará com a vinda gloriosa de Cristo com poder e grande glória. A Babilônia do passado, trouxe grande aflição sobre o povo de Deus, Israel. No

devido tempo, sobre ela caiu a ira de Deus. Assim será com a Babilônia política e a Babilônia-cidade do Anticristo.

18. **“E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra”.**

I. “...a grande cidade”. Jerusalém é também chamada, no campo profético, de “grande cidade” (11.8). Mas a do presente texto, que também se denomina de “grande cidade”, é Roma. Ela é grande tanto em poder secular como em maldade! O prof. W. G. Moorehad, diz dela o que segue: “a grande cidade cavalga ou procura cavalgar o poder universal para sujeitar a si toda a autoridade e governo. A mulher do deserto (v.3) é intolerável perseguidora”. O texto em foco diz: “A mulher que viste é a grande cidades”. Uma cidade nunca só. Alguém o faz por ela. Depois de ter destruído a Babilônia religiosa (a mulher), o Anticristo, completamente possuído pelo dragão, voltar-se-á para grande Babilônia comercial descrita no capítulo 18 deste livro. devemos observar que sempre esta cidade e seu sistema são chamados de “grande”. Ela é assim chamada devido à sua autoridade sobre a terra inteira, devido aos seus poderosos exércitos. Grande por ser riquíssima. Grande nas suas abominações e maldades. Desta maneira, ela, através dos séculos, é vista dominando os “reis da terra”, e reinando sobre eles.

Capítulo XVIII

1. **“E DEPOIS destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória”.**

I. “...depois destas coisas”. Nos capítulos 14 a 16, João se encontrava no céu, nesta visão, entretanto, ele está na terra e contempla com grande expectativa a queda da grande Babilônia expectativa a queda da grande Babilônia. A “Grande Babilônia” a ser julgada nesta secção determinado pelo clamor do elevado poder angelical, não se refere à antiga cidade que serviu como capital durante o reino babilônico (Dn 4.30), mas um “sistema” político-comercial que existirá durante o reinado cruel da Besta (13.17). A identidade comercial da Besta (mão direita) terá sua utilidade dentro deste confuso poder. Nos textos e contextos que focalizam a condenação da Grande Babilônia, o Espírito de Deus dá ênfase chamando-a: uma vez a grande prostituta (17.1), duas vezes a prostituta (15-16), uma vez a mãe das prostituições (v.5), e seis vezes, a mulher (vs. 3, 4, 6, 7, 9, 18). Literalmente falando, a cidade de Babilônia é citada cerca de 260 vezes na Bíblia, 27 vezes em uma só profecia (Jr capítulo 50 e 21). O profeta Isaías diz que a queda deste grande poder, terá lugar, no “dia do Senhor” (Is 13.13). O anjo anuncia este grande juízo sobre a imponente cidade, e, neste capítulo, o segundo anjo (v. 21) anuncia com grande poder a consumação do mesmo.

2. **“E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível”.**

I. “...Caiu, caiu Babilônia”. Esta queda da grande Babilônia já tinha sido antecipada no capítulo 14.8, e conseqüentemente trará lamentações sobre a terra (v.10) e jubilo no céu (v.20). Zacarias foi um dos profetas do Antigo Testamento que prediz o retorno do novo babilonismo. “A significação figurada da passagem de Zacarias 5.5-11 pode ser expressa desta maneira: A “mulher” é interpretada como sendo a “impiedade” (v. 8). Ela tenta fugir da prisão, mas o anjo, mais forte que ela, joga-a de volta ao efa. Os verbos deixam entrever que houve luta; o poder do mal deve ser levado a sério. No presente texto e nos que se seguem, Babilônia é também subjugada pelo anjo do Senhor”. O sentido profundo deste sistema, como está declarado aqui, é importante como imediatamente o contexto mostra; é só notar a significação do nome quando empregado simbolicamente.

1. “Babilônia é a forma grega. No hebraico do Antigo Testamento a palavra é simplesmente Babel, cujo sentido é “confusão”. Neste sentido é empregado simbolicamente. Nos escritos dos profetas do Antigo Testamento, a palavra “Babilônia” quando não se refere à cidade, no sentido literal, é empregada relativamente ao estado de “confusão” em que tem caído a ordem social. Is 13.4 dá a visão, do ponto de vista divino da confusão que este poder gentílico, denominado de “Babilônia” ou “confusão” tem causado no mundo. Em Passagens de Isaías podemos notar a Babilônia política, literalmente, em seu apogeu e glória, no que diz respeito à cidade do rio Eufrates então existente, e figuradamente com referência aos tempos dos gentios durante a Grande Tribulação”.

3. **“Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com abundância de suas delícias”.**

I. “...todas as nações beberam do vinho”. O que diz o presente texto é realmente o que aconteceu no antigo império babilônico: o orgulho e a devassidão foram a causa primordial da sua queda. Daniel nos informa que na noite da invasão Medo-Persa sobre a cidade de Babilônia, todos os grandes do império se encontravam embriagados e em extrema orgia (Dn capítulo 5). Ao perceberem o exército invasor nada puderam fazer em defesa de si. Eis aí uma das causas que contribuíram para que sua queda se desse “...num momento” (Jr 51.8). Na Babilônia comercial, descrita neste capítulo, as mesmas coisas do passado serão praticadas no que diz respeito à vida dissoluta: “prostituição”, “comércio desonesto”, ‘delícias”; mas sempre foram e serão atração vivida para o juízo de Deus.

1. Suas delícias. A palavra traduzida “delícia” (IBB) significa na realidade “luxúria”, ou “devassidão”. A (BLH) traduz este versículo da seguinte maneira: “...e os homens de negócios se enriquecerão à custa da sua corrupção”. Assim a palavra “luxúria” (do grego

strenos), dá idéia de auto-indulgência e devassidão, usando do poder (como uma máquina controladora) de maneira arrogante e mal-intencionada.

4. **“E ouvi outra voz do céu que dizia: Sai dela, povo meu, par que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas”.**

I. “...outra voz”. O texto me foco, fala de “outra voz”. A voz ouvida nesta passagem não é a voz do “outro anjo” que se ouviu no versículo dois deste capítulo. Mas, evidentemente, é a poderosa “voz de Cristo” como eterno Salvador (cf. Is 48.20; Jr 51.6). O Dr. C. I. Scofiled declara o que segue: “Neste meio corrupto e duvidoso ainda há alguém que Deus pode chamar “povo meu”, e a estes vem da parte do Senhor a advertência solene: “Sai dela”. Durante todos os séculos esta advertência tem despertado os crentes sinceros, para não se corromperem com “associações duvidosas”. Podemos observar que o Apóstolo João descrevendo, baseado nas informações que lhe eram dadas nas sete visões, sobre a queda de Babilônia: Roma pagã (historicamente falando), bem como a queda do Anticristo (profeticamente falando): o que significará, final, a queda de todos os poderes terrenos e malignos, quando do segundo advento de Cristo.” Agora a voz do meigo Salvador convida seus “eleitos” a saíram apressadamente, antes de serem apanhados pela catástrofe iminente que cairá sobre este falso poder.

5. **“Porque já os seus pecados e acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniqüidades dela”.**

I. “...seus pecados se acumularam até ao céu’. Várias cidades do passado foram semelhantemente denunciadas da mesma maneira: “...a sua malícia subiu até mim” (Nínive). Jn 1.2; “...e tu, Capernaum, que te ergues até aos céus” (Capernaum). Mt 11.23. Nesta secção, porém, o pecado da grande Babilônia é visto “se acumulando até ao céu”. Isso significa que o pecado concebido, nasceu, cresceu e, estando na sua fase de amadurecimento, tem tocado nos céus. O profeta Jeremias segue um paralelismo semelhante a este, em seu livro (Jr 51.9).

1. O julgamento de Babilônia atinge os céus, sendo elevado ao firmamento. O Dr. R. N. Champrin, Ph, D. , define essa forma de pecado que se eleva: “(a) O mau cheiro que sobe na terra, conforme já mencionado; (b) A idéia de adicionar novos pedaços de papiro ou pergaminhos a um rolo, até que se forme um volume imenso. Qualquer dessas idéias nos fornece um indício de como o pecado pode acumular-se, produzindo, necessariamente, o julgamento divino contra isso”.

6. **“Tornai-lhe a dar como ela voz tem dado, e retribuí-lo em dobro conforme as suas obras: no cálice em que vos deu de beber dai-lhe a ela em dobro”.**

I. "...tornai-lhe a dar como ela vos tem dado". Nos capítulos 17 a 18 do Apocalipse, Babilônia reaparece em sentido duplo em cada secção: a primeira é vista do ponto de visita político e religioso; enquanto que a segunda é contemplada do ponto de vista literal e comercial. Por 8 vezes neste capítulo se usa o pronome ("ela") para designar uma cidade literal (vs. 6, 7, 9, 11, 20). "Babilônia" é o plural de "Babel". Babel significa confusão. É provável que a sede do sistema religioso da meretriz seja Roma. A cidade de Jerusalém foi chamada "espiritualmente" de Sodoma e Egito (11.8), assim Roma pode ser "espiritualmente" Babilônia religiosa, pelo poder político do Anticristo em conjunto com os dez reis confederados; enquanto que a do texto em foco, que é a comercial e literal, pode supremo poder de Deus. No capítulo 17.3, Babilônia está "...assentada sobre uma besta", enquanto que aqui (v.7), ela está "...assentada como rainha". Ela agora sendo julgada pela sentença divina: "...retribuí-lhe em dobro".

7. **"Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto; porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto".**

I. "...não sou viúva". A imponente cidade vista neste capítulo, se glória como o "nécio no seu coração". Ele diz: "Não há Deus" (Sl 14.1). Ela diz: "Não sou viúva". A cegueira física pode ser causada pela falta de vitamina ("A") no organismo humano, porém, os olhos espirituais, sempre são cegados pelo orgulho. A grande cidade do pecado se gloriava, pois dizia no seu coração: "Não sou viúva". O Dr. Lang observa que até mesmo agora, tão insuspeitamente segura ela se sente, que não percebe os sinais dos tempos. Ela se sente "rainha" (esposa de um monarca). Em Isaías ela declara: "Eu serei senhora para sempre" (Is 47.7), e acrescenta: "Viúva não sou". Uma viúva, no sentido lato, é alguém abandonada (cf. (s 47.7-9). Mas também não era mais do ponto divino de observação uma "noiva" ou "esposa", mas apenas uma "poliandra". O primeiro item deste versículo diz que ela se "glorificou". O padrão cristão permite que gloriemos exclusivamente no Senhor, pois a autoglorificação é, na realidade, uma forma de idolatria própria.

8. **"Portanto, num dia virão as pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga".**

I. "...num dia virão as suas pragas". A sentença do passado sobre a Babilônia imperial será revivida aqui: a primeira se tornou em montões de ruínas, e, como sabemos, hoje essas ruínas estão expostas como admoestações. "As ruínas da antiga Babilônia, outrora chamada "a grande", começam a seis quilômetros e meio acima da aldeia de Hillah, e estendem-se a cinco quilômetros e meio para noroeste. A os três montões principais, os árabes dão o nome de Babil Kasr e Amram; estão no oriente do rio, e, em uma secção da antiga cidade, que num período remoto tinha a forma triangular, limitada pelo rio e por muros".

1. A queda da Babilônia espiritual (Roma) é certa por causa do poder de Deus; é o Senhor quem castiga. ("...minha é a vingança; ou recompensarei, diz o Senhor"). Ele é o verdadeiro soberano e não ela. Deus é quem julga. Ele é o verdadeiro objeto de adoração e não o Anticristo. Deus é o Todo-poderoso. Agora neste juízo presente, ela será "queimada no fogo", e assim se transformará em "um monte de incêndio" (cf. Jr 51.25).

9. **"E os reis da terra, que se prostituíram com ela, e viveram em delícias, a chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem o fumo do seu incêndio".**

I. "...a chorarão". A começar por este versículo, temos a segunda secção natural do capítulo que é o lamento das nações por causa da queda de Babilônia. "Mas, porque essas pessoas estão tristes? A tristeza na verdade não é por Roma; trata-se de puro egoísmo de sua parte. Os reis da terra lamentam apenas que seu parceiro de prostituição tenha desaparecido...".

1. Observemos três grupos de magnatas lamentando sua perda na queda deste sistema: incluindo a cidade e o sistema (a) os "reis da terra". Versículos 9 e 10; (b) Os "mercadores". Versículo 11 e ss; (c) os "capitães e marinheiros". Versículos 17 a 19. Mas, finalmente os "Céus", os santos Apóstolos e profetas; a Igreja, incluindo os mártires, sem qualquer dúvida, se regozijarão sobre sua queda, portanto a Justiça terá sido feita. A descrição que se segue na passagem de Ez 26. a 28 é paralela a que está em foco: os reis (26.15-18), os negociantes (27.36), os marinheiros (27.29-36) se lamentam ante a queda de Tiro. As Escrituras são proféticas e se combinam entre si, em cada detalhe.

10. **"Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! pois numa hora veio o seu juízo".**

I. "...numa hora veio o seu juízo". A primeira proclamação sobre Babilônia feita pelo anjo: "Caiu, caiu a grande Babilônia", é abonada pelos tempos aoristos no grego hodierno (epesen, epesen, "caiu, caiu") representam a ação como completa. A queda da Babilônia da Caldéia foi vaticinada 51 vezes só numa profecia! (Jr capítulo 50 a 51), e, segundo este vaticínio, houve um grande pranto aqueles que tiraram proveito de tudo que era seu (Is capítulo 47; j 51.8). Aqui o quadro é o mesmo: os reis da terra se porão de longe "...pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande Babilônia".

1. Estando de longe: porque? Literalmente falando, se houvesse um incêndio de grande proporções em Roma (a sede da grande Babilônia espiritual), da costa do mar Mediterrâneo, daria para se ver o fumegar da cidade. Acreditamos que o versículo desta secção, tenha, em sentido literal, este sentido. O grito de tristeza descrito, resulta do temor mesclado com egoísmo; os lamentadores se lembram, com desprazer, de mistura com o terror da vida voluptuosa, dos lucros imediatos e grandes, mas agora, tudo ruína!.

11. **“E sobre ela choram e lamentam os mercadores da terra; porque ninguém mais compra as suas mercadorias!”.**

I. “...os mercadores da terra”. O presente versículo, nos faz lembrar o profeta Ezequiel, quando vaticinou por expressa ordem de Deus, a queda de Tiro (Ez 28.12 e ss). O profeta, inspirado por Deus, descreve nesta grande profecia tanto a queda da cidade, como, de um modo particular, a queda de seu monarca: “espiritualmente falando). Satanás e literalmente, o rei Itobal II. G. R. B. Murray diz que o príncipe de Tiro (Itobal II) é invocado aqui como representante da cidade, e que nos versículos 25-27 do capítulo 27, é retratada a imagem central da profecia; Aí, o “ótimo navio que é Tiro naufragou e toda a sua tripulação perece”. A profecia fala também do “vento oriental” (cf. Sl 48.7; Ez 27.26); mas talvez seja uma alusão à Babilônia. Os versículos 29 a 43 descrevem a lamentação dos marinheiros em vista da perda de Tiro. Nesta secção, do Apocalipse, aparecem novamente ‘...os mercadores da terra” lamentando incessantemente a queda “da grande Babilônia”.

12. **“Mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de sede, de escarlata; e toa a madeira odorífera, e todo o vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore”.**

I. “...ouro, e de prata, e de pedras’. Um fato curioso deve ser observado nos versículos (12 e 13); cerca de 28 mercadorias de luxo são aqui, enumeradas, e que 23 são substâncias inanimadas, que começa com “ouro” e termina com “trigo”; a seguir, vêm “cavalgadura, e ovelha... e cavalos”; depois vêm novamente objetos inanimados (carros), e finalmente a lista termina com “corpos... e almas de homens”.

1. O Dr. Dr. Lockyer, Sr comenta o que segue: “A classificação em sete partes dos artigos comerciados neste armazém do mundo pode ser categorizada assim: (a) Coisas de valor e ornamentação: ouro, prata, pedras preciosas e pérolas; (b) Vestimentas caras: linho fino, púrpura, sede e escarlata; (c) Mobília suntuosa; vasos manufaturados de madeira preciosa, marfim e metais. Talvez a madeira odorífera seja a árvore cheirosa de Cirene, usada para incenso; (d) Perfume caros; canela, incenso e óleo; (e) Vida abundante: vinho, azeite, farinha, trigo, animais, ovelhas; (f) Desfiles triunfais: cavalos e carros; (g) Tráfico infamante: escravos, corpos e almas de homens”.

13. **“E cinamomo, e amomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgaduras e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens”.**

I. “...corpos e de almas de homens”. A grande lista de mercadorias continua nesta secção trazidas pelos mercadores à cidade, depois de cavalos e carros, e numa progressão habilmente ascendente, chega-se a Sôma kai psyché anthopôn, que traduzido classicamente exprime por “corpos e almas dos homens”, que outros traduzam: “escravos

e cativos". A Babel do passado, também tinha o mesmo alvo: Ninrode, o poderoso caçador, foi seu primeiro rei. Deste monarca está dito na poesia: "Ninrode, poderoso caçador de alma em oposição à face do Senhor" (Gn 10.9). A grande Babel (Babilônia) escatológica, terá em poderoso "caçador de almas em oposição a Deus". Será ele, sem dúvida, a figura sombria do Anticristo. Ele controlará com seu poder e habilidade, o mundo político e comercial. O autor sagrado frisa esse mal, declarando mais elaboradamente o seu modo de ser.

14. **"E o fruto do desejo da tua alma foi-se de ti; e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás".**

I. "...não mais as acharás". A grande Babilônia (Roma) buscou fervidamente uma colheita para a vida física. Olvidou a colheita piedosa da alma. Há uma colheita boa e outra má beneficente e outra deprimente. Ela teve a má sorte de escolher a última e, por isso, "o desejo da... alma foi-se...". Ela ouvirá o "...não mais" do Senhor e do expectadores! Uma boa tradução para o grego e depois vertido para o significado do pensamento, que é muito enfático; onde aparecer o "...jamais" (v.21), poderíamos traduzir o negativo absoluto; "...nunca, nunca, sob condição alguma...". O Apóstolo João visualizou tanta a súbita quanto a total destruição da cidade e do sistema. Profeticamente falando, na pessoa do Anticristo e sua federação de dez reinos, isso terá lugar, quando da "parousia" (segundo advento) de Cristo para reinar neste mundo com poder e glória.

15. **"Os mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando e lamentando".**

I. "...estarão de longe". Sempre quem segue de "longe" está possuído de "medo". O apóstolo Pedro, seguidor de Cristo, na noite em que Jesus fora preso, pelo temor de ser preso e morto, seguia-o "de longe" (Mt 26.58). O "medo" realmente faz fugir. Juntando-se as lamentações dos monarcas, mercadores e músicos, temos uma visão do terror do juízo da Babilônia. Os "ais" duplos dos: reis, mercadores e marinheiros se combinam entre si em cada detalhe; "...numa hora veio o seu juízo" (reis); "...numa hora foram assoladas tantas riquezas" (mercadores); "...numa hora foi assolada" (marinheiros); mas todos "de longe" (vs 10, 16, 19). O castigo sobre Babilônia, além de choro e lamento causou também medo. Por isso os reis da terra, os mercadores e quantos labutam no mar conservam-se de longe, a fim de que não fossem apanhados no vértice destruidor. Porquanto, a grande cidade seria deixada a sofrer sozinha. Nenhuma amiga sairia em seu socorro, porquanto a mão julgadora do Senhor caíra inexoravelmente sobre ela.

16. **"E dizendo: Ai, ai daquela grande cidade! que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata; e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Numa hora foram assoladas tantas riquezas".**

I. "...vestida de linho, etc". No capítulo 17.4 deste livro, observamos que a "mulher" é que está vestida assim. O Dr. W. G. Moorehead observa esta particularidade tanto na "mulher" vista no capítulo anterior como na "grande cidade", descrita aqui; em ambos os casos, uma e outra são contempladas como estando "vestidas" e "adornadas". A "mulher' e a "cidade" são vistas pouco antes de sua condenação. Ela está trajando púrpura e muito bem adornada com ouro e pedras preciosas, demonstrando-se grandemente atraente em sua aparência falsa. Por diversas vezes encontramos neste capítulo expressões similares, como "grande cidade", etc. Tal sistema é chamado de "grande Babilônia" para diferencia-lo da Babilônia de Nabucodonosor, conhecida como "Babilônia, a Grande".

1. A descrição é de Roma (Babilônia). "Babilônia", a grande, em Ap 17.5; "aquela grande cidade", em Ap 17.18; "aquela poderosa cidade", em Ap 18.10. Está em foco, é evidente, a cidade de Roma, que no passado foi capital do então conhecido império romano, mas esse grande sistema denominado "grande Babilônia" está incluído nela.

17. **"E todo ò piloto, e todo o que navega em naus, e todo o marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe".**

I. "...todo o que navega em naus". Essa passagem reflete a importância da grande cidade, sobretudo no campo do comércio do levante. Plínio fala disso em sua História Natural. "Os negociantes e reis têm seus lamentos agora adicionados pelos lamentos dos homens do mar, aqueles cujas riquezas estavam vinculadas aos navios e ao comércio marítimo. Eles também se postarão "de longe", o que agora é dito pela terceira vez (vs. 10, 15, 17)". A lamentação do presente texto pode ter também um sentido literal. A cidade em referência, aqui, é Roma. "O Tevere não é, praticamente, negável. Os portos mais próximos de Roma estão no Mediterrâneo, olhando para a Córsega ambas não internacionais: Civitavecchia, a 90 quilômetros, e Ostia, apenas a 24. Se mostram, talvez se veja a fumaceira da cidade".

18. **"E, vendo o fumo do seu incêndio, clamaram, dizendo: Que cidade é semelhante a esta grande cidade?".**

I. "...que cidade é semelhante a esta?". Das 9 perguntas que este livro contém, esta é a mais angustiosa (5.2; 10, 17; 7.13; 13.4; 15.4; 17.7; 18.18). Depois da segunda grande guerra mundial (1939-1945). Já houve uma "lamentação" semelhante a esta, como bem descreve Hough: "O tesouro transitório: os homens contemplam os montes de Berlim; e pensam em todo o pomposo esplendor daquela cidade, viam as evidências perceptíveis da qualidade transitória do material dos tesouros humanos. Não apenas linho fino, púrpura e escarlata, mas tudo quanto essas coisas significam no terreno da magnificência visível pertencendo a uma riqueza que, após difícil obtenção, pode prontamente ser destruída". A pergunta feita pelos grandes da terra sobre Babilônia: quem é semelhante pode-se comparar com uma jactância similar acerca da Besta que subiu do mar, em Ap 13.4:

"Quem é semelhante à Besta? quem poderá batalhar contra ela?". Mas, a despeito de parecer incomparável, tal como a grande Babilônia, cairá num só dia.

19. **"E lançaram pó sobre as suas cabeças, e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai, ai daquela grande cidade! na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência; porque numa hora foi assolada".**

I. "...e clamaram, chorando". Os poderosos da terra choram e lamentam pela grande perda daquilo que era precioso aos seus olhos – olhos do pecado. A grande cidade, além do poderio político e religioso, se assentava como "rainha" no epicentro de "sua opulência". Isso demonstram seus "grandes tesouros". Mas seus tesouros eram todos terrenos e transitórios, pelo que, finalmente falharam (Mt 6.19; 2Co 4.18). No presente texto, vemos os homens lamentando as coisas erradas, mas também buscando as coisas erradas. As coisas terrenas têm o seu "uma hora" de julgamento, que pode pôr fim a seu breve período de existência. O versículo em foco também nos mostra uma estranha manifestação: pó sobre as cabeças, não pólo próprio pecado, buscando arrependimento, mas por causa da cidade na qual se enriqueceram; e repisam o estribilho: "...porque numa hora". Tristeza na terra! Alegria no céu! Tudo termina acaba!

20. **"Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela".**

I. "...apóstolos e profetas". Nesta secção temos os "...santos Apóstolos e Profetas" de toda a História da Igreja Universal. O primeiro regozijo é feito pelos Apóstolos, em razão de serem estes os "cabeças" e "pais" da Igreja na presente dispensação da Graça (cf. Ef 2.20; 4.11); a seguir vêm os profetas; podemos deduzir que se refere tanto aos profetas do Antigo como do Novo Testamentos. Eles são os representantes aqui na terra, tanto da lei como das profecias. O pensamento de João, nesta passagem, é também interpretado por Carpenter, da seguinte forma: "João expõe aqui a confirmação moral da justiça da queda de Babilônia (Roma escatológica). A moralidade universal será satisfeita. Todos os homens são reputados moralmente responsáveis pelo que fazem e pelo que são. Assim fazem todos os santos, na terra ou nos céus regozijando-se quando qualquer gigante da maldade é derrubado".

21. **"E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-se no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada".**

I. "...levantou uma pedra como uma grande mó". O anjo forte, com seu ato de arrojar a grande pedra, mostrou que Babilônia (Roma) haveria de cair violentamente, em súbita destruição. A pedra de moinho (em grego, millos onikos) aqui em foco,

provavelmente deve ser aquela que somente os animais podiam fazer girar (Mc 9.42). Não era pedra pequena, que as mulheres faziam girar, para trabalhos leves (cf. Mt 24.41). Por ser bastante grande, e conseqüentemente, pesada, afundará rapidamente. Isso significa a repentina queda de Babilônia. Tudo isso nos faz lembrar da velha cidade do rio Eufrates, quando Deus ordenou ao profeta Jeremias que atasse o livro encerrava as profecias sobre "Babilônia", e o atasse sobre uma grande pedra, e a lançasse no rio Eufrates dizendo: "Assim será afundada babilônia, e não se levantará..." (Jr 51.62-63). A Babilônia escatológica será afundada no inferno, e lá ficará por toda eternidade. Lembremos: todos os fatos e acontecimentos narrados neste capítulo dar-se-ão no fim da presente era, perto do dia do Senhor. É profecia!

22. **"E em ti não se ouvirá mais a voz de harpistas, e de músicos, e de frauteiros e de trombeteiros, e nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti; e ruído de mó em ti se não ouvirá mais".**

I. "...frauteiros". Devemos ter em mente que este é o único item novo nesta secção. O Dr. R. N. Champrin, observa que esta expressão, só ocorre aqui e em Mt9.23, em todo o Novo Testamento. Os tocadores de flautas tinham posições privilegiadas na sociedade, especialmente no que tange ao entretenimento nos banquetes, festas e orgias, festividades religiosas e funerais. O silêncio dos moinhos na simbologia profética era sinal de desolação. O profeta Jeremias, descreve isso muito bem em seu livro: "Farei perecer entre eles a voz de folguedo, e a voz de alegria, a voz do esposo, e a voz da esposa, o som das mós..." (Jr 25.10). Isso tem tido seu cumprimento no passado, cumprir-se-á também no futuro: Tudo emudecerá. Porque nela (Babilônia) se achou o sangue de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra. por isso a sentença divina conclama: "Como Babilônia fez cair transpassados os de Israel assim em Babilônia (a futura) cairão traspassados os de toda a terra" (Jr 51.49).

23. **"E luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias".**

I. "...pelas tuas feitiçarias". Os versículos (2 e 23) deste capítulo, nos mostram a grande personificação de um dos poderes do mal dentro deste "sistema" denominado "grande Babilônia". Cremos que o espiritismo em todas as suas formas de expressão é um dos avanços das forças do mal deste misterioso poder. A palavra "feitiçaria" no grego é "pharmakeia", inclui, em sentido geral, também toda "magia". Ambas fazem parte da lista de vícios, em Gl 5.20. São obras da carne, e como tais serão queimadas pelo juízo do fogo de Deus. Atualmente todos sabem que o ocultismo está em franca ascendência, pois as pessoas de vidas vazias, sem Deus, andam insatisfeitas com a religião que professam, destituída de autêntico poder espiritual. Esse levantamento do ocultismo continuará aumentando, até atingir proporções sinistras. Mas chegará o dia, quando Deus findará com

todo e qualquer poder falso; em que os homens serão transformados segundo a imagem de Cristo.

24. **“E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra”.**

I. “...se achou o sangue”. Segundo os Anais da História, nenhuma outra cidade no mundo derramou mais sangue de seres humanos do que a Roma Imperial. Agora porém, o sangue derramado violentamente clama desde a terra até que seja aplacado pelo castigo dos assassinos. “Deus puniu a Caim quando este derramou sem causa sangue de seu irmão (Gn 4.10-16; Mt 23.33). A vingança de Deus, embora terrível, será absolutamente necessária, neste mundo em que vivemos. Não se pode permitir que o mal tenha curso, que fique sem castigo...”. Segundo o profetas Isaías, a grande babilônia cairia “no dia do Senhor” (Is 13.13). Certamente há alusão a acontecimentos que seguirão a batalha do Armagedom, os quais farão parte dos estágios finais daquele grande evento. Babilônia é denominada de “A Grande”, mas chegará o seu dia em que sua glória terá fim, julgada por aquele que é maior do que todos!

Capítulo XIX

1. **“E, DEPOIS destas coisas, ouvi no céu como uma grande multidão, que dizia: Aleluia, Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor nosso Deus”.**

I. “...depois destas coisas”. O presente capítulo, reassume o quadro cronológico do futuro, a partir do ponto que foi deixado no capítulo 16.16 deste livro. após tantos acontecimentos sombrios observados nos capítulo anteriores, agora, os céus se manifestam com um brado de “Aleluia”.

1. A palavra “aleluia” (jalai jah) é uma transliteração da expressão hebraica litúrgica: hallel~u-yâh = “louvai vós Yah”, forma abreviada de Yahweh: “Louvai ao Senhor”. A palavra “Aleluia” está também associada com o nome pessoal de Deus, como pode bem ser contemplado no Salmo 68.4, onde o nome de Deus é citado em conexão com o louvor. O vocábulo, “Aleluia”, tem o sufixo “jah”, e significa “Louvai ao Senhor”. No Novo Testamento, esta forma – Aleluia – aparece quatro vezes, e, todas, somente neste capítulo. A forma “Louvor ao Senhor” é muito freqüente nos Salmos: (106, 112, 113, 117, 135, 148, e 150). Os rabinos ensinam que os salmos 113 e 118 (chamados também de “O Louvor”), são parte da educação escolar primária de todo menino hebreu.

2. O quinto versículo deste mesmo capítulo dá sua tradução grega: sim a palavra “Aleluia” é, na realidade, a mais breve de todas as doxologias.

2. **“Porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos”.**

I. “...julgou a grande prostituta”. A grande Babilônia ainda está em foco nesta secção: ela corrompeu com sua imoralidades, e espírito de embriagues e orgia todo o Império durante a sua existência (cf. Éster capítulo 1 e Daniel capítulo 5). Havia ali também exigência à idolatria do culto ao Imperador (ponto de vista histórico), e à idolatria da adoração ao anticristo (ponto de vista profético). Comparar com Ap 17.2, 3; 18.3, 5.

1. No presente capítulo existem duas palavras significativas: sendo que a primeira vem do mundo da redenção: “Salvação”, e, a segunda, do mundo moral: “Vingou” (vs. 1 e 2) Ambas mostram a justiça da parte daquele que disse: “Minha é a vingança, eu recompensarei, diz o Senhor” (Rm 12.19). Deus lembra-se do seu povo (salvação) porém não esqueceu dos seus inimigos (vingou) que há séculos vinham derramando sangue inocente “dos seus servos”. Será finalmente galardoado, se for sofrido por causa de fidelidade a Cristo: o sofrimento do cristão. Outrossim, nenhum sofrimento é final. A dor não escreve o último capítulo da História Humana.

3. **“E, outra vez disseram: Aleluia. E o fumo dela sobe para todo o sempre”.**

I. “...outra vez disseram: Aleluia”. O texto em foco descreve o segundo “Aleluia” pronunciado pela assembléia do Céu, por causa do que já aconteceu e do que está prestes a acontecer. “Esse louvor aborda particularmente a vingança de Deus (mas com justiça) contra homens ímpios e irracionais. A justiça precisa ser feita; e sê-lo-á, finalmente. Disso somos assegurados. O mundo se transformaria em caos, se não fora a operação desse princípio”. O leitor deste livro do Apocalipse deve observar como os juízos de Deus sempre mudam as coisas: É descrita aqui a fumaceira da ruína da cidade (capítulo 14.11 e 18.8, 18), ao invés de incenso. O fumo dela sobe para todo o sempre, é o que assegura a sentença divina. Todos sabem que, historicamente falando, está em foco a Roma pagã. Ela também foi queimada. Profeticamente falando, está em pauta o Anticristo e todo o seu poder mundial. Todos serão punidos por Deus. Ninguém escapará de suas mãos (Dt. 321.39). Todos perecerão sem misericórdia diante do terrível castigo, mas justo, enviado a eles.

4. **“E os vinte e quatro anciãos, e os quatro animais, prostraram-se e adoraram a Deus, assentado no trono, dizendo: Amém. Aleluia”.**

I. “...dizendo: Amém. Aleluia”. O leitor deve observar como este livro se harmoniza entre si em cada detalhe. Os “vinte e quatro anciãos, e os quatro animais” aparecem em quase todas as cenas do Apocalipse (4.4, 10; 5.5, 6, 8, 11, 14; 7.11, 13; 11.16; 14.3; 19.4), agora, porém, eles dão o “Amém”: final de sua missão, e não reaparecem mais, a não ser

quando nós os encontramos na Eternidade. No presente versículo eles são vistos a adorar a Deus. Isso já fora dito em Ap 4.10 e 7.11, onde devem ser consultadas as notas expositivas sobre esse assunto. Na primeira passagem, eles também lançaram suas coroas diante do Senhor. E isso significa que tudo quanto possuem, tudo o que são, em seu poder e autoridade, lhes fora dado pelo Cordeiro de Deus, para prestarem esse serviço eterno. O "Amém", final de sua missão, é também bastante significativo neste livro. A palavra "Amém" é usada nada menos de dez vezes neste livro, e nesta secção, foi: "Assim seja!". Além deste "Amém" do texto em foco, aparece também o terceiro "Aleluia" pronunciado no interior do céu, como um brado de confirmação.

5. **"E, saiu uma voz do trono, que dizia: Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, assim pequenos como grandes".**

I. "...Louvai o nosso Deus". A poderosa voz ecoada no trono, não pode se identificada como sendo a "voz do Cristo", pois jamais ela a teria pronunciada assim: "Nosso Deus". Isso é, incluindo seus servos a Sua Pessoa. (Ver notas expositivas sobre isso, em 3.12). evidentemente, foi a "voz" de um elevado poder angelical componente do grande "Coral do Céu" (cf. Is 6.1 e ss). A poderosa voz grita em termo de exortação: "Louvai a nosso Deus". Isso é também uma tradução do hebraico "Aleluia". Significa que, na verdade, temos aqui neste capítulo "5 aleluias", embora, a própria palavra só figure quatro vezes.

1. Todo os seus servos. Os termos "sevos" e "servidores", em hebraico é "ebed e abad", conota trabalho e submissão. No campo religioso toma este termo sentido mais rico: "servo" é quem está sujeito a Deus e trabalha no seu serviço. Nesta secção, porém, segundo se depreende, "servos", inclui os seres angelicais (os grandes), e os crentes (pequenos) em Cristo, para formarem o grande "Coral Celestial".

6. **"E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grande trovões, que dizia: Aleluia: pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina".**

I. "...Aleluia". O quarto Aleluia agora é universal, ele ecoa não só no interior do céu, o espiritual, onde angélicos filhos de Deus, juntamente com os santos de todos os tempos, estão adorando ao Senhor na beleza da santidade; mas ao mesmo tempo ele também é ouvido na terra, dando, assim, abertura ao "Reino Milenial" de Cristo. Estes "Aleluias" marcam no presente texto, quatro pontos focais:

1. (a) Aleluia! Salvação; (b) Aleluia! o juízo é vindo sobre os inimigos de Deus e do Seu Ungido; (c) Aleluia! Deus é digno de ser adorado porque é o Senhor da adoração; (d) Aleluia! O reino de Deus é estabelecido, e Deus reina ao lado de seu Filho para todo o sempre: Deus é o Todo-poderoso porque tem todo o poder. Só neste livro Ele é chamado oito vezes por este nome completo: Todo-poderoso. Na maioria desses casos é o Senhor

Deus Todo-poderoso que está em pauta. Mas isso não isola a autoridade de Cristo ao lado de Deus, pois o trono e o reino são tanto de Deus como de Cristo (Ef 5.5).

7. **"Regozijemo-nos, e demos-lhe glória; porque vinda são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou".**

I. "...as bodas do Cordeiro". Entre os judeus as bodas eram celebradas durante sete dias com grande alegria (Jz 14.12, 15, 17, 18). As bodas de Jacó duraram sete dias nos quais houve grande alegria (Gn 29.27, 28). Na simbologia profética das Escrituras Sagradas, os sete dias das bodas apontam para os sete anos das bodas do Cordeiro, pois em termos proféticos um dia equivale um ano (Nm 14.34; Ez 4.6; Jo 4.9). Naquele "...dia Cristo se unirá a Igreja para nunca mais se separar dela. Estaremos com ele no tribunal; nas bodas; na ceia; na sua manifestação (parousia); no Milênio; no juízo final; na Nova Terra; finalmente na eternidade! Este é o ponto alto de nossa infinita felicidade, alegria e paz: "sempre com o Senhor". Para alguns comentaristas, é um tanto estranho e expressivo: "...a sua esposa se aprontou" quando é Cristo quem tudo fez por nos! o sentido da expressão parece indicar, no entanto, que há algo que deve ser realizado pela Igreja Jesus disse: "...eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também" (Jo 13.15b).

8. **"E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos".**

I. "...se vestisse de linho fino". No versículo anterior nos é dito que a noiva já se aprontou; agora, no presente texto, seu vestido é tudo bordado e branqueado no sangue do Cordeiro (cf. Sl 45.14 e Ap 22.14), pois ninguém pode entrar nesta festa com "...vestidura estranhas" (Sf 1.8; Mt 22.11). Alega-se, diz Dr. Geo Goodman que não existia o costume de dar vestes nupciais nos banquetes orientais, como bodas, aniversários, mas, alguns escritores apóiam que sim, e, biblicamente falando, se fazia assim, José apresentou mudas de roupa a seus irmãos (Gn 45.22), Sansão, no seu casamento, deu trinta mudas de vestidos aos seus companheiros (Jz 14.12), e Geazi a Naamã mudas de roupa para os moços que vieram da montanha de Efraim, alegando que tinham vindo visitar seu amo (2Rs 5.22). Notemos que apenas um homem que entrou no banquete do rei sem as vestes núpcias foi expulso sem misericórdia (Mt 22, 11-13).

9. **"E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus".**

I. "...Escreve: Bem-aventurados". O livro do Apocalipse contém sete Bem-aventuranças, sendo esta a quarta delas.

1. (a) “Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo”. Ap 1.3;

(b) “E ouvi uma voz do céu, que dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam”. Ap 14.13;

(c) “Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda os seus vestidos, para que não ande nu, e não e vejam as suas vergonhas”. Ap 16.15;

(d) “E disse-me: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus”. Ap 19.9;

(e) “Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos”. Ap 20.6;

(f) “Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro”. Ap 22.7;

(g) “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas”. Ap 22.14. Todas essas “Bem-aventuranças” cairão sobre aqueles que, durante suas vidas na terra, tiveram a pessoa de Deus como Bem-aventurado (1Tm 6.15).

10. **“E eu lancei-me a seus pés para o adorar; mas ele disse-me: Olha não faças tal; sou teu conservo, e de teus irmãos, que tem o testemunho de Jesus; adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia”.**

I. “...adora a Deus”. Os gnósticos adoravam aos anjos (Cl 2.18); e essa fé religiosa era uma forte influência em todas as igrejas da Ásia Menor. Os nicolaítas, em Ap 2.6, provavelmente eram uma seita gnóstica libertina, e a Jezabel de Ap 2.20, evidentemente era líder de alguma dessas seitas. De acordo com o R. N. Champrin, Ph, D. oito livros do Novo Testamento foram escritos para combaterem essa filosofia herética: Colossenses, as três Epistolas de João, Judas e 1 e 2 Timóteo e Tito. Apenas pelo conceito das Escrituras, sabemos que um anjo recebeu adoração, e não podia ser de outra maneira, pois o anjo era Cristo (Js 6.13-15).

1. O testemunho de Jesus é o espírito de profecia. O testemunho de Cristo será levado a efeito por meio da “profecia”, conforme se vê no presente versículo. O Espírito de Cristo é quem inspira a profecia deste livro do principio ao fim (1.3; 11.6; 19.10; 22.7; 18.19). A palavra em foco ocorre sete vezes no Apocalipse e a palavra ‘profeta” por doze; portanto o livro traz o selo da profecia, e a raiz desta se encontra em quase todo o restante da Bíblia e o seu fruto é reunido neste último livro da Bíblia.

11. **“E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça”.**

I. "...Eis um cavalo branco". Já tivemos ocasião de falar acerca deste símbolo, em Apocalipse 6.2. Ali, provavelmente o Anticristo imita a Cristo. O cavalo branco é o animal militar dos elevados oficiais. Na simbologia profética, dependendo do texto ou do contexto, é símbolo de pureza e vitória. O cavaleiro deste "cavalo branco" não deve ser confundido com o mesmo de Apoc 6.2, o cavaleiro do primeiro selo. O tempo presente dos verbos mostra o caráter de permanência do Messias em tudo o que ele faz. A grande profecia sobre o rei davídico o descreve como alguém que "...julgará com justiça os pobres, e repreenderá com equidade os mansos da terra..." (Is 11.4). A volta de Cristo nesta secção, vencendo os inimigos, não será um ato de vingança própria ou de manifestação arbitrária; será um ato de justiça, refletindo a fidelidade de Deus. Num ação retrospectiva do significado do pensamento, isso nos faz lembrar sua entrada triunfal em Jerusalém montado em jumentinho (Lc 19.35 e ss), quando anunciou a cidade "o dia da salvação". Aqui, porém, o aludido guerreiro traz no coração "o dia da vingança" (Is 63.4), e vem montado num "cavalo branco". As Escrituras são infalíveis! "O cavalo prepara-se para o dia da batalha" (Pv 21.31).

12. **"E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo".**

I. "...tinham um nome escrito". O nome "misterioso" de Cristo, provavelmente tem algo a ver com sua soberania e autoridade suprema; pois o mesmo interpretará sua grande vitória no vale do Armagedom. No contexto demonstrativo do versículo 13: "...e o nome (qual?) pelo qual se chama é a Palavra de Deus"; podia-se depreender, embora um tanto vago, o significado do pensamento. Mas o contexto retroativo: "...ninguém sabia senão ele mesmo" afasta qualquer possibilidade que a mente natural não pode compreender. Isso significa que este "nome" em foco, nenhuma boca o pronunciou. Com uma rapidez inconcebível Jesus descerá ao vale naquele grande dia. "Ptolomeu, ao entrar triunfalmente em Antioquia, trazia duas coroas, uma para representar seu poder no Egito, e outra o seu poder na Ásia. O dragão também tinha diademas (12.3) como também o Anticristo (13.1). Mas Cristo é o Verdadeiro governante de todas as nações, e deve usar "muitos diademas", que é símbolo de realeza suprema".

13. **"E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus".**

I. "...vestido de uma veste salpicada de sangue". Em Is 63.1-6, Deus está em foco como um guerreiro vingador. Mas, neste ponto, João não hesita em aplicar isso a Cristo, em sua "vinda para seus santos", e sim, sua "parousia" (segunda vinda) "com os seus santos". Cristo pisará o lagar, e, isso é claro, fará que suas vestes fiquem manchadas de sangue de suas vitimas. Isso será justo, porquanto terão derramando muito sangue dos mártires, agora, o sangue deles será espremido (Gn 49.11; Gl 6.7). A grande batalha do Armagedom, em Ap 14.14-20, certamente está aludida aqui. O sangue, neste ponto, não é

o de Cristo, conforme se vê em Ap 1.5; 5.9; 7.14; 12.11; mas o de seus inimigos no dia da batalha. O Cristo (Ungido) aqui representado é o guerreiro e dominador do mal, não o redentor. Podíamos objetar que não é o sangue da batalha como indica ser, porque esta ainda não foi travada: Cristo vem para guerrear. Mas a passagem de Is 63.2-3 dar o significado do pensamento: "Por que está vermelha a tua vestidura? e os teus vestidos como os daquele que pisa no lagar?". (Resposta de Cristo): "Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo; e os pisei na minha ira, e os esmaguei no meu furor; e o ("seu sangue") salpicou os meus vestidos, e manchei toda a minha vestidura".

14. **"E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro".**

I. "...seguiam-no os exércitos no céu". Podemos deduzir que, enquanto a Besta e seus exércitos, preparam-se para a grande batalha (16.12-16), o Filho de Deus arregimenta seu poderoso exército celestial. A cor da couraça daqueles é "vermelho fogoso, azul fumegante e amarelo sufírico...": representando homicídio, guerra e maldade. A couraça dos soldados de Cristo, é de cor "branca": representando a justiça, a bondade e a pureza. Estará rigorosamente uniformizado o grande número de seus cavaleiros. Não virão para lutar. O tecido e a cor das vestes simbolizam apenas pureza e não guerra. A grande batalha se ferirá na planície do Armagedom, que se estende pelo meio da Terra Santa, do Mediterrâneo ao Jordão. As hostes celestiais somente acompanharão Cristo, assim declara o argumento principal: "...Eu sozinho pisei no lagar..."(Is 63.3a). Seja como for, toda e qualquer batalha entre o mal e o bem, é sempre Jesus quem a fará por nós. "E graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo..." (2Co 2.14a).

15. **"E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regará com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso".**

I. "...da sua boca saía uma aguda espada". Esta espada (herebh) é a Palavra de Deus personificada (2Ts 2.8). Esta espada expressa seu poder tanto físico como moral: no sentido físico seu efeito é visível por aquilo que já demonstramos acima; no sentido moral aquilo que se segue.

1. Na América do Norte viveram há mais de 150 anos atrás, dois homens que se conheciam. Um era crente, o outro não.

(a) O crente, Edward Jonatan, casou-se com uma moça crente, e no seu lar predominava a leitura da Bíblia e a oração. Esta família teve durante 150 anos 729 descendentes dos quais 300 se tornaram pregadores da Palavra, 65 professores em escolas superiores, 13 catedráticos, 3 deputados e um vice-presidente da nação.

(b) O não crente, Max Junkers, casou-se com uma moça atéia e viveram conforme o seu ideal. Durante os 150 anos a família teve 1.026 descendentes, dos quais 300 morreram prematuramente, 100 foram condenados a prisão, 190 eram prostitutas, 100 alcoólatras.

16. **"E no seu vestido e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores".**

I. "...Rei dos reis, e Senhor dos senhores". Apenas dois monarcas aqui na terra tiveram um titulo como este: Nabucodonosor e Artaxerxes (Ed 7.12). Mas a profecia nos dá ali o desconto imediato: "...és rei ("de") reis" (Dn 2.37a). O título já havia corrido uma vez com respeito a Cristo, sendo porém, de forma invertida: "...Senhor dos senhores e Rei dos reis" (17.14). O emblema expressivo tinha caracteres tanto na sua "veste" como na sua "coxa". Entre os gregos era bastante natural um famoso guerreiro trazer sobre sua coxa o título a que tinha direito. Segundo Heródoto a "estátua de Sesóstris tinha na largura do peito, de ombro, uma inscrição com os caracteres sagrados do Egito, onde se lia: "Com meus próprios ombros conquistei esta terra". E segundo Cícero, havia "uma bela estátua de Apolo, em cuja coxa estava o nome de Miro, em minúsculas letras de prata". Esta faixa do peito e coxa de Cristo interpretará sua vitória no vale do Armagedom.

17.**"E vi um anjo, que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e ajuntai-vos à ceia do grande Deus".**

I. "...um anjo, que estava no sol". A passagem em foco pode ter seu paralelo em Js 10.13, no episódio da guerra de Gibeom, quando "...O sol pois se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro". Assim, pois, encontramos ali uma intervenção divina "...até que o povo se vingou de seu inimigos...". O episódio, além da passagem em foco, está registrado no "Livro do Reto", livro este que vem citado nas seguintes passagens (Nm 21.14; Js 10.13; 2Sm 1.18). Na passagem de Nm 21.14, 15, ele encerra uma poesia em forma sofistica: "Contra Vaebe em Sufá, e contra os ribeiros de Arnom. E contra a corrente dos ribeiros, que se volta para a situação de Ar, e se encosta aos termos de Moabe". Enquanto que na passagem de 2Sm 1.18, se relaciona, segundo se diz, com "uma canção fúnebre". Seja como for, este livro sempre está em foco atividades guerreiras.

1. Entre os hebreus, três nomes tinha este livro: (a) Livro do Reto; (b) Livro dos Justos; E (c) Livro das Guerras do Senhor (Nm 21.14; Js 10.13; 2Sm 1.18). Nos dias Davi (1065 a. C.), este livro ainda existia, mas com o passar dos séculos, provavelmente se tenha perdido ou arrebatado por exército invasor, em nossos dias não temos notícias de que alguém tenha encontrado o "Livro do Reto", a não ser uma publicação, que, em 1751, apareceu na Inglaterra, que pretendia ser uma tradução do Livro do Reto, mas foi reconhecida como grosseiro embuste. Cremos que os fatos citados na Bíblia e no citado livro, se repetirão na batalha do Armagedom. Deus ordenará a um anjo, e logo ao

amanhecer ele se colocará "em frente o sol" (cf. Is 13.10; Zc 14.7); é só ao entardecer é que o elevado poder sairá de lá. Observe bem a frase de Zc 14.7: "...só a tarde haverá luz".

18. **"Para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam; e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes".**

I. "...Para que comais a carne". O versículo em foco, declara o Dr. J. Moffatt mostra vários grupos que proverão comida para as aves, de todas as camadas da sociedade e de várias ocupações, mas, especialmente, aqueles que estiverem envolvidos na luta. Os "reis" não somente enviavam seus súditos à guerra, mas também, às vezes, os acompanhavam (2Sm 11.1; 1Rs 22.4 e ss); Seus soldados treinados para lutar e matar, usavam todas a espécie de armas mortíferas. Alguns deles são livres, e outros escravos. Alguns irão voluntariamente, e outros por serem forçados. Alguns são pequenos, conforme os homens aquilatam as coisas, e outros serão grandes. Desse modo, pois, João retratava a universalidade da matança. Observe-se nesta seção, como o anjo repete "...carne... carne... carne... carne... carne..." cinco vezes. Os homens escolheram andar pela carne, não pelo espírito, e, então, a sua própria carne será comida literalmente!

19. **"E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército".**

I. "...os seus exércitos reunidos". Este versículo leva-nos de volta à descrição da última batalha. Ali está o grande exército do mal congregado em Armagedom para a peleja! (16.16). Nesta passagem e naquelas que se seguem, vemos o grande contraste entre aqueles que participarão das "bodas do Cordeiro" e aqueles que serão alvo na grande "ceia de Deus". As bodas serão de prazer, mas, a "grande ceia de Deus" (v.17) será de destruição. Nesta ceia as aves comerão a carne dos "reis" e seus aliados, ao passo que nas bodas do Cordeiro os santos festejarão com Cristo como Rei dos reis. O Dr. J. Moffatt diz: "No mundo antigo, o pior opróbrio possível contra os mortos era jazerem eles insepultos, presas dos pássaros". A mitologia grega explica que os mortos assim humilhados não podem, em espírito, cruzar para a outra vida... e portanto serão lançados sem misericórdia num lugar de isolamento. Aqui, porém, nesta secção, do Apocalipse o Anticristo e seus sequazes sofrerão tudo e mais ainda em grau supremo.

20. **"E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre".**

I. "...a besta foi presa". Lemos agora aqui que "a Besta foi presa", e o vocábulo para presa é diferente de outros termos gregos. Significa lançar não de alguma coisa à força,

aprender (assim como o policial lançar mão de um criminoso de alta periculosidade, forçando-o a entrar na cadeia). O Anticristo e seu falso profeta serão lançados vivos no lago de fogo, ou seja, no juízo final, sem intervenção intermediária da experiência do "hades", o que mostra que o juízo deles será irreversível. O fato de os dois serem lançados ("vivo") no lago do fogo significa, para alguns comentaristas, que não poderão ser ("homens ordinários"), e, sim, seres demoníacos que se apresentarão como homens. Mas a verdade é que serão homens, embora possuídos por Satanás. Finalmente a grande pedra ("cortada") cairá no vale de Armagedom, esmiuçando toda a força do mau! A Besta já está presa; seu consorte também; seus soldados mortos! Enquanto que o Filho de Deus triunfante (Dn 2.34 e ss).

21. **"E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes".**

I. "...e todas as aves se fartaram". Esta passagem em foco é a consolidação do que foi predito por Jesus nas passagens de Mateus 24.28 e Lucas 17.37 respectivamente. Nestas duas passagens lemos o que segue: "Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águas" (Mateus): "E, respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? E ele lhes disse: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias" (Lucas). O termo "cadáver" em Mateus e a locação "corpo" em Lucas, formam o expressivo plural; para, segundo se diz, indicar os soldados (plural) mortos no vale do Armagedom. Os súditos da Besta, naquele vale, serão devorados por aves famintas preparadas para aquele grande dia.

1. As aves. Em realidade, nesse caso, as "águias" são abutres, que os antigos aceitavam como uma raça de águia especial (Jó 39.30; Os 8.1). Plínio enfatiza isso em sua História Natural. Trata-se do abutre, que ultrapassa a águia em tamanho e poder. Sua natureza é sempre versada num corpo tombado: pois "...onde há mortos, ela aí está" (Jó 39.30; Mt 24.28; Lc 17.37).

2. Aristóteles observa em seus escritos que esse pássaro tem a capacidade de farejar a sua vitima a grande distancia, e que, com freqüência, acompanhavam os exércitos. Lemos também que durante a guerra russa, grande número dessas aves se ajuntou na península da Criméia, e ali estacionou até o fim da campanha, nas cercanias do campo, embora antes, dificilmente fossem vistas naquela parte do País. Também lemos que esses pássaros seguidores dos exércitos mortais, seguiram a Napoleão Bonaparte nos campos gelados da Rússia. A palavra "cadáver", nesta colocação, deriva-se do verbo grego que no original significa ("cair"), e fala de um corpo caído. Já o nosso termo português "cadáver" vem do vocábulo latino "caído", cair. Tudo isso aponta para a grande carnificina no vale do Armagedom.

Capítulo XX

1. **“E VI descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão”.**

I. “...um anjo, que tinha a chave do abismo”. O Arcanjo Miguel deve está em foco nesta passagem. Ele é o anjo guerreiro, citado sempre em conexão com a guerra (Dn 10.21; 12.1; Jd v.9; Ap 12.9). Mas dessa vez sua tarefa é infinitamente maior. Ele deve amarrar ao próprio Satanás. Naturalmente não poderia fazer isso, exceto pela autoridade e poder de Deus. De acordo com Ap 1.18, é Cristo o possuidor das chaves: da morte e hades, a dimensão dos mortos. Portanto, nesta passagem, o uso dessas chaves é concedido ao elevado poder angelical por delegação divina.

1. O Abismo. Essa expressão é equivalente a “Hades”, “Sheol” e outros termos que são traduzidos dentro do mesmo conceito. São palavras usadas tanto pelos escritores do Antigo como do Novo Testamentos. E agora, o “abismo” servirá de prisão durante mil anos para Satanás. “Hades” em sentido lato, quer dizer “escondido”. A Bíblia também o descreve como sendo um “lugar” (At 1.25). Ele é realmente uma prisão contendo portas e ferrolhos (Jó 17.16; Mt 16.18), e ainda chaves que presentemente estão nas mãos de nosso Senhor Jesus Cristo. “O abismo ou abysus (grego) ou poço do abismo, ou tártaro no grego é a “escuridão” onde está localizada a prisão dos espíritos maus. Jd v.6”. (Ver notas expositivas sobre isso, em Ap 9.2).

2. **“Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos”.**

I. “...ele prendeu o dragão”. Muitos têm dificuldade em aceitar a prisão de Satanás no sentido literal. Mas nós temos na Bíblia outras passagens falando de “...espíritos em prisão” (1Pd 3.19; 2Pd 2.4; Jd v.6). As algemas que o agrilhoarão são de fabricação divina. Não há, pois, razão para o sentido literal da “cadeia” e “prisão” de Satanás, pois a palavra grega usada para “cadeia” (hálusis), é a mesma usada nas passagens de (At 12.7; 28.20; 2Tm 1.16; T. Nestlé). Em todas essas passagens a significação é literal. Essas precauções contra o grande inimigo de Deus mostram-nos a grande e perigosa força desse inimigo; segurar, prender, lançar no abismo, fechá-lo, pôr selo sobre ele!. Os mil anos de Satanás no abismo não produzirão nenhuma mudança em seu caráter maligno. Uma vez que seja liberto, provará ser o mesmo antigo diabo. Isso prova, que prisão não “transforma” mas “deforma”. Mas enquanto estiver preso a terra se sentirá aliviada, e o reino milenial de Cristo trará paz e justiça por mil anos.

3. **“E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto, por um pouco de tempo”.**

I. "...e pôs selo sobre ele". Devemos observar que, além da chave e da corrente, haverá também alguma "espécie de selo" posto sobre ele impedindo-lhe espaço para qualquer movimento ou ação maléfica de sua pessoa , já estamos bastante familiarizados com o ("selo") como sinal de autoridade e respeito (Dn 6.17; Mt 27.66), como instrumento de marcar ou de fechar, com um pouco de cera ou metal, que conserva fechado algum receptáculo ou livro. Este selo posto sobre Satanás o colocará na condição de uma "múmia", o qual como "sombra" apenas em seu sentimento perverso se revolverá ao redor da prisão. É possível que, nesta passagem, devamos entender a selagem da entrada do abismo, para que dali Satanás não possa sair.

1. Até que os mil anos se acabe. Neste capitulo chegamos a "sétima" e última "dispensação da plenitude dos tempos" (o Milênio). Nesta secção encontramos seis vezes expressão ("mil anos"): vs. 2, 3, 4, 5, 6, 7, com respeito ao Milênio. O termo derivado do grego "chilliad", e do latim "millenium"; aponta para o futuro governo sobre a terra, exercido pelo "Príncipe da Paz" durante mil anos. Jerusalém será o centro de adoração para todos os povos e a Capital religiosa do mundo (Jr 3.17; Zc 14.16 e ss): Assim o Reino do Messias será universal.

4. **"E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus e que não adoravam a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos".**

I. "...e vi tronos". O livro do Apocalipse, em sua divisão menor tem 404 versículos do presente texto, sendo, porém, o maior deles (62 palavras). Este versículo nos fala de tronos e juízes. Devem ser os mesmos personagens vistos no capítulo 4.4 deste livro; sem dúvida alguma, o que falou Jesus em Mateus 19.28: "...quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vós (os doze Apóstolos) assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel". (Ver notas expositivas sobre "tronos", em Ap 2.13).

1. As almas daqueles que foram degolados. Essas são as mesmas que João viu "debaixo do altar", em Ap 6.9: (são os mártires da Grande Tribulação), eles agora terão o direito de "viver". Os tempos dos verbos gregos usados nesta passagem reforçam o significado do pensamento. O Dr. MacDowell nos fornece a seguinte sugestão: "Viveram (ezesam, aoristo ingressivo) e reinaram com Cristo, etc.". "...Os outros mortos não reviveram (ezesam, aoristo ingressivo) até que os mil anos se acabaram". Assim a expressão: "...e viveram"quer dizer: "...e ressuscitaram" por Cristo.

5. **"Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição".**

I. "...Mas os outros mortos não reviveram". Justino Mártir, que viveu em Éfeso cerca de 135 d. C., escreveu acerca do Apocalipse de João "E, além disso, um homem entre nós, de nome João, um dos apóstolos de Cristo, profetizou em uma revelação que feita, de que aqueles que confiassem em Cristo passariam mil anos em Jerusalém, e que depois viria a ressurreição universal e eterna de todos, como também o juízo final". As Escrituras usam pelo menos três expressões sobre ressurreição:

1. RESSURREIÇÃO ("de") MORTOS. Esta compreende pela ordem: O filho da viúva de Sarepta (1Rs 17.21-22); O filho da Sumamita (2Rs 4.34-35); O homem que tocou os ossos de Eliseu (2Rs 13.43-44); O filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17); A filha de Jairo (Lc 8.54-55); Lázaro de Betânia (Jo 11.43-44); Tabita (At 9.40-41); Um jovem por nome Êutico (At 20.9-12).

2. A RESSURREIÇÃO ("dentre") OS MORTOS. Esta compreende "...cada um por sua ordem..." (1Co 15.23). Esta ordem de ressurreição, cronologicamente é mais ou menos assim: (a) Cristo as primícias. 1Co 15.20, 23; (b) Os que ressuscitaram por ocasião da ressurreição do Senhor. Mt 27.52-53; (c) Os que são de Cristo na sua vinda. 1Co 15.23 a 24; (d) As duas testemunhas escatológicas Ap 11.11-12; (e) Os mártires da Grande Tribulação. Ap 20.4.

3. A RESSURREIÇÃO ("dos") MORTOS. Esta é geral e abrangente. Ela compreende todos os mortos que morreram em seus delitos e pecados (cf. Dn 12.2; Jo 5.28-29).

6. **"Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos".**

I. "...parte na primeira ressurreição". A "Bem-aventurança" do presente versículo é aplicada à "ressurreição dos santos". O bem-estar espiritual, ou a felicidade dos mártires advém da primeira ressurreição. Assim, receberam a "vida última". O Novo Testamento, em seu conceito geral, jamais encerra a "vida eterna" como tendo lugar apenas nesta vida, mas ele declara que após a morte física, o ser humano continuará vivendo na eternidade. Sobre os participantes da primeira ressurreição, podemos inferir que finalmente eles têm sido perdoados e não aparecem no último juízo (cf. Jo 5.24). Admite-se contudo, que a inferência mencionada por último não seja tão estranha como parece ser para alguns estudiosos da Bíblia, isto é, dos cristãos serem "sacerdotes", e "reis" no Milênio. Para nós, isso não estranho, pois isso sugere que há um ministério para eles cumprirem na última dispensação: a milenial (cf. Ez capítulo 40-48).

7. **"E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão".**

I. "...Satanás será solto". Com a soltura deste terrível ser, a geração da nova, como foi provado Adão, no jardim do Éden (Gn capítulo 3). Não seria mais necessário o homem

agora aderir a Satanás a despeito de tudo que Cristo já realizou por sua pessoa, porém, aqui, fica demonstrada a natureza humana. "A humanidade já foi provada sob todas as condições possíveis, e falhou em cada prova. Falhou debaixo da lei, e ainda mais debaixo da graça, e agora, "na dispensação da plenitude dos tempos" (o Milênio), quando o Senhor é conhecido em tudo o mundo e reina a justiça em toda a terra, torna a falhar, não correspondendo à graça de Deus, a ele oferecida...". Esta dispensação, que pela ordem cronológica é a sétima e a última. Não será um tempo de graça, mais de justiça divina para todos; será o tempo em que "...os reinos do mundo" serão só de nosso Senhor e do seu Cristo (11.15). Cumprir-se-á finalmente Daniel 7.13-14, suas palavras são aplicáveis a esse tempo do fim.

8. **"E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha".**

I. "...Gogue e Magogue". Ezequiel 38-39 fala de Gogue, Magogue, Mezeque e Tubal. Geograficamente falando, "São regiões ocupadas pelos antigos citas e tártaros, correspondendo aos modernos russos. Josefo diz que Magogue são os citas ou tártaros, correspondendo aos modernos russos. Josefo diz que Magogue são os tártaros que são os russos". Mezeque converteu-se em Moskva (Moscou), como diz em russo, e Tubal é o moderno nome de Tobolsk. Profeticamente falando, essa nação do norte é inimiga de Israel. Em nossos dias, como é sabido, essa nação vem orando a Deus, para que o mesmo impeça uma invasão de Gogue à Terra Santa.

1. "No dia 28 de novembro (1983), 25 judeus ortodoxos foram a Hebrom, para interceder diante de Deus junto ao túmulo de Abraão para que "a chegada de Gogue e Magogue ainda seja adiada", pois alguns deles tiveram um sonho: "Gogue e Magogue estariam prestes a vir". Já o rabino-chefe, diante do Muro das Lamentações considerou que "verdadeiros cabalistas não deveriam orar pelo adiamento da vinda de Gogue e Magogue, mas pelo seu rápido aparecimento, pois, assim, seria apressada a vinda do Messias". Porém, é evidente que a investida de Gogue e Magogue na passagem em foco, não se refere àquela mencionada em Ez capítulo 38-39. Uma está distante da outra, pelo menos, 1000 anos. Os nomes "Gogue e Magogue" em Ezequiel, se referem aos poderes do norte, chefiados pela Rússia; após o Milênio, porém, os nomes "Gogue e Magogue" são empregados metaforicamente para representar ("as nações que estão sobre os quatro cantos da terra").

9. **"E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu, e os devorou".**

I. "...desceu fogo do céu, e os devorou". O comandante do norte na sua invasão a Terra Santa, não chegou a cercar "...o arraial dos santos" (ISRAEL) nem "...a cidade amada" (JERUSALÉM), mas foi derrotado por Deus nas montanhas da Judéia; e, ainda por um ato de misericórdia divina teve um ("lugar de sepultura") ao oriente do mar Morto

(Ez 39.11). Nesta secção porém, Gogue e Magogue aqui, representados, serão tragados por fogo que "desceu do céu", e os devorou. "No sentido mais profundo, o Apocalipse é um livro de divindade. É um livro acercar de Deus; é um livro sobre os atos de Deus. Por igual modo, a derrota das forças do mal é um ato divino. Os habitantes da cidade amada descobrirão que Deus terá feito a causa dele e a causa deles. Eles terão armas suficiente poderosas para aquela batalha final. Mas Deus proverá seu fogo destruidor dos céus".

10. **"E o diabo que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre".**

I. "...o diabo, que os enganava". Aqueda de Satanás nesta secção, aludi, profeticamente, à queda de todos os poderes do mal, conforme se depreende na secção seguinte. Ele tinha já passado mil anos no abismo, mais isso foi uma ação intermediária. Agora, entretanto, ele sofrerá sua derrota final e irá para seu destino. Finalmente a cabeça da serpente é ferida para sempre (Gn 3.15). A vitória conseguida sobre o diabo no calvário agora recebe operação completa. Sua queda será gradual. Ele será expulso dos ares para a terra e o mar no período da Grande Tribulação (12.9 e ss). Será aprisionado por mil anos (20.2 e ss). E então, no texto em foco, derrotado completamente pela ação poderosa e imediata de Deus, mesclada de ira. Este capítulo do Apocalipse é a consolidação, no que diz respeito a toda e qualquer revolta ou rebelião do ser humano ou de hostes espirituais do mal. O bem triunfará, e o Cordeiro de Deus, tirará definitivamente "...o pecado do mundo" (Jo 1.29), e só existirá no Universo a semente do bem.

11. **"E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles".**

I. ("...UM GRANDE TRONO BRANCO"). Já tivemos ocasião de frisar em notas expositivas nos capítulos 2.13 e 20.4 deste livro, a palavra "trono" ou "tronos". Ela, no grego, é ("thonos"). É usada no Novo Testamento com o sentido de "trono real" (cf. Lc 1.32, 52), ou com o sentido de "tribunal judicial" (cf. Mt 19.28; Lc 22.30). Também há alusão aos "tronos" de elevados poderes angelicais, ou governantes humanos (cf. Cl 1.16). O trono do presente texto, é grande! É de vastíssimas dimensões enchendo o campo inteiro de nossa visão; expulsa da vista todos os outros elementos. Ameaça; deixa a mente atônita. Trata-se de um infinito julgamento, diante do qual está que é finito: o pobre humano, morto. O trono é branco! Resplandece de pureza e de santidade, o que exije justiça! Castigo! Julgamento! Purificação! Retribuição! Tudo isso descreve uma cena fora da história humana! É o juízo Final!

12. **"E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida: e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras".**

I. "...grandes e pequenos". O Filho se assentará juntamente com o Pai, em seu trono, para julgar. Mas o Pai é quem figura majestaticamente em todas as seguintes referências: (At 17.31; Hb 1.3; Ap 4.2, 9; 5.1, 7, 13; 7.10; 19.4; 21.5), e por meio de Jesus todos ali serão julgados (Jo 5.22). Duas classes de seres, ali serão julgados: "...os grandes" (os anjos caídos). 2Pd 2.4; Jd v.6, e os "...pequenos" (os homens em sentido geral). Sl 8.5; Hb 9.27. Todos ali "...postos em pé" diante do trono. Fica assim subentendida no expressivo a "segunda ressurreição", isto é, dos incrédulos (20.5).

1. Os mortos foram julgados. Entre os muitos julgamentos ou juízos mencionados na Bíblia, sete têm significação especial, como é descrito por C. I. Scofield em seu SCOFIEL REFERENCE BIBLE:

(a) O julgamento dos pecados do crente na cruz de Cristo. Jo 13.31. Ele foi aí justificado porque Cristo, havendo levado os seus pecados sobre a cruz, foi feito por Deus justiça. 1Co 1.30:

(b) O crente julgando-se a si mesmo, para não ser julgado com o mundo. 1Co 11.31:

(c) O julgamento das obras dos crentes diante do Tribunal de Cristo, logo após o arrebatamento. Rm 14.10; 1Co 3.12; 2Co 5.10:

(d) O julgamento das nações vivas, na "parousia" de Cristo com poder e grande glória. Mt 25.32 e ss:

(e) O julgamento de Israel, na volta de Cristo. Ez 20.33 e ss; Mt 19.28, etc.

(f) O julgamento descrito por Paulo em 2Tm 4.1, que se dará "...na sua vinda e no seu reino".

(g) O julgamento do "Grande Trono Branco" aqui mencionado nesta secção (20.11-15)

13. **"E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras".**

I. "...deu o mar os mortos que nele havia". Estes mortos saídos do mar, são aqueles que foram tragados na hecatombe provocada quando "... desceu fogo do céu". (v. 10); Eles não passaram pela ação "intermediária" do Hades, visto que concomitantemente foi estabelecido o juízo final. João observa que não necessário no julgamento um anjo assistente "abrir" os livros. Eles se abriram movidos por uma força sobrenatural emanada do supremo Juiz: observe-se a frase: "...e abriram-se os livros..." (v.12). Podemos observar a exposição excepcional do versículo 15 desta secção, ela demonstra um julgamento individual, confirmando o versículo 13: "...e foram julgados ("cada um") segundo as suas obras". Deus julgará cada um segundo as suas obras". Deus julgará cada um segundo as suas obras, porque no inferno há também grau elevado de sofrimento (Ez 32.21-23; Hb 10.29); após uma acurada investigação do Justo Juiz, nas obras, feitos, motivos, memória e consciência, confrontando tudo com o que está escrito em cada livro (Jo 12.48). Ali agora

só há uma sentença: “Apartai-vos de mim!”. Alguém se estremecerá, mas ali não haverá margem para erro, para indecisão, equivoco ou modificação.

1. Existe uma pergunta no meio da cristandade e até fora dela baseada nos versículos 11-15 que termos nesta secção: (“como serão julgados aqueles que morreram sem ouvir o Evangelho?”). Essa pergunta quando dentro da lógica da visualização do homem pode ultrapassar qualquer possibilidade de entendimento da mente humana. Mas é evidente que, Deus tem falando e vem falando ao homem de “muitas maneiras” (Hb 1.1). Paulo diz que o Evangelho foi “pregado a toda criatura que há debaixo do céu” (Cl 1.23). Deus pode alcançar através de seus métodos a todos os homens; vejamos alguns dos métodos de Deus:

(a) DEUS fala através do Universo: “Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento (“anuncia”) a obra das suas mãos... Sem linguagem, sem (“fala”), ouvem-se as suas vozes, em (“toda a extensão da terra”), e as suas palavras até ao fim do mundo”. Sl 19.1-4:

(b) DEUS fala através da percepção: “Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles (nos homens) se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder... se entendem, e claramente se (“vêem”) pelas coisas que estão criadas, para que eles (os homens) fiquem inescusáveis”. Rm 1.19-20:

(c) DEUS fala através da consciência: “Porque, quanto os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei. Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, que acusando-os, quer defendendo-os; no dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo”. Rm 2.14-16:

(d) DEUS fala através da vida dos animais: “Mas, pergunta agora às alimárias, e cada uma delas to ensinará; às aves dos céus, e elas to farão saber; ou fala com a terra; e elas to ensinará até os peixes do mar to contarão. Quem não entende por todas estas coisas que a mão do Senhor fez isto?”. Jó 12.7-9:

(e) DEUS fala através dos meios geográficos: “...Deus anuncia agora a (“todos os homens”), e em (“tudo o lugar”), que se arrependam; Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo...”. At 17.30-31:

(f) DEUS fala através dos sonhos: “Antes Deus fala uma e duas vezes, porém ninguém atenta para isso. Em sonho ou visão de noite, quando cai sono profundo sobre os homens, e adormecem na cama. Então (“abre os ouvidos dos homens”), e lhes sela a sua instrução. Para apartar o homem do seu desígnio, e esconder do homem a soberba; Para desviar a sua alma da cova, e a sua vida de passar pela espada”. Jó 33.14-18:

(g) DEUS fala através dos anjos: “E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar (“aos que habitam sobre a terra”), e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo”. Ap 14.6:

(h) DEUS fala através de seu Filho: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho”. Hb 1.1:

(i) DEUS fala através de sinais e milagres: "Testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas e dons do Espírito Santo...". Hb 2.4a. Perguntamos agora: havendo Deus falado tanto e de muitas maneiras, chegará alguém inocente diante do Grande Trono Branco? (Êx 34.7). Segundo se depreende do significado do pensamento, aqueles que não viveram de acordo com a ("FÉ"). Rm 4.5-6; Hb 10.38; serão ali julgados de acordo com as ("OBRAS"). Jn 3.10. Deixemos o assunto com o Senhor – O Justo Juiz (Dt 29.29; Rm 4.15).

14. **"E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo: esta é a segunda morte".**

I. "...foram lançados no lago de fogo". Naturalmente, é provável que este versículo seja o cumprimento real, daquilo que profetizou Is 25.8, e citado por Paulo em seu argumento sobre a ressurreição, em 1Co 15.26, onde é descrito que o "...último inimigo que há de ser aniquilado é a morte". Isso significa um triunfo total de Cristo e dos santos. A morte, como aliada do pecado, será destruída juntamente com o pecado; o Hades não envolverá mais terrores, para os santos nos céus. Não haverá mais temor da morte (Hb 2.15) ela não existirá (21.4). O ciclo temível do juízo agora está completamente terminado. O Anticristo e seu consorte já haviam sido lançados no lago de fogo (19.20). Satanás sofreu essa mesma sanção (20.10). Agora a morte e o inferno, são ali lançados. E no versículo 15, chegará a vez dos perdidos. É realmente a sorte dos ímpios, e todas as gentes que se esquecem de Deus (Sl 9.17). Os anjos maus foram também ali lançados (Mt 25.41).

15. **"E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo".**

I. "...aquele que não foi achado escrito". É evidente que os salvos, que comparecerão diante do trono branco, cujos nomes "se encontram no livro da vida", não é a Igreja (isso não afasta a possibilidade de ela estar presente, mas não para ser julgada, e, sim, tomar parte no julgamento), e sim, aqueles que foram fiéis a Deus durante o Reino Milenial de Cristo. "Diante do Trono Branco estarão multidões incalculáveis que, durante o Milênio, creram em Jesus e foram fieis, e permaneceram até o fim. Quando Satanás, pela última vez, rebelou-se contra Deus, esses não o acompanharam e, agora, estão diante do Trono Branco, sabendo que seus nomes estão no Livro da Vida".

1. O Lago de Fogo. É este o lugar onde o bicho não morre e o fogo nunca se apaga. (Cf. Mc 9.46). "A palavra hebraica que descreve este lugar, como no Antigo Testamento, é "Tofete" (Is 30.33; Jr 7.31-32). Mas a palavra grega é "Geena" (Mt 5.22, 29, 30; 10.26; 23.14, 15, 33). "Geena" refere-se literalmente ao "Vale do filho de Himom", vale, este, fora da cidade de Jerusalém que servia de Monturo da cidade e onde queimavam seus filhos em sacrifícios a Moloque, o deus pagão. Jesus empregou o termo "Geena" 11 vezes, sempre no sentido literal. Ali sempre havia fogo aceso, servindo desta maneira para figurar o Lago de Fogo que arde eternamente. A palavra encontra-se em Mt 5.22, 29, 30; 23.15,

33; Mc 9.43, 45, 47; Lc 12.5; Tg 3.6. Em cada caso, com exceção do último, a palavra sai dos lábios do Senhor Jesus em solene aviso das conseqüências do pecado. Ele descreve como o lugar onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga. A expressão é idêntica à que temos aqui: "o lago de fogo".

Capítulo XXI

1. **"E VI um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe".**

I. "...um novo céu, e uma nova terra". no principio, portanto, Deus criou os céus e a terra. no texto original hebraico a palavra para céus é ("shamayim"). A terminação "im" indica o plural. Isso pretende mostrar que há mais do que somente um céu.

1. Na Bíblia distingue-se pelo menos três céus; o céu inferior (auronos), o céu intermediário (mesoranios) e o superior (eporanios).

(a) Céu inferior. Por céu inferior entendemos o céu atmosférico. Isto é o ("alto"): onde sobrevoam as aves e os aviões, passam as nuvens, desce a chuva, se processam os trovões e relâmpagos. Deus o chamou de "...a face da expansão dos céus". Gn 1.20 e Jesus, de "...extremidade inferior do céu". Lc 17.24.

(b) Céu intermediário. Por céu intermediário entendemos céu estelar ou planetário, chamado também o céu astronômico. A Bíblia o chama de a ("altura"):

(c) Céu superior. Esse é chamado de as ("alturas"). Sl 93.4; At 1.9; Hb 1.3. É declarado em 2Co 12.2, como sendo "...o terceiro céu", o "Paraíso"; podemos chamá-lo de "o espiritual", e de "céu dos céus" por estar acima de todos (Ne 9.6; Jo 3.13). É o lugar onde habita Deus (Sl 123.1), Cristo (Mc 16.19), o Espírito Santo em seu retorno (Ap 14.13), os anjos (Mt 22.30; Jd v.6); será também a morada dos salvos em Cristo (Jo 14.3).

2. Deus criou os céus pelo supremo poder da palavra (1Cr 16.26; Jó 26.13; Sl 8.3; 33.6; 96.5; 136.5; Pv 8.27). Os céus incluindo a terra (Êx 20.11; 31.17; Ne 9.6; Sl 89.11, 12; 102.25; Salmo 115; Salmo 121.2; 124.8; 134.3; 156.6; Pv 3.19; Is 37.16; 42.5; 44.18; 51.13; Jr 10.12; 32.17; 51.15; Zc 12.1; At 4.24; 14.15; Ef 3.9; 2Pd 3.5; Ap 4.11; 10.6; 13.7). Deus os criou em seis dias (Êx 20.11; 31.17). São sustentados pelo poder da sua palavra (Sl 33.9; 148.5; Hb 1.3; 2Pd 3.5). Uma vez que o ("Céu Superior"), é eterno, não é, pois sujeito a nenhuma mudança "...um novo céu, e uma nova terra" implica a transformação dos ("céus atmosféricos e astronômicos"); eles passarão com grande estrondo no dia do juízo (Is 51.6; Mt 24.33; Mc 13.31; Lc 21.33; Hb 1.10, 11; 2Pd 3.7, 10; Ap 6.16 (1º estágio); Ap 20.11; 21.1; consumação.

3. E o mar já não existe. Uma omissão conspícua da nova criação de Deus é a de oceano: "...e o mar já não existe" (21.1). Como o coração de João deve ter sido confortado por tal revelação, pois na ilha de Patmos o Apóstolo estava separado pelo revolto do mar! No céu, entretanto, nada nos separará dos nossos queridos.

2. **“E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido”.**

I. “...a nova Jerusalém”. Esta linda cidade, vista por João, corresponde à mesma do versículo 10, deste capítulo; porém, em relação ao tempo, uma visão está distante da outra cerca de mil anos. “Este trecho ocupa-nos outra vez com o período milenial. O que foi dito em 20.5-6, é agora revelado plenamente, e temos uma descrição da noiva, a esposa do Cordeiro, na sua glória milenial, em relação a Israel e às nações sobre a terra”.

1. A cidade em foco de gigantescas dimensões tendo o formato quadrangular, vista no versículo 10; descrerá para a terra no início do Milênio e, ficará (“acima”) da Jerusalém terrestre durante mil anos e, a iluminará (v. 23). Iluminada pela glória da Jerusalém celeste a Jerusalém terrestre se transformará também na cidade casada como descreve o profeta Isaías: “Nunca mais te chamarão: desamparada, nem a tua terra se denominará jamais: Assolada; mas chamar-te-ão: Hefzibá; e à tua terra: Beulá...”(Is 62.4a.). Aqui o profeta descreve a glória de Sião durante o Milênio. A cidade (“desamparada”), será chamada (“Hephzibat”) meu regozijo está nela”, e a terra desolada, (“Beulá”), ou casada. E o senhor habitará em Sião e se regozijará sobre ela como o noivo se regozija da noiva.

3. **“E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus”.**

I. “...o tabernáculo de Deus”. O trecho de Ezequiel 37.27, mostra esse tempo futuro: “O meu tabernáculo estará com eles, e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”. No presente texto, é-nos dito com notável franqueza que a habitação de Deus está com os homens. A expressão, “...grande voz”, presente em cerca de 18 versículo deste livro, e tão nossa conhecida, aparece agora, pela última vez, para anunciar o tabernáculo de Deus com os homens. O tabernáculo, como sabemos, era a tenda em que permanecia a glória de Deus, e onde, no deserto, o povo se reunia para, através de sacrifícios e sacerdotes, aproximar-se de seu Criador. Agora, esta cidade será eterno tabernáculo, pois nela Deus mesmo estará com os homens. E a fim de que não haja engano, as palavras são repetidas: “O mesmo Deus estará com eles”. E então o pensamento é expressivo e um verdadeiro clímax de esperança: “...eles serão o seu povo”.

1. O antigo tabernáculo tinha o “sshekinah” de Deus ou resplendor divino; na nova cidade isso sucederá supremamente. O próprio tabernáculo fora construído de modo a permitir certa manifestação de Deus entre os homens. Aqui, porém, agora, tudo que no passado era sombra, agora é realidade.

4. **“E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas”.**

I. "...toda a lágrima". No capítulo 7.17 deste livro a expressão "...toda a lágrima" é atribuída aos mártires da Grande Tribulação: a do presente texto, porém, a todos os santos de todos os tempos. Agora, como nos versículos anteriores, essa cidade será o eterno tabernáculo, pois nele Deus mesmo estará com seus filhos e nela não haverá lágrimas, nem morte, nem luto, nem pranto, nem dor. A lágrima é ("silenciosa"): o pranto não. Na dor ou sofrimento intenso sobrevém o pranto. A lágrima é antes expressão da dor surda, intensa, intima. Agora tudo isso é ("pretérito"), diz o texto em foco: "...as primeiras coisas são passadas". Hough observa que as lágrimas acompanham todos os atos dos homens. Elas são contundentes em três fases principais da vida humanas: Ao nascer; no viver; e na morte. As lágrimas afloram-nos aos olhos pelas tristezas, pelos ideais perdidos ou frustrados, pelos defeitos e pelas vitórias que foram obtidas ou perdidas. Porém, na nova terra, a última lágrima já foi derramada, e toda tristeza será substituída por uma alegria eterna.

5. **"E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis".**

I. "...Eis que faço novas todas as coisas". O versículo em foco não diz quem está assentado no trono. O Pai ou o Filho. Sabemos que no estado eterno será de Deus e do Cordeiro (22.1), porque o reino é de Cristo e de Deus (Ef 5.5).

1. A presente voz, assim, é do Criador, visto dizer: "Eis que faço novas todas as coisas", mas Cristo estará também ali, pois "...sem ele nada do que foi feito se fez". Lemos neste livro neste livro sobre muitas coisas novas como por exemplo: (a) "um novo nome". 2.17; (b) "o novo nome de Cristo". 3.13; (c) "novo céu e nova terra". 21.1; (d) "a Nova Jerusalém". 21.3, 12; (e) "todas as coisas". 21.5. Neste versículo há um fato extremamente singular: "Essa é a primeira e única vez que Deus Pai se dirige a João, ou, de fato (à parte de 1.8), ao menos fala. O silêncio quase inquebrantável atribuído a Deus, no Apocalipse, corresponde à razão divina, prescindível de dizer palavras, a dirigir as coisas mortais por meio da sua retidão e poder".

6. **"E disse-me mais: Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ômega, o principio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da água da vida".**

I. "...o Alfa e o Ômega". Em Ap 1.8, Deus é retratado como sendo o primeiro: em sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade, amor, retidão e verdade. Ele é o último, porque nele existe a potencialidade de toda a vida e bem-estar. Nele também se acha o cumprimento desses objetivos. Nele há a consolidação de todas as promessas. Na passagem já focalizada (1.8) esse título ("o alfa e o Ômega") é dado a Deus; aqui, parece-nos também assim. Em Ap 22.13 é aplicado a Cristo. Além das grandes promessas feitas ao vencedor, neste livro, aparece mais uma "...de graça lhe darei da água da vida". O Senhor Jesus Cristo em sua vida terrena, duas vezes declarou ter sede: no poço de Jacó e nos braços da cruz (Jo 4.7; 19.28). Em ambas as ocasiões seus circunstantes lhe negaram,

mas Jesus perdoa e exclama agora: "...a quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da água da vida".

7. **"Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho".**

I. "...e ele será meu filho". A filiação especial é tomada de 2Sm 7.14 (feita a Salomão) mais tarde a Davi (Sl 89.26), os quais próximos de Deus por seu cargo, eram chamados filhos. Aqui no texto em foco tem sentido mais preciso e mais vasto, pois implica a filiação divina que Deus participa a todos, vista como ponto de chegada em sua realização plena. A antecipação do contexto diz: "...herdará todas as coisas"; é, pela adoção. Em ("Huiothesia"), nós tornamos "...herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Rm 8.18).

1. Adoção não é tanto uma palavra de parentesco, como de posição. Esse direito ou poder, só é concedido ao homem através do novo nascimento (Jo 3.12, 13). Adoção é o ato de Deus pelo qual crente, já filho, é colocado na posição de adulto (Gl 4.1 e ss), e como o direito de clamar: ("Aba"), isto é, Pai. Mas a plena adoção, o crente espera na ressurreição, mudanças e trasladação dos santos, que é, "...a redenção de nosso corpo" (Rm 8.23; 1Jo 3.2). No Apocalipse, essa é a única instância em que a bem-aventurança eterna é expressa em termos de "filiação". Mas em o Novo Testamento, a idéia e comum (Hb 2.10).

8. **"Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicários, e aos mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte".**

I. "...quanto aos tímidos, etc". O presente versículo, fala-nos de pecadores. O pecado é a doença espiritual. A doença da alma. Era comum, entre os grego, usar-se "lista de vícios" como meio de instrução, algo semelhante ao uso dos mandamentos da cultura hebraica. Nesta secção vejamos a lista de adjetivos apresentada:

1. TÍMIDOS. Acreditamos que os tais sejam os apóstolos que por covardia, viraram as costas ao combate da fé, e que em tempo de tribulação, abandonaram a Cristo e seu testemunho, a fim de salvarem a pele. Negaram a Cristo na terra, e em conseqüência disso, serão negados no céu (Mt 10.33):

2. INCRÉDULOS. São aqueles que recusaram a crer em Cristo e aceita-lo como fiel Salvador: são os discípulos do mundo ateu de todos os tempos (Sl 14.1; 53.1):

3. ABOMINÁVEIS. São aqueles que praticam a idolatria e seus vícios acompanhantes. A alma de Deus aborrece essas criaturas, e por isso ficarão fora do céu; tendo por herança o lago de fogo (cf. 1Co 6.10):

4. HOMICIDAS. Em outras listas de vícios do Novo Testamento, o "homicida" também é alistado como "uma figura sombria" (Gl 5.21); especialmente nesta secção, o

homicida faz parte do pecado chamado de "obras da carne". Em Rm 1.29 é alistado esse pecado entre as características dos antigos povos pagãos, cujos atos pecaminosos atraís contra eles o julgamento de Deus. Em 1Jo 3.15, está ligado com o mundo religioso. É um pensamento solene: aquele, que como Caim, "Não matarás" (Êx 20.13):

5. FORNICÁRIOS. A fornicação é uma perversão ligada ao campo da sexualidade e tem sido nocivo tanto a Deus como à sociedade; as tais criaturas ficarão fora do céu por ser esse um lugar de pureza, amor e inocência (Ef 5.5):

6. FEITICEIROS. Em Gl 5.20, as feitiçarias são alistadas entre "as obras da carne", e no capítulo 9.21 do Apocalipse, a palavra ocorre sempre com um duplo sentido do mal. Em Apocalipse 18.23, ocorre de novo o termo usado neste texto. O substantivo correspondente se acha em Apocalipse 21.8, que é o texto em foco: (onde os "feiticeiros" são sentenciados a "segunda morte"); em Apocalipse 22.15; (onde são colocados ao lado daqueles que ficarão de "fora" dos portões da cidade celestial). A feitiçaria está ligada ao mundo pagão, e se entrelaça estritamente com o mundo nas trevas. São criaturas que se tornaram escravas dos demônios, e devem ser aprisionadas (Êx 22.18):

7. IDÓLATRAS. Nos dias de João, a idolatria permanece em todos os setores do Universo; o culto ao imperador romano tinha se tornado a mais vil forma de idolatria. Nos últimos dias, o Anticristo será assim adorado (2Ts 2.4; Ap 13.4). A idolatria também figura na lista de vícios, portanto, é pecado (Gl 5.20):

8. MENTIROSOS. No momento que o homem mente está se tornando um agente do diabo que é o pai da mentira (Jo 8.44). No campo espiritual ou religioso, o mentiroso é aquele que nega que Jesus é o Cristo, o filho Eterno de Deus (1Jo 2.22):

9. **"E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete praga, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro".**

I. "...a mulher do Cordeiro". Uma introdução particularmente solene (21.9-10) prepara a verdadeira descrição da Jerusalém celeste. Numa perspectiva literária que se reporta a Oséias (2.19-21), a Isaías (44.6; 54.1 e ss; 61.10), a Ezequiel (capítulo 16), desenvolve-se gradualmente a imagem da nova Jerusalém. Na presente era, a Igreja, como uma virgem, é a noiva de Cristo (2Co 11.2; Ef 5.22); Após o arrebatamento, ela é contemplada como sendo a "esposa, a mulher do Cordeiro" (19.7; 21.9; 22.17). É curioso observar duas expressões significativas do anjo a João; a primeira é descrita no capítulo 17.1 e a segunda no capítulo 21.9: ("Vem, mostrar-te-ei..."). Embora estes versículos e o trecho sejam paralelos em sua forma de expressão, aquilo que é mostrado em segunda é bastante diferente. O primeiro mostra uma "mulher poluída" (Babilônia), o segundo uma "mulher pura" (a Igreja). Notemos o entrelaçamento entre a esposa do Cordeiro e a cidade amada; uma é contemplada como sendo a outra, visto que no reino eterno e na glória infinda, tudo é de Cristo e Cristo de Deus.

10. **“E levou-me em espírito a uma grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu”.**

I. “...a santa Jerusalém”. Devemos observar que no versículo 2, deste capítulo, essa cidade é chamada de (“nova”), enquanto que agora no presente versículo de (“santa”). A diferença é apenas em relação ao tempo. Tudo sugere uma cidade literal: ouro, ruas, dimensões, pedras. Ela desce do céu, pois é impossível construir uma cidade santa aqui. O versículo 10 desta secção tem uma ação retrospectiva; enquanto que o versículo 2, prospectiva; no versículo 2, João contempla esta nova cidade já na (“eternidade”) como capital do “Novo Céu e da Nova Terra”. Porém, o nome será o mesmo que o Senhor lê deu durante o Milênio: “Jerusalém-Shammah” – isto é, O Senhor está ali (Ez 48.35). A frase no texto e contexto: “...de Deus descia do céu”, significa: desceu para a terra no início do Milênio (v.10); enquanto que no versículo 2, o significado do pensamento deve ser: desceu para a nova terra já na Eternidade. A concebida como algo encobria o monte, mas como algo que descia o local próximo, conforme se ver descrito em Ez 40.2.

11. **“E tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente”.**

I. “..semelhante a uma pedra preciosíssima”. A glória da cidade do senhor, do presente texto, é comparada a uma pedra (“preciosíssima”). Por igual modo, a salvação que os homens recebem de Cristo não tem descrição em palavras, não podendo ser calculado o seu valor. Isso envolve até mesmo a obtenção de “toda a plenitude de Deus”. Isso indica também particularmente, a presença de Deus, e não somente sua manifestação ocasional como acontecia no antigo tabernáculo montado no deserto (Êx 40.34). Essa situação fará a glória divina a “Shekinah”, vir habitar permanentemente com os santos, pois a frase em si: “...o Senhor está ali” (Ez 48.35) no seu equivalente ocorre três vezes aqui (vs. 3, 22; 22.3). No deserto a nuvem especial servia de sombra, aqui, porém, só de luz da cidade, como já ficou demonstrado, compara-se ao ofuscar do jaspe, como cristal resplandecente, isto é, tem uma glória como a do Criador, cuja aparência se diz ser como a de pedra jaspe (4.3).

12. **“E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel”.**

I. “...com doze portas”. O número (“12”), com seus cognatos, ocorre mais de 400 vezes na Bíblia e é extremamente importante. Neste livro ocorre cerca de (“20”) vezes, e permeia o governo patriarcal, apostólico e nacional. Temos, assim: “As 12 estrelas (12.1); os 12 anjos (12.12); as 12 tribos (21.12); os 12 fundamentos (21.14); os 12 frutos (22.2); as 12 portas (21.12, 21); as 12 pérolas (21.21); entre os múltiplos de 12 temos: 12.000 estádios (21.16); 12.000 selados (7.5-8); 144.000 é um número formado de 12 vezes

12.000 (14.1); 24 anciãos e 24 tronos (4.4; 11.16), são também especiais". Todos esses números se relacionam agora com a Jerusalém celestial, na qual se viam 12 portões como sendo 12 pérolas, 3 de cada lado do quadrado (21.21). Em cada portão havia a gravação do nome de uma das 12 tribos de Israel. Em Ez 48.31-34, há uma descrição semelhante da nova Jerusalém durante o Reino Milenial de Cristo.

13. **"Da banda do levante tinha três portas, da banda do norte três portas, da banda do sul três portas, da banda do poente três portas".**

I. "...tinha três portas, etc". Na antiga cidade de Jerusalém terrestre, havia também 12 portas, sendo, por assim dizer, uma cópia da Jerusalém celestial (cf. Hb 8.5 e 9.23); essas portas estavam também nas cardeais; ladeavam toda a cidade de Davi: a porta do gado (Ne 3.1); a porta do peixe (Ne 3.3); a porta velha (Ne 3.6); a porta do vale (Ne 3.13); a porta do monturo (Ne 3.14); a porta da fonte (Ne 3.15); a porta da casa de Eliasibe: sumo-sacerdote (Ne 3.20); a porta das águas (Ne 3.36); a porta dos cavalos (Ne 3.28); a porta oriental (Ne 3.29); a porta de Mifcade (Ne 3.31); a porta de Efraim (Ne 8.16). "Isso pode ser comparado também ao acampamento de Israel, onde havia o arranjo das tribos de acordo com direções dos pontos cardeais: A leste ficava Judá, Issacar e Zebulom; Ao sul, Rúben, Simeão e Gade; A oeste, Efraim, Manassés e Benjamim; E ao norte, Dã, Asser e Naftali. Números capítulo 2.

14. **"E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro".**

I. "...doze apóstolos do Cordeiro". Devemos observar que, cada vista da cidade se menciona o ("Cordeiro"), e a referência sétupla a ele (21.9, 14, 22, 23, 27; 22.1, 3) indica que embora Cristo entregue o reino ao Pai, não obstante partilha-o com os remidos. Os Apóstolos do cordeiro, mostram nisso sua importância, tanto naquilo que eram como naquilo que faziam. Porém, Cristo Jesus é quem dá por empréstimo o seu valor àqueles, o que significa que eram grandes somente por sua causa. Não obstante, os Apóstolos e profetas são grandes, tal como todos os homens o são, uma vez que sejam transformados segundo a imagem de Cristo, já que participação da sua natureza divina. Na nova Jerusalém o divino se combinará com o humano, da mesma maneira que o número três, multiplicado pelo número do mundo "quatro", resulta em doze. Assim cumpre-se a frase: "...para o humano se tornar divino, foi necessário que o divino torna-se humano". Na cidade do Deus vivo, o humano se encontra com o divino absorve o humano, menos a individualidade (2Co 5.4).

15. **"E aquele que falava comigo tinha uma cena de ouro, para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro".**

I. "...para medir a cidade". O texto em foco, mostra-nos um anjo que trazia "...uma cana de medir" para medir a grandeza da cidade do senhor. "Neste ponto, a cidade, ao ser medida, dá a entender a sua total importância e consagração, em todas as suas partes, trazida ao padrão exato das exigências de Deus; outrossim, fica entendido o cuidado de Deus, dali por diante, cada partícula de sua Santa Cidade, para o mal não a atinja". É a medição que exibe a beleza e as proporções da cidade, a qual agora viverá em paz. O ouro é uma das grandes características dessa cidade; as ruas são de ouro; isso pode representar o rico resplendor da cidade real (cf. 1Rs 10.14-21; Sl 77.15); mas a riqueza daquela cidade será o amor. Essa "medição", sem dúvida, denota o caráter e ideal da Igreja eterna, o conhecimento e a nomeação divina da mesma (Ez 42.16; Ap 11.1).

16. **"E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios: e o seu comprimento, largura e altura eram iguais".**

I. "...doze mil estádios". Segundo os rabinos, o estádio era uma oitava da milha romana, ou seja, cerca de 185 metros. Portanto, doze mil estádios correspondem mais ou menos a 2.200 quilômetros. Porém, devido à ambigüidade das conforme é observada no grego, os intérpretes diferem imensamente no que se refere ao seu formato tencionado. "Os judeus dizem acerca de Jerusalém que, no porvir, ela será tão grande e ampliada que atingirá os portões de Damasco, sim, até ao trono da glória". Cremos que realmente a nova Jerusalém terá, sem dúvida, essas dimensões em foco nesta secção, isto é, 12.000 estádios. "Doze mil estádios multiplicados por cento e oitenta e cinco metros, e o resultado elevado à terceira potência dará a medida cúbica da cidade: ("dez bilhões, novecentos e quarenta e um milhão e quarenta e oito mil quilômetros"). A grandeza da cidade assegura lugar para todos!".

17. **"E mediu o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados, conforme à medida de homem, que é a dum anjo".**

I. "...à medida de homem". Essa expressão ("à medida de homem, que é a dum anjo") tem deixado alguns teólogos perplexos. Provavelmente isso deriva do fato de que o côvado era uma medida tomada com base na estrutura do corpo humano, o comprimento entre a ponta do dedo médio da mão e a junção do cotovelo. Para ocidentais, o côvado mais conhecido é o francês: 66 centímetros, mas o côvado mencionado na Bíblia é o hebraico: 50 centímetros, aproximadamente. Apesar da cidade ter aproximadamente 555 quilômetros de altura, o seu muro é bastante baixo (cerca de 72 metros) para nós aqui na terra; mas, segundo se diz que, no céu ele é bastante alto. Pois é importante lembrarmos que lá não existe ladrão! Há outras possíveis interpretações sobre a medida do anjo, vista nesta secção. "Supõe-se que esse "côvado" é uma medida angelical, não do mesmo comprimento do côvado humano, sendo antes cerca de 180 centímetros, isto é, da altura de um homem. Mas essa opinião é extremamente improvável". É evidente que 144 côvados, refere-se a medida estabelecida acima, isto é, cerca de 72 metros.

18. **“E a fábrica do seu muro era de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a vidro puro”.**

I. “...a cidade de ouro”. O livro do Apocalipse traz muitas alusões ao “ouro”. Para o leitor curioso, esta lista é provida: (1.12, 13, 20; 2.4; 3.18; 4.4; 5.8; 8.3; 9.7, 13, 20; 14.14; 15.6, 7; 17.4; 18.12, 16; 21.15, 18, 21). Mas a maioria das referências aludi ai ouro de qualidade celestial. Será um ouro transparente, de qualidade metafísica, o da cidade do Senhor! Presumivelmente de uma qualidade desconhecida na terra. será um “ouro” celeste, de origem divina. “O ouro é emblema da natureza divina (Jó 22.25), difundido por todo o mundo, por causa da fusibilidade desse metal”. Alguns intérpretes instem aqui em um material literal, mas a maioria deles vê o ouro como símbolo de dignidade, valor, pureza e natureza exaltada do caráter da Noiva. Mas essa opinião não se coaduna com a natureza do argumento principal. Seja como for, importantíssimo aparece aqui, e, evidentemente, refere-se mesmo ao “ouro”, mas de natureza celestial.

19. **“E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de todas a pedra preciosa. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo, safira; o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda”.**

I. “...os fundamentos”. Notemos que as várias pedras preciosas mencionadas são essencialmente paralelas às pedras do peitoral do Sumo Sacerdote, conforme se depreende em Êx 28.17 e ss; 39.10 e ss; Na Septuaginta (LXX) feita do hebraico para o grego essas pedras também são vistas no adorno das vestes do rei de Tiro: literalmente, o monarca Itobal II. Ez 28.13.

1. No livro do Êxodo, cada pedra recebeu a gravura do nome de uma tribo, mas no Apocalipse, cada pedra tem o nome de um Apóstolo do Cordeiro. No versículo 14 do presente capítulo, é dito que o “...muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro”; é evidente que estas pedras correspondam aos nomes desses personagens respectivamente. 2Pd 2.5:

(a) Jaspe (Pedro). Isso pode ser confrontado com Ap 4.3, onde o Deus supremo aparece em uma manifestação visível com a aparência de jaspe. A simbologia aqui empregada mostra sua natureza divina; será verdadeiramente, uma habitação apropriada para Deus, para Cristo e para seu povo. Esse jaspe é como uma pedra luminosa, “cristalina” que refletirá por assim dizer, a glória de Deus, tal como os remidos são a “imagem de Deus” em Cristo. “O jaspe oriental é extremamente duro, quase indestrutível. As colunas feitas dessa pedra têm perdurado alguns milênios, e parecem nada ter sofrido dos estragos do tempo”. O material da muralha, portanto, se reveste de igual importância com a sua altura, valor infinito e duração infinita, qualidades que pertencem às pedras mais preciosas;

(b) Safira (André). Podemos comparar o presente texto, com Is 44.11 e Ez 1.26. Talvez se trate do ("láios lazúli"), ao passo que a moderna safira talvez seja o "jacinto" do vigésimo versículo . Plínio descreve a pedra aqui mencionada (sappheiros) como uma pedra opaca e rajada com tracinhos de ouro... procedia da Média, Pérsia e Bocara, essa pedra era opaco azulada:

(c) Calcedônia (Tiago). Assim chamada por proceder da Calcedônia, onde era encontrada nas minhas de cobre. Provavelmente era uma esmeralda de qualidade superior à que conhecemos atualmente. Plínio informa-nos que ela era pequena e quebradiça e que era fruta-cor. Não possuímos maiores detalhes sobre esta pedra, calcedônia: este é o único lugar onde essa palavra figura em todas as Escrituras:

(d) Esmeralda (João). Essa palavra aparece em Ap 4.3. Dentre todos os escritores antigos que conhecemos, Heródoto foi o primeiro a mencionar essa pedra. Ele visitou um templo dedicado a Hércules, em Toro, adornado de esmeralda. Havia ali duas colunas, uma de ouro puro e a outra de esmeralda, que "brilhava com grande fulgor à noite". A que foi vista por João na muralha da cidade celeste, ultrapassa todas as perspectivas daquela contemplada por Heródoto, em Tiro.

20. **"O quinto sardônica; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisópraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista".**

I. "...o quinto e ss". O presente versículo, é a continuidade da lista das pedras iniciada no versículo anterior.

1. Seguiremos aqui a ordem anterior do versículo 19 deste capítulo:

(e) Sardônica (Filipe). Era uma bela e rara forma de Ônix, assim chamada devido à sua semelhança com as veias brancas e amarelas da unha humana. (No grego: "onuks"). Em tempos antigos, evidentemente essa pedra era chamada "Ônix", quanto a pedra era rajada ou salpicada de branco:

(f) Sárdio (Bartolomeu). Essa pedra também é encontrada em Ap 4.3. Era de cor vermelha, usualmente rebrilhante. Sua cor vermelha se aplicava à pessoa de Cristo, como a vitima da expiação no holocausto da cruz:

(g) Crisólito (Tomé). O termo grego subentende uma pedra de cor dourada. Plínio a descreve como "translúcida e com um tom dourado". Está em foco o topázio, que é um quartzo amarelo:

(h) Berilo (Mateus). De acordo com Plínio, essa pedra se assemelhava ao verde mar. Talvez tenha sido uma espécie de esmeralda, embora muitos eruditos pensem que era uma espécie de pedra inferior àquela; mas em sentido natural é esmeralda. Ez 1.16; 10.9; 28.13:

(i) Topázio (Tiago, filho de Alfeu). Essa é a nossa pedra "peridot". Alguns estudiosos afirmam que o topázio era desconhecido dos antigos, mas isso parece impossível. A pedra aqui mencionada era de cor verde-amarelado. Jó 38.19; Ez 28.13:

(j) Crisópraso (Lebeu, apelidado Tadeu). Devida-se do grego que significa "alho de ouro". Essa pedra era de cor verde-dourado e translúcido, e se assemelhava a um alho, do formato do ("mundo ocidental"). Plínio pensava que essa pedra era uma variedade de berilo; uma pedra bastante conhecida de todos:

(l) Jacinto (Simão Cananita). Essa pedra, segundo os antigos, era usada para lembrar um belo jovem, que segundo a mitologia grega, foi morto durante um jogo de disco. O termo grego aqui empregado indica a pedra preciosa que leva esse nome. Sua cor podia ser vermelha, vermelho-escuro, azul-escuro ou púrpura:

(m) Ametista (Matias). O termo grego significa "não estar bêbado de vinho" por causa da noção de que a pedra evitava a intoxicação alcoólica. Essa pedra é a quartzo ametistino, ou cristal de rocha, que pode receber um tom purpurino, devido ao manganês ou do ferro. É evidente que estas doze pedras preciosas, são responsáveis por cada cor durante um ("mês") na cidade celestial (22.2).

21. **"E as doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérolas; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente".**

I. "...as doze portas eram doze pérolas". Há uma promessa para a Jerusalém terrestre durante o período milenial. Em Is 54.12, diz: "E as tuas janelas farei cristalinas, e as tuas portas de rubins...". A pérola é a única jóia que a arte humana não consegue aprimorar. Instrumentos podem dar lustro a outras pedras. Mas a perfeição da pérola deve ser algo original e inerente a ela mesma. As bênçãos mais profundas de Deus, na Nova Jerusalém, não poderão ser melhoradas, porquanto, participam da perfeição da própria perfeição de Deus. Ainda sobre essa jóia tão importante, encontramos em Mt 13.45, 46 a parábola da pérola de grande valor que em uma interpretação comum representa a Igreja comprada pelo "precioso sangue de Cristo". No presente texto, a pérola significa unidade, pureza e amor. Uma porta de pérola conforme o tamanho das portas daquela cidade! Só Deus e mais ninguém possui tal riqueza! Mas ali tudo é dele e para ele.

22. **"E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro".**

I. "...nela não vi templo". Cada um desses versículos traz particularidades que distinguem o estado eterno do Reino Milenial. As sombras aqui agora dão lugar à substância (cf. Hb 8.5 e 9.23). No Milênio havia o sol e a lua que iluminava. Havia também templo, por mão humana (Ez capítulos 40-48). Mas na nova Jerusalém celestial não são necessários. Em algum sentido todos os templos, (isto é, o de Salomão. 1Rs capítulo 6; o de Esdras. Ed capítulo 6; o de Herodes. Jo 2.20; esse que será construído pelos judeus (Dn 9.27; Mt 24.15; 2Ts 2.4), e o templo escatológico de Ezequiel (usado no Milênio). Ez capítulos 40 e ss, todos são tratados como uma só casa: ("a casa de Deus"), visto que todos professaram ser isso). Aqui, porém, no texto em foco, não haverá mais

templo: “porque o seu templo (da cidade) é o Senhor”. A cidade inteira será então um só santo templo de Deus. Como observa Lang, “A nova Jerusalém não terá lugar para abrigar ao Senhor, porquanto ela mesma será abrigada por ele. Ele armará tabernáculo sobre eles (7.15). Seus habitantes habitarão sob sua luz manifesta e abrigadora”.

23. **“E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada”.**

I. “...não necessita de sol nem de lua”. No versículo anterior João viu que a cidade não precisa de santuário, isso equivale a dizer que toda a cidade é o próprio santuário, pois Deus e o Cordeiro são seu próprio santuário (Jo 2.21). A cidade brilha desde seu interior, não precisando de qualquer iluminação externa. A luz de Cristo atravessa em todas as direções, por tratar-se de ouro transparente, e nada pode impedir a difusão dos raios luminosos de Cristo. Assim fica demonstrado que, a cidade celeste não necessita de luz, nem mesmo de sol. Entretanto, na cidade terrestre (na era milenial) haverá necessidade de luz, como podemos ver em Is 30.26, pois haverá noite e haverá dia: fatores da vida física (cf. Is 24.23-30). Agora na presente era, os remidos andam por fé, vêem as coisas celestes “...refletindo como um espelho” (2Co 3.18); mas ali tudo será alterado.

24. **“E as nações andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra”.**

I. “...as nações”. Cronologicamente falando, a última vez que lemos neste livro sobre (“nações terrenas”), é em 20.8; aqui, portanto, e, nas secções que se seguem (21.26 e 22.2); trata-se de (“nações celestiais”). Por três vezes são mencionadas as nações aqui. O Milênio aqui já é passado (obedecendo a ordem cronológica dos acontecimentos). É verdade que palavra “nação” empregada nos versículos (24, 26; 22.2), não contenha certos elementos que lhe pertencem quando se refere às “nações gentílicas”, mas o sentido de “nação” lhe é inerente. Assim podemos depreender que essas nações não soa mais os convertidos da era milenial, a menos, que trate-se de uma secção (“tópica”) e não (cronológica”). Mas, se assim for, esses versículos estariam deslocados de suas posições. Essas nações, portanto, devem ser “nações santas” já numa forma de vida (cf. 1Pd 2.9; Ap 5.9; 7.9-14). A menos que numa ação retroativa sejam as nações mileniais que aqui são contempladas (Zc 14.16). Mas dificilmente isso se harmoniza com o argumento principal.

25. **“E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite”.**

I. “...suas portas não se fecharão”. O Dr. J. A. Seiss diz aquilo que segue: “A hospitalidade da cidade santa será suprema em todos os seus aspectos. Há uma rica e calorosa cidade de portões abertos. Ela oferecerá o dom das portas abertas a todos os peregrinos da luz. Onde quer que os homens tenham visto estrelas de esperança no

firmamento noturno e tenham querido viajar para a pátria da expectação, têm pertencido à companhia daqueles que foram acolhidos pelas portas abertas da cidade de luz. Em paz durante o dia, as portas da cidade estarão abertas; e nem haverá noite ali". Uma cidade é um centro de cooperação, harmonia e governo, e, colocada sobre um monte, é bem evidente (Mt 5.14; Ap 21.10). Na capital do céu, tudo será paz, pois o oxigênio espiritual nela existente será o amor. Não haverá nela trevas, nem pecado, nem egoísmo, nem violência, coisas que encobrem os corações dos homens como uma noite tenebrosas. Mas, seja como for, "ali não haverá noite!".

26. **"E a ela trarão a glória e honra das nações".**

I. "...glória e honra". Na era presente e honra e a glória que pertencem a Deus, em muitas das vezes, têm sido dedicadas a outras criaturas (cf. Is 42.8; Rm 1.19 e ss). Porém, na cidade do Senhor, isso não acontecerá, pois ali toda a honra e toda a glória e todo o louvor, só serão dados a Deus e ao Cordeiro, porque merecem (5.12, 13). A cidade será o objeto especial e eterno da riqueza das nações. Assim essa linda cidade denominada "nova Jerusalém", não é a mesma Jerusalém do mundo atual; "a Jerusalém deste mundo pode penetrada por quem quiser nela entrar; mas a do mundo vindouro não poderá ser penetrada por ninguém, exceto por aqueles que estiverem preparados e foram nomeados para ela". As Escrituras nos levam a entender que, na Nova Jerusalém celeste não poderá sobreviver seres humanos, mas, só celestiais. As nações convertidas durante o Milênio, serão ("transformadas") quando "o céu e a terra" passarem (20.11); enquanto que os mortos da era milenial, serão ressuscitados numa nova forma de vida (cf. Dn 12.2; Jo 5.29). E, assim num contexto demonstrativo do significado do pensamento diz Paulo: "...assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial".

27. **"E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro".**

I. "...não entrará nela coisa alguma que contamine". O presente texto nos faz lembrar das palavras de Platão, quando dizia: "Na vida presente, penso que nos aproximamos mais do conhecimento quanto menor for a nossa comunhão e ligação com o corpo (o corpo do pecado), não sendo infectados pela natureza do corpo (que é má), mas antes permaneceremos puros até a hora em que o próprio Deus agradar-se em libertar-nos... nenhuma coisa impura (há não ser por meio de Jesus) terá licença de aproximar-se do puro".

1. Só os que estão inscritos. O contexto seguinte diz: "...no livro da vida do Cordeiro". Entre os livros escritos com tintas e outras não, encontramos os seguintes:

(a) O livro da consciência. Rm 2.15; (b) O livro da natureza. Sl 19.1-14; (c) O livro da lei. Rm 2.12; (d) O livro do evangelho. Rm 2.16; (e) O livro das memórias. Lc 16.25; (f) O livro(s) das obras humanas. Ap 20.12; (g) O livro da vida. O livro da vida do Cordeiro é o

livro que dá admissão ao mundo eterno. A missão plena de Jesus Cristo, derramando o seu sangue, foi para conduzir-nos a Deus, em sua real presença. Seu título, "Cordeiro", faz subentender tudo isso. O livro da vida é o livro de uma infinita compaixão, porque contem, exclusivamente, nomes de ex-pecadores. Está aberto para todos; e, no entanto, muitos desprezam as suas promessas.

Capítulo XXII

1. **"E MOSTROU-ME o rio da água da vida, clara como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro".**

I. "...o rio puro da água da vida". Esse rio puro que segundo se diz, é ("o rio da água da vida") não deve ser identificado como sendo o mesmo descrito por Ezequiel (47.1-12), por vários motivos:

1. O descrito por Ezequiel tem o seu leito na terra; o do texto em foco tem seu leito no céu; o de Ezequiel, que também é descrito por Zacarias (14.1-8), terá sua nascente "...debaixo do umbral da casa" (o templo). Ez 47.1; o desta secção, porém, no "trono de Deus e do Cordeiro". O primeiro será visto durante o Milênio, o segundo, já na eternidade. Durante o Milênio, a terra será enriquecida com "o rio milenial". O leito deste rio será criado no momento em que Jesus tocar com seus pés sobre o monte das Oliveiras (Zc 14.4). Sua foz será debaixo da casa do Senhor, especialmente do seu lado direito.

2. À semelhança do Jardim do Éden, em que seu rio era dividido em "...quatro braços" (Gn 2.10); Esse rio porém, será dividido em dois (Zc 14.4, 8). Esses dois canais seguirão direções diferentes:

(a) O primeiro, em direção ao mar Oriental (mar Morto) formando um vale nas montanhas de Judá (Zc 14.5), e ampliando as fontes de En-Gedi (fonte do cabrito) e En-Eglaim (fonte dos bezerros), que encrava-se entre Hebrom e o mar Morto (Js 15.62; Ez 47.10), chegando até Asel na parte oriental do território de Judá (Zc 14.5) conforme se depreende dos textos e contextos demonstrativos:

(b) O segundo canal, seguirá em direção do mar Ocidental (mar Mediterrâneo), numa extensão de 80 quilômetros aproximadamente (Zc 14.8). Tudo isso nos faz lembrar o Jardim do Éden que possuía rios que fluíam, fertilizando suas terras, de tal modo, que a vida ali era tranqüila e calma. Assim também agora a Jerusalém terá sua água da vida, e a vida eterna florescerá ali, além de qualquer imaginação humana.

2. **"No meio da sua praça, e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são a saúde das nações".**

I. "...no meio da sua praça". Durante o período sombrio da Grande Tribulação, as duas testemunhas escatológicas foram mortas ("na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito..."), agora, entretanto, elas estão desfrutando das venturas eternas na ("praça principal") da cidade do Senhor. Em algumas traduções modernas, podemos ler em lugar de "praça" (singular), "ruas" (plural). O grego, nesta passagem, singulariza a palavra, esse deve ser o sentido original. A "praça" significa realmente a ("Avenida Principal"), ou ("Eixo da Cidade"). Evidentemente este se identificará como sendo o "centro" da Capital Celestial.

1. A árvore da vida. Durante o Milênio, à margem daquele rio, descrito por Ezequiel e Zacarias, havia "...toda sorte da árvore que dá fruto para se comer" (Ez 47.12), mas, evidentemente não era a "árvore da vida", mas apenas uma ("figura") daquela (Hb 8.5; 9.23). Aqui, nesta secção, aparece a "árvore da vida" dando também seus frutos de mês em mês, indicado que ali haverá ("uma espécie de santa ceia divina") para lembrar permanentemente a morte de nosso Senhor Jesus Cristo. Suas folhas são ("foi") para a saúde das nações, pois não haverá doença no estado eterno! O significado do pensamento, deve ser analisado em sentido antropomórfico para ser entendido pela mente natural. Assim, as folhas podem simbolizar a cura dos sofrimentos passados. A árvore do conhecimento do Bem e do Mal não aparece mais aqui: com a morte de Cristo, ela secou-se na cruz.

3. **"E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão".**

I. "...nunca mais haverá maldição". Segundo os estudiosos, o termo grego usual para "maldição" é "anathema" (1Co 16.22; Gl 1.8). O vocábulo aqui empregado significa, segundo se depreende qualquer "coisa maldita"; qualquer coisa digna de desaprovação ou juízo divino. A "maldição" vista na presente passagem cai sobre aqueles que não amam ao Senhor Jesus Cristo, mas na era eterna não existirá desamor (cf. 1Co 16.22). A maldição imposta sobre nossos pais (Adão e Eva) no Éden afetou a terra inteira, por causa do pecado; mas, agora, será totalmente banida. O pecado em sentido lato quando é citado no singular, define-se como aquele ato de rebeldia que produz a morte, tanto em seu aspecto físico como em seu aspecto espiritual (Gn 4.8); exemplifica a primeira parte (1Jo 3.15); exemplifica a segunda. O pecado assim é então personificado como ("o grande tirano"), que impõe tristeza, desespero, maldição e morte, colocando a criatura numa região tenebrosa, onde ela permanece triste e inativa (Mt 4.16; Ef 5.14). Mas na cidade celeste à perfeição será absoluta, a qual, naturalmente, não pode admitir maldição de qualquer espécie.

4. **"E verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu nome".**

I. "...verão o seu rosto". Na era antiga, ninguém podia olhar para Deus e viver (Êx 33.20). Deus agora é invisível para os mortais, mas isso será alterado na nova era. Assim

como Cristo foi mediador do que se pode conhecer de Deus, da sua existência e do caráter, em nosso velho e mortal período, assim também ele terá essa função na Eternidade (cf. 1Tm 6.15-16). Assim veremos a Deus "face a face" como Ele é.

1. Hoje, o nome Teodicéia tornou-se sinônimo de Teologia natural, e se aplica ao conjunto do tratado de Deus. É a ciência de Deus pela razão. A Teologia em si mesma difere um pouco da Teodicéia. A Teodicéia é então uma ciência racional; quer dizer que não recorre senão às luzes natural. Difere por isso da Teologia, que toma por primeiros princípios, não os princípios da razão, mas os dados da Revelação. Porém, esse avanço da Teologia Natural e da Revelação a respeito de Deus, não proporcionou o direito do homem contemplar a Deus face a face. Mas no mundo vindouro como Ele é o veremos!

5. **"E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia; e reinarão para todo o sempre".**

I. "...não haverá mais noite". O tempo se compõe, essencialmente, de três partes: o presente, o futuro. Só o presente existe: o passado já não é o futuro ainda não é. Isto prova, ainda, que o tempo, tomado na sua totalidade, não existe realmente a não ser no espírito, que, graças à memória, conserva o passado e, pela previsão, antecipa o porvir.

1. Agora, porém, nesta secção, a expressão "...para todo o sempre" é uma tradução do grego ("tous aionas ton aionon"). Essa expressão, treze vezes no Apocalipse. Ela é usada como segue:

(a) Nova vezes a palavra se refere a Deus, isto é, nove vezes é dito que Deus vive e domina "pelos séculos dos séculos":

(b) Uma vez ela é utilizada para descrever a existência dos santos no céu:

(c) Uma vez ela é utilizada para descrever a duração do tormento e castigo eterno do diabo no inferno:

(d) Duas vezes a mesma expressão é usada para a duração dos sofrimentos daqueles infelizes perdidos, que têm suportar eternamente os seus tormentos. Percebemos que a expressão e seu equivalente, quer dizer "para sempre e eternamente!". Essa é portanto, a grande promessa de Deus a todos os habitantes da cidade celestial.

7. **"Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro".**

I. "...Eis que presto venho". Surge neste versículo uma particularidade sui generis do capítulo 22: a intercalação de palavras do próprio Jesus. Essa situação repetir-se-á, também, como veremos nos versículos 13 e 16. A seguir, vem a sexta "Bem-aventurança" do Apocalipse. As cinco anteriores vêm citadas nas seguintes passagens com significações especiais: 1.3 (para os leitores); 14.13 (para os mortos salvos); 16.15 (para os que vigiam); 19.9 (para aqueles que são chamados à ceia das bodas); 20.6 (para os mártires

ressuscitados por Cristo); 22.7 (para os que guardam as palavras da profecia); 22.14 (para o que lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro). A palavra "profeta" ocorre por 12 vezes neste livro e o vocábulo "profeta", por 7. Portanto o livro traz o selo da profecia, e a raiz desta se encontra em toda a extensão da Bíblia. O Apocalipse abre-se com uma bênção para "aquele que lê" e se fecha com uma bênção para "aquele que guarda" as palavras da profecia!

8. **"E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar".**

I. "...Eu, João, sou aquele que vi e ouvi". O nome de João, usado cinco vezes, demonstra que João, autor do quarto evangelho e das três epístolas que levam o seu nome também escreveu o Apocalipse, como foi divinamente instruído a fazer. 1.1, 9; 21.2; 22.8. É evidente que a presente passagem apresenta o autor como sendo a mesma pessoa do principio do livro, dizendo: "Eu, João" (1.9). O Cristianismo sempre aceitou a João, o filho de Zebedeu, como o autor deste livro: (ver notas expositivas sobre isso em 1.1 p. 4). Justino Márter (cerca do ano 135 d.C.) e Irineu (cerca do ano 180 d.C.), citaram verbalmente este livro, atribuindo-o a João, um Apóstolo de Cristo.

1. Prostrei-me aos pés do anjo". É esta segunda tentativa de João adorar o anjo que lhe trouxe a revelação (19.10), mas o elevado poder angelical não aceitou e, diz a João num tom de amor, mas com exortação: adora a Deus.

9. **"E disse-me: Olha não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus".**

I. "...Adora a Deus. Os anjos são vistos em todas a extensão das Escrituras. São seres superiores aos homens (2Pd 2.11), e obviamente inferiores a Cristo em cinco pontos (Hb 1.4 e ss); contudo, jamais, por hipótese alguma, eles aceitam adoração. Sua santidade, à semelhança da santidade de Deus, não é apenas uma isenção de toda impureza moral, mas antes, o conjunto de todas as excelências morais. Eles são exatamente na era presente aquilo que Deus quer que sejam. Eles possuem um senso, de apreciação da santidade divina; sentem, por essa santidade, intensa admiração, pois são seres santos. Portanto, o anjo não era digno objeto de adoração, conforme João chegou a supor momentaneamente. Essa rejeição por parte do anjo, foi certamente um golpe moral, na prática gnóstica da Ásia Menor ao tempo em que João escrevia este livro. eles adoravam aos anjos, além de outros seres que achavam superiores (cf. Cl 2.18).

10. **"E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo".**

I. "...Não seles as palavras". Um livro que não é selado está aberto ao exame e benefício de todos. O que foi selado nos dias de Daniel (12.4) agora é exposto aqui". Daniel viveu cerca de 600 anos antes da introdução do "...tempo do fim". Eis a razão por que era necessário a Daniel selar o livro, mas João, no contexto geral, pertencia a uma geração da "...última hora", e não podia fazer o mesmo. Porque próximo está o tempo. Este versículo 10 além de outras recomendações, parece expressar: não seles as palavras, pois pouco tempo falta; e necessário é que sejam todos a avisados: Jesus vem breve! Não nos esqueçamos de que o Apocalipse significa revelação, e é justamente isto que o livro apresenta. Quanto mais perto nos achegamos dos acontecimentos registrados nele, tanto mais claras as profecias se tornam. Este versículo mostra-nos que nossas vidas, quando não vividas de acordo com o padrão divino, selam para outros a mensagem das profecias. Porquanto somos o único evangelho que algumas pessoas lêem (Mt 5.16).

11. **"Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda".**

I. "...quem é injusto... quem é justo". O versículo em foco, apresenta duas classes de pessoas: maus e bons. O primeiro grupo está seguindo em direção à perdição: no caminho largo citado por Jesus (Mt 7.13); o segundo grupo está seguindo em direção ao céu: no caminho estreito (Mt 7.14). O que João diz neste versículo não é ("O tempo é tão escasso que não se pode mais esperar que os homens queiram mudar, de mal para o bem: Deus exige definição: escolhei hoje a quem sirvais"). O mundo deve ver a diferença "...entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que não serve" pois já é a última hora (Js 24.15; Ml 3.18; 1Jo 2.18). A decisão ou escolha é inevitável, mas é livre: quem quiser continue na maldade. Quem está em santidade, em santidade fique. Essa é a séria advertência! A parte de Deus está feita: a decisão cabe ao homem. Mas se há alguém nesta negra posição, tenha bom ânimo! levante-se, Jesus te chama!

12. **"E eis que cedo venho, e o meu galardão esta comigo, para dar a cada um segundo a sua obra".**

I. "...o meu galardão está comigo". Temos nesta secção alusão ao "Tribunal de Cristo". Nos estádios gregos, a assembléia se reunia defronte de uma "plataforma" chamada de ("b~ema") de onde as questões oficiais eram conduzidas. Esse vocábulo "bema" originalmente significava apenas um "degrau"; desta idéia passou a indicar uma "plataforma elevada", como aquela usada pelos oradores, pelos juizes das competições esportivas, ou mesmo pelos magistrados, em seus julgamentos formais. Paulo, emprega essa palavra, para denotar o "Tribunal de Cristo". Essa palavra é empregada por ("11") vezes no Novo Testamento, e em todas as passagens onde ela aparece, tem sentido especial:

1. (a) O tribunal de Pilatos. Mt 27.19; (b) O tribunal de Herodes. At 12.21 (c) O tribunal de Gálio. At 18.12; (d) O tribunal de César. At 25; (e) O tribunal de Cristo. Rm

14.10. em retórica a encontramos nas seguintes passagens (Jo 19.13; At 18.16, 17; At 25.10, 17; 2Co 5.10). As citações textuais sobre o "Tribunal de Cristo" são:

(aa) 2Co 5.10, onde o que temos "feito por meio do corpo" será manifestado perante os olhos de todos tribunal:

(bb) Rm 14.10, onde nossas relaçoes com nossos irmãos serão examinadas perante o eterno Salvador:

(cc) 1Co 3.10-15, onde nosso serviço a Deus é provado como pelo fogo. Este fogo diz Speaker "durante apenas ("um dia"); é futuro, não presente; é destrutivo, não purificador; destrói; apenas doutrinas, não pessoas, causa perda e não lucro; causa apenas a reprovação das obras e não do obreiro". Ali, portanto, haverá uma "avaliação" do que fizemos e não fizemos; então cada um receberá seu galardão segundo a sua obra.

13. **"Eu sou o Alfa e o Ômega, o principio e o fim, o primeiro e o derradeiro".**

I. "...o Alfa e o Ômega". Em Ap 1.8, há notas expositivas sobre estes títulos de Cristo. Essas letras eram usadas na simbologia profética para exprimir totalidade. Um escritor observa que o ("Alfa e o Ômega") gregos, equivalem ao ("Álefe e Tau") hebraicos. "Eu dito por exemplo, que Adão nosso antigo pai, transgrediu a lei de "álefe a tau"; Abraão nosso pai, pelo contrário, guardou a lei de "álefe a tau". No presente versículo, o sentido é que o Pai, e o Filho são os Senhores de toda a História, seu principio, seu fim e todo o seu curso. Comparado isso com Hebreus (12.2). Cristo é o autor e consumador da fé. Portanto, em todas as dimensões e épocas ele é o começo, a causa primária, e também o fim, a causa final, a realização daquilo que fora iniciado e a consumação daquilo que foi continuado. Isso também é dito acerca de Deus Pai, em Ap 1.8 e 21.6; assim o Pai e o Filho são iguais em poder e glória.

14. **"Bem-aventurado aqueles que lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas".**

I. "...aqueles que lavam suas vestiduras". Este versículo encerra a sétima e última "bem-aventurança". Ela aparece na vida daqueles que ("lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro"). Essa palavra e suas cognatas são usadas cerca de 50 vezes no Novo Testamento, sendo uma das muitas que o uso testamentário expandiu e dignificou quanto ao seu sentido. A raiz original, no grego clássico, parece significar "grande", e desde cedo foi usada como sinônimo de rico. No sentido religioso, seu valor é mais profundo. Ela declara, portanto, quem são os felizes, aos olhos de Deus.

1. O uso neotestamentário tem seguido a idéia inteira de felicidade espiritual. Assim, as "Bem-aventuranças" apresentam um quadro especial: (a) Humilhação: elevação; (b) Humildade de espírito: posse do reino, no coração ou em sentimento real; (c) Choro: consolo; (d) Mansidão: terra como herança; (e) Fome e sede de justiça: fartura de virtudes divinas; (f) Misericórdia para com os outros: misericórdia de Deus para com ele; (g)

Pureza de coração: visão de Deus agora e no futuro; (h) Promoção de paz: paz com Deus por meio de Jesus Cristo; (i) Sofrimento por Jesus: posse do reino eterno; (j) Os perseguidos: os recompensados com o galardão da justiça de Deus.

15. **"Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira".**

I. "...os cães". Este é o único item novo neste versículo, algo que fora dito antes por João ou o anjo neste livro inteiro. Esse era um termo pejorativo usado pelos judeus, referindo-se aos gentios. De acordo com a lei cerimonial, o cão era animal imundo, não podemos conseguir uma posição melhor dentro do arraial, ficando assim do lado de fora (Dt 23.18).

1. Tanto o cão como o porco, são citados por Jesus e Paulo em (Mt 7.6 e Fl 3.2), como figuras de maus elementos. Os antigos os consideravam assim: (a) Os hereges: os cães; (b) Os inimigos: os porcos. Santo Agostinho os dividia assim: os perseguidores hostis (cães); os indivíduos imundos, sem sentimento de santidade (porcos).

2. Ama e comete a mentira. "A mentira é intrinsecamente má, e, conseqüentemente, totalmente ilícita. Sua gravidade se mede pela gravidade das conseqüência que pode ter para o próximo – ou, quaisquer que sejam essas conseqüências, pela intenção gravemente perniciosa que a tenha ditado".

16. **"Eu, Jesus, enviei o meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas: eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã".**

I. "...a resplandecente estrela da manhã". Já encontramos esse título aplicado a Cristo em (2.28). Na antiguidade, o planeta Vênus era considerado como símbolo da imortalidade, em toda a sua glória. Em 2Pd 2.19, essa estrela surgirá em nosso coração, dando a imortalidade e triunfo. Um escritor observa, quando diz: "Cristo é a brilhante Estrela da manhã do dia vindouro da eternidade; por conseguinte, ele também dá a estrela da manhã da visão espiritual do futuro". A "aurora" era um símbolo messiânico (cf. Jr 23.5; Zc 3.8; 6.12), que denotava o "Renovo". Conforme a idéia usada neste texto, trata-se de um duplo simbolismo: Jesus tinha um passado humano, mas também tinha um futuro divino. Assim ao mesmo tempo que Jesus é a "estrela da manhã" também é a "raiz e a geração de Deus", isto é, o "Renovo" conforme é descrito pelos profetas do Senhor (Is 4.2; 11.1; Jr 23.5; 33.15; Zc 3.8; 6.12, 13).

17. **"E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha, e quem quiser, tome de graça da água da vida".**

I. "...o Espírito e a esposa dizem: Vem". Após dois mil anos ausente da corte celestial, o Espírito Santo é o primeiro a solicitar o retorno de Cristo para o arrebatamento: Vem! A Igreja segue o mesmo exemplo, dizendo: Vem! E um terceiro grupo: e quem ouve, diz também: Vem!

1. A volta de Jesus é solicitada em virtude de sua tríplice relação: à Igreja, à Israel, às nações:

(a) Para a Igreja, a descida do Senhor nos ares para ressuscitar os que dormem e a transformar os crentes vivos, é apresentada como uma constante expectação e esperança, 1Co 15.51-52; Fl 3.20; 1Ts 4.14-17; 1Tm 4.14; Tt 2.13; Ap 22.20.

(b) Para Israel, a Vinda do Senhor é predicada para cumprir as profecias que dizem respeito ao seu ressurgimento nacional, a sua conversão, e estabelecimento em paz e poder sob o pacto davídico. At 15.14-17:

(c) No caso das nações, a volta de Cristo é predicada para consumar a destruição do presente sistema político universal. Dn 2.44-45; Ap 19.11-21. A volta do Senhor em sua primeira fase, só se destinará à Igreja, e é chamada de "encontro". No que diz respeito a Israel e às nações, é chamada de sua "manifestação com poder e grande glória".

18. **"Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro".**

I. "...se alguém acrescentar alguma coisa". O presente versículo tem seu paralelo em Pv 30.5-6, que diz: "Toda a palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele. Nada acrescentes às suas palavras...". A biblioteca divina é composta de 66 livros. Em nossas edições, há quatro divisões menores que estão assim estabelecidas: ("1.189 capítulos, 31.173 versículos; 810.697 palavras e 3.506.480 letras"). Do ponto de vista divino, esse conteúdo é o suficiente para suprir toda e qualquer necessidade humana; assim a partir do ("AMÉM"), contido no versículo 21 do presente capítulo, qualquer "acréscimo" à revelação de Deus é "anátema". O autor sagrado desta tão grande obra, tinha certeza de que seu livro é inspirado; por conseguinte, precisava ser protegido de mãos criminosas; pelo que responsabiliza mediante autoridade de Deus. De conformidade com Eusébio, Irineu adicionou uma maldição assim a um livro que escrevera combatendo os hereges. Entretanto, a integridade do Apocalipse, sem dúvida alguma, é mais sublime e tem sido sustentada até hoje e continuará na Eternidade.

19. **"E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro".**

I. "...quaisquer palavras do livro desta profecia". A palavra "livro" ou "livros" ocorre por 28 vezes no Apocalipse. Mas agora, na presente secção, ela termina a sua missão.

1. R. Norman observa, que o versículo anterior apresente o lado "negativo', isto é, que os prevaricadores do texto sagrado serão severamente julgados. O presente versículo, porém, dá o lado "positivo", isto é, as bênçãos que estes prevaricadores perderão! Tudo o que fora mencionado nas secções anteriores do Apocalipse. Certamente os versículos 18 e 19 ilustram a severidade da revelação divina e nossas relaçoes com a mesma.

2. Desde a antiguidade os escribas velavam cuidadosamente sobre o não "acrescentar" ou "diminuir" ("qualquer") palavra da Escritura. Tão fiéis eram esses escribas em copiar o texto exatamente como acharam, palavra por palavra, letra por letra, que qualquer pessoa pode abrir uma Bíblia Hebraica (original) e verificá-la. Em certos trechos há letras impressas (escritas) invertidas, e a coisa curiosa é que nem escritos nem impressor as corrigiu. Deus coisas contribuíram para esse fim: (a) Os escribas eram fiéis; (b) Deus estava "...velando sobre ela" (Jr 1.12)!

20. **"Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus".**

I. "...Certamente cedo venho". Há na Bíblia cerca de 2.500 referências sobre a vinda de Jesus para o arrebatamento 2.182 são predições proféticas e 318 em termos reais são encontradas em 24 livros do Novo Testamento. Apenas três livros dos 27 não contêm as citações textuais, mas em essência: (Filemon, 2 e 3 João).

1. Ora vem, Senhor Jesus. O texto em foco, pode ser também confrontado com 1Co 1.22, onde lemos: "Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata". Esta expressão partida do coração de Paulo, é a transliteração do siriaco: "...maran-atha" que quer dizer "...nosso Senhor está vindo", ou "O Senhor Vem!". (Cf Fl 4.5). É esta a última oração da Bíblia: "VEM!". Paulo, antes de pronunciá-la, disse: "...seja anátema". Esse uso bem indica, uma interjeição, que significa: "Que seja maldito (sem importar quem ou seja que coisa), na vinda do Senhor" (cf. 2Tm 4.8; Ap 3.16). Essa palavra grega parece corresponder à "interdição" dos hebreus. Em outras palavras, isso significaria: "Que tal indivíduo seja à interdição, ou seja, consagrado à ira de Deus. Seja como for: "se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema!"

21. **"A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém".**

I. "...A graça de nosso Senhor". O Antigo Testamento termina sua História com a palavra ("maldição"). Ml 4.6, o Novo porém, com a ("Graça do Senhor Jesus Cristo"). O Apocalipse, termina já dentro dos limites da Eternidade. O tempo corresponde ao que muda, ao que comporta a sucessão e o vir-a-ser. – A eternidade é uma duração, quer dizer, uma permanência de ser, sem nenhuma sucessão e, daí, sem começo nem fim. Pode-se dizer, em outras palavras, que é um eterno presente, uma perfeita e total do ser. A Bíblia começa sua história falando em Deus (Gn 1.1) e termina falando no homem: mas do homem santo (v.21). Ao terminar sua missão histórica, a Escritura encerra com "...a

Graça". Não poderia ser usada aqui melhor forma do que esta: "A Graça". Eis uma gloriosa expressão: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com vós todos. Amém. Aqui termino! Toda a minha gratidão a Deus! Amém.

Compilado por: **Isvonaldo de Omena Queiroz**

10 de janeiro de 2005